



UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA

U. PORTO
FLUP FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

3º CICLO DE ESTUDOS - DOUTORAMENTO
CIÊNCIAS DA LINGUAGEM (UNIVERSIDADE DO PORTO)
ESTUDOS DA TRADUÇÃO (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA)

Mind the Gap:

A Vacuidade e a Intencionalidade na Retradução de Textos Sensíveis

Bernardo Moura de Sant'Anna

D

2024



Bernardo Moura de Sant'Anna

Mind the Gap:
A Vacuidade e a Intencionalidade na
Retradução de Textos Sensíveis

Tese realizada no âmbito do Doutorado em Ciências da Linguagem (UP) e Estudos da Tradução (UFSC), orientada pelo Professor Doutor Thomas Juan Carlos Hüsgen e pelo Professor Doutor Werner Ludger Heidermann

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina

2024

“Nunca escrevi, sou apenas um tradutor de silêncios.”
Mia Couto, Raiz de Orvalho e Outros Poemas (1983), edição Caminho.

Para Ana Guimarães

Sumário

Declaração de Honra	7
Agradecimentos	8
Resumo	10
Abstract	11
Índice de Figuras	12
Índice de Tabelas	13
Lista de Abreviaturas e Siglas	14
1. Introdução, Objetivos e Metodologia	15
1.1. Introdução	15
1.1.1. Motivações	15
1.1.2. Questionamentos	20
1.1.3. Hipóteses	20
1.2. Objetivos	21
1.2.1. Objetivo Geral	21
1.2.2. Objetivos Específicos	21
1.3. Metodologia	22
1.3.1. Linguística	23
1.3.2. Semiótica	25
1.3.3. Estudos da Tradução	27
2. O Budismo e a Tradução de um Texto Sensível	30
2.1. O Budismo Tibetano	30
2.2. As Quatro Nobres Verdades	31
2.3. A Tradução de um Texto Sensível	33
2.4. A Tradução de um Texto Sensível Budista	52
3. Enquadramento Teórico do Estudo	58
3.1. A Crítica da Tradução	58
3.2. O Bardo, o <i>Gap</i> e o Vórtice de Significação	62

3.3. A Teoria do Escopo de Hans J. Vermeer e a Abordagem Funcionalista nos Estudos da Tradução de Christiane Nord (1997, 2005, 2006, 2016)	73
3.3.1. Explorando as Abordagens Funcionalistas	76
3.3.2. Os Diferentes Níveis de Fatores	76
3.3.3. O Gênero Textual	80
3.3.4. Funcionalismo e Tradução Literária	83
3.3.5. Tradução como Ação Intercultural	86
3.3.6. Tradução como Ação de Processamento de Texto	88
3.3.7. Coerência intratextual e intertextual	88
3.3.8. A Importância da Análise Textual de Nord para a Teoria da Tradução	90
3.3.9. A Noção de Unidades Textuais e Categorização	92
3.3.10. Direcionamento para o Público-Alvo	92
3.3.11. Normas Culturais e Pragmáticas	94
3.3.12. Abordagem Holística	96
3.3.13. A Importância do Contexto	97
3.3.14. Funcionalismo e “Lealdade”, e Textos Sensíveis	105
3.3.15. Tradução de Títulos	109
3.4. Resumo do Capítulo Enquadramento Teórico	110
4. O Texto Retraduzido	112
4.1. Breve Contextualização Sobre o Lugar da Tradução na Cultura e Literatura	113
4.2. O Autor e a Coautora	117
4.3. O Texto Original, seu Contexto e seu Contexto de Produção	120
4.4. A Tradução Para o Português Brasileiro, seu Contexto e seu Contexto de Tradução	136
4.5. A Tradução para o Português Europeu, seu Contexto e seu Contexto de Tradução	142
4.6. Resumo do Capítulo “O Texto Retraduzido”	146
5. Aplicação do Modelo de Análise Textual de Christiane Nord	147
5.1. Análise Textual de Fatores	148
5.1.1. Contexto	148
5.1.2. Skopos	149
5.1.3. Público-Alvo	150

5.1.4. Papel do Tradutor	151
5.1.5. Normas culturais	152
5.1.6. Normas Linguísticas	153
5.1.7. Normas de Gênero e Texto	153
5.1.8. Finalidade do Texto-Fonte	154
5.1.9. Estratégias de Tradução	154
5.2. Análise dos Fatores Externos e Internos ao Texto	154
5.2.1. Fatores de Enlevo	154
5.2.2. Fatores de Ascese	163
5.3. Paratextos	178
5.3.1. Capas	179
5.3.2. Prólogo	182
5.3.3. Epílogo	199
5.3.4. Agradecimentos	201
5.3.5. Conceitos filosófico-religiosos	203
5.3.6. Títulos e Títulos dos Capítulos em Tradução	213
5.4. Resumo do Capítulo “Aplicação do Modelo de Análise Textual de Christiane Nord”	225
6. Critérios holísticos na análise das traduções	227
6.1. Critérios de Análise Textual	227
6.2. Critérios de Análise de Conteúdo	230
6.3. Critérios de Dados Linguísticos	231
6.4. Resumo do Capítulo “Critérios Holísticos na Análise das Traduções”	239
7. Conclusão: Considerações Finais	242
7.1. Verificação de Hipóteses	246
7.1.1. <i>Gaps</i> Entre Contexto-Fonte e Contexto-Alvo	246
7.1.2. Modelo de Análise, Crítica e Contexto	247
7.1.3. Percurso da Língua	248
7.1.4. A Importância do Cotexto	250
7.2. Sugestões e questionamentos	251
Referências Bibliográficas	254
Apêndices	259

Apêndice 1 - Perguntas utilizadas como base para as entrevistas	260
Apêndice 2 - Transcrição Entrevista Paula Rozin	262
Apêndice 3 - Transcrição Entrevista Ana Pinto Mendes	274
Apêndice 4 - Aplicação do Modelo de Análise de Christiane Nord em TA1 e TA2	289

Declaração de Honra

Declaro que a presente tese é de minha autoria e não foi utilizada previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Porto, 19 de janeiro de 2024

Bernardo Moura de Sant'Anna

Agradecimentos

Nada traduz, de forma clara e justa, o sentimento de gratidão. Paradoxalmente, é o principal motivo porque devemos tentar traduzi-lo. Assim, começo pelo agradecimento aos meus pares, alunos do doutoramento da Universidade do Porto e aos professores desta Universidade.

Agradeço ao Prof. Dr. Thomas Juan Carlos Hüsgen, especialmente, a alegria do convívio e da força, da revelação de cada novo olhar sobre as mesmas matérias. Sua grandeza de servir de modo humilde e sábio, generosamente. Quem me incentivou desde 2018, quando em uma primeira conversa de uma hora e meia, cativou meu espírito para que pudesse continuar caminhando no universo acadêmico. Seta amarela e “Mãos Dadas”¹.

Ao Prof. Dr. Werner Heidermann, também de modo especial, que prontamente aceitou o convite e soube, com a maestria de sempre, desde o mestrado, apontar a batuta para o horizonte certo, sensível, pesando e medindo cada incentivo e cada repreensão com o cuidado de um tutor afetuoso e ciente de suas responsabilidades.

Agradeço também e igualmente às meninas, Maria Sant’Anna e Beatriz Sant’Anna, que souberam, cada uma a seu modo, incentivar seu pai aos próximos passos. A inspiração é um alimento a ser perseguido e celebrado.

Ao primeiro apoio, nunca esquecido, presente em todos os passos acadêmicos, o do grande Prof. Dr. José Tavares de Barros (In memoriam), e da outra valorosa inspiração, o Prof. Dr. José Marcio Pinto de Moura Barros, a quem reverencio alegremente.

Também agradeço feliz à Dra. Carla Augusto do Departamento de Relações Internacionais da Universidade do Porto, pois sem sua dedicada e gentil participação e presença firme e competente, não teria sido possível efetivar a cotutela que se mostrou importantíssima ao trabalho, conforme intuiu o Prof. Dr. Thomas Juan Carlos Hüsgen.

¹ DRUMMOND de Andrade, Carlos. Poema Mãos Dadas, 1940.

Muito agradeço à competente e querida Prof. Dra. Andréia Guerini e à Secretaria da UFSC, que também prontamente atenderam e entenderam a importância desse acordo para as duas Universidades e para a pesquisa em si.

Agradeço ao Prof. Dr. Yéo N’Gana, quem ainda conheci no mestrado na UFSC, que sempre me serviu de apoio e inspiração, com sabedoria e palavras certas nas horas certas. Do mesmo modo, outro versado amigo, este que conheci no doutoramento, também fonte de muitas centelhas, quem acompanhou o trabalho inteiro e ajudou com palpites, leituras, ombro e afeto, Prof. Ênio José Porfírio Soares.

À Prof. Dra. Luciana Wrege Rassier, quem também foi sopro pelo início da peregrinação acadêmica. Aos professores que se juntaram a ela nessa jornada e foram os primeiros orientadores do mestrado, Prof. Dr. Berthold Zilly, Prof. Dr. Sérgio Medeiros, e Prof. Dra. Dirce Waltrick do Amarante.

Ainda gostaria de muito agradecer, à minha afetuosa e inspiradora mãe e meu firme e exemplar pai, Lígia Maria Moura de Sant’Anna e Nestor Coelho de Sant’Anna, amores e porto seguro. Ao meu maior exemplo de garra e determinação, minha irmã Gabriela Sant’Anna, à minha querida prima-irmã e tutora, Márcia Leone, à maravilhosa peregrina, a afetuosa e generosa Prof. Dra. Fernanda Braga da Cruz, aos mestres Nelson Nascimento, Paulinho César Coelho Ferreira (In memoriam) e Julio Miranda, ao Prof. Dr. Carlos Gohn e à revisora de textos e reflexões Rachel Murta. Muito, muito obrigado.

Sonho, sentimento, tradução, ideia. Tradução, letra, palavra, frase, texto. Do princípio em diante, absolutamente tudo é dedicado à Ana Guimarães. À minha esposa, à minha companheira de vida e de sonhos possíveis, à mãe da Maria. Devo a ela nada e tudo, comprometendo-me, a cada passo, toda a jornada. Vamos juntos em silêncio ao próximo passo.

Resumo

Este trabalho objetiva aplicar o modelo de análise textual proposto por Christiane Nord aos Estudos da Tradução na análise de duas retraduições de um Texto Sensível. Considerando os contextos alvo em que se inserem as duas traduções literárias e as escolhas dos respectivos tradutores: o livro *In Love with the World: A Monk's Journey Through the Bardos of Living and Dying*, de Yongey Mingyur Rinpoche e Helen Tworikov (2019) foi traduzido para o português europeu com o título “Amar o Mundo: A viagem de um monge pelos bardos da vida e da morte” (2019) e traduzido para o português brasileiro com o título “Apaixonado Pelo Mundo: A viagem de um monge pelos bardos do viver e do morrer” (2019). Para isso, utiliza-se da perspectiva Funcionalista, que vê a tradução como uma atividade intencional específica (com vistas à superação do *gap* existente entre contextos culturais distintos). Visa a apresentar dessa forma, um estudo linguístico comparativo com foco na tradução de um texto sensível. Recorre assim a conceitos apontados por Christiane Nord, Roman Jakobson, Tzvetan Todorov, Eugene Nida, Hans Josef Vermeer, Katharina Reiß, Karl Simms, Thomas Hüsgen, Yves Gambier, Walter Benjamin, George Steiner, Umberto Eco, Harald Weinrich e Haroldo de Campos entre outros da área da Tradução.

Palavras-chave: Teoria Funcionalista da Tradução, Crítica de Tradução, Análise Textual em Tradução, Estratégia Tradutiva, Metarrepresentação

Abstract

This work aims to apply the textual analysis model proposed by Christiane Nord to Translation Studies, in the analysis of two re-translations of a Sensitive Text. Considering the target contexts in which the two literary translations are inserted and the choices of the respective translators: the book *In Love with the World: A Monk's Journey Through the Bardos of Living and Dying*, by Yongey Mingyur Rinpoche and Helen Tworkov (2019) was translated into European Portuguese with the title "*Amar o Mundo: A viagem de um monge pelos bardos da vida e da morte*" (2019) and translated into Brazilian Portuguese with the title "*Apaixonado Pelo Mundo: A viagem de um monge pelos bardos do viver e do morrer*" (2019). To achieve this, the Functionalist perspective is used, which sees translation as a specific intentional activity (with a view to overcoming the gap between different cultural contexts). It aims to present, in this way, a comparative linguistic study with a focus on translation of a sensitive text. It thus uses concepts highlighted by Christiane Nord, Roman Jakobson, Tzvetan Todorov, Eugene Nida, Hans Josef Vermeer, Katharina Reiß, Karl Simms, Thomas Hüsgen, Yves Gambier, Walter Benjamin, George Steiner, Umberto Eco, Harald Weinrich and Haroldo de Campos among others in the Translation field.

Key-words: Functionalist Translation Theory, Translation Criticism, Textual Analysis in Translation, Translation Strategy, Metarepresentation

Índice de Figuras

FIGURA 1- DIVISÃO METODOLÓGICA CONCEITUAL	23
FIGURA 2 – TEXTO FONTE X TEXTO ALVO	64
FIGURA 3 – CONTEXTO-FONTE X CONTEXTO-ALVO	66
FIGURA 4 – REALIDADE SUBJACENTE AO TEXTO	67
FIGURA 5 - MODELO HELIOCÊNTRICO, COINCIDENTE COM O MODELO DE SIGNIFICAÇÃO E TRADUÇÃO TEXTUAL	70
FIGURA 6 - MODELO HELICOIDAL, COINCIDENTE COM O MODELO DO VÓRTICE DE SIGNIFICAÇÃO QUE AGREGA OS MODELOS ANTERIORES DE SIGNIFICAÇÃO E TRADUÇÃO TEXTUAL	71
FIGURA 7 - TRADUÇÃO COMO FORMA DE MEDIAÇÃO INTERCULTURAL (COMUNICAÇÃO)	85
FIGURA 8 - DIAGRAMA ANALÍTICO DE NORD	99
FIGURA 9 - TEXTO-TEIA, PROPOSTO POR GAMBIER	104
FIGURA 10 - APLICAÇÃO DO VÓRTICE DE SIGNIFICAÇÃO AO TEXTO-TEIA DE GAMBIER	105
FIGURA 11 - CAPA DA EDIÇÃO EM INGLÊS PARA REFERÊNCIA	179
FIGURA 12 - CAPA DA EDIÇÃO EM PORTUGUÊS EUROPEU PARA REFERÊNCIA	180
FIGURA 13 - CAPA DA EDIÇÃO EM PORTUGUÊS BRASILEIRO PARA REFERÊNCIA	181

Índice de Tabelas

SUBTABELA 1 – FRAGMENTO 1	128
SUBTABELA 2 – FRAGMENTO 2	128
SUBTABELA 3 – FRAGMENTO 3	129
SUBTABELA 4 – FRAGMENTO 4	129
SUBTABELA 5 – FRAGMENTO 5	130
SUBTABELA 6 – FRAGMENTO 6	131
SUBTABELA 7 – FRAGMENTO 7	131
SUBTABELA 8 – FRAGMENTO 8	132
SUBTABELA 9 – FRAGMENTO 9	132
SUBTABELA 10 – FRAGMENTO 10	133
SUBTABELA 11 – FRAGMENTO 11	133
SUBTABELA 12 – FRAGMENTO 12	134
SUBTABELA 13 – FRAGMENTO 13	134

Lista de Abreviaturas e Siglas

CA	CULTURA-ALVO
CF	CULTURA-FONTE
EN	TEXTO EM INGLÊS
FLUP	FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO
LA	LÍNGUA-ALVO
LF	LÍNGUA-FONTE
PT BR	TEXTO EM PORTUGUÊS BRASILEIRO
PT PT	TEXTO EM PORTUGUÊS EUROPEU
TA	TEXTO-ALVO
TF	TEXTO-FONTE
TRD	TRADUÇÃO/ TRADUTOR
UFSC	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
UP	UNIVERSIDADE DO PORTO

*“Estamos fascinados pelas palavras,
mas onde nos encontramos é no silêncio por trás delas”.*

Ram Dass (1931-2019)

1. Introdução, Objetivos e Metodologia

1.1. Introdução

1.1.1. Motivações

O ofício de escritor, que se desenvolve em mim desde a infância, despertou um olhar curioso sobre a significação e representação do mundo. Ainda que a ênfase na poética que envolve este exercício tenha sido a tônica do percurso, o gosto pela descoberta e pelo o estudo *daquilo que forma a palavra* me fizeram enveredar pela área acadêmica. Lecionei na área de Comunicação por cinco anos - em uma faculdade e em uma universidade. Nessa época, comecei a suspeitar que o tradicional organograma onde se institui que a Tradução é uma espécie de apêndice, mesmo que importante, nos Estudos da Comunicação poderia ser revisto. Em paralelo a este período, na virada para o século XXI, e nos dez primeiros anos do novo século, a ascensão de novos dispositivos tecnológicos móveis trouxe uma verdadeira revolução na relação do sujeito com a comunicação, sobretudo no que diz respeito a seu papel de produtor de conteúdo e partícipe do próprio texto, aferindo as concepções de Guy Debord (1992) e posteriormente de Bolter e Grusin (2000)².

Se o estudo *daquilo que forma a palavra* e a nova relação do sujeito com a produção e interação com o conteúdo me levaram para o Mestrado em Interações Midiáticas, foi o estudo *daquilo que a palavra forma* que me trouxe para o Mestrado em Estudos da Tradução na Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Especificamente, em 2008, quando tive acesso à *Exposition Grande Sertão* (2008), do artista baiano Juraci Dórea, quando viajei à França para participar como ouvinte do *Colloque International João Guimarães Rosa (1908 - 2008) mémoire et imaginaire du sertão-monde*. Em 2018,

² A noção de “sociedade do espetáculo” de Debord e a instituição do conceito de “remediation” coloca o homem no mesmo lugar do dispositivo (em seu conceito ligado ao poder, de Foucault (1976)).

depois que a pesquisa “*Travessias do Tradizível*” foi aceita pela Universidade Federal de Santa Catarina como dissertação submetida ao seu Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, foi acolhida com interesse pelo professor Thomas Hüsgen, quem me incentivou a continuar meu caminho de pesquisa sobre as tantas formas de representação do mundo e do sujeito, sempre em travessia.

As dificuldades ontológicas percebidas no percurso do trabalho de retradução poética de um conto estranho chinês, traduzido inicialmente pela pesquisadora e tradutora Hu Yue, colega do doutoramento, semearam a árvore que este trabalho se tornou. Iniciou-se a pesquisa em cima da própria produção tradutória para que um artigo fosse escrito sobre uma retradução: primeiro, Yue fez um exercício tradutório do mandarim, sua língua materna, para o português europeu. Posteriormente, fiz o mesmo exercício de tradução, partindo não do texto original, mas da tradução dela, e das questões teóricas relativas ao uso da língua, à sociedade, ao estilo, à literatura, às estruturas linguísticas, todas com vistas à cultura fonte e à minha língua materna, o português brasileiro. Sempre balizado pelos conhecimentos da língua de partida da tradutora e pela Teoria da Tradução. A partir daí, e da perspectiva de abordagem de outros olhares sobre o mesmo trabalho em outras disciplinas, surgiu a ideia do artigo que foi escrito ainda no início do doutorado.

Peregrino desde 2009, tendo feito mais de 5.000 km em peregrinações no Brasil, Espanha, França, Itália, Portugal e Japão (esta última durante a escrita desta tese), descobri, por afinidade, um tema que me pareceu óbvio: o livro *In Love With The World* (2019) de Yongey Mingyur Rinpoche, um monge tibetano, que havia sido escrito originalmente em inglês, com coautoria da americana Helen Tworkov. Desse original, que supus uma tradução (pois a língua materna do monge é o tibetano), foi feita a retradução: para o português europeu e para o português brasileiro. O paralelo com a experiência de retradução para o artigo sobre o conto estranho chinês foi imediato: de um contexto oriental para um contexto ocidental; de língua materna oriental para ocidental; uma retradução de um texto sensível. Além disso, a temática do livro continha a história de uma peregrinação errante, em busca da iluminação. Para um acadêmico peregrino que busca iluminar conceitos sobre o caminho da tradução em

diferentes contextos e a crítica que se relaciona a isso, a escolha foi prudente. Partiu-se para buscar nos textos indícios de que havia o que ser questionado e perscrutado. Para Umberto Eco:

“Traduzir quer dizer entender o sistema interno de uma língua, a estrutura de um texto dado nessa língua e construir um duplo do sistema textual que, submetido a uma certa descrição, possa produzir efeitos análogos no leitor, tanto no plano semântico e sintático, quanto no plano estilístico, métrico, fono-simbólico, e quanto aos efeitos passionais para os quais tendia o texto-fonte.”³ (ECO: 2007, pág. 17)

Iniciou-se a pesquisa com a dúvida de que, na tentativa de produzir efeitos análogos no leitor, se teriam as tradutoras do português europeu e do português brasileiro entendido o sistema interno da língua origem, seu contexto de produção e criação, e se estiveram atentas à sensibilidade textual, bem como e se foram capazes de um exercício de metarrepresentação⁴ sensível para se alcançar o que define Eco em seu livro de 2007. Assim, o percurso natural nessa perspectiva funcionalista seria a aplicação do modelo de análise textual de Christiane Nord para o diagnóstico dos textos e traduções.

O fragmento subsequente pinçado do livro original de Yongey Mingyur Rinpoche e suas respectivas traduções em português europeu e português brasileiro iniciam o processo de análise que confirma ser este um Texto Sensível⁵:

EN

I take refuge in the Buddha; in the dharma - the Buddha's teachings; and in the sangha - the enlightened assembly. (p. XVI)

PT PT

*O meu refúgio é Buda; é o **dharma** - os ensinamentos **de** Buda; e a sangha - a comunidade iluminada. (p. 10)*

³ ECO, Umberto. Quase a Mesma Coisa: experiências de tradução, Dire Quasi La Stessa Cosa. Trad. Eliana Aguiar, Rio de Janeiro: Record, 2007.

⁴ Conceito de Ernst-August Gutt (2004).

⁵ Este conceito será discutido no capítulo 2 do trabalho utilizando as perspectivas de Karl Simms.

*Tomo refúgio no Buda; **no Dharma** - os ensinamentos **do** Buda; e na Sangha - a assembleia iluminada. (p. 11)*

Buda é um personagem histórico. No entanto, “Buda” é também um conceito. Buda, quando se refere a um conceito, expressa a natureza iluminada do ser. Essa referência conceitual se baseou no processo de iluminação pelo qual passou o Buda histórico. É possível estabelecer uma diferença fundante entre “os ensinamentos de Buda” e “os ensinamentos do Buda”. A contração “do” (de+o) refere-se diretamente ao personagem histórico, sua vida e a filosofia que propagou. A preposição designatória “de” subtrai a indicação precisa do personagem histórico. Torna a referência mais abrangente. Em outras palavras, pode designar os ensinamentos relativos à natureza iluminada que teoricamente existe em cada um de nós, não especificamente aos ensinamentos originais do personagem histórico que postulou os respectivos conceitos. Da mesma forma, essa pode ser a diferença entre a utilização de “é o dharma” e “no Dharma”. Além do Dharma com letra maiúscula exaltar a condição conceitual que apresenta a comunidade ou assembleia de praticantes como uma entidade especial (o que não foi feita no original em inglês, que não apresenta a letra maiúscula), a contração em+o (no) mostra o lugar do refúgio, em contraposição ao “é o dharma”, que estabelece relação de igualdade com Buda, conforme a construção que soma duas afirmações divididas pelo ponto e vírgula.

Como se a segunda frase explicasse a primeira e pudéssemos substituir o ponto e a vírgula pelo elemento de ligação “ou seja” (i.e, "id est"): “o meu refúgio é Buda; é o dharma” - o meu refúgio é buda, ou seja, é o dharma. Pode-se afirmar pelo exposto, que este é o motivo de Paula Rozin, tradutora do livro para o português brasileiro, colocar o Dharma (que também pode ser definido como a vivência prática da filosofia budista) com letra maiúscula, em contraposição ao original em inglês, que coloca o dharma com letra minúscula. A teoria da análise do discurso evidencia que detalhes estabelecidos na produção da linguagem fazem a diferença no impacto que produzem no interlocutor. Neste caso, na cultura-alvo. A escolha pela letra maiúscula da palavra Dharma indica que a vivência prática da filosofia é institucionalizada, uma entidade por

si só, tendo, portanto, nome próprio. E este dado é uma leitura possível apenas do público brasileiro, já que nem o original em inglês optou por fazê-lo, ou a sua tradução para o público português em Portugal. Nesse sentido, subliminarmente, a tradutora do Brasil dá uma importância diferente à porção religiosa do budismo, que sequer foi dado nesse fragmento do original ou na tradução para Portugal. Eis a primeira qualificação da “diferença” ou da “distância” dos textos, aqui chamada de “*gap*”. Este é um exemplo de motivação que é índice do quão rica pode ser a pesquisa de um trabalho sobre retradução de textos sensíveis.

Em um livro de 89.495 palavras para o Português Brasileiro e 92.969 palavras para o Português de Portugal (uma diferença de mais de 3.000 palavras), há de se questionar que somam-se muitas diferenças como as acima expostas que identificam e qualificam *gaps*. Muitas analogias já foram tentadas para definir não somente o processo tradutório, mas concomitantemente, suas características, como por exemplo a noção de Nida⁶ (1969) do tradutor ser “uma ponte entre culturas” ou de ser uma janela ou vitrine, conforme a noção de Venuti, na obra “*A Invisibilidade do Tradutor*” (1995). Este trabalho não será inovador ao ilustrar o processo tradutório na figura imagética de um trem, comboio ou metrô (“metro” no português europeu), que aporta na estação e tem no “*Mind the Gap*” o aviso mais importante a ser dado a todos os usuários da respectiva linha. Ao longo do trabalho, será preciso instituir o que é esta diferença: distância ou espaço e o que significa este vão para cada uma das duas variantes⁷ (?) do português: a variante brasileira e a variante europeia. Na analogia proposta, seria como se o trem-texto-fonte aportasse no Brasil, em minha cidade natal, na Praça da Estação, em Belo Horizonte, ou em Portugal, na cidade onde escolhi viver, na Estação de São Bento, no Porto.

⁶ Nida, E. A. (1969). Science of translation. Language, 483-498.

⁷ A interrogação é uma provocação acadêmica. Durante todo o estudo vamos considerar o português europeu e o brasileiro como “variantes”. A discussão sobre se são línguas distintas ou variantes não é objeto deste trabalho, apesar de ser considerada a importância dessa discussão. A realidade imperativa dos fatos mostra que a academia tem um papel limitado frente à política no que tange certas definições como esta. O resultado do Acordo Ortográfico de 1990 é um argumento que demonstra que esta limitação ocorre.

1.1.2. Questionamentos

1. Os *gaps* observáveis entre o contexto-fonte e o contexto-alvo são passíveis de serem sanados na tradução de um texto sensível ou os *gaps* representam algo mais no percurso tradutório?
2. O modelo de análise textual de Christiane Nord contribui para a identificação dos elementos relevantes para a crítica tradutória ou seria preciso a observação de outras perspectivas para que a tradução de um texto sensível pudesse ser criticado devidamente?
3. A diferença está entre as variantes da língua apenas ou também na diferença dos tradutores e dos seus públicos-alvo e das editoras?
4. As distâncias entre as variantes do português brasileiro e europeu podem ser mensuradas por meio de uma análise linguística, semântica, tradutória - e qual o impacto dessas distâncias para a tradução e a crítica de tradução?

1.1.3. Hipóteses

1. É possível pesquisar os *gaps* existentes entre contexto-fonte e contexto-alvo na tradução de um texto sensível. No entanto, isso não significa que a distância pode ser sanada.
2. O modelo de análise textual de Christiane Nord consegue suprir as necessidades de um crítico de tradução. É preciso verificar se ele é completo e efetivo, sobretudo em se tratando de Textos Sensíveis.
3. É importante analisar o percurso da língua e de suas variantes para dar luzes à Linguística, aos Estudos da Tradução, à tradução de Textos Sensíveis, à Semiótica. E pesquisar o impacto que o trabalho das tradutoras tem no resultado final das traduções.
4. A análise de um texto é capaz de perceber a importância do cotexto como veículo do contexto percebido pelos tradutores.

1.2. Objetivos

1.2.1. Objetivo Geral

Analisar a retradução de um Texto Sensível⁸ para as duas variantes do português do Brasil e do português de Portugal, observando as distâncias entre contextos distintos, a metarrepresentação sensível necessária e a crítica relacionada ao processo tradutório.

1.2.2. Objetivos Específicos

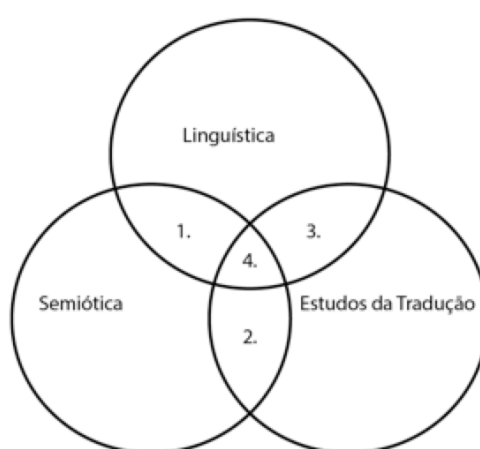
- Pesquisar nos Estudos da Tradução, na Semiótica e na Linguística referências que possam servir para o cotejo da retradução de Textos Sensíveis para duas variantes de uma mesma língua;
- Detectar as diferenças de uma mesma tradução para o português europeu e para o português brasileiro produzidas por duas tradutoras diferentes;
- Pesquisar se as diferenças sintáticas, semânticas e pragmáticas que identificam os *gaps* presentes entre o texto-fonte e o texto-alvo podem ser percebidas em análise e se esses *gaps* se relacionam à tradução e, neste caso, à retradução de textos sensíveis;
- Analisar os diferentes paratextos de “Amar o Mundo - a viagem de um monge pelos bardos da vida e da morte” (em sua tradução do português europeu) e “Apaixonado com o Mundo - a jornada de um monge pelos bardos do viver e do morrer” (em sua tradução para o português brasileiro);
- Aplicar modelos de análise textual e crítica de tradução para contrastá-los.
- Ampliar a compreensão do modelo de análise textual de Christiane Nord por meio de uma avaliação de seu modelo baseado na sua aplicação.

⁸ O livro *In Love with the World: A Monk's Journey Through the Bardos of Living and Dying*, de Yongey Mingyur Rinpoche e Helen Tworlov (2019).

1.3. Metodologia

Para estabelecer um cotejo entre as distintas traduções portuguesas de um texto sensível escrito originalmente em inglês, o livro *In Love with the World: A Monk's Journey Through the Bardos of Living and Dying*, de Yongey Mingyur Rinpoche e Helen Tworokov (2019), propõe-se um esquema de abordagem que divide a tese em três áreas que se interligam, como pilares em três pontos de apoio que estabelecem um plano. Esquema este, elucidado pela imagem abaixo:

Figura 1- Divisão metodológica conceitual



Fonte: Elaboração própria

São três os campos de estudos que servem como fundamento: a Linguística, os Estudos da Tradução e a Semiótica. As linhas que desenham os círculos podem ser consideradas contribuições da Filosofia da Linguagem, que permeia as relações, delimita-as, e serve como costura de aproximação dos determinados campos. A pesquisa dos campos de modo independente leva à intercessão dos fundamentos nos números 1, 2, 3 e finalmente 4, onde há interseção dos 3 campos de estudo. Breves comentários sobre as áreas distintas e seus pressupostos de abordagem neste trabalho:

1.3.1. Linguística

Umberto Eco apresenta em seu livro *Quase a Mesma Coisa* a hipótese Sapir-Whorf, que se relaciona à forma do ser humano ser e se expressar – "Toda língua exprime uma visão diversa de mundo" (ECO, 2007, p. 42) e que a tradução é uma forma de interpretação e que, portanto, é inevitável que ela introduza alguma diferença entre o original e a tradução. George Steiner aborda um modelo de comunicação, a utilização das palavras e da sintaxe como detentoras de identidade, o que soma-se à hipótese Sapir-Whorf:

"Qualquer modelo da comunicação é simultaneamente um modelo da tradução, de uma transferência horizontal ou vertical de significação. Não há duas épocas históricas, duas classes sociais, duas localidades que usem as palavras e a sintaxe para expressar as mesmas coisas, para enviar sinais idênticos de valoração e inferência. Nem dois seres humanos. Cada uma das pessoas serve, deliberadamente ou por costume espontâneo de duas fontes do suprimento linguístico: a língua corrente que corresponde a seu grau de letramento e um tesouro privado. Este é inextricavelmente uma parte de seu subconsciente, de suas memórias desde que elas possam ser verbalizadas, e do conjunto singular, específico, irreduzível de sua identidade psicológica e somática." (STEINER, 2005, p.70)

O argumento do posfácio do livro *a Linguística da Mentira*, de Harald Weinrich (2017), chama a atenção para o caminho sógnico, que parte não somente da "sua orientação tradicional pela 'palavra' e pela 'sentença'". O posfácio acrescenta a "dimensão ampliada de 'texto'". Para Julia Kristeva:

"...definimos o texto como um aparelho translinguístico que redistribui a ordem da língua, relacionando uma palavra comunicativa, que visa a informação directa, com diferentes tipos de enunciados anteriores ou sincrónicos. O texto é, pois, uma produtividade, e isso significa que: 1º a sua relação com a língua da qual faz parte é redistributiva (destrutivo-construtiva), sendo por conseguinte abordável através das categorias lógicas mais do que puramente linguísticas; 2º é uma permutação de textos, uma intertextualidade: no espaço de um texto, vários enunciados, vindos de outros textos, cruzam-se e neutralizam-se." (KRISTEVA, 1968, p. 209)

A palavra comunicativa que traz consigo a intertextualidade se apresenta por meio da dimensão ampliada do texto, conforme as perspectivas de Weinrich. Para Caetano Galindo, o dado mais superficial que pode ser analisado é o léxico. “As palavras vêm com as coisas” (GALINDO, 2023, p. 76), concordando com os conceitos de Kristeva e acrescentando que existem elementos mais profundos de análise como a formação das frases ou os sons do idioma.

O léxico sofre constantemente transformações e seu uso é definido por determinado grupo, comunidade, família ou indivíduo. Steiner observa que os “*aspectos de cada ato de linguagem são únicos e individuais*” (STEINER, 2005). Se cada indivíduo fala uma língua própria, é imperativa a necessidade de negociação no processo tradutório. O que será verificado neste trabalho com vistas aos pacotes semânticos com foco contextual, mas também às diferenças lexicais e sintáticas. O uso da digitalização dos três livros (do original em inglês e das duas variantes do português) e sua ferramenta de busca nos três documentos vai possibilitar um primeiro olhar sobre tais diferenças, ainda que o foco deste trabalho não seja quantitativo, mas qualitativo. Os números e exemplos que no texto corrido serão citados estarão especificados nas tabelas do anexo do trabalho. São elas assim denominadas:

- Prólogo;
- Epílogo;
- Agradecimentos;
- Glossário em Tradução;
- Discurso Versus Legenda no *Youtube* 2018;
- Títulos e Títulos de Capítulos em Tradução;
- Quadro Comparativo de Conjunções;

Cada uma delas com índices linguísticos que serão debatidos no capítulo 5. Especificamente, o Quadro Comparativo de Conjunções do anexo trará fatores de dados linguísticos que apresenta a ocorrência de termos de ligação nos textos do inglês e das duas variantes do português para análise holística. Além das tabelas citadas, uma que traz o modelo de análise de Christiane Nord, que aborda os fatores externos e internos na análise textual.

Sendo a Linguística um caminho sgnico, outro fundamento que ancora este trabalho é a Semiótica.

1.3.2. Semiótica

Charles Sanders Peirce clarifica a dinâmica entre ideia e representação. Para Peirce (1931):

Qualquer coisa que conduz alguma outra coisa (seu interpretante) a referir-se a um objeto ao qual ela mesma se refere (se objeto, de modo idêntico), transformando-se o interpretante, por sua vez, em signo, e assim sucessivamente ad infinitum. (PEIRCE, 2005, p.74)

A linguística tem função semiótica. Harald Weinrich (2007) institui as quatro assertivas da linguagem:

1. *“Todo significado é amplo”;*
2. *“Todo significado  vago”;*
3. *“Todo significado  social”;*
4. *“Todo significado  abstrato”.* (WEINRICH:2017, p. 22/23)⁹

O segundo pilar de análise deste trabalho é a semiótica. O cotexto se refere ao contexto linguístico que envolve as palavras, frases ou pacotes semânticos. O significado não se d, senão por meio das funções da linguagem. Jakobson¹⁰ institui o conceito de “funções da linguagem” quando sugere as funções: Referencial (ou denotativa); Expressiva (ou emotiva); Conativa (ou apelativa); Metalinguística; Fática e Poética. A Função Poética é a mais importante para se perceber (1) a importância da semiótica como pilar deste trabalho de análise e (2) a importância do cotexto na interpretação da comunicação em si. A ênfase na escolha das palavras, na estruturação artística e estética indica a importância da forma de expressão da mensagem, não apenas da mensagem em si. Isso se liga  tarefa do tradutor porque o tradutor precisa,

⁹ WEINRICH, Harald. Linguística da Mentira, Linguistik der Lge. Trad. Barbosa, Maria Aparecida e Heidermann, Werner. - Florianópolis: Ed. da UFSC, 2017.

¹⁰ JAKOBSON, R. Linguística e comunicação. 22.ed. Tradução de Izidoro Blikstein; José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2010.

na escolha do arranjo das palavras, na escolha do léxico, na estrutura do texto (elementos do cotexto), demonstrar o contexto inserido da mensagem.

Levando em conta a importância do tradutor na escolha do cotexto para que o leitor final perceba o contexto-fonte, talvez seja necessária uma quinta assertiva em sugestão ao trabalho de Weinrich: *“todo significado é referente”* - porque o contexto participa do processo sógnico e a tradução tem na referência pessoal utilizada pelo tradutor a reprodução adequada do significado textual.

1.3.3. Estudos da Tradução

Os Estudos da Tradução são o pilar foco deste trabalho. Para Baltrusch (2010), “(...) a tradução subverte a verdade devido à sua transcultural e transcriacional capacidade de ‘moldar’ as matérias primas, já que não apenas constrói, mas desconstrói o ‘original’”. (p. 124) Para Thomas Hüsgen (2019):

“Tradução é um processo que não pode ser separado da interpretação do sentido, o qual continua a requerer uma alta qualificação no que se refere à expertise humana, que pode ou não ser combinada à velocidade e processamento de tecnologias avançadas de linguagem, essenciais para a comunicação entre línguas e entre culturas e transferência de conhecimento”¹¹ (IDEM: 2019)

Observa-se as noções do keynote supracitado, as do professor Thomas Hüsgen em junho de 2019 na Universidade de Durham: “A experiência do mundo está sempre ligada à interpretação do mundo.” (Hüsgen: 2019) Isso reforça o papel fundamental do contexto-fonte e do contexto-alvo que devem ser observados neste trabalho, sobretudo em se tratar de um texto sensível que, como se verá no capítulo 5, exige metarrepresentação sensível para emular uma realidade distante da realidade buscada em seu contexto-alvo. Tempo, filosofia, geografia, cultura, tudo se relaciona intrinsecamente com as características do texto-fonte que se quer transferir para o

¹¹ No Keynote supracitado da Universidade de Durham, 2019.- Esta é a tese de um projeto de trabalho para a Declaração de Rennes do European OPTIMAL Project, na qual participaram a Universidade do Porto.

texto-alvo. Segundo Hüsgen¹², deve-se observar a “compreensão textual, a coerência textual e a competência específica do tradutor”. E isso deve ser matéria de observação ao se tratar dos pacotes semânticos de textos sensíveis que precisam ser traduzidos. O contexto não dá tréguas. Os modelos tradutórios de Hüsgen (2005), Paul Ellingworth (1997), e o modelo do Vórtice de Significação¹³ (2018) colocados em paralelo no capítulo 3 ajudam a clarificar a relação do tradutor com as escolhas tradutórias e se inserem na compreensão da competência metalinguística.

Depois de uma revisão guiada por Anthony Pym (2010) e Theo Hermans (1999), fundamentada em dados históricos, estabeleceu-se uma linha do tempo, começando pelos Formalistas Russos, observando a descrição científica de produtos culturais e sistemas "principalmente no campo da literatura". Reviu-se o estruturalismo da Escola de Praga que explica a Teoria dos Polissistemas da segunda vertente que surge em Tel Aviv, quando inaugura os Estudos Descritivos da Tradução - EDT ("Descriptive Translation Studies - DTS"). Reviu-se o descritivismo na Holanda e em Flandres. Observou-se a Teoria do Escopo (Skopostheorie), abordando o Paradigma Descritivo, que será evidenciado de modo mais detalhado pelo olhar de Christiane Nord no capítulo 3. Note-se que a abordagem que persegue os estudos descritivistas e prescritivistas abre um panorama histórico dos Estudos da Tradução que servem como base para fundamentação dos que se pretende focar: estudos funcionalistas da tradução, com foco principal na paratradução da escola de Vigo (com o trabalho de JY Frías), nos estudos da teoria do paratexto com ênfase no trabalho de Christiane Nord e na aplicação deste foco em Textos Sensíveis. Julgando as características do texto-fonte, e enquadrando-o na categoria de Textos Sensíveis, o trabalho tende a estabelecer um olhar mais detalhado sobre essa questão. Daí persegue seus objetivos, principal e secundários, baseados nesta característica.

Segundo Pym:

¹² Hüsgen, Thomas J.C.; Vom getreuen Boten zum nachdichterischen Autor. Übersetzungskritische Analyse von Fernando Pessôas 'Livro do Desassossego' in deutscher Sprache., Peter Lang, 2005.

¹³ Proposta do Vórtice de Significação constante no trabalho de mestrado Travessias do Tradizível: João Guimarães Rosa e Juraci Dórea. SANT'ANNA, Bernardo: 2018.

*"o papel transformacional da tradução se tornou parte e invólucro de uma abordagem que via os sistemas culturais (tais como as literaturas nacionais) como grupos de relações estruturais que se desenvolviam não só em termos de sua lógica interna (como foi o caso no Formalismo Russo), nem exclusivamente a partir de influências externas (como pode ter sido o caso dos estudos tradicionais de história), mas sim a partir do complexo contexto social formado pelas dinâmicas de ambos os lados, simultaneamente."*¹⁴ (PYM, 2010)

Para apoiar a pesquisa, tratar-se-á com especial atenção a todos os elementos paratradutórios encontrados nos dois volumes das traduções nas variantes brasileira e europeia em comparações ao volume original escrito em inglês. Apoiada no trabalho de Christiane Nord, pretende-se definir se os problemas de tradução são “pragmáticos, culturais, linguísticos” (2016, p. 264) ou idiossincráticos, levando em conta sua teoria funcionalista e seu conhecido modelo de análise. As competências linguísticas, culturais e tradutórias devem ser identificadas. Desde o título, objetivando os conceitos encontrados em seu *Text-Functions in Translation: Titles and Headings as a Case in Point* (NORD, 1995) até a utilização de seu modelo, pinçados em fragmentos específicos para a comparação entre o português brasileiro e o português europeu.

Levando em conta os três pilares, os três fundamentos propostos, o trabalho pretende neste jogo de análise observar a intercessão da Linguística com a Semiótica: (número 1 da figura 1); a intercessão da Semiótica com os Estudos da Tradução (número 2 da Divisão Metodológica Conceitual), com vistas às escolhas tradutórias que se relacionam ao conteúdo, apoiado nas entrevistas com as tradutoras do português brasileiro e português europeu¹⁵; observar a intercessão dos Estudos da Tradução com a Linguística que define as escolhas tradutórias que se relacionam à forma - e é onde entra o gênero textual (número 3 da Divisão Metodológica Conceitual); e finalmente a intercessão da Semiótica, Linguística e Estudos da Tradução (número 4 da Divisão Metodológica Conceitual) onde forma e conteúdo se juntam para dar vida ao texto novo com

¹⁴ PYM, A. Exploring Translation Studies. [Traduzido por Bernardo Sant’Anna, Eduardo Godarth e Yéo N’Gana]. In: Cadernos de Tradução, Florianópolis, v. 36, no 3, 2016, p. 214-317.

¹⁵ Entrevistas presentes integralmente no anexo e em análise no capítulo 3, ligado ao corpus da pesquisa.

características linguísticas próprias, características semióticas próprias e escolhas tradutórias próprias.

*“Can you show me the one thing in particular
that makes you Mingyur Rinpoche?”*

Tulku Urgyen Rinpoche, pai de Mingyur Rinpoche (1920-1996)

2. O Budismo e a Tradução de um Texto Sensível

Depois de entender a motivação e os questionamentos oriundos das hipóteses dessa pesquisa, após observar os objetivos geral e específicos e a metodologia empregada durante o trabalho, apresentamos o contexto em que o texto-fonte é envolvido com o objetivo da compreensão das especificidades do que representa traduzir um texto sensível, e um texto sensível budista.

2.1. O Budismo Tibetano

Budismo é um termo usado para se referir a uma vasta gama de tradições espirituais, pontos de vista e práticas enraizadas nos ensinamentos de Buda Shakyamuni, ou Siddhartha Gautama, um professor atuante que viveu há aproximadamente 2.500 anos nas planícies do rio Ganges, no norte da Índia.

No site *International Buddhist Academy*¹⁶ há a informação de que são três os maiores grupos, ou linhas de ensino ligadas ao Budismo:

- *Theravada* (praticado principalmente no Sri Lanka, Tailândia, Mianmar, Laos e Cambódia),
- *Mahayana* (praticado principalmente na China, Taiwan, Japão, Coreia do Sul e Vietnã) e
- *Vajrayana* (praticado principalmente no Tibet, Butão, Nepal, Mongólia).

O objetivo comum das três correntes é possibilitar a libertação do sofrimento. Objetivo este abordado no livro foco deste estudo. O que as tradições ensinam como o coração do Budismo pode ser compilado da seguinte maneira - levando em conta as visões comungadas pelas três principais variantes responsáveis pelos ensinamentos budistas:

¹⁶ Link <http://internationalbuddhistacademy.org/>, acesso em outubro de 2023.

2.2. As Quatro Nobres Verdades

- *Duhkha*, o sofrimento é inerente a toda forma de existência condicionada. *Samsara*, a roda da vida, a vida cíclica, repetitiva e incontrolável que pressupõe o ciclo de nascimento e morte, é o estado do ser. Para o budismo, o sofrimento não se refere apenas aos desconfortos da dor física e mental, mas à falta de satisfação associada à noção de que toda experiência é incerta e sujeita à mudança e à realidade condicionada ao Karma e às aflições mentais. Assim, *Duhkha* é traduzido muitas vezes como sofrimento e insatisfação.
- *Sufrimento tem uma causa*. As aflições mentais (desejo, ira e ignorância) e o Karma (ações que têm raiz nessas aflições) são a origem de todo o sofrimento, que provém do apego e fixação que não permitem ver as coisas como efetivamente são.
- *Extinguir o sofrimento é possível*. Quando remove-se a ignorância fundamental que não permite ver as coisas como realmente são, o sofrimento termina. Este estado de extinção do sofrimento é denominado nirvana.
- *Existe um caminho que leva à extinção do sofrimento*. O treinamento individual em três áreas específicas é necessário para a extinção do sofrimento. Disciplina ética (chamada *sīla*), concentração meditativa (*samādhi*) e sabedoria (*prajñā*). No Budismo Mahayana, o caminho consiste em observar os três aspectos principais: renúncia, compaixão e a visão da realidade como se apresenta.

Inseridos nesse contexto, têm-se três fundamentos também necessários à compreensão:

- *Surgimento dependente*: todo fenômeno surge baseado em causas e condições específicas, sejam fenômenos externos ou internos como sentimento de felicidade ou sofrimento. Consequentemente, quando a causa ou a experiência do fenômeno é removida, o resultado não se manifesta.
- *Karma*: significa ação e se refere ao ato e seu resultado. É a intenção por trás de um ato que condiciona o resultado, é a forma como a ação leva a um resultado

experimentado. O que é motivado pelo desejo, ódio ou ignorância traz sofrimento e o que é livre disso traz felicidade.

- *Renascimento*: enquanto a extinção não acontece, as ações vão gerar seus resultados. Como nem todas as ações produzem resultados nesta vida, eles produzem renascimento como base de um resultado dessas ações para amadurecer futuramente. Renascimentos ocorrem em várias formas e domínios existenciais, condicionados por aflições mentais predominantes.

Dentro dessa perspectiva, as principais linhas do budismo concordam que a prática consiste em tomar refúgio em Buda. Isso significa atentar-se para as três joias principais, a saber:

- *Buddha*: como o professor que mostrou o caminho para a liberação do sofrimento;
- *Dharma*: como o caminho da prática e cultura para que cada um possa aplicar em si mesmo e conquistar seu objetivo pessoal;
- *Sangha*: como a comunidade daqueles que alcançaram algum nível de realização na prática e podem, portanto apoiar alguém no caminho;

Ainda no que se refere à compreensão contextual, é indicado o reconhecimento de que o termo *Buddha*¹⁷ se refere a um estado específico de existência em movimento no qual todas as aflições mentais e as emoções conflituosas foram purificadas para sempre através da sabedoria desenvolvida à perfeição. Assim, não representa apenas a figura histórica, mas àqueles que atingem este estado. Segundo a etimologia, o termo vem do sânscrito e é conjugado no passado: “o um acordado”/ “o um desperto”/ “aquele que já acordou”/ “aquele que já despertou” - para a natureza verdadeira das coisas. Para além do personagem conhecido que viveu há mais de 2.500 anos, Siddhartha Gautama, em Lumbini, no Nepal, proveniente de uma família nobre do norte da Índia, que se iluminou aos 36 anos e viveu até os 80, ensinando a técnica que deu origem à linhagem de seus ensinamentos filosóficos. A média numérica das pesquisas indica que no mundo todo existam cerca de 350 milhões de budistas (Adherents, 2006). Em Portugal estima-se que existam 17.000 budistas (CENSUS 2021)

¹⁷ Conforme ensina a principal escola tibetana.

e no Brasil 245.000 (dados estimados de 2019). Apesar dos dados apresentarem um volume considerável de pessoas, o livro de Rinpoche é destinado a este público-alvo específico, e ao grande público. Com a somatória dos vídeos que se vê do monge no Youtube, os esforços de marketing digital que o grupo Tergar (seu grupo online em todo o planeta) empreende, pode-se dizer que o livro se destina ao aspecto de divulgação filosófica (e em alguma dimensão, religiosa) do budismo.

A introdução do tema do budismo e o destaque para as quatro nobres verdades foi uma tentativa de destacar a importância dos fundamentos budistas como elementos-chave na compreensão da filosofia subjacente ao texto traduzido. Sem a compreensão contextual não se pode criticar uma tradução relativa a esse tema. Assim, este foi um breve panorama sobre o contexto a ser perseguido pelas tradutoras do português europeu e português brasileiro ao escolherem as suas estratégias de tradução. Passa-se, assim, à tradução de um texto sensível e posteriormente à tradução de um texto sensível budista.

2.3. A Tradução de um Texto Sensível

Ernst-August Gutt é uma importante referência na tese de doutorado de Geraldo Luiz de Carvalho Neto¹⁸, que pesquisa a dificuldade dos tradutores em lidar com contextos desconhecidos, i.e. um texto-fonte localizado a uma distância de tempo, espaço, e cultura consideráveis - em se comparado aos contextos do tradutor e de seu público-alvo. Gutt (2000b) questiona se o tradutor deveria ter uma abordagem intuitiva ou analítica frente ao material que se quer traduzir. A abordagem do conceito de metarrepresentação se baseia na compreensão do conceito da metarreflexão, a capacidade do ser humano de emular a representação de outra pessoa sobre determinadas coisas. A metarrepresentação é um conceito que se insere na teoria da relevância aplicada ao contexto da tradução. Marileide Esqueda explica este conceito

¹⁸ “Metarrepresentação em tradução: uma análise relevantista dos processos inferenciais de tradutores expertos na tradução de textos sensíveis (sagrados)” 2010 - UFMG;

de Gutt (2004): “refere-se à capacidade do tradutor de representar estados cognitivos de seu público-alvo e também do autor do texto-fonte¹⁹” (ESQUEDA, 2019, p.48).

Para a tradução, a capacidade de representação emulando o que outra pessoa representaria em outro tempo, espaço e cultura torna possível captar, entender e transmitir a percepção e representação do autor original. Isso envolve a tentativa de compreensão das intenções do autor. “Encarnar”, que significa trazer para a carne, incorporar, o que vai além do entendimento, ligado conceitualmente à razão. Ao encarnar as intenções do autor, as nuances culturais em que está envolvido, os subtextos e contextos do texto original o tradutor vai além da convenção linguística, estabelecendo um contato íntimo com os pensamentos e objetivos do autor, tornando possível ao público-alvo a compreensão e deleite fiéis ao tom e espírito de origem do texto. Quanto mais longe em termos de distância geográfica, tempo, cultura e raiz linguística, mais difícil para o tradutor metarrepresentar. Ele deve evocar o papel de intérprete sensível. Pode-se inferir, inclusive, que quanto mais o texto é carregado dessa sensibilidade que o denomina, mais sensível deve ser o tradutor e mais sensível deve ser sua aproximação ao texto. O que quer dizer a projeção da reflexão para que se possa ir “além da representação”, metarrepresentar - como se a projeção contextual fosse a ferramenta mais próxima para, no contexto-alvo, compreender o contexto de partida e estar apto a conduzir o receptor via tradução:

“Metarrepresentar um contexto de produção situado a uma notável distância temporal, espacial e cultural pode não representar uma tarefa fácil de ser levada a cabo, dependendo dos diversos ambientes cognitivos em jogo durante o fazer tradutório. Pode-se tomar, a título de exemplo, a pesquisa desenvolvida e discutida em Alves (2005c), quando aponta para as dificuldades apresentadas por tradutores novatos (estudantes de tradução) ao se depararem com um texto envolvendo informações arquitetônicas de um hamam (banho turco). A distância espacial e cultural cuida, por si só, de criar um grau de dificuldade metarrepresentacional que pode acarretar um grau de semelhança interpretativa mais baixo entre TF e TA”. (Carvalho Neto: 2010, p.73)

¹⁹ Presente em “Ensino de Tradução: proposições didáticas à luz da competência tradutória” <https://books.scielo.org/id/23rgk/pdf/esqueda-9786558240266.pdf#page=23>, acesso em janeiro de 2024.

O tempo é o primeiro ponto a se encarregar das modificações contextuais transcorridas ao lidar com um texto de dois mil anos. O segundo ponto, igualmente ou mais importante, é a língua em que o texto sagrado foi produzido. Citando um comentário de Gabel & Wheeler (1993), o pesquisador comenta que no caso do hebraico bíblico, uma língua que não é mais falada, aproximadamente nenhuma das pessoas que têm a Bíblia como fonte constante de leitura e pesquisa já leu a Bíblia em suas palavras escritas originais. E no caso da Bíblia, o desafio é ainda maior, porque falar em original, significaria que se sabe qual é a primeira forma como foi escrita. E essa informação é imprecisa, já que várias cópias e traduções foram feitas sem que se soubesse exatamente a primeira fonte: *“o autor é meramente um escriba inspirado pela palavra divina”* (Carvalho Neto: 2010, p.73). Um texto de um escriba sobre a palavra divina leva a crer que o enlevo, o encantamento, a arrebatção, o deleite, ou seja, as transcendências que pontuam a diferença percebida no cognitivo e na ordem do sensível devem ou deveriam ser contemplados pelo tradutor que aborda o contexto de partida. Uma especificidade da ordem do sensível a ser reparada tanto na tradução quanto na crítica de tradução.

Karl Simms (1997) reconhece a sensibilidade textual como algo inerente: *“(...) viver no mundo como um dos animais que falam depende muito mais das conotações das palavras do que de suas denotações. E é precisamente neste aspecto que a linguagem – e portanto os textos – é sensível.”*²⁰ – o que quer dizer que a representação sobre o que é expresso é ainda mais importante do que a literalidade de seu sentido. Para Simms: *“Um exemplo extremo de tradução literal seria a tradução interlinear, em que uma correspondência direta entre os itens lexicais individuais de cada texto se tornaria visível.”* (SIMMS, 1997, p. 7)

Simms comenta sobre a invisibilidade do tradutor ao conceber um texto-alvo com um mínimo de intervenção por meio de paráfrases. O que quer dizer que é uma tradução orientada para o sentido de denotação. Para ele, a tradução ordenada à conotação

²⁰ “living in the world as one of the animals who speak depends far more on the connotations of words than on their denotations. And it is precisely in this respect that language - and therefore texts - is sensitive.” (SIMMS, K., 1997, p. 2) (tradução própria).

seria justamente a livre para que a mensagem seja intacta, mesmo que haja tensão no objetivo de levar o que está subjacente ao texto:

“Uma tradução livre é uma imagem espelhada, conceitualmente, de uma tradução literal. Uma tradução livre pretende ser fiel à intenção (com um 's') do Texto-Fonte [se referindo com o “s” à tensão], e sua intenção (com um ‘i’) é concebida como sua mensagem e não como seu meio. Uma tradução livre está, portanto, do lado do leitor e não do autor; há relativamente pouco respeito pela forma das palavras do próprio autor, desde que a mensagem subjacente permaneça intacta. Essa forma pode se tornar completamente invisível, como quando uma forma de verso desconhecida na língua-alvo é abandonada, ou quando a repetição declamatória (como no “E ...” da Bíblia) é abandonada.”²¹
(SIMMS, K., 1997, p. 7)

Um texto, para ser denominado como sensível, o será, para Simms, na medida em que há um consenso sobre isso. “Pensar que o é, o tornaria sensível” (cf. p. 3). Esta categorização em texto sensível se daria de duas formas: por meio de seu conteúdo ou por causa de sua existência. Por exemplo: um texto que defenda a liberdade e emancipação feminina para ser traduzido num país muçulmano onde as mulheres não têm direitos iguais aos dos homens tem conteúdo sensível. Um texto escrito por um autor censurado, independentemente de seu conteúdo, é um texto sensível - como no caso dos textos do indiano Salman Rushdie (1947), autor de *Os Versos Satânicos* (1988) censurado em algumas regiões do mundo islâmico - a existência de qualquer texto dele é vista como um texto sensível. Além de grifar que os dois requisitos acontecem simultaneamente com frequência, o pesquisador chama a atenção para os critérios que consideram como sensível um texto ou sua existência. Esses critérios variam conforme seu tempo, seu lugar, sua cultura. O texto é sensível na medida da recepção do texto frente a ele: a sensibilidade não é necessariamente o *dna* textual. Nem

²¹ “A free translation is a mirror image, conceptually, of a literal translation. A free translation aims to be true to the intension (with an 's') of the ST, and its intention (with a 'i') is conceived of as its message rather than its medium. A free translation is therefore on the side of the reader rather than the author; there is relatively little respect for the author's own form of words, so long as the underlying message remains intact. That form may become completely invisible, as when a verse form unknown in the target language is dropped, or when declamatory repetition (as in the Bible's "And ..") is abandoned.” (SIMMS, K., 1997, p. 7) (tradução própria).

sempre o material linguístico é responsável pela categorização textual como texto sensível. O mundo islâmico toma os textos de Salman Rushdie como textos sensíveis.

Sobre isso, o professor da USP John Milton comenta em sua aula²² sobre o 1º Clube do Livro Brasileiro, que os textos sensíveis o são em realidades censoras e o professor utiliza-se das noções do construtivismo estruturalista do filósofo e sociólogo francês Pierre Bourdieu (1930-2002), quem assume que, quem tem o domínio da produção e capital cultural rege as leis, e, portanto, a censura é estrutural. Além disso, a censura pública passa a ser instituída, em espécie de acordo tácito, culminando na autocensura - quando o próprio tradutor ou escritor censuram-se propriamente, por receio, medo do que resultará se seu texto ou sua tradução forem alvo do escrutínio dos censores detentores do capital cultural, do poder político ou dos meios de produção e comunicação, compartilhamento, enfim.

Para Simms (1997, p. 10 a 24), os motivos plausíveis para um texto pode ser considerado sensível se dá de 4 formas:

1. Pelo princípio de alteridade: quando raça, etnia e cultura são tratados no texto;
2. Pela ligação às instituições: quando política, estado ou leis são tratados;
3. Pela sacralidade textual: quando o texto é religioso ou contém o tema em seu conteúdo;
4. Pela sua característica profana: quando se relaciona à obscenidade, ao atentado ao pudor, à profanação, à algo proibido.

De acordo com Milton, na época do chamado “Milagre Brasileiro” (1968 a 1973), quando o crescimento econômico foi de aproximadamente 10% ao ano, e a produção literária cresceu exponencialmente, a mesma produção era cerceada pelos próprios produtores, devido à realidade vigente. Segundo as pesquisas do professor, livros eram confiscados, as traduções do russo banidas, livros que tivessem a capa vermelha proibidos, autores como Jorge Amado e Eça de Queiroz [exemplifica] anulados, bem como obras que se relacionavam ao marxismo, independente de concordarem ou não com os conceitos originais do autor. Além disso, o 1º Clube do Livro Brasileiro

²² aula sobre Textos Sensíveis disponível em <https://youtu.be/m-ftSb8wlok?si=8KOjGRZgqFjJOyNL>, acesso em novembro de 2003: “A tradução de Red House”.

censurava obras por eles traduzidas “por questões de decência e probidade” - segundo o professor Milton, e os paratextos - notas de rodapé, por exemplo, indicavam os valores vigentes que se relacionavam diretamente com o que estava sendo censurado no texto em tom explicativo, com objetivo restaurador da ordem vigente. Esta observação de Milton aponta que a sensibilidade textual também se configura por motivos de censura.

Textos sagrados são considerados textos sensíveis por serem assim considerados baseados em critérios que se relacionam a desconfortos, aqueles que se ligam ao Estado, à religião, à fé, à decência, à individualidade das pessoas - o que se relaciona a crenças e nichos específicos, como se verá a seguir.

Para Julia Kristeva:

“(...) definimos o texto como um aparelho translinguístico que redistribui a ordem da língua, relacionando uma palavra comunicativa, que visa a informação directa, com diferentes tipos de enunciados anteriores ou sincrónicos. O texto é, pois, uma produtividade, e isso significa que: 1.º a sua relação com a língua da qual faz parte é redistributiva (destrutivo-construtiva), sendo por conseguinte abordável através das categorias lógicas mais do que puramente linguísticas; 2º é uma permutação de textos, uma intertextualidade: no espaço de um texto, vários enunciados, vindos de outros textos, cruzam-se e neutralizam-se.”
(KRISTEVA, 1968, p. 209)

Mais do que puramente lógica ou linguística, o texto sensível, e especialmente o sagrado, é abordável segundo uma categoria que advém de aspectos sensíveis ao lidar com contextos históricos e culturais, aspectos emocionais e psicológicos, perspectivas éticas e morais, entre outras abordagens que se ligam à funcionalidade do universo divino.

Carlos Alberto Gohn (2001) enfatizou o envolvimento emocional relativo ao texto considerado sagrado. Para ele, a tradução de um texto sagrado é “duplamente sensível” pelo envolvimento emocional e religioso por parte do público-alvo.

Gohn também sustenta a defesa do argumento calcado em Simms, que traz o exemplo do episódio da Torre de Babel (Gênesis 11) para discutir a pretensão de se falar apenas

uma língua e se entender perfeitamente. Segundo Gohn, ao falar de Deus, a tradução se torna necessária e impossível e comenta que embora “Babel” signifique confusão, como nome próprio não há como traduzir.

Carlos Gohn (1994) refere-se criticamente à condição que torna um texto sagrado sensível, no embate às referências vigentes (no caso, às referências coloniais inglesas, frente ao texto sagrado indiano):

“A recusa das línguas modernas indianas, a incorporação ou a escolha de autores consagrados do cânon da literatura inglesa e americana como referência, os elogios à língua inglesa, tudo indica a persistência do discurso colonial.” (GOHN: 1994, p. 107)

Ele afirma que existe uma denúncia das relações assimétricas de poder envolvidas entre colonizado e colonizador, i.e. ao se analisar a sensibilidade textual, pensa-se também em uma relação de poder, ou em uma relação desigual onde um dos lados é tido como correto e o outro lado é tido como incômodo por apresentar “divergências” ou “desconhecimento”.

Pode-se inferir portanto que, em primeiro lugar, existe uma gradação de sensibilidade textual. Em segundo lugar, motivos específicos para que a gradação sensível seja percebida: existe mesmo um desconhecimento causado por distância (seja ela física, temporal, filosófica, linguística, cultural, geográfica, religiosa - uma ou um somatório delas) ou divergência causada por distância. O que significa dizer que pode ter um fator político ou arbitrário (ligado a questões relativas ao poder, ou a alguma crença, ou ideologia) também na gradação de sensibilidade de um texto sensível. A observância dessa diferença dá-se não somente na tradução de um texto sensível, mas também na crítica literária que se refere a ele.

A censura é uma forma de crítica. E a crítica pode vir a ser uma forma de censura na medida em que explicita as suas divergências contextuais julgando-as impróprias de algum modo. Por isso a tradução e a crítica devem estar devidamente cientes das distâncias entre contextos distintos e o que elas representam para os estudos da tradução. Em um artigo que explica os motivos de textos políticos serem textos

sensíveis, Cristina Schäffner resume a ligação que a sensibilidade textual tem com a censura, em termos funcionais:

“Em resumo: a sensibilidade dos textos políticos resulta, acima de tudo, de sua função. Geralmente, é uma estrutura superficial específica que reflete a função do texto e desencadeia processos cognitivos de raciocínio, tanto na compreensão do texto quanto na tradução. Os falantes escolhem formulações específicas porque compartilham conhecimento prévio (culturalmente específico) com seus interlocutores (exemplos 1 a 3), e essas escolhas linguísticas podem refletir mudanças sutis nas atitudes políticas ou uma certa discricção por razões diplomáticas. Isso ocorre porque os textos traduzidos frequentemente desempenham uma função diferente nas comunidades-alvo, e como os leitores do texto traduzido nem sempre podem ser presumidos ter todo o conhecimento prévio que os leitores do texto original tinham, a comunicação pode ser prejudicada se as estruturas superficiais não forem interpretadas à luz de seu propósito.” (SCHÄFFNER, 1997, p. 137)

Para Walter Benjamin, “o que se atrofia na era da reprodutibilidade técnica da obra de arte é sua aura” (BENJAMIN, 1969, p. 168). As ideias de Benjamin relacionadas à reprodutibilidade técnica e a autenticidade da obra evidenciam como a censura é capaz de afetar a obra e o que ela representa culturalmente. Se a reprodutibilidade já muda o status da obra original, a sua censura tem o poder de acabar com sua aura.

Acredito que seja cabível se pensar em uma gradação de sensibilidade textual, conforme hierarquia textual. Para Muniz Sodré, a medida do “sensível” está na conexão entre espírito e corpo, e além:

“É que se trata propriamente do que está aquém ou além do conceito, isto é, da experiência de uma dimensão primordial, que tem mais que ver com o sensível do que com a medida racional. Por exemplo, a dimensão da corporeidade nas experiências de contato direto, em que se “vive”, mais do que se interpreta semanticamente, o sentido: sentir implica o corpo, mais ainda, uma necessária conexão entre espírito e corpo. Ou, então, a dimensão da imagem, em que o afeto e a tatilidade se sobrepõem à pura e simples circulação de conteúdos. Trata-se finalmente de reconhecer a potência emancipatória contida na ilusão, na emoção do riso e no sentimento da ironia, mas também na imaginação (...)” (SODRÉ, 2006, p. 13)

Além de reconhecer a importância da sensibilidade ligada à conexão entre corpo, espírito e sentimentos, é preciso reconhecer a ligação desta perspectiva com o “princípio geral de hierarquia textual”, de Michael Halliday e Christian Matthiessen:

“O princípio geral de hierarquia significa que um elemento de qualquer nível dado é construído a partir de elementos do nível imediatamente abaixo (...). Isso é uma característica da hierarquia de constituintes composta por unidades e suas classes: oração, grupo verbal, e assim por diante. Mas as configurações de funções estruturais mostram ramificações adicionais desse padrão geral. Assim, na oração como troca, há um pouco mais de camadas na estrutura, enquanto na oração como mensagem há um pouco menos.”²³ (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 60 e 61)

Existem textos reconhecidos como mais sagrados do que outros. Por exemplo: os dez mandamentos são textos mais sagrados do que bulas papais. Ou do que uma carta aos Coríntios. Uma foi ditada por Deus, outra, uma carta de um de seus profetas ou discípulos. Poderíamos igualmente pensar em um tratado filosófico de Tomás de Aquino, considerado santo para a igreja católica, ou pensamentos de Lao Tsé, considerado fundador do Taoismo (Daoismo), ou textos de Thich Nhat Hanh, líder espiritual tibetano. Qual deles é mais sagrado? Parece óbvio que o aumento da hierarquia aumenta proporcionalmente a sensibilidade textual.

Outra abordagem delicada é sobre a autoria do texto sensível. Pode-se pensar que as religiões que carregam um histórico maior de repreensões e violência ligada à censura de textos sensíveis são aquelas em que a sensibilidade do texto é maior para o tradutor. Exemplificou-se o autor indiano Salman Rushdie (1947), censurado em muitas regiões adeptas à religião islâmica. Ao ser condenado por um aiatolá iraniano, o mais alto dignitário daquela religião, sofreu ameaças de morte, inclusive. Uma gradação extrema de sensibilidade de um conteúdo textual, ligado à religião islâmica e um texto avaliado como ofensivo para determinado público e contexto.

²³ The general principle of hierarchy means that an element of any given rank is constructed out of elements of the rank next below (as in Figure 1-3, p. 20). This is a feature of the constituent hierarchy made up of units and their classes: clause, verbal group and so on. But the configurations of structural functions show further ramifications of this general pattern. Thus in the clause as exchange, there is slightly more layering in the structure, whereas in the clause as message there is rather less. (tradução própria)

Se o aumento da hierarquia aumenta proporcionalmente a sensibilidade textual, isso quer dizer que os desafios tradutórios aumentam também na medida da *sacralidade texto-sensível*.

Da mesma forma para a crítica que se relaciona a um texto sensível. Na medida da sacralidade texto-sensível reside também a medida de sua dificuldade de ser criticado²⁴. Afinal, não existem referências contextuais possíveis a um crítico que julga esses determinados textos, a não ser algumas pistas históricas, pistas linguístico-textuais - caso se encontrem textos da mesma época que representam historicamente a realidade sociocultural daquele mesmo tempo.

Foi dito anteriormente que quanto mais o texto é carregado da sensibilidade que o denomina, mais sensível deve ser o tradutor e mais sensível deve ser sua aproximação ao texto. O texto de Yongey Mingyur Rinpoche não é um texto sagrado. No entanto, é um texto sensível que carrega elementos de um texto sagrado. Um texto em alguma medida religioso, já que pretende cumprir seus ensinamentos que se relacionam ao budismo tibetano por meio da contação de uma história de vida, de uma experiência ao mesmo tempo semântica, espiritual e contextual que objetiva partilhar com o público em geral (não somente com os seguidores da religião budista) justamente os aspectos sensíveis que tornam o texto e a experiência sensíveis. Mircea Eliade, no texto *O Sagrado e o Profano*²⁵ (1992) apresenta a dimensão sagrada do pensamento, que se baseia na concepção da iluminação:

“O conhecimento sagrado e, por extensão, a sabedoria são concebidos como o fruto de uma iniciação, e é significativo que tanto na Índia antiga como na Grécia se encontre o simbolismo obstétrico ligado ao despertar da consciência suprema. Não era sem razão que Sócrates se comparava a uma parteira: ele de fato ajudava o homem a nascer para a consciência de si, dava à luz o “homem novo”.” (ELIADE, 1992 p. 95 e 96)

²⁴ Porque, no caso da tábua dos dez mandamentos, por exemplo, não há como o tradutor sequer se colocar no lugar de Moisés para compreender um possível contexto de recepção textual vindo diretamente do Criador para o profeta aceito pelas três principais linhas religiosas mundiais - muçulmana, judia, cristã.

²⁵ *Le Sacré et le Profane*, (1957), tradução Rogério Fernandes, 1992.

Esta concepção ultrapassa a noção reconhecida de que a natureza do “sagrado” está ligada fundamentalmente à ordem dos deuses e divindades.

Em que medida houve metarrepresentação sensível para que Helen Tworikov traduzisse a recepção dos ensinamentos de Rinpoche? Essa questão leva a pergunta de quais seriam os fatores indicados à crítica das traduções a serem levadas em conta, que, de algum modo, venham medir a distância entre os diferentes contextos: o contexto de um monge errante oriental que viveu quatro anos caminhando e dormindo até em cavernas, e uma coautora americana que estudou o zen budismo e o budismo tibetano e pretende redigir as entrevistas, traduzindo a narrativa e os *insights* de um monge. Para criticar estas duas versões do português brasileiro e europeu será necessário o contato com o autor original. Neste caso, com dois: o monge e a coautora. Segundo Hüsgen (2005) a bibliografia é decisiva para a compreensão contextual e, conseqüentemente, a produção tradutória. Isso serviu a Helen Tworikov quando da tradução das entrevistas com o monge e serve à crítica do texto “conjunto” do autor Rinpoche e da coautora - de realidades distintas no tempo, espaço, contexto.

E a partir daí, tomam-se duas realidades distintas, como poderá ser visto a partir do capítulo 4, nas entrevistas com as tradutoras das variantes do português brasileiro e europeu: (1) enquanto a tradutora do texto para o português europeu faz a tradução do texto de Helen Tworikov, (2) a tradutora do texto para o português brasileiro faz a tradução do texto de Yongey Mingyur Rinpoche. Isso se dá por questões contextuais de chegada óbvias. Enquanto a primeira não tem qualquer noção ou relação de proximidade com o budismo, a fé ou os ensinamentos ligados à área, a segunda é budista praticante e entende a tradução como uma “recepção direta da palavra do monge”, ou seja, a escuta da palavra viva (como citou em sua entrevista). O que é bem diferente de uma linha possível concebida em análise, como se verá no subcapítulo 5.2 “Análise dos Fatores Externos e Internos ao Texto”, onde se poderá definir melhor os *gaps* em distintos níveis na tradução do livro *“In Love With The World”*.

Conforme Simms (1997) “A tradução de um texto situado em um contexto desconhecido e sobre o qual paira o caráter de sagrado exige competências muito além daquelas ligadas ao conhecimento linguístico do tradutor” (SIMMS: 1997:21-24). Além

das competências linguísticas cabe ao tradutor adotar estratégias de tradução com a intencionalidade defendida por Christiane Nord ao tratar sobre a necessidade do funcionalismo tradutivo para que a metarrepresentação se baseie no maior número de variantes ao julgar essa impossível equação.

Para Nord:

“A intencionalidade é, portanto, reflexo das características lexicais que não se originam em condições situacionais específicas ou em normas e convenções, e das características que sinalizam uma “violação” intencional de quaisquer normas e/ou convenções válidas tanto para o gênero em questão como para as condições de meio, lugar, tempo e motivo da comunicação — que, por sua vez, caracterizam a situação do texto. Isso significa que uma característica lexical pode ser presumida como intencional se o tradutor tiver de analisar o interesse e o propósito que induziram o autor a utilizar uma determinada expressão, figura ou palavra.” (NORD, 2016 p. 200 e 201)

Conforme Simms, em consonância com o modelo de Hüsken (2005), é possível dizer que as tarefas metarrepresentacionais das duas tradutoras as levaram por caminhos distintos, baseando-se nos motivos contextuais que cada uma carregava (em seu julgamento das variantes) no momento da tradução e na percepção do público-alvo para o qual estavam trabalhando.

Eugene A. Nida em *“Translating a Text With a Long and Sensitive Tradition”* (1997), encontrado na compilação de Simms que busca aprofundar os estudos sobre textos sensíveis, inicia sua argumentação observando que ao contrário do costumeiro foco dos tradutores na relação que existe entre texto-fonte e texto-alvo, existe um foco importante a ser observado pelos tradutores: a relação entre fonte e a língua alvo. Os tradutores, comenta, estão observando uma característica que é fundamental à área, a relação entre as culturas distintas partícipes deste processo, já que significados de palavras e de textos dependem sobremaneira da cultura inserida (NIDA, 1997, p. 160). Para Nida, o desafio de textos de 2000 anos se torna ainda maior se o texto é religioso, já que a fé de um número grande de pessoas pode estar baseada no texto - o que aumenta a sua sensibilidade. Comenta o autor, que quase sempre as traduções de documentos religiosos apresentam problemas que se relacionam à interpretação. Ele

cita um exemplo (p. 162) que demonstra como isso pode colocar em xeque a compreensão textual: em Gênesis 1.2, a expressão *ruach elohim* pode ser traduzida como “um poderoso vento”, ou “um vento de Deus”, ou “espírito de Deus”. Note como são três possibilidades que, mesmo podendo até ser interpretadas como espécie de modalização gradativa, inferem no resultado final da compreensão, sobretudo em fiéis que têm acesso ao texto. São formas distintas do ponto de vista tradutivo: as duas primeiras mais literais e com graus diferentes, recorrendo à estratégia de “estrangeirização”. A terceira delas tem caráter “domesticante”. Nida (1997) define a diferença da seguinte forma: pode-se falar em “equivalência formal” [o que poderá ser dito sobre as duas primeiras traduções] e “equivalência dinâmica” [o que poderá ser dito sobre a terceira tradução]. Eugene A. Nida (1964) institui que “equivalência formal” é a reprodução fidedigna do texto-fonte e “equivalência dinâmica” se inscreve em seu sentido conotativo porque a equivalência se encontra em um efeito comunicativo extralinguístico - ou seja, quando o contexto cultural da cultura de chegada é observado. O entendimento do texto pela crença comunitária é o que o torna canônico - seria, segundo ele, a melhor forma de entender a questão. Concorde portanto com Milton, que o texto sensível assim é, baseando-se no que dizem sobre ele. Em outras palavras, a crença coletiva o torna um texto sensível: o julgamento dos demais. No exemplo dado por Nida, a maioria dos tradutores optou por traduzir como o “espírito de Deus” porque a comunidade de Israel assim determinou. Ao encerrar os argumentos que envolvem a questão, usando o exemplo de um missionário que após pregar por muitos anos em tradução mal feita na África e descobrir que era preciso mudar o que tinha sido traduzido, a resposta das autoridades daquele país ligadas à religião foi a seguinte questão: “*quem era ele para tocar na palavra de Deus?*” (NIDA, 1997, p. 190), como se a tradução fosse diretamente a palavra divina, não uma tradução da palavra divina. Isso quer dizer que o *gap*, a distância a que este trabalho se refere, e que se baseia no contexto-fonte, no contexto-alvo, nas diferenças culturais e linguísticas, foi sumariamente suprimida da questão tradutória. E com o argumento da fé: da sensibilidade textual.

Este ponto parece importante de ser esclarecido: a sacralidade textual é inversamente proporcional à crítica textual advinda do leitor fiel. Como se o texto sagrado estivesse no altar e os fiéis não pudessem questioná-lo. Há aí uma coincidência impossível entre o texto sagrado e a palavra de Deus (ou a palavra divina - não importando a qual divindade pertença a palavra sagrada). A distância entre o ensinamento e a forma de tentar expô-lo, ou seja, a forma escolhida para traduzi-lo, não entra necessariamente em questão quando o público alvo é adepto da filosofia relativa à crença. É como se a hóstia fosse o corpo de Cristo, a carne mesmo do Salvador, não uma metáfora, uma analogia representativa. Como se o vinho não fosse vinho, não tivesse status simbólico, mas fosse o sangue de Jesus, literalmente. É disso que se trata extrair o *gap* da análise texto-sensível.

Assim como o *gap* pode ser extraído da análise, a distância semântica entre o significante e o significado também é alvo de extermínio no caso de textos sensíveis: quantas vezes se observa que a literalidade é tomada como interpretação plausível em vez da compreensão metafórica de um texto sensível, sobretudo em se tratando de um texto sagrado? Um exemplo clássico pode ser dado com a história do Gênesis de Adão e Eva. Para a compreensão religiosa, têm-se a possibilidade de uma análise metafórica da gênese, assim como ouve-se constantemente, sobretudo entre igrejas pentecostais, a possibilidade de interpretação como literal, como se o primeiro homem tivesse mesmo sido Adão e a primeira mulher tivesse sido Eva. Da mesma forma que a alegoria de ter sido feito o homem do barro, por exemplo. O que leva a mais uma questão sensível entre as questões sensíveis relacionadas aos textos sagrados. Para a análise acadêmica, inclusive, possivelmente ela seria mais confortável e talvez mais assertiva, se aqui neste estudo o termo “texto sagrado” fosse colocado entre aspas. A sacralidade somente é assumida pela Academia linguisticamente. No entanto, exemplos que se apoiam justamente na colaboração do monge Yongey Mingyur Rinpoche têm questionado os limites do *gap* definidos (pela Academia) entre a ciência e a religião. O professor e neurocientista Dr. Richard J. Davidson (1951) da Universidade de Wisconsin - Madison foi um dos primeiros a conduzir um estudo científico sobre a neurociência da emoção, além da neurociência das práticas contemplativas no centro que fundou

nessa Universidade, com colaboração do Dalai Lama, Yongey Mingyur Rinpoche, entre outros monges. Um trabalho fronteiriço que estimula a tentativa de unir a Academia às questões da espiritualidade, até então vistas de modo reticente no universo da pesquisa científica.

Ainda no texto de Nida (1997, p. 191 a 193) encontram-se várias questões relativas à tradução da principal oração católica, em português brasileiro denominada “Pai-nosso” - encontrada em Mateus 6.9b-13. Nida comenta uma série de desencontros entre o grego original e a tradução em inglês, que vai desde a estrutura silábica a termos traduzidos. Para este trabalho, o que o teórico aborda sobre as questões contextuais se mostra mais importante. No caso, a questão do pão de cada dia dito na oração, que em algumas partes da África significaria alguma questão relacionada à saúde, já que a maioria não come pão todo dia, além da observação que até para os gregos, o pão se refere à comida, não ao pão literal. O que em português brasileiro (e acredito que em português europeu também o seja) apresenta uma diferença sublinhada por Nida, e, segundo ele, a mais óbvia, se refere ao fragmento “perdoai as nossas ofensas, assim como perdoamos a quem nos tem ofendido”: no original, ele cita algo como “perdoa nossas dívidas como perdoamos nossos credores²⁶” ao lembrar que a tradução moderna utiliza-se dos termos “pecados”, ou “ofensas” ou “erros” (em livre tradução). Particularmente, não nos parece uma questão tradutória de tanta relevância. Ao fazer um paralelo com o Sutra do Coração²⁷, também conhecido como Sutra da Perfeição da Sabedoria, questiono se não haveria da mesma forma que esse sutra²⁸, uma relação forte original com a pronúncia, seu ritmo, sua cadência, entoação ou intonação, referindo-se à modulação vocálica. Tanto que a forma (oral, fonética) chinesa é a mais usada no Japão, Nepal e Índia. Sabe-se que em muitas religiões, orações são pronunciadas em voz alta com determinado ritmo e entonação como caminho percorrido pelo fiel para seu enlevo. Em outras palavras, como forma de atingir outros estados de consciência e de alguma forma, acessar parâmetros de sabedoria e graça não reconhecidos no padrão usual. Nida não contempla essa questão sensível, acredito

²⁶ “forgive us our debts as we forgive our debtors”, no original de Nida, em inglês.(p.193)

²⁷ em sânscrito Prajñā Pāramitā Hridaya Sūtra, em chinês 般若波羅蜜多心經

²⁸ o termo sutra vem de “costurar” e se refere a um ensinamento de base religiosa, de origem oriental

que por não ter, ainda, base acadêmico-científica. No entanto, assim como o trabalho do neurocientista Richard J. Davidson (1951) inaugurou uma ponte entre a ciência e aspectos sensíveis até então não explorados pela Academia, linguisticamente, não seria aconselhável pensar os Textos Sensíveis que se referem ao sagrado, à religiosidade sem levantar questões ligadas à fonética, e portanto, à linguística, que têm profunda relação com o âmago do que faz o texto “sensível”. Nida cobre aspectos relevantes ao lembrar da pressão sofrida por tradutores bíblicos. Ele se refere à crença geral de que textos bíblicos devem soar “fora de moda, e mesmo ancestrais”²⁹ por que isso traria a sensação de originalidade textual. Ele comenta, inclusive, que muitos preferem que o texto pareça estranho ou sobrenatural, para que assim pareça ser, realmente. Para Nida, muitos se recusam a entender a Bíblia de modo claro por este motivo. Isso mantém o caráter místico do texto (como se aumentasse sua sensibilidade). Segundo Nida, para ultrapassar dificuldades tradicionais relativas a textos sagrados, e, neste caso, se refere especificamente à Bíblia, uma alternativa plausível é a experimentação de traduções destinadas a públicos segmentados, como as crianças. Por ser uma tradução que não ameaça o texto canônico, já que se destina a crianças, o texto final pode cumprir seu papel de explicar o sentido, muitas vezes com paráfrases já consagradas, em vez de se manter fiel a traduções literais que exigem do leitor final muito mais trabalho para decifrar o que realmente significa o que vai por detrás das palavras. *“As pessoas usualmente querem entender o texto”* (p. 195).

Para sublinhar um outro ponto que se relaciona sobremaneira a textos sensíveis, sugere-se a observação do seguinte signifiante, escrito em hebraico:

TIT

O escrito observável é uma simples palavra em hebraico antigo, onde têm-se “apenas as consoantes” e não há indicações de vogais. Os Massoretas ou Massoréticos eram os escribas judeus responsáveis pela tradução, preservação e cuidado com as escrituras sagradas. Há que se reparar que o exemplo aqui sugerido não difere de demais exemplos que se relacionam a textos sensíveis. Apesar de o texto objeto deste trabalho

²⁹ no original *“Some people insist on a Bible that sounds old-fashioned, and even ancient, because that suggests that the text is closer in meaning to the original.”* (p.193)

ser um texto referente à tradução budista, cabe o exemplo que se relaciona a outra tradição, à tradição judaica, para que se saiba que um texto sensível religioso ou sagrado é sensível em qualquer tradição. Foram os Massoretas os primeiros que colocaram sinais indicativos (pontos ou traços) contíguos às letras hebraicas consonantais para facilitar a leitura dos textos sagrados³⁰. Sem as indicações das vogais, que tiveram início com os massoretas por volta do ano 500 até o ano 1000, não se sabia exatamente como ler determinada palavra, a não ser por compreensão contextual, ou seja, a não ser que se soubesse exatamente do que tratava aquele excerto. A palavra acima em hebraico comumente é traduzida como David. Mas o que se observa é como se houvesse apenas a letra D, a letra V e a letra D novamente. Agora observe o seguinte escrito em hebraico com a indicação massorética:

דָּוִד

Isso mostra que os sinais indicaram as vogais relativas à pronúncia e, consequentemente, ao significado textual. Assim, quem lê o texto com os sinais massoréticos não o lê de outro modo e nem pode pensar em outro significado, senão o do substantivo, o do nome David. No entanto, há outras palavras que têm as mesmas consoantes e vogais diferentes, o que quer dizer que o resultado do escrito final para o leitor depende primeiro da interpretação tradutória dos escribas judeus responsáveis pela colocação das vogais para que, aí sim, o texto sagrado fosse divulgado amplamente. Fazendo uma correspondência contemporânea explicativa, seria como escrever VC no whatsapp ao mandar um texto. O uso corrente entende como VOCÊ a tradução de VC. Mas poderia ser VACA ou VICE. No caso da palavra David isso também acontecia. Poderia ser “primo” ou “prima”, “tio” ou “tia”, ou “caldeira” ou “aquecedor”³¹. Segundo o professor Dr. Pascal Peuzé, especializado no estudo do hebraico (bíblico, mishnaico, moderno) e da literatura rabínica, pode-se ainda traduzir esse significante como “amigo meu”. Ainda que o exemplo de uma palavra apenas não represente a diferença significativa que se pode extrair de um texto ao tirá-lo de seu

³⁰ FRANCISCO, Edson de F. (2005) Manual da Bíblia Hebraica: Introdução ao Texto Massorético – Guia Introdutório para a Bíblia Hebraica Stuttgartensia. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, p. 209-259.

³¹ <https://context.reverso.net/traducao/hebraico-portugues/%D7%93%D7%95%D7%93> acesso em outubro de 2023.

contexto, o exemplo serve para mostrar que o contexto textual também foi decisivo para que a interpretação dos massoretas se fizesse. No que se refere portanto à tradução, além do contexto observável pelos tradutores entre distintas sociedades, línguas ou culturas, há um contexto interno e textual que também tem um papel importante em relação a textos sensíveis. Voltando a Nida, ele exemplifica isso de modo versátil, citando contextos distintos da palavra *run*, que em sua utilização no inglês (no português o verbo correr é um pouco diferente) produz significados distintos:

“A terminologia religiosa sempre foi conservadora, especialmente nas religiões que reivindicam inspiração verbal de textos históricos, porque as próprias palavras são consideradas por muitos como sendo essencialmente ditadas pela divindade. E quanto mais tempo essas palavras estão sendo usadas, maior é a importância que lhes é atribuída. Na verdade, o erro santificado pelo tempo é muitas vezes mais forte que o apelo da verdade. Isto é particularmente verdadeiro para pessoas cuja fé religiosa se baseiam mais numa resposta emotiva à revelação do que num apelo à verdade.

Uma das principais razões para traduções literais é a ideia equivocada de que o verdadeiro significado de um texto pode ser encontrado nas palavras como unidades que podem ser isoladas, e não nas combinações de palavras. As pessoas percebem que as palavras muitas vezes têm mais de um significado, mas insistem que outras palavras no contexto apontem para o significado correto.” (NIDA: 1997, p. 194 e 195)

Nida exemplifica seu excerto com um dado significativo: o Dicionário da Língua Inglesa da *Random House* tem noventa e sete significados para a palavra “correr” como verbo e (com vinte e cinco expressões idiomáticas adicionais) e quarenta e nove significados como substantivo (com seis expressões idiomáticas). No entanto, o que define a palavra é exatamente o contexto.³²

³² *Religious terminology has always been conservative, and especially so in religions claiming verbal inspiration of historical texts, because the words themselves are regarded by many as being essentially dictated by deity. And the longer such words have been in use, the greater is the importance attached to them. In fact, error sanctified by time is often stronger than the appeal of truth. This is particularly true for persons whose religious faith is based more on an emotive response to revelation than on an appeal to truth.*

One of the principal reasons for literal translations is the mistaken idea that the true meaning of a text is to be found in the words as isolatable units rather than in the combinations of words. People realise that words often have more than one meaning, but they insist that other words in the context point to the right meaning. (tradução própria)

Eugene A. Nida reforça ainda em seu texto que o desafio encontrado em textos religiosos não é um desafio isolado. Comenta ele que na Academia há frequentemente a pressão por utilização de terminologias usadas previamente, por teorias dominantes consagradas, assim como cita também o mesmo desafio no âmbito jurídico. Anteriormente foi citado o trabalho exposto nas aulas de John Milton sobre a sensibilidade textual que se referia à censura política e, contemporaneamente, pode-se levantar a questão em voga que se relaciona à posições esquerdistas ou direitistas - o que tem tornado pobre as discussões sobre variados temas, já que a obrigação de colocar a defesa de um posicionamento em uma das únicas duas caixas possíveis de pensamento impede a percepção e análise do mundo e suas temáticas com as gradações diversas, diferentes matizes, perspectivas e modulações possíveis.

Poderia ser considerada a denominação “Textos Sensíveis” uma forma opressiva, política, tendenciosa de nomeação?

2.4. A Tradução de um Texto Sensível Budista

Interlúdio é o nome dado a um trecho instrumental ou vocal que serve para preencher o espaço entre duas partes principais em uma composição musical longa. A ópera é um exemplo de interlúdio. Na música sacra, o interlúdio se coloca entre dois períodos de uma comunicação religiosa preenchida por execução em um órgão. No ambiente radiofônico é um trecho musical colocado antes e depois de um comercial, e na publicidade e propaganda o interlúdio é chamado de vinheta ou vinheta de passagem. Institui-se a noção de interlúdio na construção sonora comunicativa como uma sequência temporal preenchida por notas musicais e espaços entre notas, sendo as mesmas notas partícipes de melodias ou harmonias.

O entendimento dessa estratégia de preenchimento do espaço se justifica na mesma noção de uma ponte, concepção já trabalhada por Nida (1969) nos Estudos da Tradução, como dispositivo que conduz. Ponte ou barco de travessia, o interlúdio promove a trajetória de uma margem à outra em espécie de conexão. Assim, evoca

sentido, abre à reflexão, ao pensamento, promove o encontro entre emissor e receptor, pontuando uma distância entre dois distintos contextos.

Um interlúdio é um tipo de *gap*.

Para contextualizar este *gap* no ambiente cultural oriental, mais especificamente no ambiente budista, é possível conhecer e reconhecer um elemento arquitetônico que pontua e comunica a importância dessa “distância a ser preenchida” como um interlúdio. Entre o “*Torii*”, o portão ou portal japonês presente em cada um dos templos e as construções principais, os templos em si, existe um caminho, um entremeio, um espaço a ser percorrido para se chegar ao templo. Este espaço físico estabelece a ponte entre as duas margens do profano e do sagrado, entre as margens do mundano e do espiritual, da materialidade e da imaterialidade, do significante e do significado. Como na semântica³³, há um deslocamento sógnico preenchido pelos passos do caminhante, peregrino que empreende a passagem de um contexto a outro. Um exemplo físico de uma construção metafísica, uma metarrepresentação concreta e arquitetônica de uma noção filosófica oriental que liga o real à vacuidade da intangibilidade. Chamar a atenção para a noção do *gap* é importante, porque essa noção alude o que vai ser perscrutado neste trabalho. Permeando sentimento, mensagem, autor, texto, contexto, língua, tradutor, língua, tradução, contexto, texto, leitor, mensagem, sentimento, existem *gaps* consideráveis a serem observados. Propositamente, os textos escolhidos para este trabalho tratam de um caminho percorrido, do bardo existente entre duas realidades, dos *gaps* vivenciados pelo monge escritor, do *gap* contextual vivenciado pela coautora, do passo a ser dado que contém toda a peregrinação lexical, semântica, contextual, tradutória, crítica. Textos sensíveis que trazem *gaps* e abrem janelas para observarmos a tradução e a crítica nos estudos da tradução.

Trabalhar a tradução de textos sensíveis religiosos budistas significa trabalhar com textos que flertam a todo tempo com o sagrado e, portanto, com o indizível. Acredito que existem textos mais sensíveis que outros: há textos mais profundos e menos

³³ PEIRCE, C. S. The collected papers. Trad. NETO, José Teixeira Coelho. Semiótica. São Paulo: Perspectiva, 2005.

profundos, mais ou menos filosóficos, os que trazem conceitos mais fechados ou mais abertos, onde a significação depende de interpretação mais contextualizada ou de ferramentas menos racionais e mais sensíveis (e/ou emotivas), para se fazerem compreendidos. Parte-se deste pressuposto: há textos de entendimento e textos de compreensão.

Enquanto o entendimento se refere à razão, a compreensão se refere à razão somada ao aspecto sensível. O que quer dizer que a experiência conta como fator de análise e percepção, tornando determinados textos mais ou menos difíceis. Este trabalho assume o ‘entender’ como tendo uma relação exclusivamente racional e o ‘compreender’ como tendo uma relação racional e emotivo-sentimental. A última, mais ligada à experiência contextual. Este acordo conceitual é importante porque o trabalho com textos sensíveis leva à percepção das gradações de relações com a cadeia sónica de significantes e significados que podem estar mais ou menos próximos do conteúdo nuclear, conforme nos explicaram alguns teóricos, de acordo com a explicação no subcapítulo 3.2, O Bardo, o *Gap* e o Vórtice de Significação.

Quando se fala em entendimento, na porção racional da ideia, sua verificação pode ser dada a partir da sua explicação no texto, sua materialização na palavra. No caso dos textos sensíveis, não é incomum que aconteça o que acontece na música ou na poesia: as palavras não alcançam o que a mensagem diz ou quer dizer. O inefável se apresenta, e em muitos casos, acompanha o enlevo, o encantamento, a arrebatção, o deleite, ou seja, as transcendências que pontuam a diferença percebida no cognitivo e na ordem do sensível. Por isso, assim como a poesia ou a música, textos sensíveis devem ser encarados como um segmento tradutório especial. No entanto, os textos não são denominados sensíveis exclusivamente pela ordem de questões filosóficas, religiosas, transcendentais, esotéricas. Cabe desmembrar melhor este conceito. Além disso, cabe observar o interlúdio contextual na tradução de textos sensíveis para chegar à crítica da tradução dos volumes traduzidos para o português brasileiro e europeu, baseada nas “normas e expectativas dos sistemas literários”³⁴ inseridos.

³⁴ cf. modelo Hüsken 2005.

A compreensão contextual para a tradução de um texto religioso budista exige metarrepresentação sensível, conforme o conceito de Ernst-August Gutt. Ambientar-se contextualmente com a filosofia e a dimensão de sacralidade contida em textos sagrados não é tarefa simples. Em relação específica ao texto budista, é uma tarefa ocidental que exige investimento, visto que a matriz de pensamento é outra. As novas tecnologias, no entanto, produziram ferramentas contemporâneas facilitadoras: pesquisando no Google por “84000”, o primeiro link³⁵ encontrado é um *site* onde se dispõe mais de 250 traduções de textos budistas canônicos (“mais de 19.000 páginas de sabedoria”, segundo a página gratuita), em textos disponíveis na sala de estudos virtual.

O site faz parte de uma iniciativa global sem fins lucrativos, que pretende traduzir todas as palavras registradas de Buddha para a língua moderna e disponibilizar acesso a mais de 230.000 páginas de textos sagrados. O projeto tem esteio na International Buddhist Academy³⁶, localizada em Kathmandu, Nepal, uma das principais difusoras da cultura budista tibetana no mundo. Além disso, a academia dispõe de cursos online e diversos materiais disponibilizados via stream. Isso leva a inferir que um estudo à Sakaya Digital Library poderia embasar culturalmente as noções contextuais a algum tradutor pesquisador que queira traduzir um texto que tem origem budista. Apesar das novas tecnologias permitirem o acesso dos tradutores com mais facilidade à cultura relativa contextual, isso não quer dizer que a metarrepresentação se dará de forma adequada à sensibilidade textual exigida.

No compilado de Simms de textos e teóricos que tratam de textos sensíveis, Phillip Sutton discute a sensibilidade textual exigida ao tradutor e lembra que quando se passa uma mensagem de pessoa para pessoa em uma sala, cada um rearranja os elementos anteriores conforme sua conveniência discursiva e pragmática e “nas forças (políticas, sociais, culturais ou pessoais) que condicionam sua retextualização durante a recepção.” (SUTTON, 1997 p.73) Para ele:

³⁵ Link <https://84000.co/>, acesso em outubro de 2023.

³⁶ Link <http://internationalbuddhistacademy.org/>, acesso em outubro de 2023.

“Se definirmos a “sensibilidade” desses textos como sua suscetibilidade a uma retextualização inaceitável para um grupo social, então essa suscetibilidade deve ser buscada na permeabilidade do texto a um código específico aplicado durante a recepção da mensagem. Em teoria, é claro, todos os textos são permeáveis nesse sentido, e interpretações instáveis são sempre possíveis e imprevisíveis. No entanto, o adjetivo “instáveis” em si implica que existem convenções culturais normalizadoras para a decodificação de mensagens, e é essa dialética eterna entre a manutenção da convenção e sua ruptura ou renovação, presente em toda comunicação, que permite aos remetentes de mensagens criar estratégias textuais contra a aplicação de certos códigos ou outros modos indesejados de recepção. Um escritor, por exemplo, pode tentar não “insultar” um grupo étnico ou pode visar “evitar ambiguidades”, e pode ter sucesso no que diz respeito aos leitores que compartilham seus valores culturais.”³⁷ (SUTTON, 1997, p. 73)

Apesar do argumento que institui um conceito, o autor comenta que nem sempre essa instabilidade, esse desvio, consegue ser solucionado no texto-alvo, fazendo com que conclua: “Isso leva inexoravelmente a uma primeira conclusão, que é que todas as traduções são sensíveis.” (SUTTON, 1997, p. 73)

O material sobre budismo que data de 2016 e divulgado pelo Chödung Karmo Translation Group³⁸ é assinado pelo pesquisador Christian Bernert, que compilou no Buddhism Info Sheet (2020) o resumo do que seria necessário saber para compreender quais são os seus principais conceitos e o que é o Budismo³⁹ - aqui em compilação

³⁷ “If we define the sensitivity” of these texts as their susceptibility to a retextualisation that is unacceptable to a social group, then this susceptibility must be sought in the text's permeability to a particular code applied during the reception of the message. In theory, of course, all texts are permeable in this sense, and wayward interpretations are always both possible and unforeseeable.” Nevertheless, the adjective “wayward” itself implies that normalising cultural conventions exist for the decoding of messages, and it is this eternal dialectic between the maintenance of convention and its rupture or renewal, present in all communication, which permits the senders of messages to devise textual strategies against the application of certain codes or other unwanted modes of reception. A writer, for instance, can try not to “insult” an ethnic group, or can aim at “avoiding ambiguity”, and may well succeed as far as readers who share his or her cultural values are concerned.” Sutton, Phillip C. 1997, p.73

³⁸ Link <https://chodungkarmo.org/>, acesso em outubro de 2023.

³⁹ Buddhism is a term used to refer to a wide range of spiritual traditions, views and practices rooted in the teachings of Buddha Shakyamuni, or Siddhartha Gautama, a teacher active approximately 2500 years ago in the plains of the Ganges river in North India.

resumida, oriunda desse material, para balizar conceitualmente o que é o vislumbre de um texto sensível budista, um texto sagrado de importância histórica.

“In Love With The World - What a buddhist monk can teach you about living from nearly dying” é o título do livro original em inglês, escrito pelo monge Yongey Mingyur Rinpoche (1975) da tradição tibetana, portanto, da linha *Vajrayana*. Autor *best-seller*, juntou-se a Helen Tworkov (1943), editora da revista *Tricycle: The Buddhist Review* e estudante do budismo Zen e Tibetano desde 1960 para a escrita do livro original que foi traduzido para duas variantes do português, chamadas de variantes brasileira e europeia pela Academia. Para que se compreenda melhor o contexto da análise comparativa das duas variantes do português do livro original, apresenta-se um resumo sobre o budismo tibetano e seu principal fundamento.

“Conceitos somente existem através de contexto.

Sem definição, não há conceito.”

Harald Weinrich, *Linguística da Mentira*, 2007, p. 46

3. Enquadramento Teórico do Estudo

Para escolha da melhor estratégia de tradução que evite a “instabilidade” presente na conceituação de Phillip Sutton, as tradutoras de um texto sensível budista terão que observar a realidade subjacente ao texto em paralelo à realidade para a qual o texto-alvo se insere. Para a crítica de tradução utilizar o modelo de análise textual de Christiane Nord, precisaremos apresentá-lo, bem como os detalhes que envolvem a abordagem funcionalista e seus conceitos relativos. Além disso, apresentaremos o que julgamos modelos subjacentes que virão a complementar as ideias de Nord e trazer à tradução e à crítica da tradução mais ferramentas para lidar sobretudo com textos sensíveis. Partimos então para o enquadramento teórico desta pesquisa, começando com uma das proposições de adendos teóricos, o de Thomas Hüsgen.

3.1. A Crítica da Tradução

O modelo Hüsgen (2005) aborda o estudo de um ou mais textos com foco no autor tradutor, no texto-fonte, no texto-alvo e no leitor tradutor. Para desenvolver o raciocínio da crítica da tradução, sugere-se a descrição do processo já aplicado ao livro e às traduções das variantes do português da seguinte forma: é um processo de várias camadas que compõem a tradução e interpretação de sentimentos e palavras de um monge tibetano, comparando-o ao ato de descascar as camadas de uma cebola - como catáfilos, escamas ou peles de uma cebola, retiradas uma a uma. Projeta-se esta analogia visual para ilustrar a compreensão mental do processo tradutório.

No núcleo, bulbo da cebola, encontramos os sentimentos e a percepção do monge. A primeira camada nuclear é a expressão desses sentimentos e percepções do monge em tibetano, sua língua materna. Essa expressão já representa um primeiro *gap* entre a

experiência vivida e a linguagem: o monge transfere impressões para expressões cognoscíveis, em palavras, mesmo que não as escreva em um computador ou em um papel. Pensar é transformar em linguagem aquilo que se experimenta. Assim, surge o primeiro nível.

- **Nível 1**

Ao traduzir seus sentimentos para as palavras em tibetano, há um primeiro *gap*: a distância entre a “superfície verbal” e a verdade experienciada pelo monge iluminado. O escritor e crítico literário, Stephen Greenblatt (1943), escreve em seu livro “A Virada: o Nascimento do Mundo Moderno”, de 2012, sua obra premiada:

Minha profissão me obriga a mandar as pessoas prestarem muita atenção à superfície verbal do que leem. Uma parcela muito grande do prazer e do interesse da poesia depende de tal atenção. Mas mesmo assim é possível ter um contato vigoroso com uma obra de arte até numa tradução modesta, e ainda mais numa que seja brilhante. (GREENBLATT, 2012, p.10)

Greenblatt comenta neste excerto que por meio da superfície verbal (independente de sua qualidade literária ou tradutória) se tem acesso ao âmago, ao cerne textual, defendido aqui, à Verdade, antes da dinâmica de sua representação linguística. Importa que “A nomeação potencialmente estabelece o abismo entre o que é real e o que é representação do real” (PINTO, 2002, p.29). Um signo, portanto, não consegue representar de maneira completa, inteira ou verdadeira. Um signo estabelece um *gap* - o abismo entre o real e sua representação. Conclui-se que o processo sógnico é um processo de troca entre o que é real (ou a Verdade) e aquilo que é somente sua representação.

- **Nível 2**

A segunda camada que envolve o cerne textual é o texto do monge em inglês, traduzido por si mesmo diretamente de sua língua mãe para o inglês em formato de respostas, durante entrevistas com a coautora. Isso representa uma segunda tradução.

- **Nível 3**

A terceira camada que envolve o cerne textual é a interpretação da coautora das palavras em inglês pronunciadas em respostas pelo monge.

- **Nível 4**

A quarta camada que envolve os três níveis anteriores é a transcrição editada da coautora, que *traduz em texto do livro* suas impressões, ou seja, o que é considerado o texto original, mas já distante da verdade original, distante 4 níveis do cerne textual, dos sentimentos e percepções do monge.

- **Nível 5**

A quinta camada que envolve cada um dos quatro níveis é a tradução para o português brasileiro e para o português europeu, adicionando outro nível de distanciamento.

- **Nível 6**

Finalmente, a sexta camada, a mais externa, é a do leitor tradutor. Recorre-se a esta imagem do leitor como o último tradutor do cerne textual, aquele que externamente recolhe todas as camadas internas pelas quais o cerne textual é envolvido. Nota-se que quanto mais internamente, mais próximo ao cerne, mais forte a presença de cada uma das características do que deveria ser o texto original, as impressões e percepções do monge. A cada camada, perde-se algo de intensidade, mas ganha-se de amplitude. Porque o texto do primeiro tradutor recolhe o texto original, o abarca, o protege, expondo externamente, visualmente, apenas a tradução. Sua conexão se dá caso o “sabor” seja transferido para esta outra esfera. Isso significa que o *gap* experienciado pelo português e pelo brasileiro tem cinco níveis anteriores. Espaços, interlúdios de significação que pretendem conduzir, com o sabor original, este leitor. Atravessando-o até a margem da experiência: às cavernas do Nepal, às planícies do norte da Índia, à experiência de pós vida do monge, ao bardo sígnico e ao bardo metafísico, metarrepresentacional, onde sequer há texto possível.

A tradução do livro para as duas versões em português é, então, uma espécie de “cebola metarrepresentacional” no conceito de Gutt (2004). É sobre este ponto que

cabe sublinhar a importância vital de uma metodologia que “forneça ao crítico as ferramentas necessárias que lhe permitam visualizar os aspectos que podem ser atribuídos às diferenças entre os sistemas.” (Hüsgen, 2005, p.). E “sistemas” se referem aos sistemas linguístico e literário de produção e recepção, observado pelos tradutores (que são, como indica Hüsgen, leitores e autores simultâneos do processo). Isso quer dizer que a opção pela metodologia adequada permite ir além da crítica da tradução jornalística, permite a metacrítica, metodológica, ciente do contexto de partida e do contexto-alvo, do contexto de produção do texto, dos contextos de tradução distintos, e dos *gaps* relativos às distâncias entre os elementos constituintes dessa equação acadêmica.

No caso deste trabalho, a metodologia utilizada para apoiar a metacrítica tradutória terá apoio no modelo de Christiane Nord, que desmembra itens constitutivos dos sistemas supracitados da seguinte forma: [fatores externos:] emissor, intenção, receptor, meio, lugar, tempo, propósito (motivo), função textual; [e fatores internos:] tema, conteúdo, pressuposições, estruturação, elementos não-verbais, léxico, sintaxe, elementos supra-segmentais, efeitos do texto. Após aplicação do modelo, verifica-se se o mesmo foi adequado integralmente para a metacrítica proposta pelo trabalho, com vistas a “desvendar o método de trabalho do tradutor sobre o texto”, compreender “o efeito da tradução no sistema da cultura de chegada”, e, conforme indica Hüsgen (2005), comparar com o efeito do texto original.

Talvez seja a compreensão do *gap* pelo tradutor a condição para o restabelecimento da função seminal perdida no processo de translação. É com a compreensão da distância existente entre um contexto e outro que o tradutor transfere-se de um status a outro: de leitor-tradutor a tradutor-autor. Somente com a apropriação contextual bivalente o tradutor pode se transformar em autor para reconfigurar as perspectivas funcionais que poderiam ser perdidas no processo de migração ou travessia, de peregrinação linguística para o texto-alvo. Assim, os valores estéticos podem aflorar fundados na intuição do tradutor-autor que encarna (etimologicamente falando) contextos distintos.

A crítica da tradução deve levar em consideração esses *gaps*, a fim de avaliar a adequação e a qualidade da tradução. Para isso, justifica-se a aplicação do modelo de Christiane Nord, que divide os fatores que condicionam o processo tradutório em dois grupos: fatores externos (emissor, receptor, meio, lugar, tempo, propósito, função textual) e fatores internos (tema, conteúdo, pressuposições, estruturação, elementos não-verbais, léxico, sintaxe, elementos supra-segmentais, efeitos do texto).

Esta análise tornará "visível" os espaços de significação (*gaps*) permitindo ao crítico demonstrar em que medida os textos são eles também reinterpretações mais ou menos próximas ao original e assim também mais ou menos adequadas ao seu propósito.

3.2. O Bardo, o *Gap* e o Vórtice de Significação

SILVA (2018) fez uma pesquisa entre as diferenças entre o português europeu e o português brasileiro. Em seu estudo propõe 5 eixos temáticos de análise que vão ser explicados no subcapítulo 6.3 "Critérios de Dados Linguísticos":

1. "Estrangeirização"⁴⁰ e "domesticação";
2. "Erro" e "equivoco";
3. "Adição" e "omissão";
4. "Intensificação" e "atenuação";
5. Linguagem no contexto jurídico (como esta última proposta não se adequa à análise deste trabalho, vamos manter os 5 eixos temáticos de análise, mas o último será trocado, estrategicamente para "Contextualização").

No primeiro eixo, Silva recorre a Venuti (2001), e observa a questão da estratégia da "estrangeirização" e "domesticação": "O que é nacional ou estrangeiro apenas pode ser definido com referência à mudança na hierarquia de valores na cultura da língua-alvo"⁴¹ (VENUTI 2001, p. 243);

⁴⁰ Também chamada estratégia "estrangeirante" e "domesticante"

⁴¹ "What is domestic or foreign can be defined only with reference to the changing hierarchy of values in the target language culture" Venuti, L (2001) *Strategies of Translation*. In M. Baker (ed.), *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. London & New York: Routledge, p. 240-244.

No segundo eixo, observa o trabalho de Frota (2006), que utilizou os conceitos de erro binário e erro não binário de Pym ao tratar de “erro” e “equivoco”, “quando a construção ou os termos escolhidos não estiverem em consonância com o modo mais comumente usado na comunicação ou quando ocorrer algum lapso, podendo provocar um efeito de estranhamento no leitor” (SILVA p. 67);

Seu terceiro eixo foi outro comumente trabalhado na crítica de tradução, que se refere à “adição” e “omissão”, e se relaciona à retirada de alguma palavra ou termo que não agrega semanticamente no texto-alvo ou a alguma adição necessária para que semanticamente passe a fazer sentido na língua-alvo;

O quarto eixo é semelhante ao anterior, porque também se conecta à semântica e diz respeito a graus de “intensificação” e “atenuação”, e se ligam aos autores que trabalharam tais conceitos: Lefevere (1992b, 2007), Arrojo (1993, 2007), Even-Zohar (2000) e Azenha (2015);

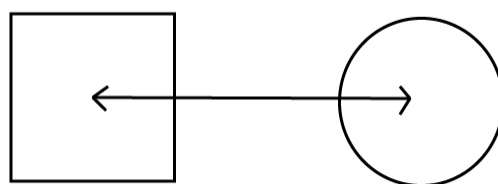
O quinto eixo será a o da contextualização, ou seja, a questão contextual que se relaciona aos textos sensíveis (embora possamos identificar que, segundo as aulas do professor John Milton supracitadas, existe uma questão extensiva que deve ser considerada e que também pode se referir à censura dos textos que apresentam problemas ou questões jurídicas);

Ao tomar-se “erro” e “equivoco” como fatores de análise que se ligam a lapso, a adição e omissão, também levadas em conta na crítica das traduções portuguesa e brasileira do original *In Love With the World*, levando em conta a diferença percebida com relação à intensificação e à atenuação, e posteriormente às diferenças contextuais, pode-se notar que é possível observar diferenças claras entre as traduções deste texto sensível, que serão alvo do modelo de Christiane Nord de análise para que sejam observados de modo crítico.

Mais especificamente, atenta-se à questão da sensibilidade textual ligada ao conceito de Simms, no que se refere aos tópicos sensíveis que violam normas de culturas-alvo. A compilação de Simms sobre textos sensíveis promove um amplo espectro com relação ao tema.

Paul Ellingworth (1931-2018) contribuiu com um artigo para o compilado de Karl Simms (1997), *Translating Sensitive Texts: Linguistic Aspects* com seu *Text and Translation: Model and Reality* com um modelo pedagógico extraído de uma de suas discussões durante um seminário em Praga da United Bible Societies, da qual o pensador fazia parte. Na ocasião, David J. Clark fez comentários que o ajudaram a pensar neste modelo. Ellingworth dividiu-o em 5 estágios. O primeiro deles segue Nida e Taber (1974):

Figura 2⁴² – Texto fonte x Texto alvo



Fonte: (ELLINGWORTH, 1997, p.198)

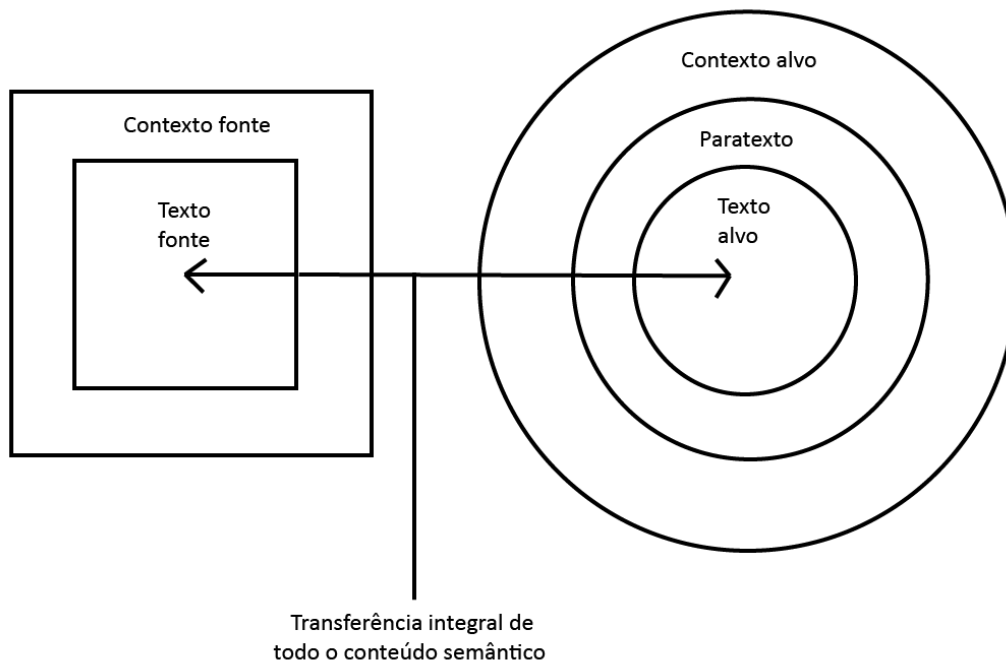
Para o autor, a diferença entre o texto-fonte (quadrado) e o texto-alvo (círculo) têm normalmente distintas gramáticas e outras estruturas. Contrariamente a Nida e Taber, que colocava três estágios baseando-se em (1) análise, (2) transferência e (3) reestruturação, Paul Ellingworth troca o estágio do meio pela seta em duplo sentido, designando o movimento relativo à transferência, que, empiricamente, demonstrou-se em duplo sentido, visto que a “situação de produção” se difere da “situação de recepção”. Mesmo que o sentido represente o mesmo, pode-se fazer uma adaptação contemporânea do que apresentou Ellingworth, observando que a situação de produção e de recepção são “os contextos” divergentes de análise.

Para adequar o modelo de Nida e Taber, Ellingworth colocou um quadrado maior que envolvia o menor, designando a “situação-fonte”, o que atualizaremos para

⁴² Diferentemente de Ellingworth, acreditamos que o texto-fonte deveria ser representado com o círculo perfeito, sem arestas. O texto-alvo é que deveria ser quadrado por não apresentar de modo impecável a integralidade da origem. No entanto, para o caso específico do corpus analisado, é coerente a representação do texto-fonte quadrado, já que este não representa um texto na língua materna do monge, mas a transcrição adaptativa (da coautora) da oralidade traduzida para o inglês (pelo próprio monge tibetano).

“contexto-fonte”, e um círculo maior envolvendo o círculo menor, que atualizaremos como “contexto-alvo”. Posteriormente, Ellingworth propõe um terceiro estágio que coloca um adendo na seta de duplo sentido onde especifica a transferência de todo o conteúdo semântico, na tentativa de designar que toda a mensagem deveria ser transferida via conteúdo. Em um quarto estágio, coloca outro círculo envolvendo o texto-alvo, designando-o “apoio ao leitor”, indicando que o leitor deveria se valer de todo e qualquer apoio para chegar ao sentido original. Em seu texto, ele especifica conotação, discurso, estrutura, estilo, retórica, estético etc., mas preferimos entender que qualquer noção estilística, formal, gramatical, semântica ou sintática se daria advinda do texto, o que pressupõe que estaria contemplado no adendo que fez à seta “transferência integral de todo o conteúdo”. Deste modo, o que também propomos atualizar é a denominação do círculo que envolve o texto, que ali se encontre o paratexto e todas as informações dele advindas, que venham a completar, na experiência do público alvo, as “deficiências” que os vértices do quadrado não entregam, ao não encaixar no formato circular do contexto-alvo. Até o momento, onde seria o estágio quatro do modelo de Ellingworth, o modelo estaria então dessa maneira, conforme a Figura 3:

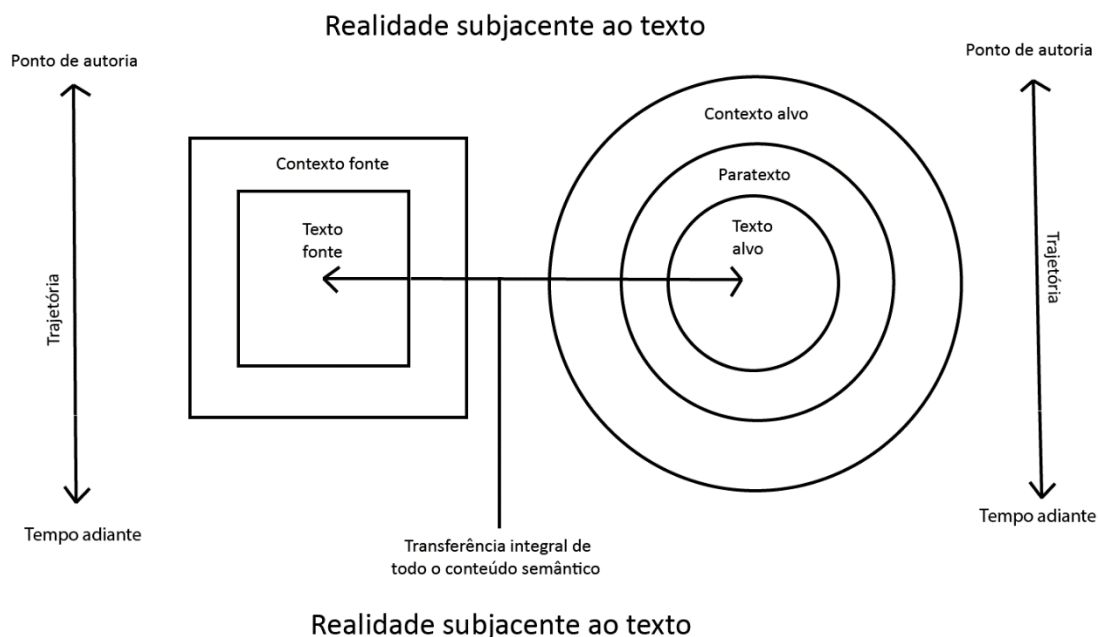
Figura 3 – Contexto-fonte x Contexto-alvo



Fonte: (ELLINGWORTH, 1997, p.201)

A partir daí, Paul Ellingworth conclui com um quinto estágio do seu modelo pedagógico, pontuando que subjacente à realidade do texto se encontra um fluxo natural que pressupõe o caminho do texto: “*Wirkungsgeschichte*”, que vamos propor traduzir como “trajetória”, porque indica etimologicamente um percurso feito com impacto e eficácia. Daí o modelo pedagógico de Ellingworth revisado e traduzido para o português teria a seguinte imagem:

Figura 4 – Realidade subjacente ao texto



Fonte: (ELLINGWORTH, 1997, p. 204)

Assim, ao debruçar sobre os textos sensíveis e encontrar o modelo pedagógico de Paul Ellingworth, não foi difícil notar que toda a sua estrutura ideativa se faz coincidente com a tentativa de sugestão de um modelo chamado Vórtice de Significação⁴³ (SANT'ANNA, 2018) já proposto anteriormente. Curioso que Ellingworth defende seu modelo com a mesma explicação semântica que deu origem ao modelo do Vórtice de Significação, ao tentar atualizar o modelo constante na explicação de Walter Benjamin sobre seu texto *A Tarefa do Tradutor* (1923).

Para Paul Ellingworth, na ocasião, era “virtualmente impossível representar em um diagrama ou modelo, especialmente em duas dimensões” (p. 203) a ideia de seu quinto modelo esquemático, oriundo da tentativa de atualização de Nida e Taber (1974). Quando especifica a “realidade subjacente ao texto”, Paul institui a terceira dimensão pretendida em seu diagrama. Ele discute a recorrente “problemática da natureza da relação entre linguagem e o mundo exterior”:

⁴³ Proposta do Vórtice de Significação constante no trabalho de mestrado *Travessias do Tradizível*: João Guimarães Rosa e Juraci Dórea. SANT'ANNA, Bernardo: 2018.

I would dip my toe into this hot bath only to the extent of firstly quoting Peter Cotterell's remark that "if language is not a system of communication, it is difficult to say what it is" (oral communication), and secondly suggesting that if there is no relation between language and the outside world. (ELLINGWORTH: 1997, p. 203)

A sugestão do autor expressa exatamente o que disse o semiótico Julio Pinto⁴⁴ sobre o abismo que se estabelece no ato de nomeação entre o que é real e o que é representação do real. Ou seja, entre a linguagem e o mundo exterior, conforme Paul Ellingworth. Segundo o autor, essa busca por critérios de avaliações das traduções parece fadada à frustração. O mínimo que o autor assume como coerente é que “nenhum texto é um fim em si mesmo”, que todo texto de autor tem um propósito que se relaciona de alguma maneira com a realidade subjacente ao texto, seja ela material ou imaterial (como no caso estético). Ellingworth explica com um exemplo simplificado (em livre tradução):

“Isso é obviamente verdade ao analisar exemplos que servem para fornecer informações ou instruções: "SAÍDA", "NÃO PISE NA GRAMA". Exemplos que geram menos dúvida. No entanto, isso também é verdade para a escrita criativa. Especialmente em se tratando da Bíblia, de modo implícito e muitas vezes, explícito. Já que afirmam lidar com realidades últimas ou universais: "O Senhor diz ao seu povo"; "O Senhor é meu pastor"; "Sou a luz do mundo". Para representar a realidade por trás de tais testes seria necessário um modelo com um número indefinido de dimensões. Para levar em conta, entre outras coisas, o Wirkungsgeschichte (Gadamer 1972: 284-90) dos textos em comunidades de épocas e culturas muito diferentes, usando línguas muitas das quais não têm qualquer relação com aquelas em que a Bíblia foi escrita. Se esse fosse o único fator relevante, a tradução seria estritamente impossível. No entanto, em outro sentido, qualquer ou toda experiência distinta e universalmente humana pode ser pensada como reunida em um único ponto. Distantemente comparável ao "ponto ômega" de Teilhard de Chardin, ou a imagem cosmológica atualmente dominante do "big bang" - embora nenhuma das analogias deva ser levada demasiado longe.” (ELLINGWORTH: 1997, p. 203)

⁴⁴ PINTO, Julio. O Ruído e Outras Inutilidades: ensaios de comunicação e semiótica. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

⁴⁵ *"This is obviously true of tests written to give information or instructions: "EXIT", "KEEP OFF THE GRASS". It is arguably more, not less, true of creative writing, especially in corpora such as the Bible, which implicitly, and often explicitly, claim to relate to ultimate or universal realities: "The LORD says to his people"; "The Lord is my shepherd" am the light of the world". To represent the reality behind such*

Walter Benjamin, em seu texto *A Tarefa do Tradutor*⁴⁶ (1924), indica a imagem de uma trajetória no percurso da tradução, assim como fez Paul Ellingworth. O texto de Benjamin traça o percurso de uma reta que tangencia um possível círculo de significantes, onde, segundo ECO (2007), o conteúdo nuclear contém as condições mínimas e elementares para reconhecimento e definição do objeto a ser significado, enquanto o conteúdo molar (mais afastado do centro) teria noções “não indispensáveis para o reconhecimento perceptivo” (ECO:2007, p. 102 e 103). Eleanor Rosch (1973) e George Lakoff (1987), com a Teoria dos Protótipos, propuseram noções holísticas para o reconhecimento dessa significação no mesmo processo sógnico, e Hilary Putnam (1975) usou “estereótipos” e “noções obrigatórias”, em vez de usar noções centrais como Umberto Eco. Noções reforçadas por Paul Kußmaul em “Semantic Models and Translation” (2010, p. 309).

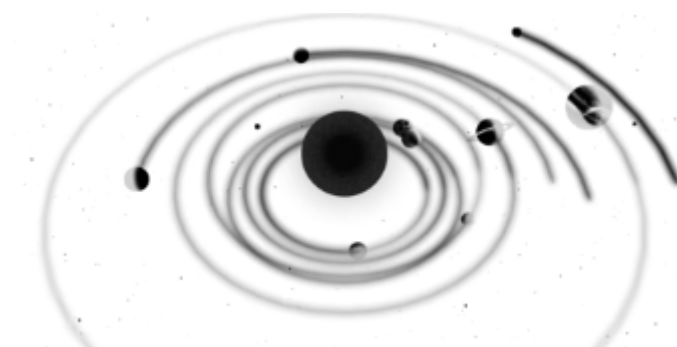
A diferença encontrada no modelo proposto por Ellingworth coincide com a proposição de atualização deste modelo de visualização que tentamos sugerir durante o ciclo do mestrado, denominado Vórtice de Significação. Ellingworth propõe um modelo com um número indefinido de dimensões. Também assume que um modelo bidimensional não consegue representar o modelo de tradução mais correto, visto que existe uma realidade subjacente ao texto que não é computada bidimensionalmente. O modelo do Vórtice de Significação propõe que a trajetória de Benjamin seja tridimensional para que contemple a noção de que há círculos em paralelo multiplicados *ad infinitum*, quando de uma trajetória tradutória, e portanto, sógnica. Os vários modelos se somam de modo paralelo, usando o raciocínio das Teorias dos Protótipos, seguindo a impressão de que existe as noções que se baseiam em experiências próprias, usando

tests would require a model with an indefinite number of dimensions. to take account among other things of the Wirkungsgeschichte (Gadamer 1972: 284-90) of the texts in communities of widely different times and cultures, using languages many of which are quite unrelated to those in which the Bible was written. In one sense, therefore, to represent such texts would also require a model of indefinite size; and if that were the only relevant factor, translation would be strictly impossible. Yet in another sense, any or all distinctively and universally human experience may be thought of as being gathered up in a single point. distantly comparable to Teilhard de Chardin's "omega point", or the currently dominant cosmological image of the "big bang" - though neither analogy should be pressed too far. (tradução própria)

⁴⁶ BENJAMIN, Walter. *A Tarefa do Tradutor*, Tradução de Susana Kampff Lages, em *Clássicos da teoria da tradução* / Werner Heidermann, org. - 2.ed. - Florianópolis: UFSC / Núcleo de Pesquisas em Literatura e Tradução, 2010.

os estereótipos e noções obrigatórias, usando as noções do conteúdo molar e nuclear, e usando a realidade subjacente por trás do processo de significação tradutório, indicando que existe uma tridimensionalidade necessária à compreensão da ideia desse modelo. Para explicar esse vórtice de significação tridimensional que agrega os demais modelos, usou-se o exemplo de um antigo modelo de sistema solar, e um novo modelo de sistema solar. O antigo apresenta o sol e os planetas ao seu redor. Em analogia, seria o conteúdo nuclear e os demais significados ao seu redor, os mais próximos do centro com os requisitos elementares de que explica Eco, e os mais afastados do centro com as noções não indispensáveis para reconhecimento perceptivo do que se quer significar ou traduzir:

Figura 5 - Modelo Heliocêntrico, coincidente com o modelo de significação e tradução textual



Fonte: Imagem do modelo Heliocêntrico de Galileu Galilei encontrada no site <https://www.youtube.com/watch?v=q0cn9fkW5cw> - acesso em outubro de 2023.

Figura 6 - Modelo Helicoidal, coincidente com o modelo do vórtice de significação que agrega os modelos anteriores de significação e tradução textual



Fonte: Atualização da Imagem do modelo Heliocêntrico de Galileu Galilei em modelo Helicoidal encontrada no site <https://www.youtube.com/watch?v=q0cn9fkW5cw> - acesso em outubro de 2023.

O modelo helicoidal do vórtice de significação é coerente por agregar todos os outros modelos que trouxeram explicações pontuais para a trajetória da reta proposta por Benjamin, além de agregar a ideia original de Paul Ellingworth de aplicar o modelo à realidade subjacente que representa o contexto sensível que não pode ser desprezado da análise tradutória, sob pena de que o modelo analítico seja apenas teórico e não condizente com a espiral de sentidos que se materializam durante a tradução de um texto, de um sentido semântico, da compreensão de um contexto. A tridimensionalidade proporciona à superfície verbal o contato com a realidade que, neste modelo, participa visualmente através de uma explicação gráfico-conceitual. Neste sentido, os cânones retóricos - inventio, dispositio, elocutio, memoria, e actio ou pronuntiatio⁴⁷ - florescem naturalmente como em uma sequência de Fibonacci⁴⁸, corroborando com a natureza da criação, seja ela de um átomo, dos planetas, ou da linguagem, já que a tradução é uma forma de linguagem, uma *transcrição*⁴⁹, conforme Haroldo de Campos.

No texto “Da tradução como Criação e como Crítica” Haroldo de Campos (1976) desenvolve seu argumento da impossibilidade tradutória baseado no que disse Albrecht Fabri⁵⁰ sobre o processo ontológico da arte: nela, sua qualidade de ser suplanta sua qualidade de significar. E grifa a observação de Fabri que nota “a discrepância entre o dito e o dito” (CAMPOS, 1976, p.21). Sem que diga expressamente, a observação casa com o gap interno da obra artística entre ser e

⁴⁷ Encontrados em: CORBETT, CONNORS, 1999:17-23. Inventio é a invenção ou ideia; dispositio é a disposição ou organização estrutural do discurso; elocutio é a expressão adequada, alia-se portanto, à fidelidade, adequação contextual e funcional; memória é a lembrança em consonância com a noção do check list de nossas experiências; e actio ou pronuntiatio, a ação discursiva em pronúncia;

⁴⁸ “Liber Abaci”, O Livro do Ábaco, 1202.

⁴⁹ “Transcrição”: por Haroldo de Campos em Revista Eletrônica Qorpus UFSC GERONIMO, Vanessa Edição - nº 13.

⁵⁰ “Präliminarien zu einer Theorie der Literatur” - Revista Augenclick, Stuttgart/Darmstadt, nº 1, março, 1958.

significar. No mesmo texto, utiliza o argumento de Max Bense⁵¹, que distingue informação documentária, semântica e estética, para defender o conceito de “fragilidade” da informação estética - onde “residiria o fascínio da obra de arte” (CAMPOS, 1976, p. 22). Campos admite que essa questão se torna mais evidente quando se está diante da poesia, mas que obras que têm em sua essência a prosa poética, como:

“o Joyce de Ulisses e Finnegans Wake, ou entre nós as Memórias Sentimentais de João Miramar e o Serafim Ponte Grande, de Oswald de Andrade; o Macunaíma, de Mário de Andrade; o Grande Sertão: Veredas, de Guimarães Rosa. Tais obras, tanto como a poesia (e mais do que muita poesia), postulariam a impossibilidade da tradução, donde parecer-nos mais exato, para este e outros efeitos, substituir os conceitos de prosa e poesia pelo de texto. Admitindo a tese da impossibilidade em princípio de tradução de textos criativos, parece-nos que esta engendra o corolário da possibilidade, também em princípio, da recriação desses textos” (CAMPOS, 1976, p. 23 e 24)

Campos conclui que enquanto linguagem eles são diferentes, mas em sua isomorfia irão se cristalizar dentro de um mesmo sistema; que a tradução de textos criativos será sempre “recriação, ou criação paralela, autônoma porém recíproca” (CAMPOS, 1976, p.24).

Neste ponto, o Bardo e o *gap* coincidem. O espaço linguístico da criação possível, a vacuidade entre a realidade e a significação, cheia de significados possíveis em pulsão, compartilhados contextualmente, aguardando a escolha do tradutor para se materializar como palavra, texto, discurso, contexto.

⁵¹ “Das Existenzproblem der Kunst” - também Revista Augenclick, Stuttgart/Darmstadt, nº 1, março, 1958.

3.3. A Teoria do Escopo de Hans J. Vermeer e a Abordagem Funcionalista nos Estudos da Tradução de Christiane Nord (1997, 2005, 2006, 2016)

Para Christiane Nord, a tradução é uma atividade proposital. Se há proposta, há motivo: é a função impondo-se ao fazer tradutório. A autora parte do pressuposto de que todo texto apresenta um ou mais tipos de função.

A Teoria do Escopo - *Skopostheorie* - abriu caminho para a criação do Funcionalismo de Christiane Nord. A *Skopostheorie* é uma “teoria geral da tradução” que foi apresentada pela primeira vez por Vermeer em 1978 e depende da chamada regra do *skopos*, com suas sub-regras sociológicas” (NORD, 2016, p. 54). Segundo a teoria geral de Hans J. Vermeer e Katharina Reiß (Vermeer, 1978, 1983, 1984, 1986^a), há uma seleção de motivos determinantes da função textual. Isto se relaciona à forma de abordagem da tradução em si. Para Nord, tanto o tradutor quanto o receptor são agentes que desempenham um papel específico; o meio estabelece o limite desta atividade e o tempo e o espaço caracterizam-na. É uma forma simplificada de abordagem do contexto. Yves Gambier⁵² desenvolve uma noção mais apropriada do que quer dizer “contexto” para esta pesquisa, como se verá no subcapítulo 3.5.13, “A Importância do Contexto”. As reflexões de Christiane Nord não se aprofundam especificamente neste ponto, limitando-se a uma constatação de que a comunicação se condiciona às características que a determinam. A linguagem, para Nord, deve ser observada como parte integrante da cultura.

No entanto, cultura e contexto não são necessariamente sinônimos.

Vermeer considera a tradução um tipo de transferência onde sinais comunicativos verbais e não verbais são transferidos de uma língua a outra e de uma cultura para outra. Esta conceituação da tradução é mais ampla, estrutura-se em um conceito aberto, segundo Nord, “é portanto, um tipo de ação humana - intencional, com proposta comportamental dada a uma determinada situação ([1978] 1983b:49 p. 11)”.

⁵² Gambier, Y. (2021). Context, contextualisation and (multimodal) text. *Studies about Languages / Kalby studijos*, 39, 5–18. <http://doi.org/10.5755/j01.sal.1.39.28965>

Os exemplos utilizados pela autora para explicar o conceito aberto de tradução de Vermeer incluem adaptações intermediáticas, entre pinturas e músicas. No entanto, contemporaneamente, na realidade espetacular definida por Debord (1967) como “a sociedade do espetáculo”⁵³, onde relações sociais são mediadas por imagens e representações, obscurecendo a realidade subjacente, a interação midiática utilizada como ferramenta de comunicação ultrapassa linguisticamente as traduções adaptativas entre um meio e outro (pintura ou música, como exemplifica a autora). Nord tem razão, ao constatar que Vermeer foi mais longe estabelecendo uma ponte adequada à distância entre teoria e prática tradutória, ao limitar o papel da linguística no processo tradutório: a fusão inesgotável de interações midiáticas promove uma relação mais imbricada entre sujeito, mensagem e mídia. No entanto, essa não é a discussão foco deste trabalho. O que cabe ressaltar para a discussão que se pretende é o papel limitado da linguística no processo:

“nos limites do enquadramento de uma teoria tão compreensiva da comunicação humana, a teoria da tradução não pode apenas se valer da linguística para retratar essa obra, por mais complexa que possa ser. O que é necessário é uma teoria cultural para explicar a especificidade das situações de comunicação, e a relação entre a comunicação verbal e não-verbal e seus tantos elementos”⁵⁴.

Para Vermeer, traduzir significa produzir um texto de forma determinada levando em conta os seguintes alvos: contexto, proposta, abordagem e circunstância. Nord observa que Katharina Reiß utiliza a teoria geral de Vermeer para especificar teoricamente a relação entre tipologia textual e seu método de tradução de modo integrado à essa teoria. Nord também aponta a teoria de Justa Holz-Mänttari e a Teoria da Ação Translacional (1981) que defende a eliminação da palavra “tradução” e a troca por “transferência cultural”, ou “transmissores de mensagens”. Isso quer dizer abordar outras formas de comunicação além de textos, ou então suprimi-los, como no caso da

⁵³ Ver DEBORD, G. La société du spectacle. Commentaires sur la société du spectacle. Paris, França: Editions Gallimard, 1992.

⁵⁴ “Within the framework of such a comprehensive theory of human communication, a translation theory cannot draw on a linguistic theory alone, however complex it may be. What is needed is a theory of culture to explain the specificity of communicative situations and the relationship between verbalized and non-verbalized situational elements.” (NORD, 1997, p.11)

pintura, sons e outras formas de expressão. “Ação” e “proposta” - o que quer dizer intencionalidade - são pontos coincidentes abordados por essa teoria.

Apesar de utilizar o conceito “*text designer*”⁵⁵, o que Christiane Nord apresenta parece mais a utilização de um conceito contemporâneo, do que uma mudança ou desenvolvimento da perspectiva anterior, efetivamente. Porque a intencionalidade da comunicação e o foco em “contexto, proposta, abordagem e circunstância” ainda parece-nos o mesmo.

Continua a existir a necessidade de acuidade no processo de tradução, independentemente de Christiane Nord adotar a denominação de *text designer*, cunhada pelo Departamento de Linguística Aplicada e Ciências da Cultura em Germersheim (Universidade de Mainz, Alemanha), onde Hans G. Höning e Paul Kußmaul eram responsáveis pelo treinamento de tradutores. Influenciados por Vermeer, Holz-Mänttari e Reiß e sua abordagem funcionalista, Nord coloca a intencionalidade como um ponto nevrálgico de sua teoria e da abordagem funcionalista.

3.3.1. Explorando as Abordagens Funcionalistas

O modelo de análise que descreve diferentes níveis de fatores que influenciam o processo de tradução é uma das principais contribuições de Christiane Nord para os Estudos da Tradução.

Frequentemente usada para explicar os diferentes aspectos que geram as escolhas tradutórias, seu modelo de análise pode ser abordado segundo níveis elencados pela autora, e que serão utilizados neste trabalho para comparação textual entre as traduções do livro *In Love With The World - What a Buddhist Monk Can Teach You About Living from Nearly Dying* (2019).

São eles: 1. “contexto”, 2. “skopos”, 3. “público-alvo”, 4. “papel do tradutor”, 5. “normas culturais”, 6. “normas linguísticas”, 7. “normas de gênero e texto”, 8. “finalidade do texto-fonte” e 9. “estratégias de tradução”. O modelo analítico de Christiane Nord é

⁵⁵ O que pode ser traduzido por “designer textual”.

explicado em sua aplicação: abordar cada nível e suas respectivas subcategorias, fornecendo exemplos relevantes que vão ilustrar como esses fatores afetam o processo de tradução. Nord enfatiza a abordagem funcionalista da tradução, com foco principal ao propósito comunicativo e à relevância do texto na cultura de chegada. Segundo a autora desenvolve em seu trabalho, abordando esses aspectos os tradutores são capazes de fazer escolhas tradutórias mais acertadas e informadas e produzir traduções adequadas. Antes de aplicar o modelo analítico ao trabalho de comparação textual entre as traduções, cabe uma breve explicação de cada um desses níveis:

3.3.2. Os Diferentes Níveis de Fatores

1. Contexto: O primeiro nível proposto para análise é o contexto, que abrange o contexto cultural, histórico, social e comunicativo em que a tradução se insere. Ao compreender esses elementos em modo sinérgico, o tradutor busca garantir que a mensagem seja adequadamente transmitida no novo contexto. A pesquisa do silêncio no caso específico do texto-fonte de Mingyur Rinpoche é obrigatória. O silêncio subjaz à superfície verbal de todo texto sagrado. Assim como na partitura o tempo das notas define o silêncio, o andamento define o silêncio, o ritmo do texto, o léxico e a sintaxe do que diz conduz ao silêncio encontrado no real experienciado pelo monge nos passos de sua peregrinação. Como traduzir o silêncio contextual é uma pseudo-abstração, já que cabe às tradutoras identificá-lo no contexto e transferi-lo via cotexto para as páginas do livro.
2. *Skopos*: Nord explica que a *Skopostheorie* é uma teoria geral da tradução desenvolvida em 1984 por Vermeer e Katharina Reiß (Vermeer 1978, 1983, 1986^a). “Objetivo”, “Proposta”, “Função” e “Intenção” são usados como parâmetros principais ao definir o escopo de um texto. Pretende, portanto, mostrar o propósito específico, o objetivo de uma tradução. Analisa se a tradução em questão se destina a informar, entreter, persuadir ou instruir. Quanto mais clareza o tradutor tiver sobre o escopo da tradução, melhores e consistentes suas escolhas durante o processo tradutório. O *briefing* do escopo

se dá, no caso da tradução para o português brasileiro, através dos *inputs* do grupo Tergar, de Yongey Mingyur Rinpoche. No caso da tradução para o português europeu, deveria ter sido dado pela editora, o que se verá, não aconteceu.

3. Público-alvo: O público a que se destina a tradução pode divergir significativamente, o que significa que o tradutor precisa reconhecer para qual público a tradução é destinada, para que os diferentes níveis de expectativa e conhecimento que se relaciona ao tema do que se traduz sejam alcançados segundo as necessidades do trabalho da tradução. Toma-se como exemplo um livro infantil. Quando se escreve um livro infantil existe a possibilidade de conceber o leitor como a criança, os pais da criança ou ambos. A atividade de ler para as crianças interfere tanto na criação do conteúdo quanto na sensibilidade tradutória daquele que deve traduzir o livro. Há um código primitivo e um código mais elaborado que podem e devem ser observados para se definir se a criança que acabou de ser alfabetizada tem ou não alcance para a leitura. Assim, o conteúdo depende sobremaneira da estratégia de arranjo do léxico, da sintaxe e da superfície do texto. A utilização de frases simples, diretas, subordinadas ou coordenadas já se refere a um público ou outro, já institui se o leitor será a criança ou o adulto (e daí entra a pressuposição da oralidade do “contador de histórias”) ao se tratar de um livro infantil.
4. Papel do tradutor: O tradutor é considerado como mediador entre texto-fonte e texto-alvo. Quem define o grau de fidelidade ao texto original são as estratégias utilizadas e o grau de fidelidade à cultura de chegada. O papel do tradutor seria o do lubrificante das relações, óleo ou graxa, que faz com que as engrenagens do processo funcionem sem arestas. Determina o grau de fidelidade ao texto original e as estratégias a serem usadas com foco no escopo definido. Walter Benjamin discute este papel ao responder sobre a validade de uma tradução para os que não a entendem:

“Isso explicaria de modo suficiente e convincente a diferença de grau e categoria que separa no domínio da Arte uma tradução e o texto original. Além disso, parece ser esta a única razão para se voltar a dizer

“a mesma coisa”. Que nos “diz” então uma poesia? Que comunica ela? Muito pouco àqueles que a compreendem. O essencial nela não é a comunicação, não é o depoimento. Aquelas traduções que escolhem para si o papel de intermediário, que em nome doutro transmite ou comunica, não conseguem transmitir senão a comunicação, ou seja, o inessencial. E esta é uma das características por que se reconhece uma má tradução⁵⁶.” (BENJAMIN, 2008 p.25)

Benjamin explica que o papel do tradutor é avaliado justamente pelo que não é essencial à comunicação, o que traz a percepção da importância do diferencial: compreendemos que o trabalho de textos sensíveis é substancialmente calcado na sensibilidade textual, naquilo que o texto evoca, mais do que aquilo que o texto diz.

5. Normas culturais: Ao transferir não somente palavras, mas valores culturais, o tradutor reafirma as diferenças entre culturas e línguas, garantindo que a mensagem seja a mais apropriada possível e compreensível para quem se dispuser a recebê-la na cultura de chegada, ou cultura-alvo. Percebe-se que o que precisa ser alcançado é o jogo de reconhecimento/estranhamento do leitor. O ocidental que lê um texto oriental deve reconhecer a diferença ao compreendê-la por meio do texto. Para falar ao leitor, o texto precisa de uma dimensão especular. Mas para o arrebate, precisa de uma dimensão extraordinária - no sentido etimológico da palavra, do que está além do comum, do conhecido, do ordinário.
6. Normas linguísticas: A busca por um texto fluente e natural no idioma de chegada deve ser um objetivo constante do tradutor. Afinal, cada língua tem especificidades ligadas às suas normas e convenções linguísticas que precisam ser observadas na translação e simultânea reconstrução do texto. A diferença entre normas culturais e normas linguísticas é muito significativa. A fluência textual não impede o jogo de reconhecimento/estranhamento do leitor proposto no tópico anterior. O primeiro item que “traduz” a relação especular

⁵⁶ Este excerto na tradução de Fernando Camacho, 2008.

(que vai trazer o reconhecimento ao leitor e vai fazê-lo “mergulhar” no texto) não é o conteúdo do texto, mas a forma como é escrito.

7. Normas de gênero e texto: Gêneros textuais se diferem segundo características específicas, como estilo, tom e estrutura. Essas características devem ser levadas em conta durante o processo tradutório. Dessa forma, a correspondência ao gênero textual apresentado no texto-fonte é adaptado para o contexto de chegada. No exemplo de texto-fonte que este trabalho analisa encontramos o gênero de divulgação. Por meio da narrativa da jornada filosófica-espiritual os preceitos budistas são revelados e apresentados como uma boa alternativa de alívio do caos ocidental contemporâneo.
8. Finalidade do texto-fonte: Qual é a finalidade do texto-fonte? É um texto informativo? Literário? Persuasivo? Instrutivo? Poético? Essa pergunta é importante para o tradutor determinar seu processo de trabalho e o que deve ser entregue ao final para o público-alvo. Com vistas na resposta encontrada, o tradutor pretende alcançar a mesma finalidade no texto traduzido. A compreensão do gênero textual se refere diretamente à questão da finalidade neste caso. Porque a divulgação dos preceitos budistas determinam as escolhas tradutivas. Ao traduzir cada um dos excertos teóricos encontrados originalmente em outras línguas nesta tese, o cuidado com o esclarecimento do léxico e sintaxe que leve à compreensão do que pretendemos defender é um exemplo da relação que se tem entre tradutor, finalidade do texto-fonte e estratégias tradutivas: porque neste caso a finalidade do tradutor faz diferença nas escolhas.
9. Estratégias de tradução: Observando os níveis acima elencados, o tradutor deve escolher as estratégias instrumentais mais apropriadas para alcançar os objetivos da mensagem, da prática da tradução. Afinal, como a autora grifa dando título a uma de suas obras mais importantes para os Estudos da Tradução, há “proposta”, “intencionalidade” em toda atividade tradutória. Na explicação acima, a finalidade do tradutor suplanta sutilmente a finalidade do texto, ainda que esteja em conformidade. Como uma hierarquia interna que se

apresenta mediante às escolhas possíveis. Em analogia, a “Hierarquia de Fidelidade” é o jogo das escolhas tradutivas; a “estratégia de tradução”, as regras deste tabuleiro.

3.3.3. O Gênero Textual

Da mesma forma que Antony Pym, que desenvolveu o capítulo extra traduzido para o português “Descritivismo - O background intelectual” (2010), Christiane Nord também perpassa a história da tradução de modo cronológico.

Comenta a autora que, antes de Cristo, os documentos comprovam que Cícero observa o erro de se traduzir palavra a palavra, e a necessidade de adaptação no texto que se deseja verter. Nord também lembra que muitos tradutores da Bíblia utilizaram como recurso o procedimento duplo de se verter palavra por palavra para somente então adaptar o que não parecia correto.

Conforme dito, nos estudos da tradução, Eugene A. Nida (1964) institui para os tradutores o conceito de “equivalência formal” (quando há reprodução fidedigna do texto-fonte) e “equivalência dinâmica” (quando denota equivalência em um efeito comunicativo extralinguístico). Ao se comparar duas traduções, Nida pergunta, assumindo ser esta uma abordagem sociolinguística: esta tradução é melhor para quem? Isso quer dizer para o autor, que é possível aferir sistemas de valores para tradução, pressuposição conceitual e observância de antecedentes históricos. Nord aponta que esses pontos são muito importantes como dados históricos para a compreensão dos estudos da tradução.

Segundo a autora, um modelo básico de abordagem da tradução que tem delineação no trabalho de Nida e Taber encontrou respaldo na teoria de sintaxe e gramática generativa (1957, 1965) apresentada por Noam Chomsky: Gramática, Sentido e Conotação (linguagem figurada).

Para Nord, a forma de análise em que “são analisados como núcleo linguístico ou estruturas quase-nucleares que podem ser transferidas para a língua-alvo e reestruturadas para formar elementos de superfície da língua-alvo” (p. 5) teve mais

influência no desenvolvimento da teoria da tradução do que a ideia de Nida da “equivalência dinâmica”. Há sinergia dessa noção com a visão apresentada no subcapítulo 3.4, “O Bardo, o Gap e o Vórtice de Significação”, que trata da atualização da concepção da trajetória proposta por Walter Benjamin no processo tradutório, observando a sugestão seminal de Paul Ellingworth de que um modelo bidimensional não daria conta de representar adequadamente um modelo de tradução, pois a realidade subjacente ficaria de fora da análise.

Voltando a Nord, a autora comenta que um dos objetivos do seu trabalho é clarificar a relação entre a tipologia textual de Katharina Reiß e a Skopostheorie de Vermeer. A “performance comunicativa integral” buscada pela pesquisadora Katharina Reiß em 1971 ao publicar que (em livre tradução deste pesquisador) “o objetivo da língua alvo (LA) é a equivalência no que se refere ao conteúdo conceitual, forma linguística e função comunicativa de um texto da língua-fonte”⁵⁷ (LF) (APUD 1977, tradução em 1989:112 – p. 9).

Entre as muitas definições de tradução, a autora Christiane Nord sublinha a de Catford (1965:20), instituindo que “a tradução pode ser definida como a troca de material textual de uma língua (LF) por seu material equivalente em outra língua (LA)”. E também sublinha a de Nida e Taber (1969:12): “traduzir consiste em reproduzir na língua do receptor (LA) o equivalente natural mais próximo da mensagem da língua fonte (LF)”. No entanto, observa que essa abordagem enxerga a tradução como troca de códigos, antes do princípio da “equivalência” começar a ser tomado como tópico importante nos estudos da tradução. Nord comenta a necessidade de assumir a diferença entre textos pragmáticos, como anúncios publicitários ou textos instrutivos, e textos literários - que apresentam procedimentos diferentes ou mesmo contraditórios na seleção de procedimentos para traduzi-los. Daí uma diferença encontrada, segundo a autora, nas escolas de treinamento de tradução, que enfatizaram uma abordagem funcionalista em detrimento da abordagem ligada à “equivalência”. Teoria e prática tradutória têm, portanto, lugares nem sempre coincidentes.

⁵⁷ “(...) in which the aim in the target language is equivalence as regards the conceptual content, linguistic form and communicative function of a source language text”. (tradução própria)

Em uma análise do gênero textual, conforme classificado anteriormente, o texto-fonte de Yongey Mingyur Rinpoche e Helen Tworckov faz parte de um gênero de divulgação que tem caráter filosófico-religioso. A narrativa mítica apresentada no livro flerta com gênero literário, segundo nossa análise pessoal, por ser este o apelo comercial da editora Bluebird Books for Life. A estratégia de tradução que mais se adequaria ao trabalho seria a busca pela “equivalência dinâmica” de Eugene A. Nida (1964), sinalizando no texto a equivalência por meio do efeito comunicativo extralinguístico - (novamente, quando o contexto cultural da cultura de chegada é observado). Nesta perspectiva, a estratégia de tradução de um texto religioso, e neste caso específico, de um “Texto Sensível Budista” é diferente da estratégia de tradução literária. Ainda que pareça a questão de que esse texto não deveria ser considerado puramente um “texto religioso”, por não ser como um texto do Velho Testamento, onde a diferença de tempo, espaço e contexto marcam a impossibilidade de metarrepresentação sensível, há elementos no texto que são de transmissão da filosofia budista, por isso, ganha status de Texto Sensível.

Desta forma, como se verá na análise das traduções, na análise das entrevistas das tradutoras e na análise das escolhas tradutórias, enquanto a tradutora portuguesa se ateve mais à superfície textual e à tentativa de buscar a carga estilística dos autores, o que fez com que a tradutora notasse certa “infantilidade” (conforme disse a tradutora na entrevista) no texto. Apesar de sua abordagem levar em conta os diferentes contextos, o aspecto de divulgação que o texto necessita, que condiz à uma estratégia de “equivalência dinâmica”, foi conseguido mais proximamente pela tradutora brasileira, que tinha envolvimento filosófico e religioso com o texto original e com o autor do texto, e sua abordagem textual foi, buscando “ouvir os ensinamentos do mestre” (como se pode constatar na entrevista).

3.3.4. Funcionalismo e Tradução Literária

A ação interveniente em favor da comunicação entre dois universos distintos pode ser especificamente um ato de tradução. Este é o cerne do que foi explicado por Nord.

Uma das formas é a chamada “*translational action*”, algo que pode ser traduzido como “ação translacional” - que representaria aquilo que permite que o movimento de um ponto a outro se dê, se faça. Neste caso a intenção fica a cargo do primeiro e do ponto de apoio, de quem se dispõe a ser mediador do processo. O contexto e o receptor são parâmetros a serem seguidos para que seja efetivado o melhor ato relativo a esta comunicação, segundo o que explica Nord, ainda que com outras palavras. Avaliação situacional e a relação com o tempo e o espaço também interferem no ato.

“*Bridge the gap*” é um termo utilizado pela autora para definir a intermediação no processo, e dada a importância da compreensão do papel que o define, explica-se a opção por “*Mind the Gap*” ser o título principal deste estudo. Sem a noção holística situacional do processo, levando em conta “contexto, proposta, abordagem e circunstância” - o que pode, inclusive, conter a situação, as características do receptor e do meio, a cultura de partida e chegada (ou cultura fonte CF e cultura alvo CA), a compreensão da língua fonte LF e língua alvo LA. Para traduzir, “*mind the gap*” - a ação do tradutor que observa seu escopo merece ser adequada para cumprir melhor sua função.

Sobre a teoria da ação, para Nord, “se generalizada para casos onde há dois ou mais agentes, a teoria da ação pode se tornar uma teoria da interação”⁵⁸. No entanto, nos processos comunicativos, somente se completa o processo quando alguém lê, ouve, escuta, registra, recebe etc. quando se tem a comunicação verbal e a não verbal como formas de se comunicar como pressuposto. Não há, portanto, outra teoria senão a da ação em interação no processo.

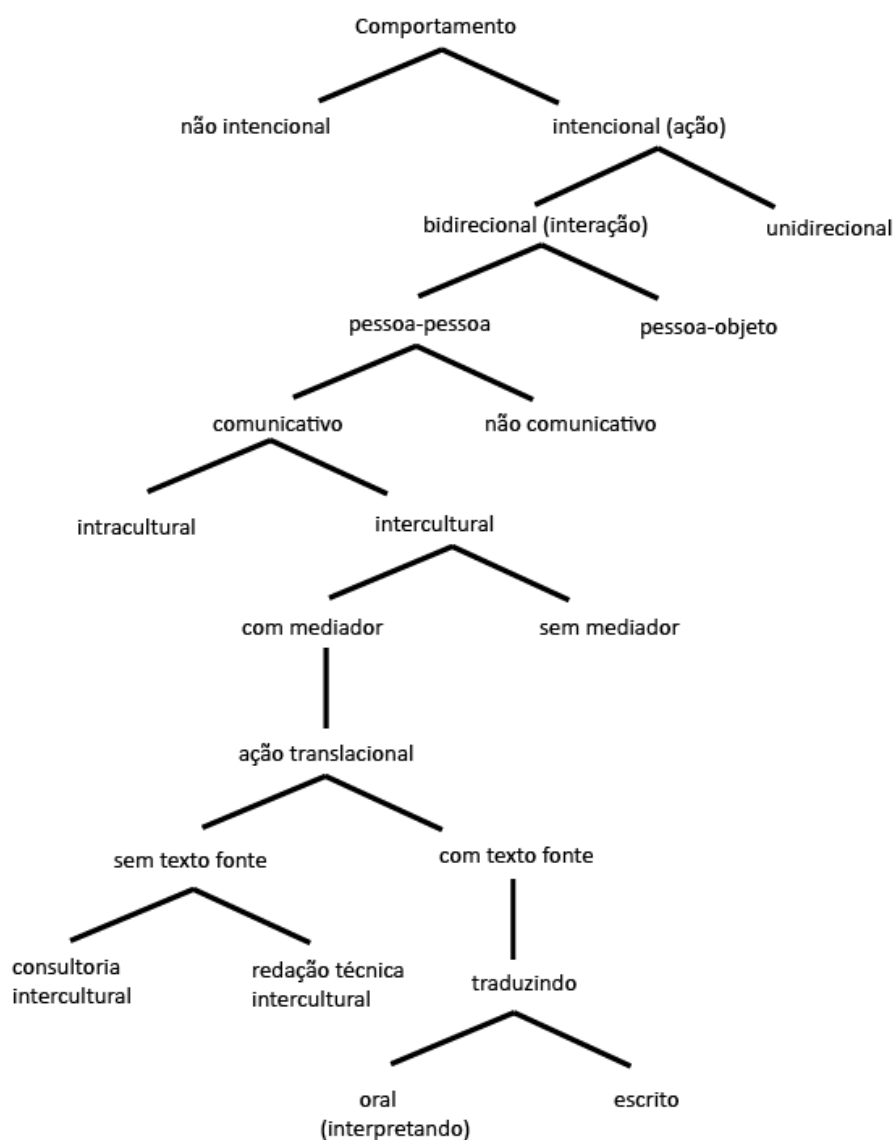
Talvez não seja sequer possível pensar em teoria da ação, se toda ação articulada ao processo comunicativo é, de fato, de interação. Não é toda situação de comunicação uma forma de interação?

Nord defende em “Tradução como uma forma de interação translacional” que “tradutores possibilitam que a comunicação em essência tome o lugar entre membros

⁵⁸ “If generalised to cases where are two or more agents, the theory of action can become a theory of interaction” (*Translating as a Purposeful Activity* p.16/17)

de diferentes comunidades culturais”⁵⁹. ‘Consultoria cultural’ (Ammann 1990, Löwe 1989:105ff) ou ‘técnica de cruzamento cultural’ (Ammann e Vermeer 1990:27) é citada pela autora para observar que há uma visão mais abrangente que ultrapassa a visão restrita do processo de verter textos. Observe abaixo a figura 6, (cf.Vermeer1989b:173)

Figura 7 - Tradução como forma de mediação intercultural (Comunicação)



Fonte: (NORD, 1997, p. 17)

⁵⁹ “Translators enable communication to take place between members of different culture communities.”(NORD, 2016, p. 17)

A autora pontua:

1. **Tradução como interação intencional** é assumir a escolha no ato de comunicar, de um lado ou outro. Para que a comunicação seja efetiva é necessário o pacto, um acordo entre os dois lados do processo.
2. **Tradução como interação interpessoal** é assumir papéis distintos no processo comunicativo. Desde a noção de que alguém inicia o processo, de que há intermediário ou intermediários até que chegue no alvo do processo. A autora elenca o papel de iniciador e o papel de comissário (ou representante - uma editora, por exemplo). Elenca o papel do tradutor, que apresenta funções. Aqui somo não apenas o que diz a autora, mas tento alinhar meus estudos ao que ela disse, no seguinte resumo:
 - Conhecer as distintas realidades culturais e a matéria linguística;
 - Analisar a viabilidade;
 - Observar os motivos, funções, destinos, prazos e outras especificidades relativas ao trabalho;
 - Performar o processamento dos textos, *traduzadaptando*, em ação de translação adaptativa, sempre que necessária.

Elenca também o papel de produtor do texto-fonte e de destinatário do texto-alvo. Até o papel de usuário deste texto-alvo.

Além disso, a autora se refere à tradução como ação comunicativa. Quando sinais, posturas, movimentos verbais ou não verbais podem ser caracterizados intencionalmente como comunicativos. Define Christiane Nord:

“Tradução é a produção de um texto-alvo funcional, mantendo-se uma relação com um determinado texto-fonte que é especificada de acordo com a função pretendida ou exigida do texto-alvo (skopos). A tradução permite que um ato comunicativo aconteça, o que de outra forma não seria possível devido às barreiras linguísticas e culturais.” (2016, p. 61)

3.3.5. Tradução como Ação Intercultural

A cultura é um sistema complexo que tem na linguagem uma parte intrínseca importante. Disso se valem os funcionalistas para caracterizar a tradução como ação intercultural, quando trata-se de Culturas Fonte e Culturas Alvo distintas no ato de traduzir. A autora não desmembra este tópico ou aprofunda nele. Mas é de fundamental importância para este trabalho. No capítulo 4, iniciaremos com a abordagem da definição de cultura.

Fatores que parecem simples podem trazer diferenças significativas. O fator geográfico é um exemplo. Portugal e Brasil falam as variantes de uma mesma língua, têm matrizes religiosas semelhantes, e há traços culturais muito próximos. Outro exemplo é a arquitetura colonial; também várias influências gastronômicas. Mas dentro do mesmo país, apenas o fator geográfico pode ser definitivo e trazer diferenças significativas, ainda que a poucos quilômetros de distância. Exemplifica-se com a recepção de um texto, ou a utilização oral de fonemas distintos, em uma mesma palavra em Porto ou em Lindoso, a cerca de 100 km de distância (em Lindoso, observa-se o “sotaque minhoto”); ou em Belo Horizonte e em João Monlevade, a pouco mais de 100 km de distância (em João Monlevade, diz-se que o sotaque é mais “abaianado”, em referência aos traços que carrega que se aproximam do sotaque baiano, da região nordeste do Brasil, ainda que a cidade seja mineira). O sotaque não define culturas diversas, mas é índice de variações importantes. Marcos Bagno (2016) ao resenhar a obra de Carlos Alberto Faraco comenta que o estruturalismo linguístico sofre uma variação exatamente quando os estudiosos descobrem que não se separa a língua de seus falantes - o que se traduz no surgimento da sociolinguística:

“(...) o que os obrigou [os estudiosos] à consideração dos fatores de ordem sociológica para o entendimento não só da variação como também de seu correlato, a mudança linguística. O novo paradigma abandonou a chamada “ficção de homogeneidade” postulada pelo estruturalismo clássico e gerativista e passou a operar com o conceito de heterogeneidade regulada. Além da sociolinguística, outras áreas de estudo da linguagem também contribuíram para o abandono da “língua em si” e para a consideração do universo social dos falantes: antropologia linguística, etnografia da comunicação, análise do discurso,

pragmática linguística, as diversas escolas reunidas sob o rótulo de funcionalismo⁶⁰. (BAGNO, 2016, p. 185 e 186)

Se não se pode separar o falante da língua, não se pode separar a tradução do falante - já que não se separa a tradução da língua (ainda que seja evidente que a abordagem funcionalista da sociolinguística seja diferente do funcionalismo para os Estudos da tradução: a primeira observa o estudo da linguagem no contexto social enquanto a segunda observa a função comunicativa da tradução - de algum modo se complementam).

3.3.6. Tradução como Ação de Processamento de Texto

Christiane Nord chama a atenção para a terminologia utilizada por Vermeer e Reiß em 1984 de destronização - o que quer dizer em português brasileiro “tirar do pedestal”. Ela defende o ato de “tirmos o texto do pedestal” e o reconhecer como apenas uma das várias fontes de informação a serem utilizadas pelo tradutor em uma abordagem funcionalista. Isso permite melhores critérios de avaliação para que os tradutores façam suas escolhas.

Objetivo, Proposta, Função e Intenção - são usados como parâmetros principais ao definir o escopo de um texto, segundo Vermeer, citado pela autora. “Destinatário”, “Tempo”, “Lugar”, “Ocasão”, e “Meio” são, explicitamente, o *briefing* - as informações necessárias para o tradutor.

3.3.7. Coerência Intratextual e Intertextual

Coerência Intratextual: A coerência intratextual se refere à coesão e consistência dentro do próprio texto de origem (texto-fonte ou TF) e do texto traduzido (texto-alvo ou TA). Isso significa que um texto deve manter a harmonia interna, de modo que as partes do texto estejam logicamente conectadas e se relacionem de maneira coesa.

⁶⁰ Encontrado em

<https://www.periodicos-capes.gov.br/ezi.periodicos.capes.gov.br/index.php/buscadador-primo.html>, acesso jan. 2024.

Para atingir a coerência intratextual, o tradutor deve considerar a estrutura e a organização do TF, garantindo que o TA mantenha a mesma estrutura lógica, coesão lexical e gramatical, bem como consistência na escolha de termos e estilos ao longo do texto

“A estruturação do texto é geralmente marcada por sua aparência externa. Aberturas de parágrafo, títulos e números de capítulos, asteriscos, disposição formal do texto na página, ilustrações, tabelas, iniciais, negritos e itálicos ou (na comunicação face-a-face) gestos e expressões faciais, que naturalmente podem servir também a outros propósitos, são chamados de elementos não verbais.

Os elementos mais importantes para transmitir a mensagem são os elementos verbais: léxico, sintaxe e as assim chamadas características suprasegmentais, que ditam o “tom” do texto e enfatizam ou destacam determinadas partes dele, relegando outras a um segundo plano. Todos esses elementos não só têm uma função informativa (ou seja, denotativa), mas também estilística (ou seja, conotativa).” (NORD, 2016. p. 145)

Coerência Intertextual: A coerência intertextual refere-se à consistência e à harmonia entre o texto traduzido (TA) e outros textos que possam influenciar ou interagir com ele. Essa coerência envolve a consideração de elementos contextuais e referências externas ao texto em tradução. Para atingir a coerência intertextual, o tradutor precisa levar em conta fatores como as convenções do gênero textual, a cultura do público-alvo e as expectativas do leitor em relação a determinado tipo de texto. É importante que o TA esteja em conformidade com as normas e convenções intertextuais relevantes, de modo a manter a harmonia com outros textos que possam estar em diálogo com ele.

Em resumo, a coerência intratextual se concentra na harmonia e coesão interna do próprio texto, enquanto a coerência intertextual se relaciona com a conformidade e a consistência do texto traduzido em relação a outros textos e contextos com os quais ele possa interagir.

Em suma, o livro *"Translating as a Purposeful Activity: Functionalist Approaches Explained"* de Christiane Nord, publicado em 1997, é uma obra fundamental na teoria da tradução e para esta pesquisa, porque destaca a abordagem funcionalista e seus

conceitos-chave que dão substrato para as análises das duas variantes do português, em sua tradução do texto original em inglês.

3.3.8. A Importância da Análise Textual de Nord para a Teoria da Tradução

Os Estudos da Tradução têm na teoria uma disciplina em constante evolução, enriquecida por diversas contribuições ao longo dos anos, conforme destacaram os trabalhos de Pym e Hermans. Muitos tradutores tiveram papel relevante no objetivo de pesquisar a análise textual. Alguns exemplos podem ser citados:

Juliane House (HOUSE, 2010, p. 245) em seu texto *“Overt and covert translation”* discute a tradução estabelecendo um conceito de “aberta” (ou explícita) e “fechada” (ou encoberta). Trabalhando os conceitos sob um viés pragmático, ou seja, examinando como o contexto influencia o significado linguístico, a autora estabelece que há traduções que são abertas, ou explícitas, - porque são identificáveis como uma tradução (e não como uma emulação de um texto original). Isso quer dizer que apresentam elementos estrangeiros ao que se pode observar no contexto-fonte. E estabelece que há traduções que são “fechadas” ou “encobertas”, por apresentarem o status de um texto original. Pragmaticamente não é marcada como uma tradução, ou seja, a tradução não evoca o contexto original, o que pode resultar em uma inclinação, por parte da tradução, à promoção de “enganos”.

Mona Baker ao investigar as “normas” observa o importante trabalho descritivo de Toury (1978, 1980a) ao propor um modelo tripartido no qual “normas” representam um nível intermediário entre “competência” e “performance”:

“A competência é o nível de descrição que permite ao teórico listar o inventário de opções disponíveis para os tradutores em um dado contexto. A performance diz respeito ao subconjunto de opções que os tradutores realmente selecionam. E as normas são um subconjunto adicional dessas opções: são as opções que os tradutores em um determinado contexto socio-histórico selecionam regularmente. O que Toury fez, então, foi adotar o dualismo comum na linguística convencional da época (competência e performance nos termos de Noam Chomsky, ou langue e parole nos termos de Ferdinand de Saussure) e introduzir um internível que lhe permite investigar o que é

típico, em vez de simplesmente o que é ou o que pode ser. Esse inter nível de normas permite ao analista dar sentido tanto aos dados brutos da performance quanto ao potencial idealizado da competência.⁶¹ (BAKER, 1998, p.190 e 191)

De fato, o trabalho de Toury que institui o DST - Estudos Descritivos da Tradução, se concentrou na observação e descrição das práticas tradutórias existentes: um trabalho de análises textuais.

Venuti (1995, 2001) com a discussão sobre a “invisibilidade do tradutor” e a instituição das ideias de “domesticação” e “estrangeirização” foi definitivo para a compreensão de análise textual - para ficar com alguns exemplos importantes. No entanto, para a análise funcionalista que objetiva este projeto, utilizando o conceito seminal de Katharina Reiß e Hans Vermeer (1984), objetivou-se sobretudo a utilização do modelo de análise de Christiane Nord, pela sua importante contribuição aos Estudos da Tradução.

Uma obra igualmente seminal que desempenhou um papel fundamental na revisão do que se considera teoria da tradução é "*Text Analysis in Translation*" de Christiane Nord, publicada originalmente em 1988 (em alemão) e revisada em 1991 (em inglês), a que utilizamos como base para os estudos desta pesquisa, dado ao enfoque no funcionalismo e na ênfase dos aspectos contextuais que acompanham textos fonte e suas traduções.

"*Text Analysis in Translation*" se destaca por sua ênfase na análise textual como ponto de partida para a prática da tradução. Christiane Nord argumenta que a tradução eficaz requer uma compreensão profunda do texto de origem (*source text*) e sua estrutura, além de considerações linguísticas, culturais e pragmáticas. Há relação intrínseca com a

⁶¹ *Competence is the level of description which allows the theorist to list the inventory of options that are available to translators in a given context. Performance concerns the subset of options that translators actually select in real life. And norms is a further subset of such options: they are the options that translators in a given sociohistorical context select on a regular basis. What Toury has done, then, is to take the dualism common in mainstream linguistics at the time (competence and performance in Noam Chomsky's terms, or langue and parole in Ferdinand de Saussure's terms) and introduce an interlevel which allows him to investigate what is typical rather than simply what is or what can be. This interlevel of norms enables the analyst to make sense of both the raw data of performance and the idealized potential of competence. (tradução própria)*

importância do contexto, portanto. Ela defende a análise textual como uma ferramenta crucial para tradutores.

“Os fatores da situação comunicativa (os quais, no sentido estrito da palavra, se referem ao lugar e ao tempo, e por vezes à motivação para a comunicação) não são, em sua grande parte, discutidos em detalhes, mas incluídos no conceito de “pressupostos situacionais”. Este conceito geralmente inclui não apenas as características da situação comunicativa do TF, mas também as características do contexto comunicativo do emissor e do receptor⁶²”.

3.3.9. A Noção de Unidades Textuais e Categorização

A autora Christiane Nord observa que os textos podem ser divididos em unidades textuais menores, como frases, parágrafos, ou até mesmo em partes maiores. Ela explora como a categorização dessas unidades textuais facilita a análise e a tradução, e argumenta que traduzir envolve a correspondência de unidades textuais entre o texto-fonte e o texto-alvo (*target text*). Este pensamento corrobora com o que Harald Weinrich (2007) afirma, ao dizer que as palavras não são entidades isoladas, que precisam ser compreendidas em relação ao seu uso na linguagem, quando cita⁶³ a noção de Wittgenstein de que não se traduz palavras, mas pacotes semânticos.

3.3.10. Direcionamento para o Público-Alvo

A “*skopostheorie*” também enfatiza a importância do público-alvo na tomada de decisões de tradução. A ideia seminal de Reiß e Vermeer (1984) de que a tarefa do tradutor não está na reprodução textual, mas na produção do mesmo efeito no receptor que o texto-fonte produziu no leitor original, é observada pela autora. Nord argumenta que o tradutor deve considerar as expectativas e necessidades do público-alvo ao adaptar o texto-fonte. Isso leva a uma abordagem centrada no receptor da tradução, seu contexto e o seu objetivo de comunicação. O que quer dizer uma tradução em função de seu destino, com um olhar específico e direcionado ao

⁶² citação da autora K. Reiß, op. cit., 1974a.

⁶³ Ver WEINRICH H., *Linguística da Mentira, Linguistik der Lüge*. Trad. Maria Aparecida Barbosa, Werner Heidermann. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2017.

público-alvo - o que se traduz em intencionalidade. Segundo a autora, “embora a importância do público seja comumente reconhecida na teoria da tradução, não há qualquer outro fator que seja tão frequentemente negligenciado na prática da tradução.” (NORD, 2016, p. 98) No artigo⁶⁴ sobre a tradução de “*The Road Not Taken*” (1920), de Robert Frost (1874-1963), o funcionalismo indicado pela “*skopostheorie*” foi utilizado no processo de escolha tradutiva. A primeira estrofe é mostrada aqui como exemplo, servindo de argumento à defesa da importância do direcionamento ao público-alvo - o público brasileiro, no caso. A estrofe original, segundo o texto-fonte é:

*Two roads diverged in a yellow wood,
And sorry I could not travel both
And be one traveler, long I stood
And looked down one as far as I could
To where it bent in the undergrowth;*

A tradução interpretativa do sentido relativo aos versos (com a explicação de seu sentido conotativo entre parênteses) foi:

Duas estradas divergiam em um bosque amarelo, (escolhas na maturidade)
E pesaroso eu não pude viajar pelas duas (perdas e ganhos)
E ser um só viajante, por muito tempo fiquei ali (medo da escolha)
Olhando para o chão de uma delas o quanto eu pude (análise da vida)
Para onde a vegetação rasteira se dobrou; (modelos sociais vigentes)

E a tradução com vistas à *skopostheorie* e seu sentido funcionalista para que a poética relativa ao tema (e à sua conotação) pudesse atingir o leitor sinesteticamente, enquanto observa a importância da superfície verbal do texto-fonte, aliada ao receituário fonético e rítmico impresso no original foi:

Rotas bifurcavam na amarela mata,
E pobre, *ai!*, não pude com ambas

⁶⁴ Ensaio publicado na revista eletrônica Qorpus nº 19 link:
<http://qorpus.paginas.ufsc.br/como-e/edicao-n-19/traducao-comentada-do-poema-the-road-not-taken-1920-de-robert-frost-be-santanna/>

E ser um andarilho, tempo desata
E olhei o chão, sim, mais não falta
Vi onde dobravam as rasteiras ramas;

O tetrâmetro de quatro pés (ou quatro sílabas tônicas) original foi preservado, oscilando tônicas e não-tônicas, respeitando os anapestos (as duas sílabas precedendo a tônica no segundo, quinto e sexto versos, além da rima do primeiro, terceiro e sexto versos, e do segundo e quarto. A opção de trocar “divergiam” (da tradução interpretativa por “bifurcavam” se fundamenta na noção de forca e garfo - para etimologicamente se sustentar na noção de um, entre dois caminhos. A interjeição “ai!” faz paralelo (par fonético) com o sujeito “I” do inglês. Como se observa, a tentativa de produção do efeito do original no público-alvo, respeitando características imprescindíveis do cotexto-fonte é coerente com o “direcionamento” explicado por Christiane Nord na escolha da melhor estratégia tradutiva.

3.3.11. Normas Culturais e Pragmáticas

Christiane Nord considera a importância das normas culturais e pragmáticas na tradução, enfatizando como os elementos culturais e pragmáticos podem variar entre diferentes línguas e culturas. Para a autora, os tradutores devem estar cientes dessas diferenças ao realizar escolhas de tradução. As tradutoras do livro do monge peregrino, traduzindo para países de matrizes religiosas católicas, precisam estar atentas ao viés de olhar habituado do público, afinal, o livro não é traduzido somente para praticantes do budismo tibetano. A funcionalidade pode ser responsável por uma segmentação restrita ou mesmo a ampliação do público a que se destina um livro, como o que esta pesquisa analisa. Para Nord,

“(...) um autor não só seleciona os elementos particulares do código que será utilizado no texto como também corta ou omite todos os detalhes que podem, “supostamente”, ser conhecidos pelo receptor, ao mesmo tempo em que sublinha outros (ou mesmo apresenta-os com informações adicionais) de forma a não esperar demais (nem muito pouco) do público leitor.” (NORD, 2016, p. 101)

Normas culturais e pragmáticas se referem sobretudo às noções semânticas, linguísticas e de “equivalência formal” focadas nos efeitos textuais que o texto vai produzir nos público-alvo do texto original e no público-alvo da tradução. As normas pragmáticas observam as convenções e expectativas que se relacionam ao uso da linguagem em situações comunicativas específicas. Nord assim as resumiu em seu paper destinado à abordagem funcional e às consequências para o domínio do ensino tradutório:

a) Até onde a pragmática é concebida, um texto-alvo equivalente deve ter a mesma função ou efeito comunicativo que o texto-fonte, sendo dirigido ao 'mesmo' grupo de destinatários.

b) No que diz respeito à dimensão linguística, um texto-alvo equivalente tem de imitar ou “espelhar” as características estilísticas do texto-fonte.

c) No que diz respeito à dimensão semântica, um texto-alvo equivalente deve transmitir o mesmo “sentido” ou “mensagem” que o texto-fonte.⁶⁵

Em vez da “equivalência dinâmica” e “equivalência formal” proposto por Nida, Nord sugere que a “equivalência funcional”⁶⁶ seja observada pelo tradutor. O princípio da equivalência enquadrado em sua funcionalidade, nos objetivos para os quais o texto está sendo traduzido.

3.3.12. Abordagem Holística

⁶⁵ a) *As far as pragmatics are concerned, an equivalent target text has to have the same function or communicative effect as the source text, being addressed to the 'same' group of recipients.*

b) *With respect to the linguistic dimension, an equivalent target text has to imitate or 'mirror' the stylistic features of the source text.*

c) *As regards the semantic dimension, an equivalent target text has to convey the same 'meaning' or 'message' as the source text.* presente em *TRANSLATION AS A PROCESS OF LINGUISTIC AND CULTURAL ADAPTATION The functional approach and its consequences for translation teaching* Christiane Nord publ. in Cay Dollerup/Annette Lindegaard (ds) *Teaching Translation and Interpreting 2*, Amsterdam/Philadelphia: Benjamins 1994, 59-67.

⁶⁶ Nos parece mais uma “estratégia de marketing” do que efetivamente uma mudança de paradigma tradutório. No campo da comunicação social é comum que teóricos do marketing encontrem nomenclaturas estratégicas propostas para as mesmas atividades já executadas como forma de atrair olhares sobre seus trabalhos. Para mudanças de paradigma nos Estudos da Tradução, observa-se que mudanças no conteúdo são mais impactantes e disruptivas que as mudanças na forma.

A abordagem de Nord à tradução é holística, incorporando múltiplos aspectos, desde aspectos linguísticos até considerações contextuais e culturais. Ela argumenta que a tradução não pode ser reduzida apenas a correspondências linguísticas, mas deve ser vista como um ato comunicativo completo.

Nord cria um modelo de análise que tem pontos específicos e definidos. Ela institui que os fatores externos ao texto e os fatores internos do texto elencados são capazes de abarcar todo o processo tradutório. Nos fatores externos ela elenca: “emissor”, “intenção”, “receptor”, “meio”, “lugar”, “tempo”, “propósito” (motivo) e “função textual”; nos fatores internos ela elenca: “tema”, “conteúdo”, “pressuposições”, “estruturação”, “elementos não-verbais”, “léxico”, “sintaxe”, “elementos supra-segmentais” e “efeito do texto”; todos como fatores responsáveis por dar conta holisticamente da análise textual.

Sendo a tradução um ato de comunicação, conforme defende a autora, estes pontos dariam conta de abarcar a multiplicidade exigida para a compreensão textual?

Soma-se à visão de Campos sobre a “criação paralela” (CAMPOS, 1976) da tradução (fundamentada em Albrecht Fabri e Max Bense), (1) a visão de Paulo Rónai que salienta em sua Escola de Tradutores que “tradução é arte” (CAMPOS, 1976, p.24); e (2) a visão poética de Meschonnic, de preservar o caráter seminal da tradução, que molda os critérios de abordagem contextual, transpondo os elementos extratextuais e reinventando a ação tradutiva:

“(...) no caso do que eu chamo "transcrição", a apropriação da historicidade do texto-fonte pensada como construção de uma tradição viva é um ato até certo ponto usurpatório, que se rege pelas necessidades do presente de criação. Nesse sentido, parecem-me fecundas algumas colocações de Henri Meschonnic ("Propositions pour une poétique de la traduction", Pour la poétique II. 1973): A tradução, sendo instalação de uma relação nova, não pode ser senão modernidade, neologia"; ou ainda: "A poética da tradução historiciza as contradições do traduzir entre a língua de partida e a língua de chegada, entre época e época, entre cultura e cultura, relação subjectal e reprodução" Donde, a meu ver, no limite, os critérios intratextuais que enformam o "modus operandi" da tradução poética poderem ditar as regras de transformação que presidem à transposição dos elementos extratextuais do original "rasurado" no novo texto que o usurpa e que

*assim, por desconstrução e reconstrução da história, traduz a tradição, reinventando-a.*⁶⁷ (CAMPOS, 1984, p. 240/201)

Essa visão plural que concorda com a dimensão artístico-criativa da tradução será importante para se somar aos questionamentos que serão feitos sobre o modelo de análise funcionalista de Christiane Nord a partir do capítulo 6, “Critérios holísticos de análise das traduções”, onde verificaremos a validade do que foi analisado.

3.3.13. A Importância do Contexto

Nord se concentra na perspectiva de que a tradução é uma atividade com um propósito específico. A função da tradução é fundamental para determinar como um texto deve ser traduzido e como as escolhas tradutórias são guiadas por esse propósito.

Nord aborda os fatores situacionais, basicamente o emissor, sua intenção, o receptor e a função do texto, levados em conta pelos autores dos textos a serem traduzidos. Comenta que os fatores situacionais foram tratados com detalhes por pesquisadores⁶⁸ como Reiß, que abordou as funções textuais, Koller, que abordou a pragmática, Wills, que enfoca o papel social e a relação entre emissor e receptor e Thiel, que trata das referências pessoais do receptor. Um ponto importante a ser ressaltado aqui é o da recursividade, que ela assim apresenta:

“O princípio mais importante, porém, é o da recursividade. Esse tipo de análise não é um processo de via única, mas contém números quaisquer de círculos recursivos, em que as expectativas são confirmadas ou rejeitadas e em que o conhecimento é adquirido e aumentado e a compreensão, constantemente modificada. Isso se aplica não só para a análise textual global e para os fatores individuais do texto, mas também para o processamento de unidades textuais menores, como capítulos ou mesmo parágrafos, desde que a análise e a tradução de

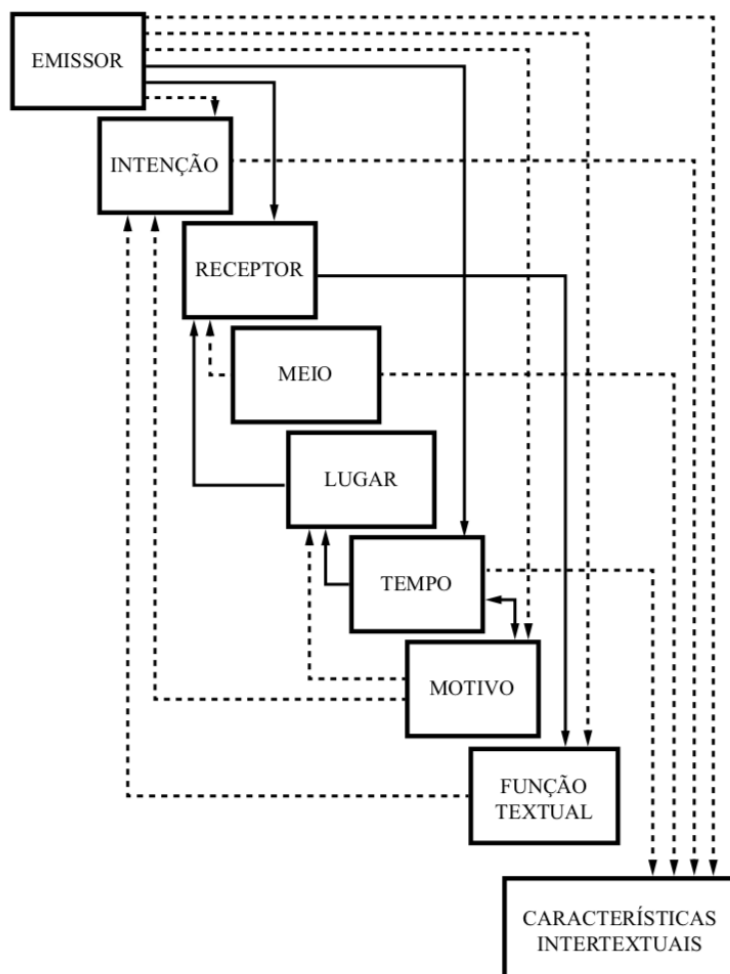
⁶⁷ Este trabalho originalmente fez parte de um livro em preparo, Poética da tradução. Foi objeto de exposição em seminários na PUC-RJ. Dept.º de Letras, agosto de 1983, e na Sociedade Brasileira de Psicanálise de S. Paulo, setembro de 1983 (Depto Cultural). Foi publicado em 1984 com o título Tradução, ideologia e história. Remate de Males, 4, 239-247

⁶⁸ Na página 77 de seu livro Análise Textual, refere-se a cada um dos teóricos seguintes com a bibliografia sugerida de cada noção referente.

microestruturas levem a novas descobertas que demandem que decisões anteriores de transferência sejam corrigidas.” (NORD, 2016, p. 138)

É uma análise que se liga principalmente ao ensino da tradução, visto que busca de modo descritivo destrinchar um processo extratextual que, em alguma medida, é compreendido organicamente no fazer tradutório. Academicamente parece ter mais sentido do que empiricamente, ou seja, a abordagem que pensa a interdependência dos fatores extratextuais se vale da recursividade para validação teórica. A aplicabilidade é mais acadêmica e fica restrita à discussão sobre os Estudos da Tradução - a autora cita um exemplo que explica analiticamente através do diagrama abaixo, que aqui é colocado apenas como ilustração do que a autora quer mostrar: um processo pelo qual a análise tradutória é feita para que intratextualmente seja possível uma melhor compreensão dos objetivos do texto e sua função.

Figura 8 - Diagrama Analítico de Nord



Fonte: (NORD, 2016, p.139)

No entanto, como se pode supor, meio, lugar, tempo, motivo, intenção, são fatores que orbitam o autor, o texto, o tradutor e a tradução, e são colocados aqui em uma perspectiva mais didático-acadêmica e em alguma medida “descolada” da realidade. Porque há interdependência e fusão dos fatores que se somam e se misturam, não necessariamente na ordem aplicável que pretende o diagrama. Por este motivo, o diagrama proposto por Yves Gambier nos parece mais empírico e factível do que o modelo acadêmico apresentado por Nord.

Nord enfatiza que o contexto é crucial na tomada de decisões de tradução. Isso inclui não apenas o contexto cultural, mas também o contexto de comunicação, o

público-alvo e a finalidade da tradução. Por exemplo, a tradução de um artigo acadêmico terá uma abordagem diferente da tradução de uma peça publicitária. Há uma relação direta do contexto com as estratégias de tradução, que Nord sugere sua melhor forma de abordagem em um procedimento em 5 níveis chamado “*top down*”, ou seja, de uma abordagem situacional ampla, que aborda a função textual e a situação do público alvo, passando por uma análise que leva ou a adaptação às normas da cultura alvo e convenções respectivas, ou à reprodução da cultura fonte usada no texto-fonte. A partir daí, o foco linguístico dentro do específico contexto, pensando no tipo de texto, registro, estilo etc. E, ainda segundo ela, se também houver escolhas a serem feitas, pode o tradutor escolher segundo suas preferências estilísticas individuais⁶⁹.

O procedimento “*Top-Down*” de Nord deve seguir este caminho estratégico⁷⁰ com sentido definido:

1. “Função Textual Segundo A Situação Do Público-Alvo”
2. “Normas Culturais E Convenções”
3. “Estruturas Linguísticas Dentro Do Registro De Chegada”
4. “Contexto”
5. “Preferência Pessoal Do Tradutor”



A autora discute a “equivalência funcional” como um conceito-chave na abordagem funcionalista. Em vez de buscar uma correspondência literal entre as palavras, Nord argumenta que os tradutores devem buscar uma equivalência funcional, garantindo que o texto de destino desempenhe a mesma função que o texto de origem. Isso pode

⁶⁹ This means: In a first step, a particular translation problem (for instance, a play on words) is analysed with regard to its function in the text and in the target situation (1). The analysis leads to a decision whether the translation has to be adapted to target-culture norms and conventions or whether it should reproduce source-culture conventions used in the source text (2). This decision sets limits to the range of linguistic means to be used (3), from which the translator chooses the ones which fit into the specific context, such as text-type, register, style, etc.(4). If there is still a choice between various means, the translator may decide according to individual stylistic preferences (5). (1994: p.7 ou 65)

⁷⁰ Figura traduzida extraída do paper *TRANSLATION AS A PROCESS OF LINGUISTIC AND CULTURAL ADAPTATION The functional approach and its consequences for translation teaching* Christiane Nord publ. in Cay Dollerup/Annette Lindegaard (ds) *Teaching Translation and Interpreting* 2, Amsterdam/Philadelphia: Benjamins 1994, 59-67. (p.7 ou 65)

envolver a recriação de conceitos em uma língua de destino ou a adaptação de referências culturais. É um princípio que se baseia em “lealdade”:

“O princípio da ‘lealdade’, que introduzi na abordagem funcional (Nord 1991, 1992), estabelece limites à variedade de skopos tradutórios possíveis, obrigando o tradutor a considerar a(s) intenção(ões) comunicativa(s) do autor e as expectativas dos leitores em relação a ele. Um texto marcado como ‘tradução’.”⁷¹

Para compreendermos o contexto indo além do conceito de Christiane Nord, que aponta que o meio estabelece o limite da atividade tradutória, e o tempo e o espaço caracterizam-na, busca-se um estudo mais aprofundado e específico sobre o contexto. Yves Gambier cita Derrida:

“Derrida na década de 1960, tanto criticando Husserl e a fenomenologia, como traduzindo Heidegger: a desconstrução é antes de tudo uma análise crítica da construção de significado dos textos. De acordo com uma expressão frequentemente citada, “il n’ y a pas de hors texte”: um texto é antes de tudo um textus, uma teia de realidades históricas, sociais, institucionais e políticas. Um texto é um texto-contexto; não há nada antes, de fora; acolhe o real e todo tipo de referências. Um texto deve ser lido, compreendido em sua própria textura, e não convocando elementos externos e um sentido transcendental.”⁷² (GAMBIER, 2021)

Para Yves Gambier, não se separa o texto do contexto. A tessitura da realidade, do tempo e do espaço, da consciência social que o define, múltiplos fatores fazem com que a linguística não dê conta exclusivamente da representação da mensagem. “Na linguística, o contexto é uma noção central sem a sua própria teoria unificada e

⁷¹ The principle of loyalty, which I have introduced into the functional approach (Nord 1991, 1992), sets limits to the variety of possible translation skopos, obliging the translator to consider the author's communicative intention(s) and the readers' expectations towards a text marked as a 'translation'. também presente em presente em TRANSLATION AS A PROCESS OF LINGUISTIC AND CULTURAL ADAPTATION The functional approach and its consequences for translation teaching Christiane Nord publ. in Cay Dollerup/Annette Lindegaard (ds) Teaching Translation and Interpreting 2, Amsterdam/Philadelphia: Benjamins 1994, 59-67.

⁷² Derrida in the 1960s, both criticizing Husserl and the phenomenology, and translating Heidegger: deconstruction is first a critical analysis of the meaning-making of texts. According to an often-cited expression, “il n’ y a pas de hors texte”: a text is first of all a textus, a web of historical, social, institutional, political realities. A text is a text-context; there is nothing before, out there; it welcomes the real and all kinds of references. A text is to be read, understood in its own texture, and not by calling elements from outside and a transcendental meaning.

sistemática” (p. 6 a 18). Em seu artigo “Contexto, Contextualização e Texto Multimodal” (2021), ele mostra que há oposição entre a tradição lógico-gramatical, centrada nos signos, e a retórico-hermenêutica, centrada no texto, que coloca o real como pano de fundo da investigação. Para os médicos indianos do século VII, a escola de Prabhakara propunha que as palavras somente têm significado numa expressão contextualizada. Segundo ele, esta teoria revela que esta é a forma das crianças aprenderem a se comunicar de maneira significativa: somente em contexto. Ele também cita outro exemplo, que a escola Kumarila acredita que o significado das palavras já foi dado - uma frase pode modificar o significado, mas não o determina.

Este conceito apresentado por Gambier mostra que existem teorias que indicam que o sentido ultrapassa a linguística.

Para Gambier:

“É relevante aqui recordar o sentido de textus em latim: literalmente o que é tecido, e mais tarde a palavra de Deus (no século IX, textus significa o Evangelho), em oposição a gloss (a partir do século XIII), textus também significando ao mesmo tempo um conjunto de sinais escritos. Na Idade Média, o textus (como o têxtil, o tissu em francês) é feito de uma urdidura de palavras escritas e de uma trama vocal ligada na leitura em voz alta – ler é colocar a voz à disposição da forma escrita, dar a voz ao poder do que está escrito (a leitura na Grécia Antiga e em Roma às vezes era feita por escravos). O “eu” do tema do texto é diferente do “eu” do leitor que está em sintonia com o texto. Nessa perspectiva, um texto nunca é estático: é uma relação entre uma forma escrita e uma voz ouvida por um público, entre um escriba e um leitor.”⁷³ (2021, p. 7)

Os Estudos da Tradução, segundo Gambier, abordaram o contexto de modo mais ou menos superficial. Ele cita Deleuze e Guattari (1987): “tanto o texto quanto o contexto

⁷³ *It is relevant here to recall the sense of textus in Latin: literally what is woven, and later the word of God (in the 9th century, textus means the Gospel), as opposed to gloss (from the 13th century onwards), textus also meaning at the same time a set of written signs. In the Middle Age, textus (like textile, tissu in French)¹ is made of a warp of written words and a vocal weft² connected when reading aloud – reading is to put your voice at the disposal of the written form, to give your voice to the power of what is written (reading in Ancient Greece and Roma was sometimes done by slaves). The “I” of the topic of the text is different from the “I” of the reader who is at one with the text.³ In this perspective, a text is never static: it is a relationship between a written form and a voice listened to by an audience, between a scribe and a reader. (GAMBIER, 2021, pág. 7)*

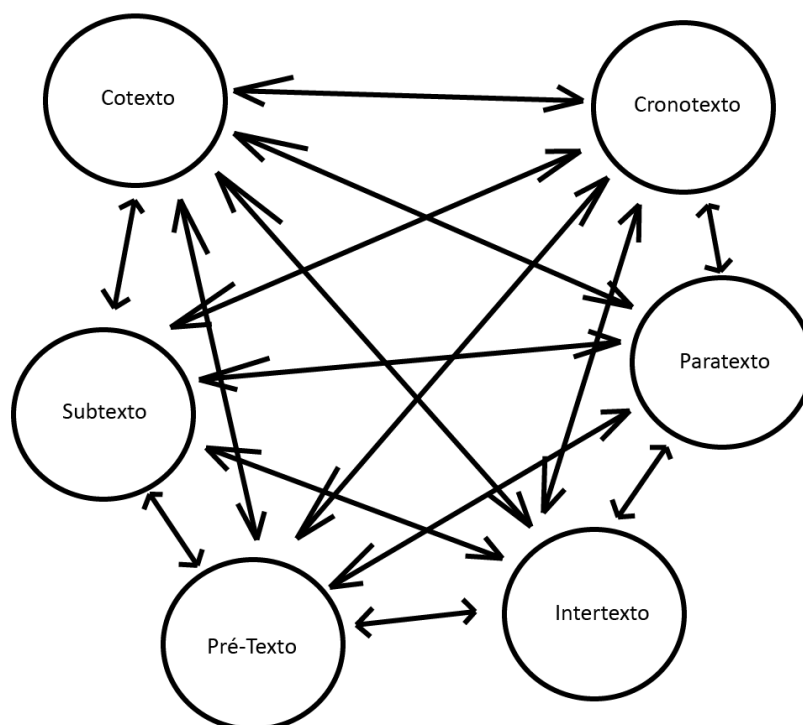
estão entrelaçados rizomaticamente, ou seja, entrelaçados não em conexões verticais ou lineares, mas em conexões não hierárquicas, múltiplas e híbridas.”

Além disso, Gambier traz a teoria da relevância para esta análise contextual:

“Aplicada à tradução, a teoria da relevância sugere quatro contextos possíveis: o conjunto de pressupostos do autor, do tradutor como leitor, do tradutor como escritor e do leitor do texto-alvo. Através destes filtros, existe sempre o risco de desencontros contextuais (sobre o conhecimento da área de referência, sobre a competência linguística, sobre a sensibilidade ou a falta de valorização do estilo, etc.)” (IDEM, 2021, p. 7)

Este conceito soma-se na imbricada noção de multiplicidade contextual cerzida ao texto de tal forma, que existe a possibilidade de se questionar onde um começa, onde o outro termina. Para ele, o entendimento binário do mundo não se sustenta neste panorama. Características textuais e fenômenos extra textuais não se opõem, portanto. Ele afirma que o rizoma é a melhor figura para representar a múltipla e dinâmica conexão entre textos. Assim, Gambier propõe este modelo:

Figura 9 - Texto-teia, proposto por Gambier



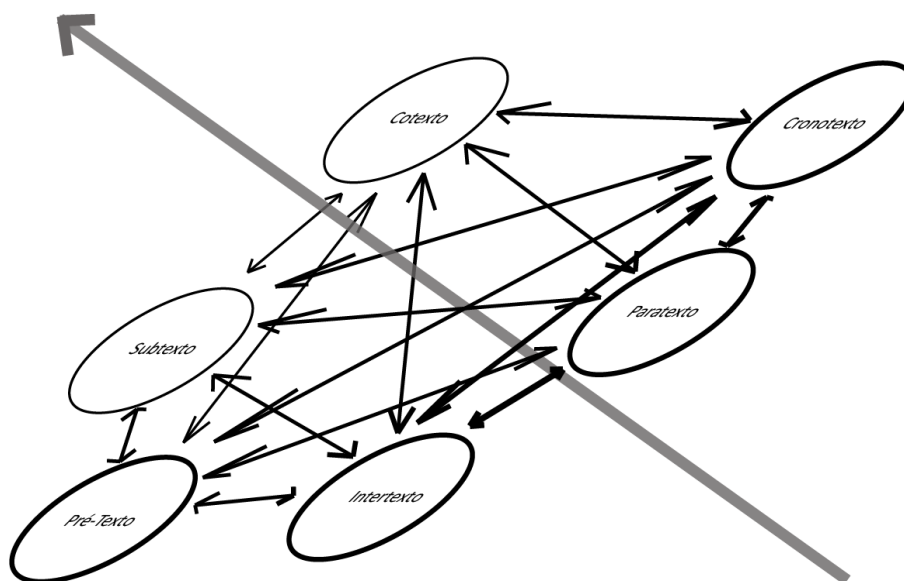
Fonte: (GAMBIER, 2021, p. 8)

O texto-teia, urdido da forma como Gambier propõe, evoca a tridimensionalidade intuída por Paul Ellingworth, na noção de fatores planetários que se interconectam, e tem na trajetória proposta por Walter Benjamin seu centro gravitacional, seu ponto de contato e inter-relação. Os fatores⁷⁴ apresentados por Gambier, são o “pré-texto” (a motivação), o “subtexto” (os pressupostos), o “intertexto” (os traços que carrega), o “cronotexto” (suas versões anteriores), o “cotexto” (as referências intratextuais) e o “paratexto” (qualquer tipo de texto que explique ou apoie o texto: “peritextos” - presentes no livro ou “epitextos” - fora do livro).

A leitura que se faz do modelo proposto por Yves Gambier soma argumentos ao modelo do vórtice de significação. Em analogia, compreende-se que a teia textual e contextual movimenta-se como os elétrons de um átomo, com a força gravitacional de planetas em órbita, evidenciando a similaridade do pensamento de que a construção da linguagem pudesse ser representada igualmente ao processo de significação semântica e ao processo de tradução: seguindo as leis naturais, que regem o cosmos.

⁷⁴ Fatores explicados em Gambier, Y. (2021). *Context, contextualisation and (multimodal) text. Studies about Languages / Kalby studijos*, 39, 5–18. <http://doi.org/10.5755/j01.sal.1.39.28965>

Figura 10 - Aplicação do Vórtice de Significação ao Texto-teia de Gambier



Fonte: Elaboração própria

3.3.14. Funcionalismo e “Lealdade”, e Textos Sensíveis

Christiane Nord (2016), no artigo *“Function + Loyalty: Theology Meets Skopos”* (em livre tradução: “Função + Lealdade: a Teologia encontra a Skopos”) trata especificamente da tradução de textos bíblicos, analisando 17 versões da Bíblia presentes no site www.biblegateway.com.

A autora apresenta a constante dicotomia presente na tradução bíblica apontada nos exemplos analisados por ela, que se refere à literalidade versus a liberdade tradutiva.

Segundo Nord (tradução própria):

“De Cícero, que distinguiu entre traduzir “ut interpretes” (como um tradutor) ou “ut orator” (como um orador)⁷⁵, e de São Jerônimo (verbum e verbo / sensum de sensu)⁷⁶, até Schleiermacher (levando o leitor ao

⁷⁵ Cícero, De optimo genere oratorum

⁷⁶ Jerome, Liber de optimo genere interpretandi

texto/levando o texto ao leitor) e de Nida (equivalência formal vs. dinâmica, ver acima), a Venuti (estrangeirizar/domesticar a tradução)⁷⁷, e muitos outros, tradutores de todos os séculos se confrontaram com este “eterno dilema”. Normalmente, dão preferência a uma das duas estratégias básicas, por vezes até declarando ser uma “tradução propriamente dita”, em comparação com a outra (e.g. Schleiermacher). A abordagem funcional tenta resolver esse problema.”⁷⁸ (NORD: 2016, pág. 559)

Note-se que a autora defende o funcionalismo como a estratégia possível para lidar com a questão dicotômica que impera na tradução de um texto sensível, neste caso, trata do texto bíblico. Ela não diz, mas acreditamos que a metarrepresentação sensível é o que possibilita a “liberdade” tradutiva em determinadas escolhas quando a literalidade linguística não alcança a funcionalidade necessária ao texto.

Segundo Nord, “o tradutor é um especialista em comunicação intercultural, que realiza uma atividade comunicativa dirigida a um determinado propósito comunicativo ou a vários propósitos”⁷⁹ (NORD: 2016, pág. 569).

A autora destaca a importância de que, há algum tempo, ela deixou de usar a terminologia “função textual” atualizando-a para “funções comunicativas textuais”. Ela mostra que a *Skopostheorie* de Vermeer se refere à proposta da comunicação na ação tradutória, o que encontra afinidade com suas perspectivas sobre o funcionalismo, i.e. afirmando, mais uma vez, que a ação tradutiva é uma ação de comunicação. O que confirma Steiner (1929)⁸⁰. Para a autora, poderíamos chegar à conclusão de que “um texto são tantos textos quantos são os seus receptores.” (NORD: 2016, p. 569)

⁷⁷ Venuti, *The Translator's Invisibility*

⁷⁸ No original “From Cicero, who made a distinction between translating “*ut interpretes*” (like a translator) or “*ut orator*” (like an orator), and St. Jerome (*verbum e verbo* / *sensum de sensu*), to Schleiermacher (taking the reader to the text / taking the text to the reader) and Nida (formal vs. dynamic equivalence, see above), Venuti (foreignising / domesticating translation) and many others, translators of all centuries found themselves confronted with this “eternal dilemma.” Usually, they give preference to one of the two basic strategies, sometimes even declaring it to be “translation proper” as compared to the other one (e.g. Schleiermacher). The functional approach tries to resolve this problem.” Nord, C. (2016). *Function + Loyalty: Theology Meets Skopos*. *Open Theology*, 2(1). <https://doi.org/10.1515/opth-2016-0045> - acesso em dezembro de 2023.

⁷⁹ No original, em tradução própria, “The translator is an expert of intercultural communication carrying out a communicative activity directed at a particular communicative purpose or various purposes.”

⁸⁰ citado no sub-subcapítulo 2.3.1 ao tratarmos sobre linguística.

A definição que faz de “lealdade” é importante, neste contexto:

“Os tradutores são especialistas em comunicação e são responsabilizados se a comunicação não funcionar adequadamente. Essa responsabilidade é o que eu chamo de “lealdade”. Em seu papel como mediadores entre membros de duas culturas, eles devem ser leais a todos os seus parceiros na interação intercultural. A lealdade é uma relação interpessoal construída na confiança mútua, um princípio orientador entre parceiros que precisam confiar na competência, imparcialidade e boa vontade um do outro. Não se trata da velha “fidelidade” ou “fé” com roupagem nova, que se referia a semelhanças linguísticas ou estilísticas formais entre os dois textos, mas sim de uma relação de confiança entre pessoas que ajudará a fortalecer a imagem do tradutor como um parceiro responsável.”⁸¹ (NORD, 2016, p. 571)

Assim, no exercício da metarrepresentação sensível, deve-se, em primeiro lugar, estabelecer a “função comunicativa textual” que baliza pela “lealdade” a busca pelo cotexto. Entre o “texto do receptor” (conforme Nord 2016) e a metarrepresentação de um contexto impossível (visto que o tempo, o espaço e a forma de pensar de centenas de anos divergem-se), existe o cotexto do tradutor que dispõe a urdidura necessária à comunicação.

Nord defende que:

“O princípio da lealdade, que deve andar de mãos dadas com o princípio da funcionalidade, é portanto um complemento importante para a teoria do Skopos. Isso obriga o tradutor a respeitar as intenções comunicativas do remetente, na medida em que podem ser deduzidas, o que transforma o funcionalismo em um modelo antiuniversalista que leva em consideração diferentes concepções culturalmente específicas de tradução. A obrigação de ser leal aos parceiros de cooperação pode induzir os tradutores a revelar seus propósitos de tradução e justificar suas decisões, por exemplo, em um prefácio, ou até mesmo levá-los a

⁸¹ “Translators are experts in communication, and they are held responsible if communication does not work properly. This responsibility is what I call “loyalty.” In their role as mediators between members of two cultures, they should be loyal towards all their partners in the intercultural interaction. Loyalty is an interpersonal relationship built on mutual trust, a guiding principle between partners who have to rely on each other’s competence, fairness and good will. It is not the old “fidelity” or “faithfulness” in new clothes, which referred to formal linguistic or stylistic similarities between the two texts, but a trusting relationship between persons that will help to strengthen the translator’s image as a responsible partner.” (tradução própria)

recusar aceitar uma tarefa de tradução específica.⁸² (NORD, 2016, p. 571)

Com relação ao aspecto conotativo de análise, pode-se pensar na “lealdade” não somente aos parceiros de cooperação, mas a lealdade à motivação interna do tradutor⁸³.

Um ponto abordado por Nord que julgamos importante é a fonte considerável de desentendimentos oriundos das traduções da Bíblia já existentes, por causa do foco nas palavras, em detrimento dos conceitos ou funções. A autora exemplifica um leitor na Europa central do século XXI, que conceberia um “texto do receptor” em sua mente (no ato de leitura) diferentemente de uma audiência original (há cerca de 2.000 anos). Isso quer dizer expectativas e reações sobre os milagres, curas e narrativas divergentes das expectativas e reações originais. A questão da “lealdade” é tomada (pela autora) como indispensável na tradução de um texto sensível porque vai além da “equivalência” ou fidelidade. É uma outra maneira de abordar um acordo tácito entre o tradutor e o leitor final. Nord afirma que não faz sentido algum tentar recriar as funções ou efeitos que os textos originais tiveram no público original nos textos atuais em relação ao público contemporâneo. No entanto, deixa de fora, ao nosso ver, uma importante abordagem sobre esta análise: existe uma dimensão de mistério e incompreensão evocada por textos sensíveis religiosos que não foi abordada pela autora. Uma dimensão que não é contemplada academicamente porque somente pode ser avaliada ou medida pela via do sensível (e.g. as missas serem proferidas em latim e os textos sagrados serem inacessíveis pela maior parte da população geram um tipo de mística, magia e mistério que conferem aura de sacralidade ao conteúdo). Nord apenas comenta que existem autores que pensam que a tradução deveria soar

⁸² *“The loyalty principle, which has to go hand in hand with the functionality principle, is thus an important complement to Skopos theory. It obliges the translator to respect the sender’s communicative intentions, as far as they can be elicited, and turns functionalism into an anti-universalist model that takes different culture- specific concepts of translation into consideration. The obligation to be loyal to their cooperation partners may induce translators to reveal their translation purposes and justify their decisions, for example in a foreword, or it could even make them refuse to accept a particular translation task.”* (tradução própria)

⁸³ E talvez à lealdade à palavra, em seu sentido filosófico, o que difere e se sobrepõe à lealdade ao texto-fonte.

“estranha” porque isso refletiria a “escrita diferente” de outra cultura”⁸⁴ (NORD: 2016, pág. 571), deixando de fora o que consideramos a importância real do “estranhamento”. No entanto, essa dimensão (que pode parecer estranha) é importante justamente porque corrobora com a realidade subjacente ao texto e é o fundamento principal do contexto envolvido ao texto-fonte, i.e. sem isso, não se caracteriza um texto sensível de cariz religioso. É exatamente neste ponto específico que a força da revelação⁸⁵ se sobrepõe ao significado. Onde não há texto.

3.3.15. Tradução de Títulos

Em seu artigo *“Text-Functions in Translation: Titles and Headings as a Case in Point”* (Funções textuais na tradução: títulos e cabeçalhos como exemplo), Christiane Nord enfatiza a importância do funcionalismo na tradução de títulos para o cliente. Para ela, os títulos são modelos dos texto-fonte e a tradução dos títulos são modelos para a tradução. Sua abordagem é metodológica, e avaliou mais de doze mil títulos em alemão, inglês, francês e espanhol, tanto os títulos quanto os cabeçalhos. Seu estudo objetivou descobrir as funções comunicativas dos títulos; a forma específica (cultural e de gênero) pelas quais essas funções identificadas são expressas; e as convenções culturais que regem a superfície textual dos títulos em geral. A autora confirma que a textualidade ocorre estruturalmente e as funções são características textuais no ato de comunicação.

O título é uma comunicação, e uma comunicação importante. Seguem, segundo a autora, os padrões de textualidade estabelecidos por Beaugrande e Dressler (1981,79) “representando formas próprias de coesão, coerência, informatividade, intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade e intertextualidade, diferentes daqueles do co-texto correspondente” (NORD, 1995, p. 14). Em muitos casos, como se

⁸⁴ No original, tradução própria: “others think that a translation should sound “strange” because it reflects the different writing styles of another culture.”

⁸⁵ Em analogia, pode-se pensar em uma criança que abre um presente: o momento exato que antecede a revelação da surpresa (do mistério) tem mais força que o próprio presente, independentemente do presente que recebe a criança. Porque o presente (o significado posto) é finito, enquanto o mistério e a surpresa são infinitos, conceitualmente. Daí a força de um texto sagrado: a dimensão do mistério e do inefável expandem a força de um significado eternamente em aberto.

verá neste trabalho, os textos podem englobar múltiplas funções. As seis funções textuais elencadas pela autora são (1) “distintiva”; (2) “metatextual”, (3) “fática”, (4) “referencial”, (5) “expressiva”, e (6) “apelativa”⁸⁶. Nord afirma que a textualidade não é somente uma característica estrutural de um ato comunicativo, mas sobretudo uma característica funcional⁸⁷ de uso ao comunicar. Assim, os títulos são percebidos como textos. Segundo a autora, as funções referencial, expressiva, apelativa e fática podem ser atribuídas a todos os textos e a todos os tipos de texto. As funções metatextual e distintiva são específicas de determinados tipos de texto. Títulos não adquirem o status de expressões idiomáticas ou até mesmo provérbios à toa. A sua força de comunicação é a porta de entrada para o texto. Talvez, o buraco da fechadura. No sub-subcapítulo 5.3.6, “Títulos e Títulos dos Capítulos em Tradução”, discutiremos a diferença de tradução dos títulos das traduções para o português brasileiro e para o europeu.

3.4. Resumo do Capítulo Enquadramento Teórico

O capítulo destaca a importância de uma abordagem funcionalista na análise da tradução, em consonância com o Modelo Funcionalista de Christiane Nord, e às noções de “equivalência dinâmica” propostas por Eugene Nida. Considera a intencionalidade por trás da superação do *gap* cultural e enfatiza a importância das escolhas feitas pelos tradutores ao lidar com um conteúdo de natureza budista. A análise abrange a delicadeza necessária ao lidar com a superfície textual e sua realidade subjacente na tarefa de traduzir conceitos específicos do budismo tibetano.

A ênfase na teoria do escopo de Hans J. Vermeer, que foi semente para a abordagem funcionalista de Christiane Nord (1997), tenta destacar a relevância da análise textual na teoria da tradução desta autora. Acredito que para criticar o modelo de análise de Christiane Nord é preciso compreender as complexidades da tradução de textos sensíveis. Somente assim, será possível ir além do modelo de análise da autora. A

⁸⁶ As funções textuais tem origem nos estudos de Roman Jakobson (1960)

⁸⁷ As abordagens de Nord (1995) e de Jakobson (1960) são notavelmente distintas pelo pragmatismo encontrado no trabalho de Nord, que não coloca especificamente a função poética entre as 6, fazendo uma divisão da “distintiva ou metalinguística” de Jakobson por “distintiva” e “metatextual”. Isso será abordado no sub-subcapítulo 5.3.6 “Títulos e títulos dos capítulos em tradução”.

importância da coerência intratextual e intertextual, da categorização, do direcionamento para o público-alvo, das normas culturais e pragmáticas, e de uma abordagem holística foi abordada neste capítulo. No entanto, não é apenas um *gap* cultural que existe entre a tradução e o texto de origem. O que significa que, na aplicação dos conceitos abordados no capítulo 4, na comparação dos textos-alvo nas duas variantes do português, outros *gaps* entre contexto-fonte e contexto-alvo serão pesquisados para descobrir se a distância entre contextos pode ou não ser sanada.

“As palavras não podem descrever o sabor da água ou o sabor da vida.

Somente através da experiência direta podemos percebê-los.”

Sabedoria budista

4. O Texto Retraduzido

O objetivo deste capítulo é a apresentação analítica do *corpus*.

O subcapítulo 4.1 apresenta a “Breve Contextualização Sobre o Lugar da Tradução na Cultura e Literatura” discutindo o porquê de ser frustrada (apesar de necessária) qualquer tentativa de definição do termo “cultura”, visto que esta atualização ao longo da história se liga ao contexto de produção e percepção cultural;

O subcapítulo 4.2 introduz “o autor e a coautora” do livro, Youngey Mingyur Rinpoche e Helen Tworkov, e promove a revelação das circunstâncias de criação e produção para a compreensão textual, a realidade do monge e da escritora, os objetivos textuais dos mesmos, bem como seus possíveis interesses de comunicação;

O subcapítulo 4.3, “O Texto-Fonte, seu Contexto e seu Contexto de Produção”, esclarece a forma como o texto-fonte em inglês foi produzido e os objetivos comunicativos desse texto que se relacionam à filosofia budista. Neste item é apresentado um “Quadro Comparativo Entre Oralidade e Texto Legendado no Youtube”, para que sirva de evidência da diferença entre a percepção da capacidade linguística do autor e a superfície textual efetivamente encontrada no livro - o que reforça a forma como o livro foi escrito - apresentada pelos comentários da coautora nos agradecimentos;

O subcapítulo 4.4 descreve “A Tradução para o Português Brasileiro, seu Contexto e seu Contexto de Tradução”, e aborda uma análise da entrevista qualitativa com a tradutora brasileira e um diagnóstico pessoal de sua tradução para o português brasileiro, além do contexto de tradução da mesma, para que seja possível a compreensão do paralelo de produção textual das traduções das duas variantes da língua;

O subcapítulo 4.5, “A Tradução para o Português Europeu, seu Contexto e seu Contexto de Tradução”, descreve e aborda igualmente uma análise da entrevista qualitativa com a tradutora portuguesa e um diagnóstico pessoal de sua tradução para o português europeu, além do contexto de tradução da mesma com o mesmo objetivo supracitado. Inicia-se com a contextualização da tradução na cultura e literatura.

4.1. Breve Contextualização Sobre o Lugar da Tradução na Cultura e Literatura

“A Literatura, como toda a arte, é uma confissão de que a vida não basta.” No axioma ou postulado do livro de Fernando Pessoa⁸⁸ há a semente dos argumentos necessários, capaz de germinar: a cultura é a árvore que melhor abriga o ser humano.

É difícil deixar a poética de lado quando o assunto é cultura. Os primeiros significados que advém deste significante para mim são “arte”, “educação” e “identidade”.

Sabe-se que a definição do termo “cultura” vem sendo atualizada ao longo da história. Isso se deve, sobretudo, à forma como o homem enxerga a si próprio, e enxerga o mundo em que vive, dado que cultura e vida se entremeiam. O olhar de quem vê, a época de quem vê, transformam a relação do ser com a cultura. Conceitualmente, experiencialmente. Pode-se dizer que é uma questão de contexto. Se analisar contextos distintos é tarefa do tradutor, cabe um parênteses para se pensar em cultura.

Para definir cultura, Teixeira Coelho (1944-2022) começa recorrendo ao antropólogo britânico Edward Burnett Tylor (1832-1917), quem primeiro propôs, em 1871, no livro *Primitive Culture*, a primeira definição do conceito etnológico de cultura:

“Cultura, ou civilização, no sentido etnológico mais amplo do termo, é esse todo complexo que compreende o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, o direito, os costumes e outras capacidades ou atitudes adquiridas pelo homem enquanto membro da sociedade. Em outras palavras, tudo. Tudo que é humano.”⁸⁹ (2008, pg. 17)

⁸⁸ PESSOA, Fernando. Páginas de Estética e Teoria e Crítica Literária - textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho. Ática, 1966.

⁸⁹ COELHO, Teixeira. A Cultura e Seu Contrário: cultura, arte e política pós-2001. São Paulo, Iluminuras: Itaú Cultural, 2008.

Para Teixeira Coelho, não se sustenta a ideia antropológica de que “cultura é tudo o que deriva da ação humana sobre alguma outra coisa”, oriunda do termo ‘agricultura’. ‘Cultura’, como termo, é utilizado desde o século XVII em seu atual sentido - e foi no final do século XIX que Émile Durkheim discutiu a importância da cultura para a coesão social e a solidariedade em “As Regras do Método Sociológico”⁹⁰ (1895). Ser parte, se fazer parte, e a partir daí reconhecer-se fez sentido para a discussão do que era compreendido como amálgama social. Zygmunt Bauman, no prefácio do livro “Ensaio Sobre o Conceito de Cultura”(2012) comenta que reeditar seu livro sobre este tema 30 anos mais tarde precisava ter relevância: “É uma espécie de paradoxo o fato de que a desconstrução do conceito de cultura tenha acabado por vir na onda da “culturalização” das ciências sociais”. No entanto, a obra de Durkheim é conhecida como livro fundador da sociologia como matéria. Bauman comenta, ainda no prefácio do livro:

“A ambiguidade que importa, a ambivalência produtora de sentido, o alicerce genuíno sobre o qual se assenta a utilidade cognitiva de se conceber o habitat humano como o ‘mundo da cultura’, é entre ‘criatividade’ e ‘regulação normativa’. As duas ideias não poderiam ser mais distintas, mas ambas estão presentes – e devem continuar – na ideia compósita de ‘cultura’, que significa tanto inventar quanto preservar; descontinuidade e prosseguimento; novidade e tradição; rotina e quebra de padrões; seguir as normas e transcendê-las; o ímpar e o regular; a mudança e a monotonia da reprodução; o inesperado e o previsível.”

Vê-se que Bauman atesta que noções distintas, contrastes paradoxais, tradição e inovação se misturam e se somam, envolvendo seu conceito fluido e diáfano, quando o tema em questão é a cultura. Para agregar ao conceito de Bauman, há um argumento religioso que encontra respaldo nessas perspectivas: Nilton Bonder, o autor rabino, trata em seu livro A Alma Imoral (1998) do contraste necessário para a evolução humana baseando-se justamente na ambivalente noção de tradição e traição (exatamente no sentido de transcender as normas, quebrar padrões, inovar). Assim

⁹⁰ DURKHEIM, Émile. *Les Règles de la Méthode Sociologique*, 1985.

como Bauman, Bonder defende no livro que essa era a grande questão dos povos do velho testamento, questão esta que reside até hoje em nossa capacidade de nos conhecer, reconhecer e nos reinventar como humanos. Não há que se pensar em cultura sem se pensar em coletivo. E não há que se pensar em coletivo sem se pensar em características comuns. Esta é uma base para a noção de cultura, esculpida (com este conceito) desde o século XVII.

Na obra mais conhecida de Max Weber (1864-1920), "A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo"⁹¹ (1904), o autor apresenta uma conceituação de cultura que se funda na importância destinada aos valores tidos (ocidentalmente) como estruturantes da época, guiados pela relação entre a religião, política e o desenvolvimento econômico, em um século que inaugurou o desenvolvimento tecnológico e científico, quando nasceu o imperialismo. Mais tarde, Pierre Bourdieu em "A Distinção: Crítica Social do Julgamento"⁹² (1979) liga as preferências culturais, tecidas, influenciadas pela posição social dos indivíduos, à noção de cultura. Institui, inclusive, um dos conceitos centrais de sua obra, o conceito de "capital cultural".

Bourdieu defende que diferentes grupos sociais possuem diferentes formas de capital cultural, perpassando a educação, o conhecimento artístico, os gostos semelhantes e as práticas culturais. Segundo ele, o acesso e a posse desse capital cultural influenciam a posição social dos indivíduos.

Nada mais natural que se pense na cultura ligada ao capital, estando num mundo que se diz "da comunicação", mas que é, na verdade, "do consumo". Tanto que a abordagem de Bourdieu se relaciona profundamente com a ideia de consumo: de preferências culturais, de estilos de vida, de gostos artísticos, daquilo que vem a definir distinções sociais. Assim, liga-se a identidade social do sujeito à cultura.

Neste escopo, ainda que de modo resumido, feito em uma linha do tempo, cabe ligar a discussão da importância cultural à noção de contexto. Identidade e contexto têm ligação semântica. Identidade, contexto e, por conseguinte, literatura. Cada um dos pensadores apresentados traz para a noção de cultura um ponto que se liga a este

⁹¹ WEBER, Max. *Die protestantische Ethik und der Geist des Kapitalismus*, 1904.

⁹² BOURDIEU, Pierre. *La distinction: critique sociale du jugement*. Minuit, 1979.

trabalho, que se define pela análise de contextos distintos: *o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, o direito, os costumes ligados à sociedade, a coesão social, a ambiguidade e os paradoxos, a transcendências das normas, valores que se relacionam à religião e política, o capital cultural e o consumo coletivo.*

Em última instância, os livros traduzidos são bens de consumo, objetos artístico-literários que carregam a função de agradar um coletivo de leitores que participam, comungam de um mesmo contexto.

Não se supõe que, neste subcapítulo, seja instituída uma melhor definição sobre cultura, nem toda uma tese seria capaz disso. O pinçamento de noções históricas que se ligam à importância do tema para este trabalho são suficientes para lembrar que livros traduzidos participam de um caminho cultural e semântico contextuais. Assim, o mais prudente é citar Guimarães Rosa, que encarna melhor a semântica da definição em si: “Eu quase que nada não sei. Mas desconfio de muita coisa.”⁹³ Ou, de modo resumido, a cultura pode ser o próprio contexto.

Conclui-se que a cultura exerce influências inquestionáveis ao se pensar no ofício da tradução. Hermans é específico neste ponto quando discute a influência da cultura nas decisões de tradução. Ele examina como os tradutores frequentemente adaptam textos estrangeiros para se adequarem às normas e expectativas da cultura de destino. O que para Nida (1964), quando explica sobre “equivalência dinâmica”, seria enquadrado como estratégia de “estrangeirização”, ou estratégia “estrangeirante”. Isso pode envolver a substituição de referências culturais, adaptação de piadas e humor, ou mesmo a modulação de estilos de escrita.

Sobre o papel do tradutor, Hermans enfatiza seu papel central como um agente cultural. Ele argumenta que os tradutores são encarregados ativamente da negociação entre culturas e da criação de significado. Talvez fosse mais certo dizer da “adaptação de significados”. Os tradutores são mediadores que moldam a forma como os textos estrangeiros⁹⁴ são recebidos e interpretados em uma cultura de destino.

⁹³ ROSA, João Guimarães. Grande Sertão: Veredas. Rio de Janeiro. Nova Aguilar, 1994.

⁹⁴ Estrangeiros ou estranhos. O que quer dizer de outra matriz que não a do público-alvo.

Outra questão abordada no trabalho de Hermans que serve a esta discussão é a questão da normatividade na tradução. O autor destaca como as normas linguísticas e as normas culturais desempenham um papel significativo na prática da tradução. Vê-se que os tradutores muitas vezes enfrentam o desafio de equilibrar as normas da língua de origem com as normas da língua de destino. No caso dos textos escolhidos para análise, cabe lembrar que trata-se de um caso particular. Por um lado, têm-se um texto sensível, que apresenta fatores religiosos, funda-se na crença, na filosofia oriental e em toda uma estrutura contextual diferente da ocidental e católica, para onde vão as traduções. Afinal, o texto é de um monge budista. No entanto, pode-se dizer que por outro lado, o texto é escrito em inglês, em matriz de pensamento semelhante, com geografia de produção textual nem tão distante, produzido e traduzido em espaço de poucos meses - o que significa que o tempo onde se inscreve o original e o tempo onde se inscrevem as traduções também é praticamente o mesmo. Para ficar mais claro, fala-se da tradução de uma tradução, e portanto, da tradução de uma tradução de um contexto distinto. Assim, as normas linguísticas e culturais se fizeram mais desafiadoras em um primeiro momento, quando a coautora “traduziu” ou “adaptou” o texto oral do monge em processo de metarrepresentação sensível em sua “transcrição editada”. Foi neste momento que iniciou-se o processo de colocar as culturas distintas em paralelo e em tentativa de espelho por meio da análise contextual. Somente em um segundo momento o mesmo exercício foi feito pelas duas tradutoras, do português brasileiro e do português europeu.

4.2. O Autor e a Coautora

Ao final do texto original em inglês, há uma breve apresentação do autor Yongey Mingyur Rinpoche, que não consta nas duas versões traduzidas para o português. O PDF compartilhado com as tradutoras portuguesa e brasileira do livro *“In Love With The World - What a buddhist monk can teach you about living from nearly dying”* parece ter sido o mesmo. A estrutura dos dois exemplares traduzidos é exatamente a mesma e não contém a breve apresentação do autor. Assim, o livro original e uma

pesquisa na internet, na página principal do Tergar - comunidade mundial budista dirigida pelo monge⁹⁵, serviram de fonte para esta apresentação (tradução própria):

“Yongey Mingyur Rinpoche, nascido em 1975 em Nubri, Nepal, é o filho mais novo do célebre mestre de meditação Tulku Ugyen Rinpoche. Ele começou seus estudos monásticos formais com onze anos de idade, e dois anos depois entrou em seu primeiro retiro de três anos. Hoje seus ensinamentos integram as disciplinas práticas e filosóficas do treinamento tibetano com a linha científica e psicológica do ocidente. Além de seu papel como abade de três monastérios, dirige o Tergar, comunidade internacional de meditação com cem centros ao redor do mundo, e é conhecido por apresentar a prática da meditação de forma clara e acessível.

Aos trinta e seis anos, ele secretamente deixou seu monastério na Índia para se engajar em um retiro itinerante de quatro anos e meio, morando em cavernas nas montanhas e ruas de aldeias. Ele é o autor do best-seller do New York Times ‘The Joy of Living: Unlocking the Secret and Science of Happiness’, bem como ‘Joyful Wisdom: Embracing Change and Finding Freedom e Turning Confusion into Clarity: A Guide to the Foundation Practices of Tibetan Buddhism’. Sua residência principal é Kathmandu, Nepal.”⁹⁶

Mingyur Rinpoche aborda seus ensinamentos de modo contemporâneo, aliando a prática e a filosofia Budista à compreensão ocidental científica do tema, o que torna a prática da meditação relevante e acessível para estudantes em todo o mundo. Nascido em uma vila do Himalaia situada na fronteira do Nepal e do Tibet, o autor do livro, ainda com pouca idade, corria para as montanhas para meditar nas cavernas que circundam a vila. Apesar de reconhecer que teve uma infância contemplativa, Mingyur Rinpoche comenta em vários de seus vídeos no Youtube que foram os ataques de

⁹⁵ acesso em 8 de agosto de 2023

⁹⁶ *“Yongey Mingyur Rinpoche, born in 1975 in Nubri, Nepal, is the youngest son of the celebrated meditation master Tulku Ugyen Rinpoche. He began his formal monastic studies at the age of eleven and two years later entered his first three-year retreat. Today his teachings integrate the practical and philosophical disciplines of Tibetan training with the scientific and psychological orientations of the West. In addition to his role as abbot of three monasteries, he directs Tergar, an international meditation community with one hundred centers around the world, and is well known for presenting the practice of meditation in a clear and accessible manner.*

At age thirty-six, he secretly left his monastery in India to engage in a four-and-a-half-year-long wandering retreat, living in mountain caves and village streets. He is the author of the New York Times bestseller The Joy of Living: Unlocking the Secret and Science of Happiness, as well as Joyful Wisdom: Embracing Change and Finding Freedom and Turning Confusion into Clarity: A Guide to the Foundation Practices of Tibetan Buddhism. His primary residence is Kathmandu, Nepal.”

pânico que sentia, ainda criança, seus principais aliados, tanto para começar a aprender a meditar, quanto para desenvolver sua habilidade meditativa. Sua linha ascendente tem, pelo lado da mãe, dois reis do Tibet, além de, pelo lado do pai, Lamas conhecidos e respeitados que fazem parte da história do budismo tibetano. Rinpoche começou sua vida monástica com 9 anos de idade, iniciando os estudos budistas com seu pai, instrutor de meditação conhecido e reconhecido em seu país e nos países vizinhos. Com 11 anos foi chamado a viver no Sherab Ling Monastery, no norte da Índia, o monastério mais importante da linha Kagyu. Com 12 anos foi entronado formalmente como a sétima encarnação de Yongey Mingyur Rinpoche. Com a idade de 13 anos pediu permissão para um retiro tradicional de três anos em seu monastério. Com apenas 17 anos, Tai Situ Rinpoche, seu mestre, apontou-o como responsável para guiar monges e freiras sêniores no retiro tradicional de três anos. Com 19 anos estava matriculado na Dzongsar Monastic College, sob a tutela de Khenpo Kunga Wangchuk, quando começou seus estudos de filosofia do Caminho do Meio, e estudo da lógica Budista. Com 20 anos já era professor substituto e com 23 anos de idade recebeu a ordenação monástica completa de seu mestre. Interessado pela área de psicologia, física e neurociência, em 2002 estreitou seus laços com a ciência, sendo convidado pelo Dalai Lama à *University of Wisconsin*, onde colaborou com os estudos que examinaram os efeitos da meditação em cérebros de meditadores experientes - o que abriu portas para outros estudos em *Harvard University*, *MIT* e outros importantes centros de pesquisa. Seu primeiro livro estreou como best seller da lista do *The New York Times*, *The Joy of Living: Unlocking the Secret and Science of Happiness* (2007). Escreveu também *Turning Confusion Into Clarity: A Guide to the Foundation Practice of Tibetan Buddhism* (2014), e um livro para crianças, *Ziji: The Puppy that Learned to Meditate* (2009). O livro estudado por este trabalho foi lançado mundialmente em 14 de maio de 2019. Na Tergar (<https://tergar.org/>) Mingyur Rinpoche alcança cerca de 100 grupos mundiais, dando suporte filosófico e de meditação em todos os continentes.

Além da apresentação de Rinpoche, o livro original em inglês traz uma breve apresentação da coautora, Helen Tworckov, que assim traduzo:

“Helen Tworlov é a fundadora da revista Tricycle: The Buddhism Review e autora de Zen in America: Profiles of Five Teachers e coautora, com Yongey Mingyur Rinpoche, de Turning Confusion into Clarity: A Guide to the Foundation Practices Of Tibetan Buddhism. Ela encontrou o budismo pela primeira vez no Japão e no Nepal durante a década de 1960, e estudou as tradições zen e tibetana. Ela começou a estudar com Mingyur Rinpoche em 2006 e atualmente divide a maior parte de seu tempo entre Nova York e Nova Escócia.”

Para o estudo do trabalho apresentado, foi feito o contato direto com a coautora do livro. Solicitamos uma entrevista para que esta pudesse detalhar a forma como foi escrita o livro, porque quem assina a autoria é Yongey Mingyur Rinpoche e ela assina como coautora. Ela não se disponibilizou para uma entrevista por motivos particulares⁹⁷.

No entanto, mesmo que ela não tenha tido disponibilidade de ser entrevistada para agregar informações detalhadas sobre o processo de trabalho, no livro original existe a informação mais importante para que compreendamos o contexto de produção do original (como o livro foi escrito). Note-se que o primeiro sucesso editorial de Rinpoche não foi escrito com Helen, consta o nome de Eric Swanson. O livro infantil, da mesma forma, consta o nome de outro coautor, Torey Hayden. O que mostra que ele tem outros parceiros para escrever em inglês.

4.3. O Texto Original, seu Contexto e seu Contexto de Produção

“In Love With The World - What a buddhist monk can teach you about living from nearly dying” é uma narrativa de Yongey Mingyur Rinpoche e Helen Tworlov. “Uma narrativa ideal começa por uma situação estável que uma força qualquer vem perturbar.”⁹⁸ (TODOROV, 1968, p. 195) O livro conta a história do autor, um monge da

⁹⁷ “I am in receipt through Tergar of your interest in using *In Love With the World* to further your own investigations. Your work sounds fascinating and I wish you all the best with it. As for an interview, I am sorry, but that is not possible at this time. As for Mingyur Rinpoche, you need to direct that request through Tergar. May our paths cross one day. For now, be well, stay well, Helen” (em 29 de maio de 2021)

⁹⁸ O artigo A Gramática da Narrativa de Tzvetan Todorov (1968) está presente em *Literatura e Linguística, Linguistique et Littérature* (Revista *Languages*, Nº 12 (1968), *Librairie Marcel Didier* e *Librairie Larousse*, tradução Isabel Gonçalves e Margarida Barahona.

linha tibetana que resolve reeditar os retiros errantes dos monges referências do passado: sair sem rumo em peregrinação e passar pelo menos 3 anos em retiro com o objetivo da transcendência por meio da experiência. E assim fez, deixando uma carta para os seus seguidores e secretamente deixando tudo para trás para partir sem destino, passando mais de 4 anos em nômade peregrinação. O clímax do livro se dá quando ele tem uma experiência de vida-morte depois de se intoxicar e quase vir a falecer. Seu processo de iluminação é relatado no livro depois da experiência nos “bardos, entre a vida e a morte”.

A coautora relatou nos agradecimentos do livro que Mingyur Rinpoche saiu em retiro errante em Junho de 2011, quando deixou seu monastério na Índia, e quatro anos depois, quando regressou, se sentiu compelido a compartilhar suas experiências vividas: tanto a transformação que nele havia ocorrido, como também suas experiências no que se refere à impermanência. Seus objetivos eram ajudar mundialmente as pessoas a enfrentarem seus medos e suas dificuldades ao se depararem com a morte, e também com os desafios da vida. Mingyur Rinpoche solicitou a ajuda da coautora para que este livro fosse escrito. Cito: “...e este livro nasceu de entrevistas feitas com ele de forma intermitente entre 2016 e 2018” (p. 255). Note-se que um período de dois anos é um prazo extenso para entrevistas intermitentes.

Pelo que foi relatado nos agradecimentos do livro e pela capacidade linguística do monge na língua inglesa, acreditamos que a própria escrita do livro se configura como transcrição adaptativa (ou “transcrição”): Rinpoche transmitiu oralmente suas experiências e o ocorrido, seus sentimentos e suas lições, e ela, como uma espécie de *ghostwriter* assumida, transcreve em forma adaptativa as experiências orais do monge em texto, em livro, para que seja publicado.

Uma questão adveio da forma de escrita e produção do livro: por que Mingyur Rinpoche não teria escrito o texto em tibetano, sua língua materna, e posteriormente uma tradução profissional fosse feita para o inglês, e daí para o português, ou mesmo do tibetano diretamente para todas as outras línguas em que o livro foi lançado? Um

novo contato com Yongey Mingyur Rinpoche foi tentado. A Chefe de Gabinete, Sandra Fernandez respondeu:

“Eu acredito que a razão principal é que a linhagem de Mingyur Rinpoche é uma linhagem oral. Esta é a tradição. Mais do que escritas, as histórias são contadas pelo professor, e assim são transmitidas de geração em geração. Ele trabalhou bem proximamente a Helen Tworkov, quem é uma escritora profissional confiável, para contar sua história e garantir que fosse expressa com clareza.”⁹⁹ (correspondência via email em 12 de dezembro de 2023)

No entanto, não fica claro porque não teria feito o que a linhagem oral recomenda, mas em sua língua materna. Ele poderia transmitir oralmente em sua língua materna e um tradutor competente traduzir para o inglês, ou diretamente para outras línguas. Isso faria com que a textura de sua superfície verbal estivesse mais presente nas traduções. Da forma como o livro foi feito, a textura da superfície verbal é da coautora, não dele. E isso faz diferença no produto final. A coautora comenta nos agradecimentos do livro que, para que pudesse perceber na tentativa de totalidade os ensinamentos tradicionais relativos ao texto oral de Mingyur Rinpoche, contou com o livro “Vazio Luminoso - Para entender o clássico Livro Tibetano dos Mortos”, de Francesca Fremantle, e “*Preparing to Die: Practical Advice and Spiritual Wisdom from the Tibetan Buddhist Tradition*”, de Andrew Holecek¹⁰⁰. Segundo ela, também recebeu muito encorajamento dos autores desses livros. Teve ainda ajuda de Andrew Holecek na atenção ao manuscrito. Além disso, recebeu ajuda de leitores especiais (ligados ao tema) que fizeram suas análises preliminares sobre o que escreveu.

Segundo o fragmento citado de George Steiner no capítulo 1, “Qualquer modelo da comunicação é simultaneamente um modelo da tradução, de uma transferência

⁹⁹ “I believe the main reason is that Mingyur Rinpoche's lineage is an oral lineage. This is the tradition. Stories are told rather than written by a teacher, and then passed down from generation to generation. He worked very closely with Helen Tworkov, who is a trusted professional writer, to tell his story and to make sure it was expressed with clarity.” FERNANDEZ, Sandra (resposta a email em 12 de dezembro de 2023)

¹⁰⁰ FREMANTLE, Francesca. Vazio Luminoso: Para entender o clássico Livro Tibetano dos Mortos. Tradução de. Waldemar Falcão. Nova Era. Rio de Janeiro, 2005.
HOLECEK, Andrew. *Preparing to Die: Practical Advice and Spiritual Wisdom from the Tibetan Buddhist Tradition*. Snow Lion. Headquarters, 2013.

horizontal ou vertical de significação”; Reforça-se ao pensamento de que Helen Tworikov e Mingyur Rinpoche estabeleceram um acordo para que se traduzisse a experiência de Rinpoche em um texto dele, via Tworikov.

Steiner classifica a “transferência horizontal” e a “transferência vertical” da seguinte forma: quando a tradução de uma palavra ou expressão se der de modo direto, sem levar em conta as diferenças culturais, e as nuances que podem ser históricas ou sociais entre as línguas, de modo a enfatizar a equivalência lexical, considera-se como uma “transferência horizontal”. Quando a tradução de uma palavra ou expressão se der de modo mais amplo, levando em consideração as complexidades culturais, as nuances históricas e sociais, de uso da língua, com foco no significado mais profundo, e reconhecendo a complexidade e essência textuais, considera-se uma “transferência vertical”. A tradução vertical envolve uma tradução mais ampla e mais profunda, portanto. Segundo o que explica Sandra Fernandez, Chefe de Gabinete de Rinpoche, a escolha pela *transcrição editada* é coerente com a linhagem de Yongey Mingyur Rinpoche, do budismo tibetano, que tem na oralidade a forma principal de transmissão de sua filosofia, conhecimento e experiência. Preserva-se, em consonância com as perspectivas de Steiner, a carga emocional, cultural e filosófica do texto original: porque a transmissão é oral. No entanto, para os Estudos da Tradução, o que a coautora fez configura-se como uma transcrição. Note-se que ela assina como coautora, e não como tradutora. Aponta-se outro importante fator para análise: sua transmissão oral foi uma tradução própria do autor. Conforme se verá a seguir, suas capacidades linguísticas na língua inglesa não apresentam a mesma habilidade de expressão que tem em sua língua materna.

Assim, é possível inferir que a experiência, a viagem, os sentimentos, a narrativa, são todos do monge. Helen Tworikov *transcreveu* os relatos dele já traduzidos para o inglês da linguagem oral à linguagem escrita. Assim, interferiu diretamente na forma. Ainda que a semântica tenha sido preservada, há elementos linguísticos que tornam o discurso outro. Como exemplo, uma troca de ordem na frase enfatiza determinado aspecto da mensagem. A sintaxe que determina a estrutura e organização das palavras

em sentenças, além das relações entre elas na construção linguística, assume papel preponderante na forma.

Outro exemplo que pode ser dado é a adequação de linguagem. Sendo a forma oral diferente da forma textual, as unidades lexicais sofrem alteração de um meio a outro. Há marcas de oralidade que precisam ser retiradas do texto escrito. Um texto que contenha o conteúdo de uma história contada oralmente não tem a cor ou o sabor do discurso oral. O olhar diz muito sobre o que reside por trás da mensagem. As expressões físicas de uma pessoa que fala se somam no conteúdo do que é dito. As pausas e os silêncios entre palavras comentam o que não pode ser expresso em palavras em um texto¹⁰¹. Este é um *gap* que não pode ser traduzido na impressão dos livros, mas que tem papel importante, sobretudo para a filosofia e a cultura oriental. Portanto, o que foi feito não foi uma transcrição adaptativa, mas uma transcrição adaptativa - que se serve da criação para a adaptação. Por isso, inclusive, o título de coautora do livro, não de tradutora.

Conforme indicou a Chefe de Gabinete do autor, ele acompanhou de perto as escolhas da coautora, no entanto, mesmo que o discurso e os pacotes semânticos sejam do monge, seu cotexto é, em última instância, da coautora Helen Tworkov. Este é um *gap* a ser considerado entre a experiência de iluminação do monge e a “adaptação criativa em transcrição editada” (ou *transcrição* editada) em literatura textual por Tworkov. Assim, o trabalho das tradutoras das variantes do português podem ser considerados retraduições. A superfície verbal do monge recebe o véu da superfície verbal da coautora, ainda que diáfano.

Há ainda que ser ressaltado um ponto que nos parece de extrema importância, e voltaremos a ele no item 5.2.2, “Fatores de Ascese”, e no Capítulo 6, “Critérios Holísticos na Análise das Traduções”: a coautora comenta expressamente que o livro nasceu das entrevistas intermitentes com o autor. Isso nos leva a inferir que a forma de

¹⁰¹ Na biografia do pintor japonês Kazu Saitou no livro “A Ilha e o Urso” (SANT’ANNA, Bernardo, 2023), lê-se: “O sonho de Kazu é difundir a sutileza dos pigmentos minerais naturais em papel ou seda e da história contada nos espaços em branco, onde reside a beleza das pinturas japonesas tradicionais.” - o que é índice da comunhão da importância do espaço do silêncio tem enquanto elemento comunicativo para a filosofia oriental.

transmissão foi diferente da “tradição da linhagem oral”, conforme respondeu a Chefe de Gabinete de Rinpoche. Contar uma história é diferente de ser entrevistado. Em uma entrevista há perguntas que balizam, se não as respostas, o andamento da conversa. Não há dados para que se conclua a que nível houve uma interferência da coautora no caminho pelo qual seguiu a narrativa. No entanto, sendo uma entrevista, isso constitui um dado importante que influencia a confecção do texto-fonte.

Além desse dado importante, os vídeos do *Youtube* de Mingyur Rinpoche de 2018, data final do ciclo de entrevistas da autora, em que o autor se comunica em inglês, demonstram um nível de inglês oral que pode ser considerado (sem julgamento de mérito) de estruturas gramaticais e sintáticas simples ou mesmo básicas.

Vamos a um exemplo: no vídeo intitulado “*Yongey Mingyur Rinpoche’s New Year Greeting 2018*”, encontrado na página do *Youtube* da Tergar (acesso em 9 de agosto de 2023), enquanto o monge pronuncia seu discurso em inglês, a legenda corrige alguns “deslizes” sintáticos, lexicais ou gramaticais. Já no primeiro fragmento é possível perceber o que aqui está se tentando demonstrar. Cabe registrar que aqui não está sendo avaliada a capacidade de comunicação do monge, nem este é um julgamento de valor de seu discurso. Unicamente, o que aqui está tentando ser demonstrado é que, além da coautora ter deixado explicitamente citado no comentário do final do livro - que ele foi escrito baseado nas entrevistas do autor para a coautora, fica demonstrado que apesar da autoria do livro ser de Yongey Mingyur Rinpoche, quem efetivamente escreveu seu texto foi Helen Tworkov. O que significa, segundo o que admitimos neste trabalho, que a escrita do livro foi um “tipo de tradução”, uma transcrição editada ou transcrição revisada - uma modificação do discurso original com objetivo estilístico. O gênero textual identificado foi o gênero filosófico. A abordagem da tradutora portuguesa foi literária e a abordagem da tradutora brasileira foi filosófica. Segundo nossa análise, a tradutora portuguesa aproximou o livro ao gênero literário, enfatizando seu aspecto de narrativa, do conto de uma história. No entanto, segundo nossa análise, a tradutora brasileira não demonstrou ter a relação de envolvimento teórico com o texto para tentar adequá-lo de algum modo a um gênero literário. Sua abordagem foi enfatizada pelo aspecto de divulgação empreendido pela sua escolha

textual. Neste caso, o caráter adaptativo parece predominante, já que se trata de uma linguagem oral (em forma de entrevistas) para um texto a ser lido. Ou ainda de uma linguagem oral mais “básica” - com uma estrutura frásica gramatical, sintática e lexical mais básica, para um inglês com tonalidade que busca a tonalidade discursiva. Portanto, citamos o discurso do próprio monge na data que o livro estaria finalizado (2018) - o que demonstra suas habilidades na língua original do livro; e o que foi colocado em legenda, com algumas correções. Na sequência, um quadro demonstrativo, fragmento por fragmento, pontuando as diferenças:

Forma Oral:

*“Happy New Year, two thousand eighteen! Tashi Delek (- saudação tibetana)
I wish a this new year brings you happiness, wisdom, compassion, develop your inner peace. And at the same time, you may contribute to the others, influence your friends, family and share your peace to them, to the society, to the world. So now we are in the twenty-first century and the material development was very good. So recently I heard of that by Scientific research that at this point, now we are the lowest rate in violence in the human history. So which is wonderful! Congratulation. So at the same time, our mental [aponta a cabeça] unbalanced. The stress, the emotions are unbalanced, the stress, panic, depression. All this become much more stronger. So right now the most important for this twenty first century is to develop inner peace. So I hope all of you to begin for this new year: try to develop inner peace. To develop inner peace through awareness, through love and compassion, through wisdom, and share this peace to your friends, family. Share, help, influence. I think it will benefit for the world, and we really need it for this century right now, this inner peace. So I will pray all of you, that first bring this peace in your mind, through awareness, through love and compassion, and through wisdom and you can able to share this peace to your family, friends, even your puppies. If you can share this peace with one person, two person, and they can share another one, two person, so, eventually, can affect the whole society. So in the end we all can get world peace. Ok? Thank you! Tashi Delek! (- saudação tibetana)”*

Forma escrita legendada, transcrita de forma editada ou até adaptada em adequação mais próxima a normas gramaticais - sintáticas e lexicais:

*“Happy New Year, 2018! Tashi Delek!
I wish that this new year will bring you happiness, wisdom, compassion, and develop your inner peace, and at the same time, you may contribute and influence your friends and family and sharing your peace with them, with society, and with the world. We are now in the 21st century, and the material*

development is very good. Recently, I heard from a scientific research, that at this point, we are at the lowest rate of violence in human history. This is wonderful! Congratulations! But at the same time, our mental (health) is unbalanced. Our emotions are unbalanced, also stress, panic, and depression, all these are increasing and grow stronger. Right now, the most important thing for the 21st century is to develop inner peace. I hope that all of you, beginning this new year, will try to develop inner peace. Developing inner peace through awareness, through love and compassion, through wisdom, and that you will share this peace with your friends and family. Share, help, influence! I think it will be of benefit to the world. We really need inner peace for this century. I will pray for all of you that you may first bring this peace into your own mind. Through awareness, through love and compassion, and through wisdom. And that you may share this peace with your friends, family, and even with your pets. If you can share this peace with one or two people, and they can share it with one or two people, and eventually it will affect the whole society. In the end, we can all get world peace. Thank you! Tashi Delek!"

Na sequência, um quadro comparativo do que se pretende demonstrar com a análise dos fragmentos em sequência. Em negrito nas duas colunas, as palavras ou fragmentos que evidenciam o necessário para observação do leitor em relação direta com os comentários: objetivando pontuar as diferenças entre as habilidades do monge na língua inglesa em 2018 (quando o livro efetivamente foi escrito) e a legenda que clareia sua mensagem em termos lexicais, sintáticos e gramaticais (link acesso em agosto de 2023: https://youtu.be/_UtiA-V4j80?si=gstGYQ4U_xlIfUab) :

(Cada uma das subtabelas abaixo apresenta um quadro comparativo dos fragmentos discursivos entre (1) oralidade do monge presente no vídeo de link supracitado; e (2) texto escrito na legenda do mesmo vídeo do monge, presente no *Youtube*.)

1 - Cópia da oralidade de Yongey Mingyur Rinpoche em um de seus vídeo de 2018 do Youtube intitulado "Yongey Mingyur Rinpoche's New Year Greeting 2018" <i>Happy New Year, two thousand eighteen!</i> <i>Tashi Delek!</i> (- saudação tibetana)	2 - Legenda: texto traduzido do pronunciamento de Yongey Mingyur Rinpoche, segundo adequação gramatical, sintática e lexical tendendo à norma, que foi colocado como legenda para dirimir desentendimentos <i>Happy New Year, 2018!</i> <i>Tashi Delek!</i> (- saudação tibetana)

Subtabela 1 – Fragmento 1

Fonte: Elaboração própria

Informação idêntica, tanto no que é dito pelo monge, quanto no que é escrito por quem legendou o conteúdo, tentando exprimir de maneira mais clara e gramaticalmente mais correta o que foi dito oralmente.

I wish (a) this new year brings you happiness, wisdom, compassion, develop your inner peace. And at the same time, you may contribute to the others , influence your friends, family and share your peace to them, to the society, to the world.	I wish that this new year will bring you happiness, wisdom, compassion, and develop your inner peace, and at the same time, you may contribute and influence your friends and family and sharing your peace with them, with society, and with the world.

Subtabela 2 – Fragmento 2

Fonte: Elaboração própria

“That”:

O uso do *“that”* corretamente introduz a oração subordinada na frase;

“and”:

A falta do *“and”* na primeira frase torna a frase oral sem conexão com os outros elementos frasais. O *“and”* atua como conjunção;

“to the”:

O erro gramatical do uso do *“the”* na sequência de *“to”* marca um problema gramatical escondido pela oralidade, já que apenas o *“to”* deveria ser usado como preposição;

“with”:

A regência verbal indica que o *“with”* deve ser usado no lugar do *“to”*, oralmente utilizado, mas gramaticalmente incorreto. O *“with”* indica na frase *“a quem”* ou *“com quem”*;

So now we are in the twenty-firth century and the material development was very good.	We are now in the 21st century, and the material development is very good.

Subtabela 3 – Fragmento 3

Fonte: Elaboração própria

“So”:

A repetição do *“so”* é desnecessária e representa marca de oralidade;

“was”:

indica a utilização de um tempo verbal no passado em frase no presente, o que quer dizer que a versão legendada corrige gramaticalmente a frase;

So recently I heard of that by Scientific research that at this point, now we are the lowest rate in violence in the human history.	Recently, I heard from a scientific research, that at this point, we are at the lowest rate of violence in human history.

Subtabela 4 – Fragmento 4

Fonte: Elaboração própria

“So recently”:

Erro de estilo - redundância: O uso da conjunção *“so”* aqui é desnecessário e torna o início da frase redundante estilisticamente.

“I heard of that”:

Erro gramatical - preposição *“of”* combinada com o pronome *“that”*.: A expressão correta seria *“I heard from”*. "

A frase seria mais clara se fosse *“from scientific research”*.

“that at this point, now”:

Erro de estilo - redundância: O uso de "*that at this point*" e "*now*" juntos é redundante. A frase ficaria melhor com apenas um desses termos.

"*we are the lowest rate*":

Erro gramatical - concordância nominal: Deve-se dizer "*we have the lowest rate*" ou "*the rate is the lowest in human history*":

Erro gramatical - uso do artigo definido: O correto é "*in human history*", sem o artigo "*the*".

Uma versão corrigida da frase poderia ser: "*Recently, I heard from scientific research that, at this point, we have the lowest rate of violence in human history.*"

So which is wonderful! Congratulation. So at the same time, our mental [aponta a cabeça] unbalanced.	This is wonderful! Congratulations! But at the same time, our mental (health) is unbalanced.

Subtabela 5 – Fragmento 5

Fonte: Elaboração própria

"*Which*":

A palavra não está corretamente utilizada, transição entre afirmação e posição contrária sem marcação frásica, e diferença de clareza e coesão entre ideias está mais clara na segunda opção, a legenda;

"*So*":

Novamente o uso do "*so*" redundante marcando uma cacofonia repetitiva;

The stress, the emotions are unbalanced, the stress, panic, depression. All this become much more stronger.	Our emotions are unbalanced, also stress, panic, and depression, all these are increasing and grow stronger.

Subtabela 6 – Fragmento 6

Fonte: Elaboração própria

“The”:

A repetição do artigo definido mostra pouco recurso linguístico na construção frasal ao elencar substantivos sem corretos elementos de ligação, o paralelismo na lista de fatores está mais adequado se utilizado em uma construção fluida, com uso correto de conjunções. É uma construção que parece infantil.

“also”:

O uso do advérbio na segunda opção resolve uma deficiência de estilo de construção da primeira opção;

“All this become much more stronger”:

A opção mais correta gramaticalmente seria: *“All this becomes much stronger”*. A tentativa da legenda foi de adequação de verbos e de uso correto de tempo verbal;

So right now the most important for this twenty-first century is to develop inner peace.	Right now, the most important thing for the 21st century is to develop inner peace.

Subtabela 7 – Fragmento 7

Fonte: Elaboração própria

“Thing”:

O termo *“thing”* funciona como um substantivo que representa o conceito ou a ideia a que se refere o adjetivo *“important”*, tornando a frase mais fácil de compreender.

So I hope all of you to begin for this new year: try to develop inner peace.	I hope that all of you, beginning this new year, will try to develop inner peace.

Subtabela 8 – Fragmento 8

Fonte: Elaboração própria

“That”:

A conjunção *“that”* contribui para a clareza da frase na segunda opção, o que inexistia na primeira frase;

“beginning” e *“will try”*:

O uso de infinitivo e gerúndio indica a ação em movimento e a escolha correta de tempos verbais facilita a compreensão da comunicação do tempo futuro pretendido;

To develop inner peace through awareness, through love and compassion, through wisdom, and share this peace to your friends, family.	Developing inner peace through awareness, through love and compassion, through wisdom, and that you will share this peace with your friends and family.

Subtabela 9 – Fragmento 9

Fonte: Elaboração própria

“To develop”:

O uso do gerúndio *“developing”* mantém consistência na estrutura gramatical, já que o objetivo é a listagem de ações;

“and share”:

A utilização de *“and that you will share”* consegue introduzir a oração subordinada substantiva que atua como objeto direto do verbo *“developing”*;

“to”:

O uso de *“to”* não é indicado, já que o correto é o uso da preposição *“with”* na opção da legenda;

Share, help, influence. I think it will benefit for the world, and we really need it for this century right now, this inner peace.	Share, help, influence! I think it will be of benefit to the world. We really need inner peace for this century.

Subtabela 10 – Fragmento 10

Fonte: Elaboração própria

“It will benefit for”:

Está gramaticalmente errada a construção verbal;

“for”:

o uso de *“for”* no lugar de *“to”* é considerado um erro gramatical;

Além disso, *“this inner peace”* no final da frase confunde o ouvinte. A ordem sintática é mais clara na segunda opção;

So I will pray all of you, that first bring this peace in your mind, through awareness, through love and compassion, and through wisdom and you can able to share this peace to your family, friends, even your puppies.	I will pray for all of you that you may first bring this peace into your own mind. Through awareness, through love and compassion, and through wisdom. And that you may share this peace with your friends, family, and even with your pets.

Subtabela 11 – Fragmento 11

Fonte: Elaboração própria

“so” e *“In your mind”:*

Novamente o *“so”* que é marca da oralidade em redundância. A construção *“in your mind”* prejudica a clareza do discurso, corrigida pelo acréscimo na construção *“into your own mind”*;

“can”:

A utilização do verbo “*can*” está incorreta. Poderia ser utilizado “*will be able*”, como alternativa mas a mudança na construção na segunda opção corrigiu o texto mantendo o sentido pretendido.

A opção da legenda utiliza preposições “*that*” e “*and*” que clarificam o que está sendo dito, assim como a conjunção “*with*”.

If you can share this peace with one person, two person, and they can share another one , two person, so, eventually, can affect the whole society.	If you can share this peace with one or two people, and they can share it with one or two people , and eventually it will affect the whole society.

Subtabela 12 – Fragmento 12

Fonte: Elaboração própria

“*Person*”:

A utilização correta neste caso é “*people*”, da segunda opção;

“*it*”:

O pronome “*it*” é necessário; A construção está confusa, as construções sem pronomes adequados, sem elementos de ligação que promovam uma construção frásica cadenciada fazem com que o discurso demonstre a falta de bagagem linguística do orador, prejudicando o entendimento frasal por parte dos ouvintes do discurso.

So in the end we all can get world peace. Ok? Thank you! Tashi Delek! (- saudação tibetana)	In the end, we can all get world peace. Thank you! Tashi Delek! (- saudação tibetana)

Subtabela 13 – Fragmento 13

Fonte: Elaboração própria

Há neste exemplo diferença de estilo e ênfase, devido à utilização da vírgula evidenciada no texto escrito. Novamente o “so” em repetição fragiliza a força da oralidade, já que se repete muito em pouco texto;

Também podem ser considerados na análise gramatical, apesar dos dois fragmentos estarem corretos.

As treze subtabelas e seus respectivos fragmentos analisados de forma comparativa conduzem a um argumento muito específico: que as habilidades linguísticas do monge Yongey Mingyur Rinpoche podem ser descritas como básicas¹⁰². Os trajes de monge, a cabeça raspada, as feições orientais, a fala pausada em tom baixo, o sotaque - o que não pode ser mensurado no destaque linguístico e é extratextual - falam diretamente ao espectador do vídeo. São mensagens subliminares que incitam um desconto para a incapacidade linguística do monge. Caso vestisse roupas ocidentais, não tivesse feições orientais e conversasse como uma pessoa qualquer ocidental, sem sotaque, o discurso soaria estranho: porque as construções são de uma criança que não articula as frases, não as concatena ou não as subordina.

Nota-se que a comparação é de um vídeo gravado na data correspondente ao momento em que o livro foi escrito. Esta informação foi retirada dos dados constantes em um dos exemplares do livro. Presume-se, portanto, que as habilidades linguísticas do monge não condizem com o que é encontrado na escrita do livro. Este dado, que serve de argumento, somente reforça o comentário da coautora no capítulo *Agradecimentos*, que assume que o livro foi escrito baseado em uma série de entrevistas que ela fez com o autor no período que antecede a escrita.

Donde se conclui que, segundo os comentários da coautora e tendo ele um nível básico de inglês, a escrita do livro pode ser assumidamente um tipo de adaptação criativa em transcrição editada. Primeiramente, porque o autor traduziu de sua língua original para o seu inglês para transmitir oralmente as experiências para a coautora/entrevistadora. Além disso, pode-se concluir que a coautora empreendeu uma segunda tradução:

¹⁰² É importante dizer que a adjetivação da qualidade linguística do autor se expressar em inglês não tem qualquer julgamento de valor, mas unicamente expressa um dado a ser observado no que se refere à escrita e tradução de sua oralidade para a literatura presente no livro em estudo.

traduzir o que foi dito pelo autor, o sentimento que ela percebeu na oralidade do autor, as pesquisas que fez sobre o tema do bardo (que ela enfatiza que fez no mesmo comentário do *Agradecimento*), tudo isso, para colocar em texto a experiência do monge de sua peregrinação de 4 anos e experiência de iluminação. O gênero literário que mais se aproxima a uma narrativa em primeira pessoa sobre os acontecimentos durante sua jornada pessoal, e as reflexões sobre esses acontecimentos, com caráter filosófico-religioso, é muitas vezes associado à prosa de natureza filosófica ou espiritual. Neste caso, assume-se que o livro tem um aspecto de disseminação pelo seu conteúdo e da abordagem, podendo ser classificado como divulgação dos preceitos filosóficos budistas, por seu caráter religioso. Um livro de memórias espirituais. O livro, coerentemente com a narrativa do herói, explora questões existenciais, ético-espirituais e oferece *insights* e reflexões profundas sobre a vida e a morte, a fé e seu significado.

Este trabalho assume então que o original em inglês é a tradução de uma tradução. A tradução das percepções da autora e da oralidade do monge, e a tradução do monge Yongey Mingyur Rinpoche de sua língua materna para o inglês (chamado aqui de básico).

4.4. A Tradução Para o Português Brasileiro, seu Contexto e seu Contexto de Tradução

Em 22 de dezembro de 2020 a tradutora brasileira do livro “Apaixonado pelo mundo” foi entrevistada. Paula Rozin conversou¹⁰³ sobre o livro de forma online.

¹⁰³ Antes de começar a entrevista, ainda expondo a forma como seria conduzida, bem como as estratégias metodológicas do trabalho, em perseguição a um viés de pesquisa qualitativa, foi exposto à tradutora as suspeitas de que toda forma de comunicação seriam, no fundo, uma forma ou tentativa de tradução, desde as noções de base semiótica, que se relacionam à semântica textual, à construção lexical literária. Que tudo indicava que uma noção de tradução mais ampla parecia mais coerente, partindo do pressuposto de que traduzir é um ato impossível e que, por isso mesmo, deveria ser tentado a qualquer custo. Que a tradução não deveria estar dentro do guarda-chuva da comunicação. Que seria possível realocar a tradução neste organograma para que ela tomasse um lugar junto à criação. Que esta noção representaria uma questão política importante, de valorização do trabalho de “criação tradutória”. A tradutora brasileira Paula Rozin demonstrou sinergia a este conjunto de ideias de princípios filosóficos.

Partindo do pressuposto de que a tradução é uma forma de comunicação, a lista de perguntas foi feita à tradutora, e, como se verá a seguir, as variações entre uma entrevista e outra (entre a tradutora brasileira e a tradutora portuguesa), se deram em perguntas secundárias ligadas a algum tema específico.

Ressalta-se que Paula Rozin, responsável pela tradução do livro *In Love With The World - A Monk's Journey Through the Bardos of Living and Dying* para o Português Brasileiro, é estudante e praticante do budismo e da meditação diária. Em São Paulo, ela é formalmente ligada ao Tergar, que é o nome do grupo mundial de meditação de Mingyur Rinpoche.

Paula Rozin traduziu os dois livros anteriores do monge: *Alegre Sabedoria*¹⁰⁴ e *Transformando Confusão em Clareza*¹⁰⁵. Ao término do segundo, o grupo avisou a tradutora que Rinpoche preparava outro livro que deveria ser publicado simultaneamente em maio em várias línguas. Assim, quando o livro original foi publicado, imediatamente o livro em português brasileiro também o foi. Para a tradutora, foi uma espécie de trabalho simultâneo. Paula comenta:

“...você quase que recebe uma transmissão viva, que nem se assentou ainda, é como se tivesse ouvindo o professor e transformando isso na sua língua. Então foi também uma experiência muito transformadora.”

Para ela, traduzir não é fazer um trabalho técnico, mas um trabalho que desperta em si “qualidades internas”. Ela associa então a prática da tradução à própria meditação. Conforme cita textualmente, sua tradução pode não ser perfeita em termos tradutórios, mas tem, traz com ela, uma “*atenção interior muito grande*”, porque faz parte da prática pessoal da tradutora. A utilização da meditação para se chegar ao cotexto indica uma metarrepresentação sensível que relaciona conteúdo e forma, contexto e texto: promove a urdidura textual, o texto-teia¹⁰⁶ sugerido por Yves Gambier no subcapítulo 3.3.13, “A importância do contexto”.

¹⁰⁴ “Alegre Sabedoria: abraçando mudanças e encontrando liberdade” (2016)

¹⁰⁵ “Transformando Confusão em Clareza: Um guia para as práticas fundamentais do budismo tibetano” (2018)

¹⁰⁶ O que não significa, neste caso, que a linguística e a Teoria da Tradução são observadas em sua integridade pela tradutora.

Esta é uma evidência de envolvimento contextual relativo ao trabalho a ser traduzido. Fazer parte do grupo Tergar, significa ser discípula de Rinpoche, do autor, e a possibilidade de experienciar parte significativa de seus ensinamentos dão à tradutora uma outra compreensão contextual. Além de conseguir metarrepresentar a noção filosófica oriental, a contextualização cultural, Paula Rozin conhece o autor e identifica-se com ele, seus ensinamentos e sua obra. Assume-se a proximidade da tradutora com o texto do autor, objetivo final do trabalho a ser traduzido.

Ao comentar sua forma de traduzir, a tradutora demonstra sua intenção de trabalhar “com a comunicação - com a presença do mestre comunicando diretamente para o público”. O contato com a editora se dá por meio do seu responsável no Brasil, Vítor Barreto, que disponibilizou o texto original para a tradutora. Assim que recebe, ela traduz o texto e interage com o grupo Tergar, que faz a edição técnica final relativa às questões advindas da tradução, sobretudo quando existem questões ligadas aos termos budistas. Fizemos contato com a editora responsável e com quem distribuiu o trabalho. No entanto, cabe notar que o papel de intermediário, de “cliente” segundo Nord (2016) foi feito neste caso pela Tergar que “*briefou*” a tradutora. Assim, o conceito de “*translation brief*”¹⁰⁷ existiu por meio da Tergar, não da editora diretamente. Segundo ela, são discutidos os termos, ela apresenta o que acha que deve ser mais correto em termos tradutivos, há uma discussão em cima do que é proposto, o que faz com que se chegue algumas vezes a segundas e terceiras conclusões a respeito do que está sendo traduzido.

Paula Rozin começou a traduzir textos do Dharma¹⁰⁸ no meio da década de 80, quando os primeiros textos budistas começaram a surgir no Brasil: 1984, 1985, 1986. À época,

¹⁰⁷ O conceito de “*translation brief*” é utilizado no meio editorial e se liga ao “*briefing*” da área de Comunicação Social. Estratégia comum e compartilhada, sobretudo na Publicidade e Propaganda. O raciocínio de “fazer resumo” se apoia em municiar de informações o profissional criativo que vai confeccionar a peça publicitária, com o que o cliente deseja sobre determinado trabalho. No caso, municiar o tradutor de informações sobre “como se quer a tradução” e para qual o público-alvo que se destina.

¹⁰⁸ De modo simples, Dharma tem um significado amplo: define-se como “fenômeno”, como “realidade”, mas também como “os ensinamentos para o caminho espiritual, o processo interior de crescimento e transformação” que se ligam ao budismo: https://youtu.be/BdV_AQIEWQQ?si=4LmFijfYT2IFggCK

estudava com o grupo Nyingma¹⁰⁹ de Tharthang Tulku Rinpoche¹¹⁰, que escreveu uma série de livros em inglês para apresentar o Dharma tradicional, em linguagem acessível para o ocidente: “falando na nossa língua”. Ela observa que há uma diferença entre a linguagem clássica budista da linguagem utilizada nos livros do Dharma atuais, o que ela classifica como “uma linguagem mais atualizada”. Foi o tradutor do Dalai Lama¹¹¹, Manuel Vidal, que a convidou para migrar da tradução consecutiva, que ela fazia com os monges que visitavam o Brasil, para a tradução escrita, baseada na observação dele sobre sua escolha minuciosa de palavras - seu contexto oral nas traduções consecutivas. O primeiro livro que traduziu foi “O Caminho da Habilidade” de Tharthang Rinpoche, publicados pela editora Pensamentos Cultrix. Daí, a prática de seu trabalho foi adquirida quando passou a traduzir para o centro budista, o que era publicado pela editora.

Para que aprimorasse a tradução dos pensamentos budistas, o trabalho com a *Dharma Publishing* da Califórnia, nos Estados Unidos, foi importante: ela traduzia em português, e o editor pedia que vertesse seu texto para o inglês oralmente. Assim, por essa técnica de “ida e volta” da tradução, eles corrigiam o que porventura não estivesse correto. Além desse esforço, ainda havia um tradutor da Universidade de Berkley que dava apoio ao trabalho da editora em parceria com ela.

Dessa forma, termos que podem parecer sinônimos em um texto qualquer, ganham outra perspectiva sob o viés budista. “Vazio” e “nada”, por exemplo, são termos que coloquialmente podem ser usados como sinônimos, mas não são em compreensão budista. Ela deu o exemplo do termo “*emptiness*”, traduzido por “*vacuidade*”. Para a tradutora, não pode dar o sentido de “vazio” como “nada”; “*existe nada em essência*”; Segundo ela, existem grupos budistas traduzindo “*emptiness*” como “*vaziês*” (ou seja, a qualidade do que é vazio), uma espécie de neologismo, mas que ela considera estranho. Há, dentro do grupo que acompanha o Dalai Lama, uma brasileira que defende que se mantenha a palavra “*tompanid*” em vez de *emptiness*, *vacuidade* e

¹⁰⁹ Centro Nyingma do Brasil - Grupo de estudos e prática do Dharma

¹¹⁰ Tharthang Tulku, também conhecido como Kunga Gellek Yeshe Dorje (1935) - líder budista e escritor;

¹¹¹ Dalai Lama é um título de uma linhagem de líderes religiosos do budismo tibetano. Atualmente, Jetsun Jamphel Ngawang Lobsang Yeshe Tenzin Gyatso é o 14.º Dalai Lama.

vaziês. Ou seja, mesmo dentro do ambiente budista não há consenso entre estratégias de tradução. Segundo a brasileira que trabalha com o Dalai Lama, seria necessário que houvesse uma familiaridade com o termo original, já que não haveria uma tradução específica no português brasileiro capaz de abarcar seu significado. Paula Rozin cita o termo que se tornou comum, "*mindfulness*": "Mindfulness virou uma coisa em si mesmo, né? Todo mundo trabalha mindfulness, a gente traduz como atenção plena, mas mindfulness passou a ter mais peso do que a própria prática de meditação." A estratégia de marketing de Kabat-zinn¹¹² ficou mais forte do que o conceito por detrás do que apresenta.

Sobre "o conhecer" e "o reconhecer" que a tradutora Paula Rozin se refere, inclusive citando os ensinamentos de Buda para experienciar como forma prática de conhecimento, é importante referir-se a Bakhtin¹¹³, o autor russo que introduziu a distinção entre o "reconhecer do sentido" ("*pripoznanie smysla*") e o "conhecer do sentido" ("*uznavanie smysla*"). Mikhail Bakhtin é amplamente reconhecido por suas perspectivas sobre a teoria literária, incluindo sua noção de dialogismo, que se refere à interação entre diferentes vozes ou discursos numa obra literária.

Para Bakhtin, o "reconhecer do sentido" envolve a identificação de significados que já são familiares ao leitor ou ouvinte, enquanto o "conhecer do sentido" implica uma forma de entendimento que é mais profunda e reveladora, permitindo ao leitor ou ouvinte descobrir novos significados. Esta distinção é apenas uma das muitas maneiras pelas quais Bakhtin explorou a complexidade e a riqueza da linguagem e da expressão literária. A tradutora Paula Rozin sublinha a importância do "conhecer do sentido" fazendo o link com o ensinamento budista que passa pela experiência via experimentação.

¹¹² "Apresentação de Jon Kabat-Zinn (1944) em seu site: Durante décadas, Jon Kabat-Zinn, o desenvolvedor e fundador da redução do estresse baseada na atenção plena (MBSR), tem sido um expoente em trazer a antiga prática de meditação budista conhecida como atenção plena (em suas articulações mais universais, tanto como uma disciplina meditativa formal quanto como um modo de ser) na corrente principal da medicina, dos cuidados de saúde, da ciência e muito mais - não apenas para os indivíduos, mas como uma forma eficaz de curar e transformar o mundo. <https://jonkabat-zinn.com/> acesso em setembro de 2023

¹¹³ "Estética da Criação Verbal": aborda vários tópicos relacionados à linguagem, incluindo o diálogo, a autoria e a relação entre linguagem e existência. Bakhtin, M. (1997). Estética da Criação Verbal. São Paulo: Martins Fontes. Esthétique de la création verbale / (1984) FLUP CDU: 82.01

Não somente enquanto forma, mas em conteúdo o processo de tradução se liga à visão budista. Para o budismo tudo está sempre em transformação. E isso deve ser observado também no que se refere à tradução. Quando apresenta-se a um significante um significado, imediatamente interrompe-se o processo da cadeia sónica. Paula Rozin concorda que o significado deve ser sempre aberto para incorporar formalmente a noção budista - daí conteúdo e forma estarão coerentes com o texto e seu contexto. É uma questão dinâmica, segundo a tradutora.

“eu sempre penso quando eu tô traduzindo que (...) tem uma palavra que seria correto você traduzir de um jeito ou de outro, mas tem um jeito que no contexto ele mantém o significado aberto ou ele faz isso [fecha as mãos, restringindo o foco]. Ou ele leva a mente do leitor a não permanecer aberta. Esse eu acho que é o grande desafio. E eu acho que pra qualquer tradução, viu? E acho que não só no caminho budista. Se você mantém a mente do leitor aberta para absorver aquele significado, você está fazendo um bom trabalho.”

Sobre a questão da fluência que se identifica “no ouvido”, ou seja, em “naturalidade contextual”, a tradutora refere que p. ex. no fragmento em que “*bless you*” foi traduzido por “Deus te ajude”, uma estratégia de aspecto “domesticante” foi utilizada em detrimento à estratégia “estrangeirante”, mais literal em graus distintos (algo como “seja abençoado”). É o que Nida (1964) define em sua terminologia de “equivalência dinâmica”. A tradutora neste contexto refere outro exemplo:

“...tem uma expressão que eles usam “to make a mountain of a molehill” alguma coisa assim. As pessoas traduzem assim: tornar uma pequena colina uma montanha. Mas na verdade não é. Às vezes são expressões que são usadas em Tibetano, mas é fazer uma tempestade em copo d’água, levar as coisas a sério demais, então, ou seja, são expressões idiomáticas que acabam adquirindo uma outra leitura dentro da nossa cultura. Então, essas coisas são importantes de serem respeitadas, porque na verdade você não está rompendo com o significado original, mas você está trazendo uma coisa que ressoa para a sua cultura. Isso é uma coisa muito importante na tradição budista, nos vários países, é o aculturação, ou seja, você não modifica os conceitos, mas a forma de apresentar são pertinentes àquela cultura.”

Quando Paula Rozin encerra a entrevista comentando que “falar com o coração faz total diferença”, demonstra o seu comprometimento com o conteúdo do texto traduzido e a sua intenção de contribuir para a sua divulgação.¹¹⁴

4.5. A Tradução para o Português Europeu, seu Contexto e seu Contexto de Tradução

Em 18 de maio de 2021, a tradutora Ana Pinto Mendes foi finalmente encontrada para falar sobre seu processo de tradução do livro “*Amar o Mundo*” de forma online.

No livro “*Amar o mundo*” - a edição portuguesa da tradução - consta o nome de Marta Pinho (João Quina Edições) como tradutora do livro. Ana Pinto Mendes foi uma tradutora terceirizada e sua escolha não foi diretamente feita pela editora. Ela era a tradutora disponível para o trabalho. O fato da editora Temas e Debates - Círculo de Leitores ter colocado no livro que a tradutora foi Marta Pinho demonstra o nível de cuidado que teve com o trabalho. Assim, no caso de Ana Pinto Mendes, a tradução chegou sem o “*translation brief*”, o resumo de informações necessárias ao tradutor. Mendes não tinha conhecimento sobre a tradução simultânea para o português brasileiro e não teve contato com a tradutora brasileira. A data da disponibilização do arquivo para tradução foi “final de 2018” e a entrega do arquivo traduzido se deu em março de 2019.

Ana Pinto Mendes não tem nenhuma proximidade com o tema do livro. Apesar de respeitá-lo, não tem relação espiritual com o budismo, nunca meditou e tem formação católica. Também nunca tinha feito tradução de textos budistas, ou de textos sensíveis religiosos. De matriz oriental traduziu apenas um texto sobre astrologia chinesa. Em sua entrevista, notou-se que sua abordagem sobre o texto foi especificamente linguística.

Nenhum comentário ou *briefing* foi dado pela editora sobre a tradução, nenhuma atenção foi exigida sobre a sensibilidade textual, nenhum comentário sobre o

¹¹⁴ a entrevista em forma de conversa coloquial pode ser vista através do link: <https://vimeo.com/493768684/1cb804d343?share=copy>

público-alvo foi feito. A mediação do “cliente” (quem encomenda a tradução) não foi feita no caso da tradução do livro para a variante do português europeu, diferentemente da tradução do português brasileiro, mediado pelo grupo Tergar, de Mingyur Rinpoche. Da parte da autora, ficou claro na entrevista que a primeira abordagem dela sobre o texto é “se ele parece ou não interessante”.

A questão lexical de conceitos específicos como “vazio”, “vacuidade”, “nada” foram sanadas pela tradutora em pesquisas de textos semelhantes. Segundo relatou, leu “algumas coisas”, foi “procurar para perceber todo o sistema”.

A tradutora demonstrou algum conhecimento relativo à metarrepresentação de um texto sensível, abordando a questão da distância e do tempo serem entraves para percepção contextual: questões impossíveis de serem sanadas. Citou, especificamente sobre o termo “bardo”, que sequer existia em português:

“... a primeira vez que apareceu bardo, eu disse assim, sei lá, se existe bardo em português.... eu não conhecia [risos] (...) se calhar não tive essa noção tão clara. É um bocadinho difícil pegar um texto de uma filosofia que não é nossa e tentar abarcá-la e percebê-la e ter a certeza, é como traduzir textos de filosofia... é muito complicado não é? Os conceitos filosóficos encerram muita inform... uma palavra em filosofia, em ciência, encerra muita informação e muitos anos e séculos de pensamento não é? E neste caso ainda mais não são séculos, são milhares de anos. E portanto, pelo menos tive a tentativa de chegar à palavra, eu já não sei, já não me lembro, teria que ler o texto todo agora,... se tive essa sensação de que havia... mas tenho certeza que sim, que cheguei a umas palavras que tive a sensação de que se calhar a tradução em Português fica curta, não é? Ou não abarca o que se pretende dizer. Embora o original também fosse em inglês. Se calhar também não abarcava o original se falar em indi ou... nem sei...”

George Steiner, em *Depois de babel*, recorre aos textos de Jane Austen para chamar a atenção de que o ponto chave, de que o ponto “crucial”, está na tonalidade, “no efeito cumulativo de palavras-chave e torneios frasais que podem ter atrás de si e, por assim dizer, imediatamente abaixo de sua superfície um complexo campo de valores semânticos e éticos.” (STEINER, 2005 pág. 36)

Há ligação direta estabelecida entre a entrevista da tradutora e este fragmento de Steiner. A tradução do português “ficar curta”, significa que ela não mergulha até “abaixo de sua superfície”, onde esse complexo campo de valores semânticos e éticos reside. É necessário relatar o movimento corporal da tradutora fazendo sinal com as mãos de “mergulho” ao tratar de “mergulhar no universo textual” para conhecê-lo e só então reconhecê-lo (vide o texto da entrevista em anexo). O que deixou claro na entrevista por meio de seu diálogo físico.

Empreende-se a imaginação da distância: se a coautora disse nos agradecimentos que teve que estudar a filosofia e os textos sagrados, e se consultar com discípulos do monge Mingyur Rinpoche para conseguir traduzir a entrevista dele no que se refere ao conceito de “Bardo”, faz-se um paralelo dessa distância, deste *gap metarrepresentacional* com relação à tradutora portuguesa que focou-se exclusivamente na linguística para efetuar a tradução do texto-fonte. Evocando Walter Benjamin¹¹⁵, é difícil encontrar a trajetória do significado quando o cotexto não se fundamenta no contexto.

Paula Rozin, a tradutora brasileira, tinha no contexto a base de seu cotexto. Seu nível de *contextualização metarrepresentacional*, conforme relata na entrevista, é profundo e “encarnado”. Antes da tradutora iniciar a tradução fazia uma oração, uma meditação, “para que os conceitos apresentados não fossem mortos, mas que estivessem vivos e abrissem para um entendimento além das palavras, um entendimento em transformação” (ver íntegra da entrevista da tradutora brasileira no anexo).

Este conceito visto de modo “etéreo”, “mágico”, ultrapassa a circunscrição da análise acadêmica, mas se visto academicamente como busca de metarrepresentação sensível, como busca de relação contextual para se chegar ao cotexto necessário à tradução, ou como exemplo da trajetória de significação proposta por Walter Benjamin, explica do que está nas bordas do escopo, em algum lugar do alvo determinado pela trajetória do significante em busca do significado.

¹¹⁵ Ver texto A Tarefa do Tradutor (1923) de Walter Benjamin.

A tradutora portuguesa Ana Pinto Mendes reconhece que a escrita do livro em si é uma tradução. Para ela, é uma “tradução dele mesmo”, já que ele traduzia para a coautora na oralidade em inglês das suas próprias respostas internas, erigidas de sua língua materna. Sobre o papel do tradutor:

“Um tradutor é um mediador. É um leitor que é um mediador daquilo que o autor nos pretende dizer. Claro que é sempre um intérprete, não é? Temos que sempre... ninguém é totalmente objetivo. Mas acredito que o tradutor deve ser o mais invisível possível, embora um observador experiente note a presença do tradutor. Mas quando dei-me com a tradução e que noto muito a presença do tradutor faz-me... não gosto de sentir aquela interferência, não é? É um obstáculo.”

Para ela, não devemos reconhecer o trabalho de intérprete de um tradutor como o de um intérprete de um músico clássico que interpreta uma partitura:

“...está menos presente a nossa marca pessoal de estilo, não pede tanto isso, não acho tão legítimo darmos uma volta ao texto em que se marque demasiado o meu estilo pessoal, acho que não. Não justifica, porque não justifica essas escolhas, é claro. Pois há a bagagem cultural que cada um tem, e vai influir nas escolhas que fazemos.”

O título traduzido pela tradutora portuguesa não foi o título utilizado pela editora. Sua tradução do título foi: *“Uma Paixão Pelo Mundo.”* Comenta que gostava mais do título brasileiro *“Apaixonado Pelo Mundo”* do que o título traduzido por ela e que certamente a editora mudou o título para *“Amar o Mundo”* por alguma questão comercial: *“Em Portugal... devem ter tido algum receio de que parecesse... como é que se diz... em inglês é corny [cafona], não é?”*.¹¹⁶

4.6. Resumo do Capítulo “O Texto Retraduzido”

Procurou-se com este capítulo uma análise das retraduições do texto sensível *“In Love with the World: A Monk's Journey Through the Bardos of Living and Dying”* de Yongey Mingyur Rinpoche e Helen Tworkov (2019) para o português europeu e o português

¹¹⁶ Outras informações não textuais pudessem ser pinçadas da entrevista no endereço eletrônico: <https://vimeo.com/551856404/b213584bde?share=copy>

brasileiro, aplicada aos conceitos apresentados no capítulo 3. A contextualização sobre o papel da tradução na cultura e literatura tenta destacar sua importância transcultural, ao mesmo tempo que pretende mostrar o caráter de divulgação filosófica contido no livro original e em seu contexto de produção. Por este motivo, houve a necessidade de contextualização do autor e coautora, Yongey Mingyur Rinpoche e Helen Tworkov, para tornar possível a compreensão de suas influências e intenções na publicação original. Daí partiu-se para os contextos específicos de produção das traduções das duas variantes do português, examinando-as com vistas aos contextos culturais alvo.

5. Aplicação do Modelo de Análise Textual de Christiane Nord

Depois da breve contextualização sobre o valor da cultura e a importância da tradução subjacente, além da compreensão dos personagens que produziram o texto-fonte em forma de transmissão oral e entrevista para transcrição editada, discutiu-se as características do trabalho original que deu origem às traduções para o português europeu e brasileiro. Assim, passa-se ao subcapítulo 5.1, “Análise Textual de Fatores”, onde será possível observar os 9 fatores relevantes de análise crítica de traduções para a fundamentação das conclusões posteriores desta tese: 5.1.1 Contexto; 5.1.2 Skopos; 5.1.3 Público-alvo; 5.1.4 Papel do Tradutor; 5.1.5 Normas Culturais; 5.1.6 Normas Linguísticas; 5.1.7 Normas de Gênero e Texto; 5.1.8 Finalidade do texto-fonte; 5.1.9 Estratégias de Tradução.

No subcapítulo 5.2, “Análise dos Fatores Externos e Internos ao Texto”, finalmente se apresenta o objetivo principal deste trabalho, ao aplicar este modelo de análise proposto pela autora, buscando ir além dos fatores externos e internos com a proposição dos “Fatores de Enlevo” e dos “Fatores de Ascese”.

Posteriormente, no subcapítulo 5.3 “Paratextos”, são apresentados cada um dos paratextos indispensáveis à compreensão do texto: 5.3.1 As capas do livro em inglês, do livro em português europeu e do livro em português brasileiro e sua comparação analítica; 5.3.2 Prólogo e a relação entre o original e as variantes do português; 5.3.3 Epílogo, que apresenta os comentários do autor; 5.3.4 Agradecimentos, que apresentam os comentários da coautora; e, finalmente, 5.3.5, Conceitos filosófico-religiosos que apresentam o glossário - de observação fundamental para a compreensão da diferença mais óbvia, a diferença lexical, mas de uma perspectiva que a ultrapassa. Uma análise relativa a esse conjunto de paratexto é feita, somando-se aos argumentos previamente apresentados; No subcapítulo 5.3.6, “Títulos e Títulos de Capítulos em Tradução”, observa-se uma análise mais específica das diferenças

encontradas no título e subtítulos das duas variantes da língua aqui contempladas. Começamos com a análise textual de fatores.

5.1. Análise Textual de Fatores

5.1.1. Contexto

Para fazer a crítica das duas versões do livro *In Love with the World: A Monk's Journey Through the Bardos of Living and Dying*, de Yongey Mingyur Rinpoche e Helen Tworikov (2019), recorre-se ao sub-subcapítulo 3.3.13, A Importância do Contexto.

Faz-se a análise em conformidade com os 8 fatores contextuais sugeridos por Christiane Nord, observando os círculos recursivos, que, tanto em análise global mas em análise mais específica - em fatores individuais do texto, podem ou não confirmar as expectativas funcionais que o texto carrega. (1) Skopos; (2) público-alvo; (3) papel do tradutor; (4) normas culturais; (5) normas linguísticas; (6) normas de gênero e texto; (7) finalidade do texto-fonte e (8) estratégias de tradução são observadas ao analisar o contexto com o olhar funcionalista.

Objetivando um olhar ainda mais detalhado do *corpus* desta tese, optou-se por abordar também fatores contíguos ou adjacentes apontados por Gambier que, extrapolam ou completam, segundo nossa avaliação, os fatores propostos por Nord. Infere-se que, enquanto Nord propõe um modelo que tem olhar metodológico mais ligado à didática do fazer tradutório, Gambier apresenta um conceito mais aproximado da realidade do fazer tradutório. Assim, sugere-se que nenhum modelo conceitual é melhor do que o outro, mas, assim como (em uma analogia) no futebol treina-se os fundamentos básicos para passar posteriormente às jogadas ensaiadas e aos dribles de craques da bola, toma-se a didática de Nord como os fundamentos para posteriormente ampliar as capacidades tradutórias com os conceitos de Yves Gambier. Como o foco do trabalho de Yves Gambier aborda a tradução multimodal, e a multiplicidade comunicativa contemporânea exige este olhar atualizado, acredita-se que a importância do contexto em análise somente chegue a ser alcançada de modo integral, se os conceitos de Gambier se somarem às proposições de Nord.

Gambier propõe¹¹⁷ (2021) a compreensão sinérgica dos fatores: pré-texto; subtexto; intertexto; cronotexto; cotexto e paratexto. Nord propõe os oito fatores supracitados. Utilizaremos os tópicos de Nord e agregaremos os fatores de Gambier em consonância com os fatores de Nord ou pontuando a falta que faz o olhar multimodal.

5.1.2. Skopos

O escopo proposto por Nord, oriundo de Vermeer e Reiß, se refere especificamente à funcionalidade textual: “para quê serve o texto”.

No pré-texto avalia-se a motivação, a proposta do texto na situação enunciativa do momento. Quem fala para quem, as expectativas e pressuposições (em acordo tácito), os hábitos e condições de emissão e recepção.

No livro, a motivação é, sobretudo, o aspecto de divulgação da história e mensagem do monge Rinpoche. Avalia-se que a tradução portuguesa foi mais fiel à superfície textual do que ao conteúdo motivacional. A linguística foi observada de modo mais teórico na tradução portuguesa europeia do que na tradução brasileira. A tradução brasileira ateu-se com mais foco à mensagem do monge do que à superfície textual trazida pelas palavras de Helen Tworkov. A tradutora brasileira se preocupou, em análise holística, mais com os pacotes semânticos do que com estruturas isoladas que contribuíssem para que o léxico do trabalho correspondesse a um estilo de Tworkov.

Nas entrevistas, as tradutoras comentam sua forma de abordagem ao texto e são coerentes com o que foi observado empiricamente na leitura. A tradutora brasileira estava mais interessada na transmissão budista, a tradutora portuguesa estava mais interessada em cumprir um trabalho de tradução bem transferido esteticamente. A analogia de gênero foi aqui caracterizada pela tradutora do português brasileiro como sendo gênero literário. O que parece ter sido motivo de decepção. A tradutora portuguesa comenta que “o texto é infantil”, e que, de certo, os conceitos do monge

¹¹⁷ A explicação de cada um dos fatores de Gambier utilizados neste trabalho estão no artigo GAMBIER, Y. (2021). *Context, contextualisation and (multimodal) text. Studies about Languages / Kalbų studijos*, 39, 5–18. <http://doi.org/10.5755/j01.sal.1.39.28965>

não são infantis¹¹⁸. Nord atesta que Reiß e Vermeer¹¹⁹ defendem que “em virtude da atribuição do texto-fonte a um desses tipos textuais, o tradutor pode decidir sobre a hierarquia de equivalências que deve ser observada na produção do TA.” (NORD: 2016, p. 48/49)

Acredita-se que as duas tradutoras estiveram em sinergia com a noção de uma abordagem sociolinguística de Nida quando puderam aferir os sistemas de valores na tradução. Uma sendo mais coerente com a pressuposição conceitual do autor e de seus valores históricos e filosóficos, e a outra sendo mais coerente com a “equivalência formal”, tentando ser mais fidedigno com o texto-fonte.

Também avalia-se que não há noção teórica mais aprofundada. No máximo, têm objetivo de reproduzir a interdependência dos fatores intratextuais (com respeito ao conteúdo e à forma) e extratextuais (situacionais e, acima de tudo, orientados ao receptor), mas de forma orgânica e intuitiva. Uma mais focada no conteúdo e outra mais focada na forma. As variações das noções teóricas sobre “equivalência denotativa, conotativa, normativa, pragmática e formal de Koller¹²⁰ até a equivalência vinculada ao texto de Neubert¹²¹ (NORD:2016, pág.52), ou as noções da gramática generativa (1957,1965) apresentada por Chomsky¹²² estão mais próximas à discussão acadêmica do que ao fazer tradutório do corpus analisado.

5.1.3. Público-Alvo

O procedimento “*Top-Down*” recomendado por Nord indica o caminho estratégico que passa pela “função comunicativa textual” (Nord (2016) (segundo a situação do público-alvo), as Normas Culturais e Convenções, as Estruturas Linguísticas dentro do registro de chegada, o Contexto e a Preferência Pessoal do Tradutor. A análise das tradutoras do público-alvo nos parece ter sido diferente. A tradutora brasileira traduziu

¹¹⁸ Infere-se que este problema textual ocorreu devido à transmissão oral do monge ser uma tradução, não uma transmissão oral em sua língua materna, com toda a riqueza estilística que deve conter.

¹¹⁹ NORD (2016) Apud. K. Reiß; H. J. Vermeer, op. cit., 1984.

¹²⁰ NORD (2016) Apud. W. Koller, op. cit, 1979, p. 187; W. Koller, “The concept of equivalence”. (p. 52)

¹²¹ NORD (2016) Apud. A. Neubert, “*Text-bound translation training*”, p. 68; A. Neubert, “*Translatorische Relativität*”, p. 87. (p. 52)

¹²² Gramática, Sentido e Conotação (linguagem figurada);

objetivando um público-alvo que deveria receber um conteúdo budista mais coerente e mais específico mediado pelo grupo Tergar, de Mingyur Rinpoche (que fez o papel do cliente que encomenda a tradução), enquanto a tradutora portuguesa traduziu objetivando um público-alvo geral, português, de matriz católica e registros diferentes do texto-fonte, sem que houvesse nenhum *briefing* relativo ao seu trabalho de tradução ou ao público a que se destinava o trabalho. Enquanto a tradutora brasileira se afasta do grande público quando especifica o foco no teor budista do texto, a tradutora portuguesa se afasta do público específico quando tira o foco da especificidade budista do texto, ampliando o foco textual. São escolhas distintas e paralelas que cada uma assume, e que trazem ligeiras diferenças para a análise do público das duas. Não há exatamente como se certificar qual delas foi mais correta em termos tradutivos, porque a abordagem mediada foi feita apenas com a tradutora brasileira. Assim, a tradutora brasileira foi correta ao seguir as diretrizes, o *briefing* da Tergar, e a tradutora portuguesa foi correta ao tomar o livro sem *briefing* e procurar no cotexto em inglês a referência interna que define seu público. Perdas e ganhos podem ser avaliados a partir desses dois vieses. Enquanto o público-alvo da tradutora portuguesa era o grande público português, o público-alvo da tradutora brasileira era o grupo Tergar, dos discípulos de Mingyur Rinpoche. Os dois trabalhos, portanto, tem caráter de divulgação, sendo o brasileiro mais direcionado para tal.

5.1.4. Papel do Tradutor

O papel do tradutor para a análise em questão é ter a capacidade de metarrepresentar um texto sensível. As condições de produção textuais foram identificadas neste trabalho. Não se trata de um discurso oral do monge que precisa ser representado. Observou-se o *gap* relativo à produção do texto-fonte. O monge traduziu o texto de sua língua materna para a oralidade em outra língua para a coautora Helen Tworkov. Isso fez com que houvesse um maior afastamento do que pode ser considerado um texto original.

Segundo Gambier, o subtexto traz:

“(...) alusões, pressupostos, suposições, implícitas, insinuações (sous-entendus), clichês/estereótipos, imagens, ideologias, representações/categorias semântico-cognitivas, associações de ideias, conhecimento compartilhado sobre a realidade (crenças, informações culturais, memórias) , e sobre regras e convenções de produção e recepção (normas ou gênero).” (GAMBIER:2021, p. 9)

Sugere-se que o metarrepresentar de forma mais efetiva pressupõe o subtexto proposto por Gambier. Neste caso específico, soma-se a isso o fato do texto ter, em algum nível, um componente religioso. Mesmo que haja, conceitualmente, a noção fluida de que o budismo não representa especificamente uma religião, mas uma filosofia, há um componente de sensibilidade textual que deve ser considerado pelos tradutores. Como se observou, a tradutora brasileira teve mais comprometimento com este componente religioso do que a tradutora portuguesa, sem julgamento de mérito. Para Gambier, “a distância cultural pode ser diferente da distância linguística no que se refere às questões estruturais”.¹²³ A metarrepresentação foi buscada de forma mais contundente pela tradutora budista por motivos óbvios. Somando-se às perspectivas de Gambier em relação ao subtexto e as perspectivas holísticas de Hüsken (2005), o Papel do Tradutor especificado por Nord ganha dimensão mais apropriada, sobretudo se a tradução se refere a textos sensíveis, como se pôde observar na análise das entrevistas e nas diferenças dos textos.

5.1.5. Normas Culturais

Gambier acredita na importância do intertexto. A tessitura verbal utiliza rastros, referências, e a relação desse texto com o que a mesma cultura produziu textualmente. Christiane Nord afirma que os valores culturais devem ser transferidos em uma tradução. Afirma que, ao traduzir, o tradutor reafirma as diferenças entre culturas e línguas, propondo-se a apropriá-la à cultura-alvo. A aplicação da transferência cultural de Nord com a preocupação intertextual de Gambier produz normas culturais adequadas ao fazer tradutório. No caso específico do *corpus*, as traduções

¹²³ *Cultural distance may be different from linguistic distance (structural differences).* (tradução própria) (GAMBIER: 2021. p. 9)

acompanharam a contextualização da linguística budista, apesar de que termos específicos foram tratados de forma diferente, conforme foi demonstrado em análise. No sub-subcapítulo 4.6.5, Paratexto - Glossário, demonstrou-se diferenças lexicais entre as traduções brasileira e europeia de mesmos termos para o português. Termos de importância fundamental para o budismo.

5.1.6. Normas Linguísticas

As normas linguísticas seguem referências consagradas. As ideias de Gambier neste ponto coincidem, mas não se somam ao fator identificado por Nord. Para Gambier, o cronotexto - que pode ser identificado como versões prévias de um texto, inclusive versões traduzidas de um mesmo texto, palimpsestos ou conotações, são observados como fatores de análise pelo tradutor. É uma concepção básica, mas importante: o texto deve ser fluente e natural na língua de chegada para que haja reconhecimento pelo público-alvo, e a observação de versões prévias ou textos semelhantes vêm a validar o que está sendo traduzido pelo tradutor do texto. Os dois textos analisados têm fluência e naturalidade, suas diferenças se dão sobretudo pelas diferenças das variantes do português brasileiro e do português europeu, apenas isso.

5.1.7. Normas de Gênero e Texto

Este é um ponto analisado que não teve uma repercussão importante no trabalho. Por um lado, pode-se considerar o texto de Rinpoche prioritariamente como um texto literário (e foi assim que a tradutora do português europeu parece ter considerado). Por outro lado, pode-se considerar o texto prioritariamente em seu aspecto de divulgação (e foi assim que a tradutora do português brasileiro parece ter considerado). Em uma análise mais didática, é possível perceber que ele carrega os dois aspectos de maneira semelhante. É uma história contada, uma narrativa. E que traz inserida um viés filosófico-religioso importante. Para Gambier, há marcas textuais e coerência textual que fazem a intratextualidade ser considerada em uma análise.

5.1.8. Finalidade do Texto-Fonte

A finalidade do texto-fonte perpassa também o paratexto, e consequentemente o peritexto (o que está dentro no livro, como agradecimentos, prefácio, notas de rodapé, glossário, capas etc.) e o epitexto (o que está fora do livro, como o site do Tergar, as palestras de Rinpoche, o canal dele do Youtube, suas redes sociais etc.). Tudo foi abordado em análise supracitada anteriormente. Estes são fatores necessários para Gambier que se relacionam à finalidade do texto-fonte, fator proposto por Christiane Nord. Não existe forma de se pensar na finalidade do texto, sendo ele um texto de divulgação da narrativa budista e do processo de iluminação e a maneira de lidar com a morte, trazida pelo autor, Mingyur Rinpoche.

5.1.9. Estratégias de Tradução

Por último, mas não menos importante, o fator *Estratégias de Tradução* é proposto por Christiane Nord. A sugestão deste trabalho é adotar a confluência dos fatores analisados por Gambier, que se somam, se misturam e se comunicam como estratégia de tradução para a trajetória da tradução, em consonância com o que foi dito no sub-subcapítulo 3.5.13 A Importância do Contexto. Porque somente dando a importância contextual que o texto necessita, os *gaps* encontrados durante o percursos da tradução serão usados da melhor forma para o produto final. O texto-teia, a forma de lidar com o texto em urdidura com o contexto produz mais naturalidade no resultado final pretendido.

5.2. Análise dos Fatores Externos e Internos ao Texto

5.2.1. Fatores de Enlevo

O modelo de análise textual¹²⁴ de Christiane Nord é dividido em fatores externos ao texto e fatores internos ao texto. O pragmatismo de sua análise, conceito que se

¹²⁴ A tabela completa de análise mecânica e denotativa encontra-se no anexo deste trabalho. Neste capítulo, encontra-se uma análise mais conotativa ligado à ele.

alicerça no funcionalismo de Vermeer e Reiß (Vermeer, 1978, 1983, 1984, 1986a), conforme visto no subcapítulo 3.3 (sobre a *Skophostheorie* e a abordagem funcionalista de Nord), diferencia-se do pragmatismo filosófico, originalmente fundado por Charles Sanders Peirce (1842-1910). Para Peirce, a validade de uma ideia pode ser medida pelos seus efeitos práticos (2005). A abordagem pragmática de Nord enfatiza a “intencionalidade”, ou seja, o “propósito” comunicativo. Se relaciona, portanto, aos fundamentos “peirceanos” quando observa que, para que a comunicação seja efetiva, ela deve observar a intencionalidade do tradutor frente aos propósitos da tradução. Essa visão se afasta sutilmente (e de certo modo) da literatura, no que diz respeito ao seu caráter artístico-poético. A dimensão não-pragmática da arte, a abordagem vazia de “efeitos práticos” que carrega, muitas vezes, é relegada nesta análise. Ainda que se questione que o efeito prático da arte é “ser arte”, o “belo pelo belo”, a “estética pela estética”, esta noção diverge ligeiramente da questão prática, da dimensão pragmática filosófica, no sentido “peirceano”. Por um lado, para um texto que tem caráter de divulgação como o livro de Yongey Mingyur Rinpoche, a análise de fatores externos e internos ao texto é perfeita para localizar o tradutor, localizar a crítica de tradução, porque está se falando de um texto de disseminação de conceitos, percepções e visões. Por outro lado, para um texto que tem caráter filosófico religioso, e tem no enlevo o seu propósito, esta análise pragmática é apenas uma etapa a ser cumprida. A etapa denotativa. A etapa conotativa¹²⁵ precisa ser abraçada pelo tradutor e pelo crítico de tradução para que a efetividade seja concluída com êxito. A intencionalidade, neste caso, sob esta perspectiva, seria o enlevo.

No entanto, cabe o primeiro passo denotativo para o entendimento do trabalho. Para Nord, os fatores externos selecionam os seguintes dados para serem analisados: emissor, intenção, receptor, meio, lugar, tempo, propósito (motivo) e função textual. Como estão “fora” do texto, em uma análise conotativa proponho uma conceituação diferente: “Fatores de Enlevo”.

Os fatores internos ao texto selecionam os seguintes dados para serem analisados pelos pesquisadores: tema, conteúdo, pressuposições, estruturação, elementos

¹²⁵ Seguindo as ideias de Karl Simms (1997) e Paul Ellingworth (1997)

não-verbais, léxico, sintaxe, elementos supra-segmentais e efeitos do texto. Como estão “dentro” do texto, em uma análise conotativa proponho uma conceituação diferente: “Fatores de Ascese”.

Em uma análise denotativa, o emissor do livro é Yongey Mingyur Rinpoche pela tradução direta de sua oralidade via texto produzido pela coautora Helen Tworkov, conforme explicado nos agradecimentos do livro. Em uma visão conotativa, o emissor é o próprio Buda. Seus ensinamentos são colocados pelo seu discípulo por meio da narrativa da peregrinação que empreendeu, e isso serve de ponte para a doutrina ou para o compartilhamento de preceitos filosóficos. Esta é uma ilação que pode parecer “fantástica” para a análise acadêmica, mas não o é para os conceitos que fundamentam o livro budista.

Didaticamente, os tradutores precisam atentar-se para a pessoalidade e oralidade do discurso do emissor: um líder espiritual, e, por conseguinte, as tradutoras devem ser coerentes com o texto, seu subtexto, e a representatividade desse líder, o que significa observar a oralidade presente; e a tradução dessa oralidade na forma, por meio da superfície verbal. Recuperar o orador no texto-alvo é uma tarefa de metarrepresentação e escolha do cotexto que nem sempre é atingida. Observe os exemplos:

EN

"Deities could reside here." (p. 230)

A tradução do inglês “*deities*” pode ser tanto divindades quanto deidades, mas na oralidade do monge é preciso distinguir o que realmente ele quis dizer, o que ele disse: “deidade” é um termo mais amplo que se refere à qualidade de ser divino, “divindade” muitas vezes tem uma conotação mais específica relacionada a deuses ou entidades supremas em um contexto religioso.

TA1

"Poderiam residir aqui divindades." (p. 303)

TA2

"As deidades poderiam residir neste lugar." (256)

A tradutora do português brasileiro, reconhece a diferença entre “deidade” e “divindade” por afinidade via prática budista, e supõe que a voz do monge diria dessa forma. Ou seja, apesar do quarto estar sujo, as características divinas aqui poderiam estar vivas. Este é um exemplo de que o emissor deve ser observado e sua voz perseguida. Porque pode mudar o sentido do voto, da pregação ou doutrina, do compartilhamento filosófico.

Nota-se que a intenção do livro para o grupo Tergar é contar a peregrinação errante que teve duração de 4 anos feita por Rinpoche, quando este teve uma experiência de iluminação. Por meio da narrativa, explorar conceitos budistas e seus ensinamentos. A intencionalidade da tradução deve levar em conta estes princípios. As traduções precisam ficar atentas a vocabulários específicos utilizados pelo budismo, budismo tibetano, e religiosos. Isso se reflete na escolha do cotexto. Há determinados jargões e formas de linguagem que acompanham cada tradição e um livro budista faz parte de uma segmentação específica. No entanto, devem se lembrar que o autor tem no livro a oportunidade de propagação de suas impressões e de sua religião: ao mesmo tempo que a linguagem não pode ferir os praticantes do budismo, precisa ser ampla o bastante para alcançar quem pouco domina o tema (este é um aspecto puramente funcionalista). Observe o exemplo que se relaciona à intenção:

EN

"My first night. I am learning that I cannot inhabit the wandering yogi-mind overnight." (p. 56)

"A mente do logue errante" foi traduzida como *"o yogi errante"* pela tradutora portuguesa de TA1. E isso muda o sentido do texto causando reflexos na intenção.

TA1

"A minha primeira noite. Estou a aprender que não consigo habitar o yogi errante da noite para o dia." (p. 83)

TA2

"Minha primeira noite. Estou aprendendo que não posso me apoderar da mente de um iogue andarilho da noite para o dia." (p. 73)

A questão da afinidade é definitiva neste caso. A tradutora brasileira, acostumada à prática budista, pode perceber a importância da “mente” no termo “*yogi-mind*”, assim, demonstra neste excerto mais proximidade com a intenção original do monge Mingyur Rinpoche. Aqui a ressalva se faz pela escolha do léxico “andarilho” em vez de peregrino. “Andarilho” realmente carrega em seu significado o ato de perambular sem destino específico (e talvez tenha sido por este motivo a escolha da tradutora brasileira). No entanto, carrega também em seu significado a característica de não apresentar um propósito religioso ou espiritual específico. O “peregrino”, no entanto, é aquele que realiza uma jornada. Algo significativo e com propósito, associado a uma busca espiritual, devoção, reflexão. O que quer dizer que a dimensão conotativa é mais importante de ser observada para o acréscimo tradutivo. Note-se que nas duas traduções o termo “viagem” foi empregado no subtítulo, quando o original trazia o termo “*journey*” - jornada. Ainda que um léxico pouco utilizado, necessário para esse contexto e para a compreensão dos leitores.

Os receptores do livro, portanto, serão leitores interessados pelo budismo, peregrinações, religião, viagem de aventura.

Como relatado, os leitores específicos que dominam o ambiente budista devem “sentir”, “incorporar” as palavras do mestre, ao mesmo tempo que os leigos devem compreender os ensinamentos que estão sendo passados de modo acessível ao público comum. Deste modo, o tradutor precisa atentar-se à forma como o livro foi escrito e ao mesmo tempo compreender as especificidades destes dois nichos alvo. Conforme dito no sub-subcapítulo 3.3.14, é uma questão contextual que deve observar a questão da “lealdade”, em se tratando de um texto sensível religioso budista. Observe o exemplo que traz especificamente um dos ensinamentos do monge presentes no livro:

EN

"In Luminous emptiness - the deathless realm - recognition and acceptance are one. We cannot attain unborn deathless reality until we accept death." (p. 206)

TA1

"No vazio luminoso - o reino imortal - o reconhecimento e a aceitação formam um só. Não podemos atingir a realidade imortal e sem nascimento sem antes aceitarmos a morte." (p. 271)

"Ser um" é diferente de "formar um", e.g. um pai e uma mãe formam uma criança. Mas não necessariamente eles são um. É uma diferença a ser observada quando se trata de um ensinamento (ou pregação) presente no texto. Nem sempre o receptor tem o conhecimento da filosofia e da prática. Da forma como escolheu a tradutora de TA1 o ensinamento seria passado de forma diferente do exposto no texto-fonte. Observe a tradução de TA2:

TA2

"Na vacuidade luminosa - o reino imortal - , o reconhecimento e a aceitação são um só. Até aceitarmos a morte, não poderemos alcançar a realidade imortal, que nunca nasceu." (p. 230)

A forma de TA2 - "a realidade imortal, que nunca nasceu" parece mais didático ao receptor do que a forma escolhida pela tradutora de TA1 que não tem afinidade com o tema.

Ao levar em conta que meio original da mensagem escolhida por Rinpoche foi o livro e também foi no texto-alvo em português europeu e português brasileiro, repara-se que a coincidente fidelidade ao meio original torna menos arriscada a transmissão do que se pretende. Em casos específicos, isso pode causar estranheza à cultura de chegada, e.g., há textos de outras línguas escritos da esquerda para a direita. Evidentemente, não é este o caso. Na tradução intermeios (de um livro para um filme, da oralidade da fala de um personagem de um filme para a transcrição da legenda, etc.), a forma

interfere no resultado final¹²⁶. A questão da “lealdade”, portanto, deve ser tomada com seriedade no caso da tradução, seja ela de textos-fonte e textos-alvo de mesmo meio, e ainda mais no caso de uma possível divergência midiática, onde a necessidade da adaptação se faz mais evidente.

O lugar, o ambiente retratado no livro, é a Índia e o Nepal, seus templos, seus lugares sagrados, os mosteiros, os *ghats*, as montanhas, os monumentos. Tudo com suas características orientais distintas, geográficas, arquitetônicas, diferenciadas do universo da cultura ocidental, para onde o livro está sendo traduzido. A fidelidade às ambientações por parte das tradutoras leva diretamente os públicos de dois países distintos à percepção do que o autor vivenciou (por exemplo, a caracterização do templo onde ele vivia, os templos onde passou, as características dos meios de transporte diferentes de Portugal ou do Brasil que são comentadas no livro ou a natureza e clima encontrada nos dois países, também distintos da realidade portuguesa e brasileira). Caso o gênero do livro fosse literário, exigiria por parte das tradutoras cuidado extra com a descrição mais acurada de lugares e ambientes. No entanto, o enfoque maior deve se dar ao que se refere aos aspectos filosófico-religiosos do livro, onde a metarrepresentação é mais necessária.

Conforme visto em Simms (1997), o fator “tempo” que Nord trata como fator de análise (de modo denotativo) também interfere substancialmente na tarefa de metarrepresentação do contexto de criação do texto do livro. Em se tratando de um texto budista, caso o texto fosse sagrado, e.g. produzido há, aproximadamente, mais de dois mil e quinhentos anos, conforme os dados históricos¹²⁷, o tempo seria preponderante na questão tradutiva. No entanto, apesar do cunho religioso-espiritual, o livro não pode ser considerado um texto sagrado. Note-se que o livro trata de uma narrativa que ocorreu recentemente, da primavera (junho) de 2011, ao outono de 2015 - este foi o período da peregrinação errante do monge autor do livro. Assim, o fator “tempo” nestas traduções pode ser analisado de outro modo.

¹²⁶ No caso da legenda, por exemplo, o tempo da cena nem sempre comporta a leitura de tudo o que foi dito pelo personagem. Assim, a adaptação é preponderante para corresponder tempo cênico e compreensão da mensagem integralmente.

¹²⁷ Referência aos dados temporais históricos de Siddharta Gautama, o Buda histórico. Cf. sub-capítulo 2.1.

Conforme relatado, as entrevistas com o autor (e, portanto, as transmissões orais) foram feitas entre 2016 e 2018, e as traduções foram encomendadas ao mesmo tempo, prevendo que o livro seria lançado simultaneamente em todas as línguas traduzidas em 7 de maio de 2019: o fator tempo, neste modo ampliado de se ver esta forma de análise, vai se referir ao tempo de produção do livro original e posteriormente de suas traduções. Do tempo que se relaciona à pesquisa das tradutoras para compreensão contextual e/ou do tempo que a coautora teve para transcriar, editando a transmissão oral do monge. O “tempo” em uma visão de “Enlevo”, que supera o aspecto denotativo e conotativo de uma análise, poderia inclusive ser tratado como o *zeitgeist*¹²⁸, o espírito da época: a que influências mundiais está sofrendo o monge que parte em peregrinação errante por quatro longos anos.

Recorre-se, nesta perspectiva, ao motivo principal do autor para produzir sua narrativa: experienciar a tradução de peregrinações errantes dos antigos mestres do budismo tibetano. Por meio deste mote, divulgar a história de forma narrativa e apresentar ao mesmo tempo conceitos fundamentais ao budismo, ao bardo e à passagem de uma vida para outra, e à peregrinação em si. Por meio desta narrativa, o livro pretende divulgar os ensinamentos budistas para um público leigo, não somente para o público budista. Neste livro, não somente a iluminação é tema central, mas a relação com a morte - a passagem de uma vida a outra, ao bardo existencial - que seria identificado como esse espaço de transição, essa espécie de *gap* entre estados: vida/pós-morte.

A função estética e poética se identifica então como o produto final deste empreendimento (é, portanto, sua função textual em uma visão denotativa) por se tratar de uma prosa poética narrativa com cunho filosófico-religioso. No entanto, verifica-se a presença de elementos das funções expressiva ou emotiva, informativa ou referencial, apelativa ou conativa em fragmentos específicos do texto conforme explicação subsequente que abordam o que transcende e subjaz à superfície verbal.

Na função estética e poética, os tradutores observam o estilo e a temperatura do texto, a forma de colocação e a possível oralidade, em se tratando de um depoimento

¹²⁸ Ideia desenvolvida por Herder, J.G (entre 1784, 1831) e termo popularizado por Hegel, G.W.F. na obra *Princípio da Filosofia do Direito* (1820).

peçoal, da contação de uma história vivida pelo autor. O texto original tem impressões pessoais e fala de sentimentos, o que leva em alguns momentos o autor a utilizar-se de modo contundente da função expressiva ou emotiva e também poética. A sinestesia evocada pelo livro, muitas vezes parece contemplada na função somente com o pragmatismo da função expressiva. A capacidade de enlevo evocada pelo tom do texto reflete a função poética e o que não cabe em função alguma estabelecida.

Como também se trata de uma espécie de diário de bordo, onde elementos datados e acontecimentos são descritos, assim como algumas técnicas relativas ao ato budista de meditação e de percepção do mundo, há alguns elementos da função informativa ou referencial que também devem ser observados pelo tradutor. Assim, como pode ser percebido, há um jogo de análise que deve passar pela metodologia proposta por Nord, mas transcender em alguns pontos chave, como quando a expressividade abre portas (ou janelas) para percepções sutis.

Ainda que em bem menor escala, pode se perceber algum detalhe relativo à utilização da função apelativa ou conativa na visão denotativa, por ter o autor que defender seu ponto de vista e, em alguma medida, propagar seus ensinamentos budistas. Sobre a tradutora do português europeu, percebe-se na superfície textual que ela objetiva mais o olhar sobre a função estética e poética, o que se traduz em uma escrita mais declinada ao aspecto literário e menos ligado ao aspecto emotivo, informativo ou referencial, ou à forma apelativa ou conativa. A impressão que fica é que a tradutora do português europeu se ligou mais a funções que se relacionam à forma e menos ao conteúdo. O olhar da tradutora do português brasileiro se ligou mais à função expressiva ou emotiva, informativa ou referencial, apelativa ou conativa, já que havia um comprometimento filosófico da mesma com os ensinamentos budistas trazidos pelo monge e pelo livro. Assim, em vez de se ater à função estética e usar a poética para atingir o enlevo que o texto conduz, o rigor aos ensinamentos fizeram do seu livro ligeiramente mais informativo por um lado e emotivo por outro, mas menos fluido na leitura no que diz respeito a um aspecto literário. Ressalta-se que é uma impressão da obra como um todo, impressão menos pontual e mais globalista.

5.2.2. Fatores de Ascese

Tentando mergulhar na superfície textual a ponto de ultrapassar os fatores internos ao texto elencados por Christiane Nord, propomos os Fatores de Ascese. O exercício contínuo e rigoroso que subjaz à disciplina promove a quebra de paradigmas representacionais. Desloca-se o aspecto denotativo e suplanta-se o aspecto conotativo da compreensão sógnica da superfície verbal. Vejamos o que isso pretende alcançar com a análise denotativa e a tentativa do passo seguinte que a supere.

Segundo a classificação da *Amazon* (acesso em julho de 2023), o livro de Rinpoche se enquadra em “religião e espiritualidade”, “*new age* e espiritualidade”. Pode-se incluir, como temas específicos, a peregrinação e o Budismo. Conforme definimos anteriormente, o gênero textual de divulgação é o mais próximo que se pode classificar o livro, mesmo que seja ele travestido de uma narrativa filosófico-religiosa, associada à prosa de natureza filosófica e espiritual. Sua “função comunicativa textual”, conforme a designação de Nord (2016) discutida no sub-subcapítulo 3.5.4 (que trata de funcionalismo e “lealdade” e textos sensíveis) é de divulgar os preceitos budistas e utiliza dessa narrativa da “jornada” entre a vida e a morte para tocar o leitor e levá-lo ao seu tema principal. Assume-se que o texto-fonte está na língua inglesa, porque a co-autora fez uma série de entrevistas com o autor para escrever o livro. No entanto, em uma visão que aprofunde a análise e desloque conotativamente, pode-se assumir que o texto-fonte real é o texto em tibetano: a língua mãe do autor. É por este motivo que a tarefa das tradutoras portuguesa e brasileira deve ser encarada como uma retradução de um texto sensível. Assim, o primeiro pressuposto que transcende a análise internamente é que a própria escrita do livro seria uma forma de tradução.

Outra característica interna do texto que deve ser observada pelos tradutores é a especificidade do tema. Nos comentários da coautora ela explica que se valeu de estudo e ajuda para que o tema do Bardo fosse tratado por ela - por meio de sua tradução da oralidade para a forma escrita - com o devido rigor. Sendo um tema caro para a particularidade espiritual e religiosa do conteúdo, não poderia ser traduzido sem a devida substância. Para Nord (1991), tradução não é uma questão de palavras, é uma questão de tornar inteligível toda a cultura. O que quer dizer a compreensão da

bagagem quando se fala do tema e dos fatores internos ao livro. “(...) estamos sempre de alguma forma presentes porque outro tradutor teria traduzido de outra maneira.”, conforme disse a tradutora portuguesa de TA1, Ana Pinto Mendes. Segundo Mendes:

"(...) para poder perceber e entrar um bocadinho nesse mundo, a certa altura, eu... porque quando é um tema que eu não conheço eu começo... entro no texto, vou ver o que... [fazendo sinal de mergulhar no texto] ... depois paro e vou ler umas coisas para perceber o que é que eu preciso. E assim vou pesquisar, para ter a certeza de que estava a perceber... porque às vezes é complexo né? É uma filosofia! E que tem a sua complexidade. Portanto eu tive que pesquisar para ter a certeza que não... de que encaixava e que os termos eram certos, também. Não é, quer dizer, a primeira vez que apareceu bardo, eu disse assim, sei lá, se existe bardo em português.... eu não conhecia (risos)."

Para Nord (1997), em *“Translating as a Purposeful Activity: Functionalist Approaches Explained”*, para traduzir é necessário “agarrar”, “compreender” a mensagem do texto-fonte. E ela usa a palavra “*grasp*”, que tem um sentido ainda maior do que entendimento, por isso traduzimos como “agarrar, compreender”. Segundo ela, somente depois disso se torna possível reformular a mensagem na cultura alvo. Isso representa o mergulho no tema e isso é o que demonstra ter feito a tradutora de TA2 Paula Rozin, por ser discípula do monge errante, Mingyur Rinpoche, quando disse na entrevista: “(...) Eu sou ligada ao Tergar, que é o grupo do Mingyur Rinpoche aqui em São Paulo, no Brasil, e eu traduzi dois livros anteriores dele, o *Alegre Sabedoria* e o outro sobre o *Nondro, Transformando Confusão em Clareza*”. Em uma visão ainda mais rigorosa desse compromisso que Nord afirma ser necessário, entra a intencionalidade de Simms (1997) ao propor a metarrepresentação sensível, o que foi tentado pela tradutora brasileira ao declarar que meditava antes de começar o seu trabalho de tradução. Ou seja, isso vai além do esperado pelo reconhecimento contextual. Está se falando não de reconhecimento textual, mas de encarnar o contexto, utilizar a sinestesia relativa à experiência para alcançar o âmago do que deve aparecer em cotexto.

Conforme explicado anteriormente, o conteúdo do texto-fonte é a peregrinação errante com a duração de 4 anos feita por Rinpoche e sua experiência de iluminação

quando vivenciou a experiência dos bardos - a passagem entre a vida e a não-vida, ou entre a vida e a pós-morte.

Para falar sobre os bardos, seu conceito, e o processo de iluminação, a autora deixa claro nos agradecimentos do livro que teve a ajuda da pesquisa de campo, além da ajuda de discípulos de Rinpoche que se dispuseram a dirimir suas dúvidas relacionadas à compreensão de seus ensinamentos. O que demonstra algum *gap* entre a compreensão de linguagem entre a autora e Rinpoche, além de um *gap* que se relaciona a conceitos, noções e a forma explicativa dos pensamentos advindos do monge. No que tange à forma, fica claro que a escrita do livro foi uma tradução da oralidade para a forma textual, portanto.

"Em junho de 2011, Mingyur Rinpoche deixou seu monastério na Índia para iniciar um retiro itinerante. Quando retornou, no outono de 2015, expressou seu interesse em compartilhar suas experiências relativas à mudança e à impermanência, considerando que pudessem ajudar o público mais amplo a enfrentar seus medos e a se deparar com as suas mortes. Rinpoche solicitou a minha ajuda, e este livro nasceu de entrevistas feitas com ele de forma intermitente entre 2016 e 2018. Para ampliar a minha compreensão dos ensinamentos tradicionais relacionados ao nosso tema, contei com o livro Vazio Luminoso - Para entender o clássico Livro Tibetano dos Mortos, de Francesca Fremantle, e Preparing to Die: Practical Advice and Spiritual Wisdom from the Tibetan Buddhist Tradition, de Andrew Holecek. [...] em particular, a Cortland Dahl e Tim Olmsted, pelo constante apoio e ajuda para esclarecer os ensinamentos de Mingyur Rinpoche." (p. 281 da edição brasileira)

A tradutora portuguesa de TA1, ao comentar o conteúdo do texto-fonte, fez um comentário relevante sobre as estruturas sintáticas, que levam o conteúdo a se apresentar por meio de sua forma:

"(...) ele é um homem de certeza muito mais profundo do que a linguagem em inglês conseguiu transmitir. Eu senti uma certa simplicidade no livro. Assim, quase uma infantilidade. (...) as reflexões dele às vezes soavam infantis embora eu percebesse que não eram, eram para chegar a algum lado muito mais fundo do que transpareciam no texto."

Com esse comentário, pode-se inferir que nem todas as pistas com relação à realidade do monge, à mensagem que quer transmitir, à cultura de partida, à filosofia e religiosidade que envolvem o texto conseguem ser extraídas exclusivamente das estruturas linguísticas adotadas no texto. Não somente do léxico, da sintaxe, da semântica, da oralidade presentes e dos efeitos textuais. Nida confirma esta ideia comentando sobre o texto sensível (neste caso, a tradução bíblica) soar infantil em outra língua dependendo da especificidade lexical e sintática que se está traduzindo:

Ao tentar reproduzir o estilo do original, é preciso ter cautela, no entanto, para não produzir algo que não seja funcionalmente equivalente. Por exemplo, Marcos utiliza um grego semítico típico no uso da conjunção "kai", "e", para iniciar muitas sentenças. Isso é perfeitamente apropriado no grego koiné semitizado, uma vez que reflete com precisão o uso correspondente da conjunção hebraica "waw". No entanto, na RSV (Revised Standard Version), a maioria dessas conjunções é reproduzida literalmente, resultando em 26 sentenças em Marcos que começam com "E"[and], produzindo um estilo completamente contrário ao bom uso do inglês. Na verdade, dá a impressão de ser "infantil". Isso não ocorre, é claro, no texto grego original de Marcos. Isso significa que reproduzir o estilo, mesmo em um nível formal, pode não resultar em uma equivalência, e é a equivalência funcional que é necessária, tanto no nível de conteúdo quanto no nível de estilo.¹²⁹ (NIDA, 1974, p. 14)

Levando em consideração a oralidade presente no discurso de Rinpoche vista em seus vídeos do *Youtube*, inferimos que este problema específico de tradução deveria ter sido alvo de um enfoque mais preciso - tanto pela coautora que “traduziu” o texto oral original (segundo nossa abordagem analítica), quanto pelas tradutoras portuguesa e brasileira do texto-fonte. Em uma abordagem que procura ser mais profunda do que a

¹²⁹ *"In trying to reproduce the style of the original one must beware, how-ever, of producing something which is not functionally equivalent. For example, Mark employs typical Semitic Greek in the use of the conjunction kai, "and," to begin many sentences. This is perfectly appropriate Semitized Koine Greek, in that it accurately reflects the corresponding use of the Hebrew conjunction waw. In the Rsv, however, most of these conjunctions are reproduced literally, with the result that 26 sentences in Mark I begin with "And," producing a kind of style completely contrary to good English usage. In fact, it gives the impression of being "childish. This is, of course, not the case with the original Greek text of Mark. This means that reproducing style, even on a formal level, may not result in an equivalence, and it is functional equivalence which is required, whether on the level of content or on the level of style."* (tradução própria)

denotativa, a superfície textual não consegue abarcar as necessidades fundamentais do tradutor para seu processo criativo e de algum modo, metonímico.

No comentário da tradutora de TA2, percebe-se a diferença da compreensão da matéria, do conteúdo prestes a ser traduzido: "(...) *Eu acho que isso é que faz uma diferença muito grande. Você não só trabalhar com palavras, mas você realmente trabalhar com a comunicação - com a presença do mestre comunicando aquilo para a plateia, para o público.*" Segundo a teoria funcionalista explicada por Christiane Nord em "*Translating as a Purposeful Activity: Functionalist Approaches Explained*" (1997) é necessário um resumo sobre a tradução específica as condições particulares necessárias a respeito do que deve ser produzido. É quando exalta a importância do *briefing* das editoras para que a tarefa do tradutor siga uma diretriz e conheça sua proposta. A tradutora de TA2, no entanto, teve mais do que isso, ela teve treinamento específico de quem produz conteúdo para o público budista, segundo comenta em sua entrevista, conforme pode ser conferido na íntegra presente no anexo deste trabalho. O que a tradutora brasileira vivenciou ultrapassa os resumos necessários à compreensão do conteúdo. Na verdade, a imersão que fez na tradução do budismo na Califórnia com a equipe do *Dharma Publishing*, nos EUA, é a própria vivência do conteúdo.

Ainda recorrendo ao modelo de Nord e abordando as pressuposições, pode-se dizer que a experiência de iluminação vivida por Rinpoche quando fez seu retiro errante de 4 anos seja gatilho para a curiosidade perceptiva do público que não tem contato com o Budismo. Daí, incitar a curiosidade e interesse pela religiosidade, meditação, autodesenvolvimento, por temas como o bardo ou mesmo o próprio Budismo.

A presença de um glossário específico atesta que há palavras relativas ao tema que precisam de conhecimento pressuposto, ou de explicação relativa. Assim como no catolicismo - religião da maioria em Portugal e no Brasil - existem conceitos, termos, fundamentos que são compartilhados e reconhecidos pelos pares praticantes, no budismo esse pressuposto é procedente. A opção por um glossário explicativo, que aborda conceitos e fundamentos se torna indispensável. "Óstia", "ressurreição", "céu", "inferno", "mistério", "fé", "páscoa", "missão", "missionário", "padre", "bispo", "papa",

“santo(a)”, “santidade”, por exemplo, são termos que servem como exemplos da especificidade do glossário da religião católica. Há correspondência no budismo e, portanto, no livro, e nos conceitos apresentados por Rinpoche.

Quando o tradutor toma como base os pressupostos culturais do leitor, opta por alguma estratégia de condução de sua tradução. Por exemplo: “É onde está instalado o mosteiro tibetano da linhagem Kagyu de Mingyur Rinpoche, Tergar.” este é um fragmento da definição traduzida de Bodh Gaya presente no Glossário, feito pela tradutora do português europeu. Ela sentiu a necessidade de um adendo explicativo: “da linhagem”. O original é: “*Home to Mingyur Rinpoche's Kagyu Tibetan monastery, Tergar.*”, não há “*lineage*”, por exemplo, ou algum significante relativo no texto-fonte. No entanto, a tradutora portuguesa toma como pressuposto que o livro deve ser compreendido até por quem não sabe que Kagyu é uma linhagem. Daí, opta pela estratégia explicativa, colocando um adendo que não muda o sentido, mas explica para quem não compartilha da mesma bagagem cultural, para que compreendam a íntegra da mensagem. Ainda que exista um glossário que baliza a atividade tradutiva, uma forma de deslocar do princípio denotativo de análise é uma pesquisa etimológica quando existem sinônimos relativos que poderiam, lexicalmente apenas, traduzir o que se está querendo dizer. Um exemplo que se refere a isso no livro foi a utilização de “andarilho” no lugar de “peregrino” pela tradutora brasileira em determinado fragmento. Uma rápida pesquisa etimológica traria a certeza do uso de “peregrino” no determinado fragmento.

Estruturou-se o livro por meio de uma série de entrevistas da co-autora com o autor. Escrito em capítulos que evocam os acontecimentos cronológicos vividos pelo autor nos quatro anos de peregrinação, o livro traz as impressões pessoais de Rinpoche, seus medos e batalhas internas. O líder espiritual se aproveita de cada pequena história vivida durante o processo para levar seus ensinamentos para os discípulos e o grande público.

Sobre a estrutura interna no que se refere à forma, há apenas a diferença do prefácio que não existe nas traduções, escrita por um professor convidado. O funcionalismo considera a escolha das palavras, as frases de transição, as repetições e a coerência, as

referências, tudo aquilo que mantém o texto coeso e coerente. São elementos que ajudam os leitores a participarem do fluxo textual, entender cada parte e compreender a essência da mensagem como um todo. Segundo Nord (2016), o princípio da “lealdade” soma-se na importância funcional ao tratar-se de um texto sensível religioso. Neste caso, budista. Observando Nord, a intencionalidade dos tradutores deve buscar a “lealdade” na escolha do cotexto, para que, ao estruturar o texto, a conexão com o texto-fonte seja o mais fiel possível.

Em uma visão ampliada da estruturação interna pode-se discutir a estrutura narrativa do Caminho do Herói, o “monomito” desenvolvido por Joseph Campbell¹³⁰ (1988), estruturado em forma narrativa no livro de Rinpoche. Para Campbell, “A causa secreta de todo sofrimento é a própria mortalidade, condição primordial da vida. Quando se trata de afirmar a vida, a mortalidade não pode ser negada” (CAMPBELL, 1988, p. 7). Note-se que o comentário do autor trata deste tema dos bardos do viver e do morrer. Segundo Campbell, a estrutura da narrativa mítica segue sempre o mesmo padrão: mundo comum (o monge estava cuidando de sua vida e de seus mais de cem grupos espalhados no mundo); chamada à aventura (a compreensão de que deveria reeditar os passos dos antigos ascetas de sua linhagem saindo no mínimo por três anos em peregrinação o faz “receber um chamado à jornada”); recusa do chamado (“inicialmente ele tem dúvidas” - tanto que relata no prólogo que pergunta ao pai o que deveria fazer.); encontro com o mentor (é justamente seu pai que diz que ele deve ir, mas sem dizer nada a ninguém: “virar as costas e partir”); cruzamento do limiar (o “embarque na jornada” acontece e é o primeiro ponto da narrativa do monge); aproximação à caverna profunda (o monge relata “o inferno de sua experiência” e sua intoxicação alimentar); provação suprema (é quando chega a vivenciar “o limite da passagem da morte” e tem a experiência do bardo); recompensa (“vivencia o processo de iluminação” no retorno dos bardos); caminho de retorno (“volta à vida” e encontra quem o ajudou); ressurreição (vai para as cavernas experimentar a iluminação que viveu e fica por aproximadamente quatro anos vivendo como peregrino errante nas planícies

¹³⁰ Campbell, J., & Moyers, B. (2022). O poder do mito. Palas Athena Editora. Título original *The Power of Myth*, 1988, Apostrophe S Productions, Inc. e Alfred van der Marck Editions.

do norte da Índia e nas cavernas do sul do Tibet); regresso com o elixir (volta ao Tergar, ao mundo, e lança o livro *In Love With the World*)¹³¹. Segundo Campbell,

“há dois tipos de proeza. Uma é a proeza física, em que o herói pratica um ato de coragem, durante a batalha, ou salva uma vida. O outro tipo é a proeza espiritual, na qual o herói aprende a lidar com o nível superior da vida espiritual humana e retorna com uma mensagem.” (CAMPBELL, 1988, p. 137)

O “Caminho do Herói”, o “monomito”, foi conduzido e trazido até o livro pelas entrevistas de Mingyur Rinpoche, evocando o feito típico da tradição do monomito - partida, realização, retorno. As transmissões foram orais, segundo a Chefe de Gabinete do monge. Oralidade, no caso da tradução, se liga diretamente a questões linguísticas, mas não a questões relacionadas à fonética ou à fonologia. A construção de um discurso oral se relaciona com a linguística internamente no texto através da sintaxe, das construções frásicas, da forma utilizada para a construção do gênero textual, da pragmática, de como é construída a oralização nesse ato comunicativo em questão, da semântica, do significado do que quer ser dito e do léxico utilizado, a escolha das palavras. O que quer dizer que isso se relaciona com a literatura diretamente, já que o produto final das entrevistas (orais) é um livro, em formato de texto. Assim, a tradução deve ter isso, se não em foco, subjacente à compreensão do texto que se deve traduzir. A coautora assume que o livro foi escrito como resultado das entrevistas: o que quer dizer que ela traduziu da oralidade para o texto literário. Isso indica mudanças lexicais, sintáticas e, talvez até semânticas, em casos específicos. Resta o questionamento se a forma do “produto final” de uma (ou várias) entrevistas não é diferente da forma da transmissão oral conhecida e reconhecida pela tradição monástica budista tibetana. A princípio, julga-se que as entrevistas são balizadas pelo entrevistador e que a transmissão oral, mesmo que se baseie em um processo dialógico, tem diferenças estruturais do formato de entrevistas. A compreensão desse detalhe é importante para a tradução do livro em questão.

¹³¹ Se a narrativa de Rinpoche seguiu esta fórmula durante as entrevistas, não há como saber porque não nos foi dada a oportunidade da entrevista nem com a coautora e nem com o monge. No entanto, é notório que essa foi a fórmula clássica utilizada por Helen Tworkov para traduzir a narrativa de Mingyur Rinpoche.

Os elementos não-verbais de maior destaque que se relacionam aos fatores internos ao texto são exclusivamente as capas, já analisadas no item 4.6.1, Capas, que se referem a paratextos. No livro original não há ilustrações, e suas traduções nas variantes do português brasileiro e do português europeu também não apresentam ilustrações.

No caso de uma publicação que se relaciona ao budismo e à filosofia oriental, poderia-se extrapolar o conceito de elementos não-verbais de Christiane Nord e relacionar o raciocínio de elementos não-verbais ao espaço entre as letras, o espaço entre as palavras e o espaço entre linhas, ou seja ao espaço em branco presente em cada página, mas isso seria uma extrapolação do conceito, dos estudos da tradução e da Academia, fazendo sentido apenas no contexto-fonte, no ambiente responsável pela experiência do monge tibetano. *Sites*, publicações externas ao livro (importantes como fatores de análise), são também fatores externos ao texto que podem ser analisados de modo complementar.

A escolha das palavras do texto-fonte faz parte do léxico e de seu jogo com a sintaxe, e influencia diretamente o significado da mensagem que se quer transmitir. Isso certamente foi observado pela coautora, que colocou nos agradecimentos detalhes dos estudos que fez relacionados ao léxico e ao sentido das palavras, para que não soasse diferente da mensagem que quis transmitir o autor, Rinpoche. Mesmo sinônimos podem transmitir nuances diferenciadas, conotações ou emoções distintas. Conforme o sub-subcapítulo 2.3.1 que trata da linguística, Kristeva (1968), Weinrich (2007) e Galindo (2022) confirmam que o léxico é restrito e superficial para a análise linguística. Por isso, o léxico é um elemento a mais que se soma ao texto por meio da escolha do cotexto, devendo refletir a realidade subjacente presente na fonte.

Em uma abordagem conotativa, seria válido (e talvez necessário) uma rápida digressão para revisar a obra de Lacan e fazer um paralelo com o grande Outro¹³² da linguagem ao se trabalhar a questão do léxico: para Lacan “o Outro é o lugar da palavra. É nele

¹³² De maneira superficial, pode-se entender o grande Outro da linguagem de Lacan como o que configura a dimensão simbólica da linguagem. Uma noção que se refere à influência da linguagem e das estruturas simbólicas na formação da identidade do sujeito, inserido na cultura, na sociedade e na comunicação.

que o sujeito encontra seu lugar significante¹³³.” O grande Outro da linguagem é o *gap*. Para Jacques Lacan¹³⁴ (2003) “a literatura é uma acomodação de restos - é um caso de colocar no escrito o que primeiro seria canto, mito falado ou procissão dramática.” No artigo “*Lituraterra*”¹³⁵ (2003) Lacan explica a diferença entre a compreensão ocidental e a oriental da relação sígnica com a palavra. Existe uma especificidade da escrita Japonesa do *Kanji* (caracteres chineses presentes em um dos alfabetos japoneses) que diferencia a leitura dos mesmos caracteres. A diferença se dá via contexto. “*On-Yomi*” e “*Kun-yomi*” representam duas abordagens distintas para a pronúncia do mesmo caractere. Por exemplo:

人 (pessoa) “*jin*” ou “*nin*” em *On-Yomi* (que literalmente significa “som da palavra”);

人 (pessoa) “*hito*” em *Kun-Yomi* (que literalmente significa “significado da palavra”)

Assim, você pode ler “*ningen*” [人間] - que significa humano (se utilizar o som da palavra), ou “*hitori*” [一人] - que significa pessoa (se usar a leitura do significado da palavra). “Ler o som” ou “ler o significado” traz uma dimensão disruptiva sobre a forma como lidamos com o léxico e, portanto, com o significante. Para Lacan: “o sujeito é dividido pela linguagem como em toda parte, mas um de seus registros pode satisfazer-se com a referência à escrita, e o outro, com a fala.” (LACAN, 2003, p. 24) - no caso dos japoneses. “É a tradução perpétua, feita linguagem” - comenta. Em outra parte do texto ele faz referência ao “casamento da pintura com a letra” sob a forma de caligrafia. Isso revela ainda outra forma de ascese a qual não estamos acostumados como ocidentais. No entanto, faz parte do universo de Yongey Mingyur Rinpoche, que tem na prática espiritual o exercício de desenvolvimento constante. O que leva a crer que sua palavra é casada com sua prática - princípio fundamental de seu contexto. Assim, não seria leviano pensar que o grande Outro da linguagem da palavra é a

¹³³ Cf. Lacan, 1959/1998, p. 723 - citado por LUCERO, Ariana, Relação de objeto e constituição subjetiva [manuscrito] : considerações sobre o objeto a em Jacques Lacan / Ariana Lucero. - 2015. Tese de doutorado UFMG - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

¹³⁴ Título original: *Autres écrits*, 2001, *Éditions du Seuil*, de Paris, França

¹³⁵ Lacan, J., & Lacan, J. (2003). *Outros escritos* (pp. 448-497). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

vacuidade, o espaço vazio, a página em branco. A “pulsão que determina seu desejo de ser”. O significado lexical e sintagmático encontra-se não na denotação, mas na conotação de um texto que sequer aparece (porque está no espaço, na vacuidade, no gap).

No entanto, urge a necessidade de análise do denotativo, mesmo que seja como ponte para pistas via cotexto de um sentido conotativo. Assim, o livro traz em sua superfície verbal as experiências sensoriais e transmite a filosofia budista. No texto-fonte há estratégias estilísticas e retóricas para tentar emular a persona do monge, já que a literatura foi concebida por meio de entrevistas e traduzida a posteriori. Neste texto não foi observado neologismos ou mudanças de léxico que indicassem uma característica específica. Algumas expressões foram utilizadas, mas se referem mais à escrita em inglês do que exatamente à cultura tibetana.

O Léxico das traduções precisa ser coerente, desde o texto-fonte aos textos-alvos, na variante portuguesa e na variante brasileira. Uma das maiores dificuldades desse texto pode ser a polissemia - a possibilidade que algumas palavras têm de transmitir múltiplos significados. É o que diz a tradutora brasileira, à respeito do "significado aberto" e é também uma preocupação da tradutora portuguesa, quando fala sobre palavras que "não alcançam" o significado proposto. É preciso observar o campo semântico trabalhado no budismo e buscado pela coautora para que as traduções sejam mais aproximadas da cultura-fonte. Por isso, a fundamental importância do contexto e da escolha individual das tradutoras. Mais uma vez impera a questão da afinidade. Em uma abordagem que flexiona o sentido denotativo pragmático caberia uma pesquisa entre as centenas de vídeos disponíveis na plataforma *Youtube* do monge Yongey Mingyur Rinpoche para que o tom do autor fosse reconfigurado pelas tradutoras em um processo sígnico mimético. Seu estilo e retórica seriam resgatados no texto-alvo, por meio do cotexto escolhido para estruturar seu discurso narrativo.

Efeitos estilísticos e retóricos estão a todo momento sendo observados nas traduções, que tendem a emular alguma característica julgada essencial para o texto. Enquanto a tradutora de TA1 indica a preocupação estilística, a tradutora TA2 indica a preocupação com a simplicidade monástica na forma de expressão. Com relação às expressões

utilizadas, pode-se dizer que foram domesticadas em alguns casos, sobretudo pela tradutora do português brasileiro. O paralelo de alguns termos ou usos frasais pode trazer a noção para o leitor da tese, daquilo que aqui se tenta demonstrar. Em paralelo, o termo escolhido pelo português europeu de TA1 seguido pelo termo escolhido pelo português europeu de TA2:

- *“mesa baixa” - “mesinha”;*
- *“comecei a andar de um lado para o outro às escuras e a olhar constantemente para o relógio” - “comecei a contar os minutos no escuro e verificar meu relógio”;*
- *“desci as escadas pé ante pé” - “desci no escuro, nas pontas dos pés”;*
- *“alpendre marmóreo” - “terraço de mármore”;*
- *“estrada secundária” - “viela”;*
- *“passou um jipe” - “um jipe passou”;*
- *“desde a minha infância” - “desde criança”;*
- *“dava agora conta de que” - “agora, notei que”;*
- *“dei por mim a pensar em Naropa” - “eu me vi pensando em Naropa”;*
- *“Um enorme Buda dourado ergue-se do santuário, olhando diretamente o portão principal e, para lá deste, o Templo de Mahabodhi” - “Há um enorme Buda dourado no altar, de frente para o portão principal e também para o Templo Mahabodhi”.*

Ainda abordando outro tópico elencado por Nord, a sintaxe no texto-fonte, é importante lembrar das perspectivas de Chomsky (1965), para quem a sintaxe desempenha um papel na tradução da mensagem de uma forma interna para uma forma externa e visível. Segundo ele, existe uma gramática universal que é fundamento para qualquer língua falada. A sintaxe vai observar as estruturas gramaticais básicas que governam como as sentenças são formadas, e no caso da coautora ela se colocou

no lugar de Rinpoche para que as estruturas fossem emuladas de modo a espelhar seu discurso. Portanto, a sintaxe neste caso desempenha um papel fundamental na comunicação do monge, garantindo que as sentenças sejam bem formadas e compreensíveis, soando naturais.

Um cuidado que se tem que ter nas traduções e que foi observado aqui, mesmo nos títulos e capítulos em tradução, no prólogo ou no epílogo, se relaciona às “transformações sintáticas”. Termo introduzido ainda em 1965 por Chomsky, que nos fala da possibilidade de transformação da sentença em uma forma distinta, o que afeta a ênfase, a voz e a estrutura sentencial. Segundo ele, e isso também pode ser atestado pela retórica, existem nessas transformações influências diretas na mensagem comunicada, alterada em sua estrutura de ordem frasal. As tradutoras do português europeu e brasileiro precisam, portanto, estar atentas a isso. Na sintaxe também é percebida a diferenciação de escolhas tradutórias que evidenciam estratégias diferentes, o que resulta em outra experiência de leitura. O léxico é o mesmo, mas a voz “soa diferente” ao texto: no paralelo de exemplos colocados acima, a tradutora de TA1 opta em um deles por colocar a voz passiva: “passou um jipe”. A tradutora de TA2 opta exatamente pelo mesmo léxico mas coloca na voz ativa: “um jipe passou”. Apesar de ser uma alteração sutil, ao longo de cerca de 300 páginas acaba por trazer, conforme as perspectivas de Chomsky, uma transformação na ênfase, na voz, via estrutura sentencial. Por exemplo: a tradução de TA1 no prólogo p. 14: “Vá, simplesmente, e far-te-á bem” difere-se da tradução do mesmo fragmento de TA2: “Simplesmente vá e será bom para você”. O original *“Just go, and it will be good for you”* tem voz direta. Ainda que o argumento da diferenciação sintática e lexical entre português europeu e brasileiro faça sentido, resta nas escolhas estilísticas das tradutoras a diferenciação que suplanta as diferenças entre as duas variantes.

Nota-se ainda, que a voz presente no texto ultrapassa a ligação com os aspectos sintáticos e lexicais. Mesmo que os elementos supra-segmentais sejam relacionados a aspectos prosódicos, ou seja ligados à fala, é possível estabelecer essa busca no texto literário porque o texto escrito traz a voz de quem fala. Elementos como entonação, ritmo, pausa, ênfase, por exemplo, são encontrados no texto até mesmo no ritmo de

leitura. Na poesia isso é mais evidente, mas em um texto literário também sente-se as características de quem fala: a cadência subjacente à ordem das palavras, à ordem das sentenças, à forma do discurso. Parece ter sido a preocupação da coautora por ter feito o papel de emular a voz do monge. As entrevistas que fez somado às conversas com os discípulos e apresentação do texto para que fosse percebido se ele "soasse" corretamente, é indício da preocupação com os elementos supra-segmentais presentes no discurso.

Os cuidados dos tradutores também se relacionam a isso: à expressão emocional e organização estrutural coerentes com a compreensão do significado e a entonação da intenção da mensagem. Na entrevista com a tradutora brasileira isso foi levantado por ela, mostrando a preocupação da mesma de que o texto soasse budista. É uma questão de interpretação, mais do que de léxico. Graças aos elementos supra-segmentais percebidos no texto, a "função comunicativa textual"¹³⁶ pode ser alcançada, bem como os efeitos do texto.

No texto-fonte, os efeitos buscados se relacionam com a *Skopostheory* e se ligam diretamente à tradução, pois observam um propósito específico. No caso, à transmissão dos conceitos filosóficos e das experiências vividas pelo monge Mingyur Rinpoche. O efeito da mensagem se liga à mensagem em si: ponto central na tradução intercultural, já que o que se observa é uma tradição oriental sendo passada para uma realidade ocidental, de tradição diferente. O texto-fonte vai observar o público-alvo e a adequação de linguagem contextual necessária à seu efeito.

Foi observado ao longo das traduções dos textos de TA1 e TA2 que TA1 fez a opção por uma tentativa de rigor estilístico trabalhando de forma mais "polida" a superfície verbal, enquanto TA2 fez a opção por tentar emular a voz do autor no que se refere à simplicidade de seu caráter - um monge peregrino errante, mas responsável pelo Tergar, uma centena de grupos ao redor do mundo dedicados ao aprendizado do budismo tibetano e seus ensinamentos. Na entrevista com a tradutora portuguesa não foi relatada nenhuma negociação entre tradutor e cliente, entre editora e tradutor - como pressupõe a teoria do escopo, ou as diretrizes de efeito textuais que o texto

¹³⁶ No conceito de Nord (2016) discutido em 3.5.4 sobre funcionalismo e "lealdade" e textos sensíveis.

exige. No entanto, a tradutora brasileira diz que o grupo do Tergar foi quem pediu a tradução, baseada nas traduções anteriores que enfatizavam os ensinamentos budistas e seu escopo filosófico, o que faz crer que um acordo tácito houve, de algum modo, pois se esperava da tradução o que foi esperado dos outros livros do mesmo autor. No caso da tradutora brasileira as diretrizes de efeito textuais que o texto exige se fizeram (por meio dos outros textos já traduzidos pela tradutora para o mesmo público) via Tergar e não via editora.

Tanto a tradutora de TA1 quanto a tradutora de TA2 fizeram um trabalho que atingiu o público alvo das editoras. É um engano pensar que somente é válida a coerência funcional absoluta, afinada com os desejos de propagação da filosofia e ensinamentos do monge. Existe a questão comercial que precisa e deve ser observada, caso contrário nem o monge conseguiria publicação. É preciso lembrar que há um mercado, um público comprador, um segmento responsável por uma significativa fatia de mercado que é atingida pelas traduções das duas variantes da língua portuguesa. Em Portugal, o mercado conta com uma população de pouco mais de dez milhões de habitantes, o que quer dizer a grosso modo 5% do número de habitantes brasileiros.

Segundo a pesquisa do Retratos da Leitura no Brasil realizada pelo Instituto Pró-Livro, Itaú Cultural e Ibope Inteligência (pesquisa de 2019 divulgada em 14 de setembro de 2020), o Brasil tinha 52% de leitores, cerca de 100 milhões de leitores em 2019.

O propósito do livro é atingir todos aqueles que se interessam pelo tema, independentemente de serem praticantes do budismo ou de meditação.

5.3. Paratextos

Na introdução do livro Paratextos Editoriais (2009), Gérard Genette condensa a definição que usamos nesta pesquisa, direta e precisamente:

A obra literária consiste, exaustiva ou essencialmente, num texto, isto é (definição mínima), numa sequência mais ou menos longa de enunciados verbais mais ou menos cheios de significação. Contudo, esse texto raramente se apresenta em estado nu, sem o reforço e o acompanhamento de certo número de produções, verbais ou não, como

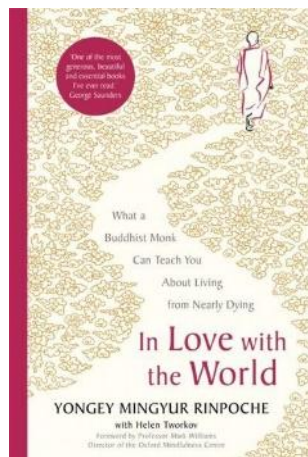
um nome de autor, um título, um prefácio, ilustrações, que nunca sabemos se devemos ou não considerar parte dele, mas que em todo caso o cercam e o prolongam, exatamente para apresentá-lo, no sentido habitual do verbo, mas também em seu sentido mais forte: para torná-lo presente, para garantir sua presença no mundo, sua “recepção” e seu consumo, sob a forma, pelo menos hoje, de um livro. (GENETTE, 2009)

Genette reforça a presença de todo o ato que explica, traduz, apoia, refere, em suas palavras “o cerca e o prolonga” para a ambientação do leitor, para que o leitor encontre-se de algum modo, no universo contextual que pretende o texto original. O elemento paratradutório que chama mais a atenção é a capa do livro, em suas 3 edições: na edição inglesa, na edição portuguesa e na edição brasileira. Em um mundo visual como este da contemporaneidade, pode-se dizer que a capa do livro é a primeira impressão de leitura daquele que se dispõe a conhecer a obra.

Também serão contemplados nesta análise o prólogo, o epílogo, os agradecimentos, e o glossário, bem como um comentário geral sobre o Tergar, site do grupo mundial de Yongey Mingyur Rinpoche, que serve como apoio e propaganda aos seus livros e, portanto, pode ser considerado um elemento paratradutório de apoio. Como disse Genette, por meio desse prolongamento que o cerca, há possibilidade de melhor apresentar o livro e torná-lo presente para a recepção do público. São as capas dos livros que iniciam a análise em curso.

5.3.1. Capas

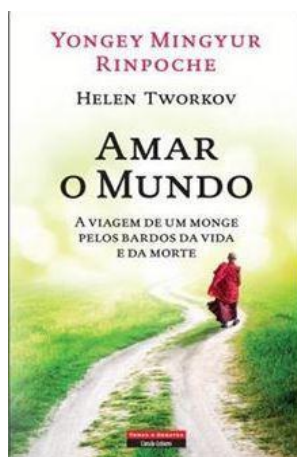
Figura 11 - Capa da edição em inglês para referência



Fonte: Livro *In Love With the World* (2019)

A imagem constante no livro é apenas a da capa e se difere nas traduções portuguesa e brasileira. No original em inglês, observamos as costas de um monge que caminha. Enquanto caminha, atrás dele vai se formando o caminho, como se o caminho aparecesse a partir de sua caminhada. Faz analogia direta com a fala reconhecida como sendo do monge chinês Lao Tsu - "Caminhe e o Caminho se abrirá". Nuvens douradas, grafismo também reconhecido de templos budistas, onde o monge caminha, se abrem quando passa. Seu manto vermelho, tradicional do budismo tibetano, os pés descalços, que podem representar a entrega completa, sem armas ou preconceitos, a cabeça raspada tradicional budista, que traduz doação, entrega. O título tem a cor vermelha sangue do manto budista, em ligação direta "*In Love With The World*" ('o amor pelo mundo' igual 'manto que cobre o monge'). O monge que aparece de costas para o leitor indica que ele continua, que seu caminho não termina. Estamos (leitores) atrás dele, no caminho que ele está abrindo. Esta é uma possível (e mais direta) interpretação para a mensagem imagética da capa, que se apresenta em 3 cores: vinho (manto, título principal e splash contendo fragmento de uma crítica positiva de pessoa famosa), preto (subtítulo e demais escritos) e dourado (nuvens).

Figura 12 - Capa da edição em português europeu para referência

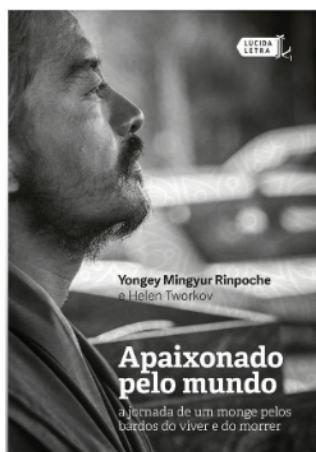


Fonte: Livro Amar o Mundo (2019)

A imagem da capa portuguesa evoca a imagem e o grafismo presentes na capa original: vê-se as costas do monge que caminha, numa estrada sinuosa do lado direito da estrada rumo às nuvens, a um horizonte indecifrável visualmente. A impressão que remete é um horizonte com *fog*, com nuvens, um horizonte onde não podemos ver o que está lá. A relva ao lado da estrada, e mesmo no meio do caminho, onde as rodas dos veículos não passam, é verde, o que traz a sensação de natureza, campo. O que quer dizer uma rota onde poucos passaram, evocando o poema *The Road Not Taken* (1915), de Robert Frost (1874-1963). Diferentemente da capa original, o monge está de sandálias, o que não nos fala sobre entrega total, como na capa original. Está igualmente com o manto cor de sangue tradicional, e a cor da tipografia do autor principal é também vermelho, mas por ser um vermelho diferente, não há imediata conexão significativa. O resto do título está na cor preta. Assim como no livro em Inglês, o título tem tipografia maior que a tipografia do nome dos autores, o que coloca o título em importância maior do que quem escreveu. No entanto, diferentemente do original em inglês, onde o nome da coautora é metade do tamanho do nome do autor, na tradução portuguesa o nome da coautora é apenas um ponto menor do que a tipografia do nome do autor, o que indica uma gradação diferente de importância entre coautor e autor. Mesmo que isso tenha passado despercebido pelo planejamento editorial, é o

que fica perceptível, ainda que subliminarmente, pelo público português. Coincidentemente ao público inglês, o público português está às costas do monge, indicando que é o público a seguir o monge e não o contrário. Cabe o relato de que a sombra atrás do monge indica que a luz está à frente, o que acrescenta um importante significante na mensagem desse elemento não-verbal na tradução portuguesa. Tanto a relva, a estrada quanto o monge, não parecem um desenho, mas uma fotografia, que bem poderia ter sido a do verdadeiro autor. O que mistura um pouco a fantasia com a realidade na capa. Diferente da capa original que é toda ilustrada. A capa portuguesa aparenta ser um híbrido - entre um grafismo e uma foto (parece ser uma fotomontagem, na verdade com o grafismo das nuvens à frente).

Figura 13 - Capa da edição em português brasileiro para referência



Fonte: Livro Apaixonado Pelo Mundo (2019)

A capa da edição brasileira não faz referência direta à capa da edição original, como a edição portuguesa. Não há o monge caminhando por uma estrada, mas sim, o próprio monge Rinpoche em *superclose*, imagem datada do momento exato quando chegou da peregrinação e se encontrava cabeludo e usando barba. Na foto, ele olha para um horizonte, ou para alguma coisa que o leitor do livro não vê, não tem acesso. No entanto, olha para a luz. Somente ele está em superclose e em foco, e todo o resto da cena é desfocada. O que indica que o seu olhar para a luz é o mais importante. A

referência da luz, assim como na capa portuguesa, deve ser observada. Até um reflexo forte em seu rosto é facilmente identificado, como se ele estivesse no momento exato quando se iluminou, ou quando estivesse vendo a luz. Eis o significante mais forte presente na capa em questão. A barba por fazer, seu cabelo grande quase não visto mas percebido na foto indica - ele teve que passar por muito para chegar até a luz e/ou demorou muito tempo para chegar até a iluminação. É uma alusão específica e clara, mesmo que subliminar, mas facilmente identificada na capa. O resto está em *blur*, desfocado, o que tende a significar: o importante é ele, o que tem a dizer, não o que está vendo. A capa é preta e branca, diferentemente da capa original e da tradução portuguesa. Ainda que seja uma escolha editorial para baratear custos, há mensagens relativas às cores também na capa brasileira: o título é branco, o subtítulo também, coincidente portanto com a luz. A tipologia do título é maior que a do nome do autor. No entanto, o nome da coautora é do mesmo tamanho da do autor. O que difere os dois é que o principal está em tipologia bold e a secundária está em tipologia light.

5.3.2. Prólogo

Na introdução do capítulo 3, “Enquadramento teórico”, utilizou-se uma pertinente analogia arquitetônica que explica a importância da “distância a ser preenchida”. O interlúdio entre o *Torii*, o portal de entrada de cada templo, e as construções principais. Neste espaço de ambientação, que para o conceito religioso ocidental pode ser tomado como uma espécie de purgatório (pois representa o espaço entre a terra e o céu, o profano e o sagrado, o real e o inefável), elementos transformadores são apresentados, para que a transferência de um meio a outro se dê.

Em uma obra literária, o prólogo tem o mesmo papel, que dá conta de anteceder a obra estabelecendo a ponte necessária do leitor à realidade que se pretende relatar. Ou seja: o prólogo prepara o terreno para o plantio comum.

Este dispositivo introdutório é um espaço onde o autor expressa o que deseja com seu relato, e oferece, como paratexto, esse portal conceitual para inaugurar a o caminho sógnico cognitivo que se institui por meio da leitura. É, portanto, uma introdução

reflexiva que ambienta, contextualiza o leitor: uma espécie de ticket, passagem ou ingresso para quem vai adentrar no “comboio” ou “trem” da obra em questão. O prólogo é um exemplo literário de *gap*.

Para comparar os dois prólogos do português europeu e português brasileiro, elencamos 18 exemplos desse paratexto específico: pequenos excertos que são imagem característica do que vai se desdobrar nas duas retraduições do livro *In Love with the World: A Monk's Journey Through the Bardos of Living and Dying*, de Yongey Mingyur Rinpoche e Helen Tworckov (2019).

Exemplo 01 (prólogo):

Observe o excerto 01 do texto-fonte, que apresenta uma diferença de formalidade:

“Finished writing the letter.” (EN p. XIII)

A tradutora TA1 do português europeu opta por iniciar com um efeito de coloquialidade oral, ocultando a ação da escrita no original em inglês TF:

“Terminei a carta.” (PT PT p. 7)

A escolha pela observação da exclusão deste detalhe objetiva demonstrar uma estratégia de domesticação¹³⁷ por parte da tradutora TA1, quem demonstra ter, como se verá ao longo de todo o texto, mais proximidade com a Teoria da Tradução, na medida em que apresenta, ao longo das escolhas do cotexto, referências que se ligam a estratégias tradutórias observadas ao longo do tempo nos Estudos da Tradução, como a estratégia “domesticante” de Venuti (2001) ou o “reconhecer do sentido” introduzido por Bakhtin (1997).

A tradutora do português brasileiro TA2, por sua vez, optou pela tradução mais fiel e menos oral, uma tradução mais colada no original:

*“Terminei **de escrever** a carta.” (PT BR p. 7)*

Note-se que este registro vai persistir durante o prólogo e durante todo o texto: enquanto a tradutora portuguesa foca mais na expressão (e portanto na superfície

¹³⁷ Conceito de Venuti (2001)

verbal), a tradutora brasileira foca mais no conteúdo (na relação contextual), um paralelo que se relaciona a Hjelmslev.

Exemplo 02 (paratexto - prólogo):

O segundo exemplo afirma uma diferença estilística que a tradutora portuguesa de TA1 resolve impor ao texto frente ao original:

“Pousei a carta numa mesa baixa de madeira em frente à cadeira em que amiúde me sentava.” (PT PT p. 7)

“I placed the letter on a low wooden table in front of the chair that I often sat on.” (EN p. XIII)

A tradutora do português europeu utilizou “pousei” e “amiúde” em vez de “coloquei” e “costumava”. Para o português brasileiro, “pousar”, quando não se fala de pássaros ou aviões, transmite a noção de cuidado e delicadeza. Assim como “amiúde”. Portanto, para o português europeu, o uso dessas opções, além de indicarem a domesticação supracitada, indica um cuidado literário com o texto, que não é percebido na opção do português brasileiro ao utilizar “coloquei” e “costumava”:

“Coloquei a carta na mesinha de madeira em frente à cadeira em que costumava me sentar.” (PT BR p. 7)

A opção por essas palavras no português brasileiro mostra uma tentativa de tradução horizontal. Segundo o que se espera do livro, é que ele tenha alguma referência à oralidade, já que a tradição oral é a tônica da transmissão filosófica na linhagem de Rinpoche, conforme dito no subcapítulo 4.3, que trata do original e do contexto de produção.

Exemplo 03 (prólogo):

No excerto selecionado neste exemplo, o autor faz uma descrição do templo que demonstra um aspecto descritivo de sua narrativa:

“Narrow rectangular push-out windows parallel each door, and are almost as long.” (EN p. XIII)

A tentativa de contextualização do templo pelo autor foi transformada pelas duas tradutoras, cada uma delas relativizando a importância de alguma informação. A abordagem mais literal no caso de TA1 do português europeu dificulta a reprodução dos adjetivos, que deveria ser “Estreitas janelas retangulares de abrir para fora posicionam-se paralelamente a cada uma das portas e são quase tão alongadas quanto elas.” No entanto, reproduz a espontaneidade da descrição:

“Estreitas janelas retangulares posicionam-se paralelas a cada porta e são quase tão altas.” (PT PT p. 7)

A tradutora do português brasileiro TA2 tenta afastar-se mais das palavras, ordenando-as de forma diferente, e obtendo um efeito menos impressionístico da descrição do que o texto original e a tradução TA1:

“Ao lado delas, há duas janelas retangulares de abrir para fora, quase tão amplas quanto as portas.” (PT BR p. 7)

A tradutora do português europeu não diz que as janelas abrem para fora, e a tradutora do português brasileiro não diz que as janelas são estreitas. A tradutora brasileira diz que as janelas são amplas, quando deveria dizer que são longas, altas, ou alongadas, promovendo o que Anthony Pym (2010) chamou de “deslocamento tradutório”¹³⁸, além de ocultar a informação de que as janelas são paralelas às portas.

A fidelidade fica a desejar no português brasileiro - segundo se observa no livro, a tradutora que está mais focada no conteúdo da mensagem de Rinpoche do que na exata fidelidade textual - e este é o aspecto mais relevante que se busca exemplificar com este pequeno excerto.

Exemplo 04 (prólogo):

No excerto que foi escolhido para o quarto exemplo, pequenas diferenças aparecem, mostrando que em pequenas diferenças se consegue perseguir sintomas realizados durante todo o texto. A temperatura da narrativa demonstra-se mais dramática no

¹³⁸ “Translation Shifts” no original

português brasileiro, assim como a opção na capa por "apaixonado pelo mundo" em vez de "amar o mundo".

"...rapidamente, me escondi atrás dos arbustos..." (PT BR p. 7)

"...and quickly moved behind the bushes..." (EN p. XIII)

"Mover" ou "ir para atrás dos arbustos" é contextualizado nas duas línguas de maneira diferente: para o português europeu, "encaminhei-me", para o português brasileiro, "escondi", buscando o sentido e uma estratégia de tradução vertical¹³⁹ em vez da literalidade de uma tradução horizontal.

"...e encaminhei-me rapidamente para trás dos arbustos..." (PT PT p. 7)

Exemplo 05 (prólogo):

O fragmento utilizado como quinto exemplo apresenta a contextualização métrica inglesa. Tanto a tradutora portuguesa quanto a brasileira contextualizaram a distância, porque em Portugal e no Brasil não se usa a distância em pés, mas em metros.

"...and ran the hundred feet to the main gate." (EN p. XIV)

A tradutora portuguesa, com o cuidado literário, acrescentou "que me distanciavam" para que a leitura fosse mais agradável ao público português. Não muda a informação, mas a contextualiza para torná-la mais natural.

"...e corri os trinta metros que me distanciavam do portão principal." (PT PT p. 8)

O que diferenciou as soluções tradutivas é que, na brasileira, por não colocar exatamente os 100 pés de distância afirmados, usou a palavra "uns" para flexibilizar a diferença da informação - o que enfatiza a oralidade textual, e neste caso, a coloquialidade.

"...e corri uns trinta metros até o portão principal." (PT BR p. 8)

Exemplos 06, 07, 08, 09 (prólogo):

A tradução de uma expressão idiomática requer um olhar cuidadoso por parte dos tradutores. Este compilado de exemplos foram agregados por se referirem todos às

¹³⁹ Segundo George Steiner (1929)

expressões idiomáticas. Nem sempre faz sentido em outras línguas expressões que são utilizadas em determinado contexto. As tradutoras portuguesa e brasileira não se furtaram a este compromisso. Não há muitas expressões dignas de nota no livro. O primeiro excerto escolhido para exemplificar este desafio tradutivo foi:

"in the dead of night" (EN p. XIV)

Ambas as tradutoras utilizaram expressões contextuais alvo para o deslocamento tradutório da expressão utilizada no inglês. "No finzinho da noite", ou "quando a noite morria" virou para TA1:

"altas horas da noite"

E para TA2:

"na calada da noite".

É um fragmento que mostra uma escolha que se relaciona à função estética do texto, que foi tratada no sub-subcapítulo 3.3.14 sobre "Funcionalismo e "Lealdade", e Textos Sensíveis".

Outras expressões foram utilizadas. O sétimo exemplo traz o que no português brasileiro geralmente é usado da forma "a grama do vizinho é sempre mais verde" foi ligeiramente adaptada em TA2, conforme o texto-fonte:

"Como se fosse para provar que a grama dos outros é sempre mais verde..."
(PTBR p. 122)

"As if to prove that the grass is always greener over there" (EN p. 105)

E no português europeu, a tradutora de TA1 optou por trocar o "relva" de "a relva do vizinho é mais verde que a minha", por "erva", além de fazer uma tradução mais literal com "lá mais longe" em vez da comparação usual da expressão idiomática "que a minha", ou "do que a minha":

"Como que para provar que a erva é sempre mais verde lá mais longe..." (PTPT p. 143)

Enquanto a tradutora brasileira foi mais fiel à expressão, a tradutora portuguesa foi mais fiel à literalidade textual relacionando a adaptação a uma função estética do texto.

O oitavo exemplo se apresenta quando o original traz a expressão:

“Thank goodness” (EN p. 115)

As duas tradutoras optaram pela mesma expressão:

“Graças a Deus” (PTBR p. 133) (PTPT p. 156)

O que manteve a expressão idiomática nas línguas respectivas. No entanto, optaram pelas variações:

“dizer Deus te abençoe” (PTBR p. 125) e

“dizer Deus te ajude” (PTPT p. 146)

Quando o texto-fonte utilizou:

“saying bless you” (EN p. 108)

Neste caso específico a estratégia "domesticante" foi utilizada, e as expressões idiomáticas privilegiadas ligeiramente em detrimento do contexto. Porque para o budismo a relação com Deus, com letra maiúscula não corresponde à utilização desta forma lexical ocidental, se referindo ao Criador. Assim, a opção pela expressão, sobretudo utilizando-se da letra maiúscula para designar “Deus”, cria um afastamento contextual que não era necessário nas traduções. No português europeu poderia ter sido utilizado “abençoado sejas”, porque a utilização de “santinho” também geraria um ligeiro afastamento contextual. E no brasileiro, “abençoado seja”, ou “saúde” - já que o contexto no parágrafo se referia justamente ao espirito.

Em um último exemplo que trata de tradução de expressão idiomática, o exemplo 9, observa-se que não importa a distância exata. Portanto, a tradutora do português europeu de TA1 fez opção correta ao manter milhas na expressão:

“...if I could see for miles...” (EN p. XIV)

“...como se conseguisse ver a milhas de distância...” (PTPT p. 8)

Neste excerto, a Tradutora TA1, diferentemente do que fez no exemplo 5, trocando pés por metros, não trocou milhas por quilômetros, já que compreendeu o valor da expressão idiomática como fator estilístico textual.

No entanto, a tradutora brasileira traduz mais o sentido do que a utilização da expressão, o que novamente mostra que a tradutora do português brasileiro tem inclinação pelo foco no sentido e a do português europeu inclinação pela superfície verbal.

“...como se pudesse ver por quilômetros...” (PTBR p. 8)

É claro que tanto os portugueses quanto os brasileiros compreendem "milhas de distância", tanto que é uma expressão utilizada nos dois países. Neste último caso apresentado houve contraste em relação ao exemplo 6, já que no sexto exemplo as duas optaram por adaptar a expressão idiomática contextualmente, porque ambas reconheceram o valor da força de sua expressão.

Exemplo 10 (prólogo):

O fragmento escolhido como sétimo exemplo procura demonstrar que, enquanto a tradutora de TA1 traduziu a noção, a tradutora de TA2 traduziu a frase:

“I had to force myself to move” (EN p. XIV)

“Tive de me obrigar a sair dali” (PTPT p. 8)

“Tive que me forçar a me movimentar” (PTBR p. 8)

Ele estava fugindo e precisava sair de onde estava, mas o que disse o texto TF foi que ele forçou-se a mover-se. A opção por explicação da tradutora portuguesa mostra o seu cuidado com a superfície verbal, porque indica que a explicação se deu para que a compreensão textual fosse explicitada ao leitor.

Exemplo 11 (prólogo):

O excerto exemplar número 11 traz a busca pela coloquialidade na oralidade. No entanto questiono se não é excessiva a domesticação da pergunta em TA2, no português brasileiro:

"Where is the taxi?" (EN p. XIV)

"Onde está o taxi?" (PTPT p. 9)

"Cadê o taxi?" (PTBR p. 8)

"Cadê" é um advérbio de modo, mas de forma reduzida, quase uma corruptela que vem de "que é de", ou "quedê", mas significa "onde está". Por um lado, torna o texto "abrasileirado", por outro, nega que o monge é tibetano e não diria isso. Antes de ser considerado um erro, deve ser considerado uma escolha, que pode ser defendida como estratégia para aproximação e reconhecimento por parte do leitor. Talvez do leitor menos atento - porque este não coloca em questão a veracidade da voz. O fragmento foi no entanto escolhido para demonstrar que a tradutora de TA1 está mais preocupada com o aspecto literário do livro do que a tradutora TA2, que foca na oralidade, quase em um aspecto prosódico da fala, de características que Christiane Nord classifica como supra segmentais no texto.

Exemplo 12 (prólogo):

O exemplo 12 traz o excerto que observa um detalhe que se relaciona à contextualização. Oito milhas são, aproximadamente, 12,874 km, o que quer dizer que a tradutora de TA2 foi mais próxima a dizer 13 km. Neste caso não é tão importante a exatidão da distância, mas demonstra uma escolha de contextualização na cultura de chegada e por onde passa a escolha do tradutor, em paralelo com as distâncias e escolhas elencadas abaixo:

"...the train left from the Gaya station, just eight miles away." (EN p. XV)

"...o comboio partia da estação de Gaya, a apenas doze quilômetros dali." (PTPT p. 10)

"...o trem saía da estação de Gaya, que ficava a treze quilômetros de distância." (PTBR p. 9)

A questão da denominação do "comboio" ou "trem", igualmente não é definitiva. Tanto em uma quanto outra variação linguística se compreenderia a mensagem, mas

trazer a informação para o natural da língua quando não compromete o TF e nem a cultura fonte ou o contexto-fonte é uma escolha tradutiva acertada.

Exemplo 13 (prólogo):

O exemplo 13 observa o comprometimento contextual da tradutora portuguesa de TA1 com o cotexto. Este pequeno excerto apresenta um detalhe específico das traduções que se refere mais profundamente ao contexto. A opção por "deambulação" seria mais própria para a peregrinação errante, motivo pelo qual o monge partira do templo. Porque o termo se refere ao ato de caminhar ou vagar sem um objetivo específico ou direção definida. Associado, portanto, a um movimento errático, como a peregrinação do monge, sem rumo.

"-ritual circumambulation-" (EN p. XV)

"-a deambulação ritual-" (PTPT p. 10)

"-circumambulação ritual-" (PTBR p. 9)

Apesar do cotexto favorecer deambulação (na opção TA1) na questão etimológica, no caso específico de circumambulação ritual pesa-se a escolha em favor da tradutora brasileira, que tem no ritual budista seu apoio para chegar ao léxico correto, endossado pelo grupo Tergar que faz as revisões da parte filosófica religiosa.

"No one had ever seen me unaccompanied, not at this hour, not at any hour. I had taken the taxi for granted." (EN p. XVI)

"Jamais alguém me tinha visto sozinho, não a esta hora, nem a hora nenhuma. Tinha dado o táxi como coisa segura." (PTPT p. 10)

"Ninguém jamais me viu desacompanhado, não a essa hora, nem a qualquer hora. Pensei que o táxi não falharia." (PTBR p. 10)

Exemplo 14 (prólogo):

A diferença da sintaxe nas duas traduções do português enfatiza o discurso de formas distintas no excerto escolhido para o exemplo 14. Observe:

“No one had ever seen me unaccompanied, not at this hour, not at any hour. I had taken the taxi for granted.” (EN p. XVI)

A ordem na frase de TA1 enfatiza o “jamais”, o uso corrente do objeto antes do verbo no caso do “me tinha visto” contextualizando o discurso para o público-alvo português, ou no caso do “hora nenhuma”, enfatizando a negação. Para citar a pesquisadora Alexandra Guedes Pinto, neste jogo de aparente simplicidade há um “engenho de construção”(PINTO, p.84). Aqui também se vê a utilização do sinônimo “sozinho”, que dá coloquialidade ao discurso e retira um pouco da importância do fato do monge ser sempre acompanhado de alguém que o esteja servindo, protegendo ou ajudando. O burilar da superfície verbal indica por parte da tradutora de TA1 um cuidado mais inclinado ao gênero literário do que pode ser observado no português brasileiro de TA2:

“Jamais alguém me tinha visto sozinho, não a esta hora, nem a hora nenhuma. Tinha dado o táxi como coisa segura.” (PTPT p. 10)

“Ninguém jamais me viu desacompanhado, não a essa hora, nem a qualquer hora. Pensei que o táxi não falharia.”(PTBR p. 10)

Exemplo 15 (prólogo):

A principal questão a ser discutida no prólogo é apresentada neste excerto, que se refere às questões filosóficas entremeadas às questões lexicais, sintáticas ou gramaticais. A ênfase no significado mais profundo, que leva em consideração a complexidade e essência textual, é um exemplo de “transferência vertical de significação” utilizada pela tradutora de TA2. Conforme observado primeiramente no sub-subcapítulo 1.3.1 “Linguística”, que especifica sobre o modelo de comunicação¹⁴⁰, esta escolha tradutória utiliza o léxico e a sintaxe como detentoras de identidade. Observe o fragmento:

“Several times each day since I was little, I had recited prayers that included: I take refuge in the Buddha; in the dharma - the Buddha's teachings; and in the sangha - the enlightened assembly.” (EN p. XVI)

¹⁴⁰ (STEINER, 2005)

As traduções se deram dessa forma:

“Várias vezes ao dia, desde a minha infância, eu recitava orações como esta: O meu refúgio é Buda; é o dharma - os ensinamentos de Buda; e a sangha - a comunidade iluminada.” (PTPT p. 11)

“Várias vezes a cada dia, desde criança, repeti preces que diziam: tomo refúgio no Buda; no Dharma - os ensinamentos do Buda; e na Sangha - a assembleia iluminada.” (PTBR p. 10/11)

As duas tradutoras, no início do fragmento, optam por sinônimos contextuais: uma escrevendo “desde a infância”, outra escrevendo “desde criança”. Sinônimos, portanto. “Como esta” ou “que diziam” são somente variações contextuais que se adequam à cultura-alvo. Mas quando entra a escolha pela enunciação da “oração” (um termo mais genérico, que pode designar súplica ou louvor) no português europeu de TA1 e da “prece” (um termo mais específico, que designa súplica a um ente ou entidade) no português brasileiro de TA2, a diferença começa a se tornar mais evidente pelo seu apelo genérico ou específico.

“O meu refúgio é Buda” (PTPT) marca ainda mais a diferença do que “tomo refúgio no Buda” (PTBR). O artigo definido enfatiza a divergência tradutória porque Buda é um estado, ao mesmo tempo que é uma entidade. O artigo definido “the”, no caso do texto, fala especificamente da entidade - por isso a utilização mais acertada no caso brasileiro que utiliza “prece”. Ele é utilizado tanto no original quanto na tradução brasileira TA2, indicando a constatação da maior proximidade com a filosofia e prática budista, característica de proximidade contextual com o texto-fonte, e por conseguinte a escolha do cotexto que melhor se liga à informação filosófica - a propagação do pensamento budista.

Mesmo a divergência entre “de Buda” e “do Buda” precisa ser observada porque, quando se coloca o artigo definido “o”, se refere “ao poderoso, ao único, à entidade”. Este é o mesmo argumento que se liga ao cotexto e também sublinha o contraste na tradução de “in the Dharma (the Buddha's teachings)” ao escolher “é o dharma - os ensinamentos de Buda” (PTPT) ou “no Dharma - os ensinamentos do Buda” (PTBR).

Nota-se, inclusive, que a tradutora brasileira de TA2 escolheu colocar Dharma com letra maiúscula, enfatizando o que o texto original não fez - observando a sacralidade dos ensinamentos. Esta inferência no texto brasileiro é índice da prática religiosa da tradutora, o que caracteriza a pessoalidade tradutória em interferência direta à mensagem. Na somatória de detalhes do pequeno fragmento pode-se concluir que a mensagem é uma em TA1 e outra em TA2.

Exemplo 16 (prólogo):

No fragmento escolhido para exemplificar a diferença pragmática. É clara a importância do significante "descoberta", que vem do texto-fonte *"discovered"*. "Dessem pela ausência" é uma revelação. "Descobrir" tem outro peso segundo a pragmática e análise do discurso. É uma questão de retórica que geralmente se coloca se referindo a pesos diferentes para sinônimos por semelhança. Além disso, a opção por "permitir-me-ia", que pertence ao modo condicional composto do verbo "permitir", indica uma construção verbal inclinada ao gênero literário, conforme constatado nas escolhas da tradutora de TA1, do português europeu:

"But really, this would allow me to be far away before my absence was discovered." (EN p. XVIII)

"Contudo, na verdade, isto permitir-me-ia já estar muito longe quando dessem pela minha ausência." (PTPT p. 13)

"Mas, na verdade, me permitiria estar bem longe antes que minha ausência fosse descoberta." (PTBR p. 12)

A construção tem menos apelo na oralidade da reflexão pessoal. Apesar dos portugueses usarem o pronome oblíquo "me" colocado antes do verbo, a construção da sintaxe como um todo indica uma escolha mais rebuscada que não tem sinergia com a transmissão oral necessária ao discurso simples do monge.

Exemplo 17 (prólogo):

O excerto 17 evidencia outro exemplo que se liga ao cotexto e mostra o problema da tradução ligada à precisão do texto sensível. Conforme Simms (1997), as competências

que vão além do conhecimento linguístico são exigidas. “Mente budista” e “mente búdica”, apesar de algumas vezes intercambiáveis, não são exatamente a mesma coisa. Enquanto a “mente budista” se refere à ênfase na prática, a “mente búdica” se refere à ênfase da natureza buda interior, o que tem semântica diferente:

“...I already knew something of the need to nourish the steady awareness of buddha-mind.” (EN p. XVIII)

“...eu já sabia algo da necessidade de alimentar o estado permanente de consciência da mente budista.” (PTPT p. 13/14)

“...eu já tinha conhecimento da necessidade de alimentar a consciência plena estável da mente búdica.” (PTBR p. 12/13)

Enquanto na tradução brasileira de TA2, na segunda opção, tem-se um aspecto espiritual e transcendental, porque pode se referir à natureza intrínseca de todos os seres, de acordo com a visão budista, na tradução portuguesa europeia de TA1, na primeira opção, tem-se um aspecto prático, como a busca da iluminação, a meditação e a aplicação dos princípios budistas na vida cotidiana.

A diferença da tradução de “*awareness*”, que é causa da utilização ou não do termo “consciência plena”, será logo discutido no sub-subcapítulo 5.3.5, que se refere aos “Conceitos Filosófico-Religiosos” e apresenta igualmente uma questão semântica fundante para a análise e, por conseguinte, para o trabalho.

Exemplo 18 (prólogo):

As diferenças estilísticas entre as tradutoras podem ser observadas neste excerto 18:

“My heart was beating fast. Between the speed of the taxi and the darkness, I couldn't see anything out the window. Images moved through my mindscape faster than the speed of the taxi.” (EN p. XVIII/XIX)

“O meu coração batia acelerado. Entre a velocidade do táxi e a escuridão, nada se descortinava quando olhava pela janela. Imagens moviam-se pela paisagem da minha mente a uma velocidade superior à do táxi.” (PTPT p. 14)

“Meu coração estava acelerado. Entre a velocidade do táxi e a escuridão, não conseguia ver nada pela janela. As imagens passavam pela minha paisagem mental mais rápido do que a velocidade do táxi.” (PTBR p. 13)

Conforme se observa, a tradutora do português europeu em TA1 se preocupa mais com a superfície literária do que a tradutora do português brasileiro em TA2. “Nada se descortinava quando olhava a janela” é deslocamento tradutor apoiado na tentativa de produzir nuances literárias na tradução do texto. Durante a maior parte do texto, tem-se pontualmente as evidências da proximidade contextual relatada pela tradutora brasileira, pela prática budista e envolvimento com o grupo Tergar. No entanto, isso não significa um julgamento de valor entre as traduções. Neste fragmento, a opção por tomá-lo como exemplo refere-se à capacidade da tradutora portuguesa de emular tempo, espaço, contexto, em observância metarrepresentacional na construção desta fração. Conforme visto no subcapítulo 2.3, que se refere à tradução de um texto sensível, Gutt (2004) indica a importância da abordagem intuitiva que ultrapassa a analítica. O que a tradutora demonstra nesta pequena fração é um exemplo de metarrepresentação sensível que busca transmitir não o texto, mas a percepção do autor, com vistas à superfície verbal e a um estilo pretendido, como se a tradutora portuguesa tivesse se colocado no lugar do monge dentro do taxi para encontrar o co(n)texto mais próximo possível.

Exemplo 19 (prólogo):

O sub-subcapítulo 1.3.3, que abrange os Estudos da Tradução, referiu-se à observação de Hüsgen (2019) sobre o processo tradutório não poder se separar da interpretação do sentido. Isso fica evidente neste exemplo 19, escolhido para mostrar as escolhas mais imprecisas. Observe:

“...jaws would drop; faces would fall forward, learning into the news.” (EN p. XIX)

“...maxilares descaídos; caras inclinadas para a frente, sobre as notícias.” (PTPT p. 14)

“...ficariam de queixo caído; suas faces se curvavam para a frente em busca de notícias.” (PTBR p. 13)

A tradutora do português europeu de TA1 parece não ter entrado no espírito da mensagem e TA2, mesmo usando um jargão adaptado "ficar de queixo caído" não parece ter feito a transferência de sentido devidamente. "*Jaws would drop*" é uma expressão idiomática em inglês. A tradução mais literal para o português seria "as mandíbulas caíam" (mais próximas de maxilares descaídos, mas mesmo assim diferente da expressão mais conhecida) ou, o que seria ainda mais coerente: "todos ficariam boquiabertos". Sua utilização se refere à descrição de uma situação surpreendente, chocante, que geraria perplexidade. Caso a coautora tivesse aceitado dar entrevista, este fragmento poderia ter sido um tópico questionado a ela. Outra expressão idiomática que é próxima mas tem outro significado é "as máscaras caíam", mas esta não tem relação direta com o sentido da tradução. "Ficarem boquiabertos" ou "ficarem chocados" seria mais adequado, sendo que a segunda opção seria uma técnica tradutiva explicativa. O exemplo quer chamar a atenção para a necessidade da interpretação do sentido pelo tradutor quando a compreensão e coerência textual estiverem difíceis de serem transferidas.

Exemplo 20 (prólogo):

Observe no excerto 20 um exemplo que indica as diferenças de efeito nas superfícies textuais:

“Listen to me, ami, are you sure? Really sure? I told him, Yes. I am sure. I have wanted to do this since I was a little boy. Then my father said, Wonderful. But if you really want to do this, I have one piece of advice: just go. Don't tell anyone where you're going, including our family members. Just go, and it will be good for you.” (EN p. XIX/XX)

“Escuta-me, ami, tens a certeza? Mesmo a certeza? Respondi-lhe, Sim. Tenho a certeza. É algo que quero fazer desde pequeno. E depois o meu pai disse, Maravilha. Mas se queres realmente fazer isto, tenho um conselho para ti: Vai,

simplesmente. Não digas a ninguém aonde vais, incluindo os teus familiares. Vai, simplesmente, e far-te-á bem.” (PTPT p. 15)

“Ami, escute, ami, tem certeza? Certeza absoluta? Disse a ele: Sim. Tenho certeza. Quero fazer isso desde que eu era um garotinho. Então, o meu pai falou: Maravilha! Mas se você realmente quer fazer isso, lhe dou um conselho: apenas vá. Não conte a ninguém para onde está indo, inclusive às pessoas da nossa família. Simplesmente vá e será bom para você.” (PTBR p. 14)

No exemplo de excerto escolhido acima, a impressão da leitura denota que, enquanto a tradutora do português europeu de TA1 está focada na superfície textual, a tradutora do português brasileiro de TA2 está focada na transmissão do contexto, confirmando o que foi observado anteriormente.

Acredito que a simplicidade do texto original deveria ser mantida para a “performance comunicativa integral” de Reiß (1971) e diminuir o distanciamento da mensagem com o leitor comum. Os elementos verbais utilizados indicam as características suprasegmentais que ditam o tom da conversa, buscada em metarrepresentação pelas tradutoras portuguesa e brasileira, respectivamente, conforme Nord e as perspectivas sobre coerência intratextual, observadas no sub-subcapítulo 3.3.7.

Como se verá na análise do efeito do texto (fator interno na tabela anexa *Fatores Textuais Internos e Externos*), o foco de cada tradutora se diferenciou porque suas funções eram diferentes, mesmo fazendo o mesmo trabalho. Isso evoca o conceito que se relaciona à abordagem funcionalista. A encomenda da tradutora portuguesa era da editora, mas sem *briefing*, dada a distância que demonstrou a editora Temas - Debates Círculo de Leitores, enquanto a encomenda da tradutora brasileira era do Tergar - o grupo de discípulos de Rinpoche. Além disso, a tradutora portuguesa estava fazendo um trabalho de *freelancer*, o que muda a relação com o empregador (o cliente que encomenda a tradução) e com a função (de traduzir o livro). As duas observaram o mesmo texto-fonte, mas de perspectivas diferentes: uma comprometida com o serviço, a outra comprometida com os ensinamentos. O espírito do texto e o tom identificado na superfície verbal mudam ligeiramente em função disso, mas são indícios

observáveis que individualizam a tradução, tornando os fenômenos linguísticos observáveis comprovantes de que a personalidade influencia o resultado da tradução. Porque muda a forma individual de se trabalhar a comunicação, conforme a unidade textual relacionada para observação. As duas cumpriram o seu papel, mas os papéis eram distintos, mesmo que o trabalho fosse o mesmo - a tradução de um livro em inglês para a sua língua-materna.

5.3.3. Epílogo

O epílogo do livro é onde a voz do autor parece mais próxima. Como um comentário à parte, com mais proximidade. Faz-se uma analogia para explicar a importância do epílogo como paratexto para a obra como um todo (o epílogo tem força de comunicação semelhante a este exemplo): imagine que, em vez do livro, uma palestra do monge que narra suas experiências filosófico-religiosas estivesse a cabo. Ao final da palestra, ele chama uma pessoa em particular ao lado do palco do anfiteatro para fazer um comentário pessoal. Assim têm-se a impressão comunicativa de maior proximidade, de maior veracidade, de mais comprometimento, ou de informação privilegiada. Esta é a analogia da impressão do epílogo, como um todo. Recorrendo a Paul Ellingworth, citado no subcapítulo 3.2, “O Bardo, o *Gap* e o Vórtice de Significação”, que assume que “nenhum texto é um fim em si mesmo”, cabe perceber o que está subjacente às palavras. O todo do texto é que traz a impressão sobre o epílogo¹⁴¹. Mesmo assim, toma-se aqui dois exemplos presentes no epílogo para que o leitor dessa pesquisa possa perceber a condução das escolhas tradutórias via cotexto. Observe:

Exemplo 1:

TA1

¹⁴¹ Em analogia, ainda que fosse analisada a condução da harpa ou a introdução dos violinos ou sua preparação para o tema principal com toda a orquestra na Opus 20, segundo ato, nº 10 do Lago dos Cisnes de Tchaikovsky, uma análise individual e fracionada seria injusta com o fagote que começa o tema, com todo os outros músicos ou mesmo injusta com o maestro que conduziu a peça. Dessa forma, é preciso ouvir a peça e sentir suas impressões, mais do que observar uma das páginas da partitura escrita no papel ou executada por um músico específico.

“Não vos esqueçais de abrir espaço nas vossas vidas para reconhecerdes a riqueza da sua natureza de base, para verdes a pureza do seu ser e deixardes que as suas qualidades inatas de amor, compaixão e sabedoria emergjam naturalmente. Cuidai deste reconhecimento, como faríeis com uma pequena semente.”

TA2

“Não se esqueçam de abrir espaço em sua vida para reconhecer a riqueza da sua natureza básica, para ver a pureza do seu ser e deixar que suas qualidades inatas de amor, compaixão e sabedoria surjam naturalmente. Cultive esse reconhecimento como cuidaria de uma mudinha de planta.”

Na tradução para o português europeu de TA1, o texto, apesar de agradável ao ritmo, é um pouco mais rebuscado e inclinado ao tom literário conforme identificado nos fragmentos analisados nos subcapítulos do prólogo; menos próximo ao leitor, um pouco também pela utilização da segunda pessoa, hábito português. Há dúvida se mesmo no discurso oral em português europeu chegaria-se a tal distância a escolha lexical. Por exemplo: “não vos esqueçais (...) reconhecermos (...) emergjam (...) cuidai deste reconhecimento como faríeis com uma pequena semente” não parece uma transmissão oral próxima o suficiente para tocar um discípulo. Por outro lado, a intimidade com que a tradutora brasileira tratou o texto de Rinpoche é passível de nota: “cultive esse reconhecimento como cuidaria de uma mudinha de planta”. O Funcionalismo de Christiane Nord é claro sobre a importância da intencionalidade e indica a função impondo-se ao fazer tradutório conforme visto no subcapítulo 3.3.

Exemplo 2:

TA1

“Eu, por meu lado, guardo-vos no meu coração e nas minhas orações.”

TA2

“Manterei vocês no meu coração e nas minhas preces.”

A comunicação deve se condicionar às características que a determinam, observando a intencionalidade. Por isso, a preservação da tradição oral no discurso - sobretudo no epílogo (onde a voz do monge quer mostrar-se mais próxima ou íntima ao leitor) - deve ser preservada para se fazer fiel ao contexto-fonte. A tradutora brasileira de TA2 utiliza de forma mais próxima o discurso e fala mais ao público brasileiro, certamente. Mais simples, mas ao que o léxico indica, mais efetivo em termos de proximidade com o leitor, conforme os dois exemplos acima determinam. No segundo exemplo, ainda pode-se notar a diferença lexical de “orações” e “preces” que, apesar de sinônimos, têm graus distintos na relação com o budismo e cristianismo. Sendo o texto budista, a “prece” parece-nos mais indicado. Um viés que mais se aproxima da estratégia de domesticação pôde aqui ser observado nas escolhas tradutivas da tradutora portuguesa, ao preferir o sinônimo “oração”.

5.3.4. Agradecimentos

O capítulo “Agradecimentos” serve de paratexto para apoiar o texto escrito. É por meio do “Agradecimentos” como paratexto que o leitor fica sabendo que o livro na verdade foi escrito por Helen Tworkov, baseando-se nas entrevistas feitas entre 2016 e 2018. O processo de escrita do livro é, portanto, o mesmo processo de um *ghost-writer*. Com a diferença que é declarado “quem é o fantasma”. Evidentemente, o processo de escrita do *ghost-writer* é um processo muito semelhante ao do tradutor, porque é preciso que haja, até certo ponto, um apagamento do *self* para que quem apareça seja quem está tentando passar a mensagem e não tem meios disponíveis. Neste caso, conforme resposta da Chefe de Gabinete de Yongey Mingyur Rinpoche, a transmissão oral foi o recurso utilizado pelo monge para que a mensagem seguisse adiante. A opção por pedir ajuda à Helen Tworkov, coautora, para traduzir o que queria dizer em inglês, por meio de uma transcrição editada (uma transcrição) deixa a desejar no que se refere à superfície textual. Porque a superfície verbal do texto é de Helen Tworkov, não de Mingyur Rinpoche. Caso o autor tivesse transmitido oralmente em tibetano e este texto fosse traduzido para as demais línguas, um *gap* a menos no processo se daria, o que faria com que o leitor pudesse identificar o estilo, as nuances, e até a

extratextualidade do monge e sua realidade subjacente, conforme Ellingworth (1997) no compilado sobre textos sensíveis editados por Simms.

A titulação de coautora de Helen Tworikov na capa do livro traz espaço para o questionamento: não deveriam os tradutores constarem na capa dos livros como coautores, em vez de tradutores, se o processo de tradução é um processo de criação paralela¹⁴²?

No que se refere ao apoio paratextual com relação específica às diferenças lexicais dos dois textos aqui elencados, pode-se notar que ambos continuam a se diferenciar como os demais textos do livro, mas cumprem seu papel de apoio da mesma maneira: enquanto a tradutora de TA1 “vende”¹⁴³ o texto por ser mais literário como p. ex.:

TA1

“levar este livro a bom porto” em “O respeito de Cindy pela viagem de Mingyur Rinpoche, a sua curiosidade e a sua sensibilidade perante o material fizeram dela uma inspiradora aliada no processo de levar este livro a bom porto.” (p. 332)

No entanto, a tradutora brasileira utiliza-se mais da estratégia da dramaticidade para a “venda” como p. ex.:

TA2

“deixou o monastério” e “se deparar com as suas mortes” no excerto “Em junho de 2011, Mingyur Rinpoche deixou seu monastério na Índia para iniciar um retiro itinerante. Quando retornou, no outono de 2015, expressou seu interesse em compartilhar suas experiências relativas à mudança e à impermanência, considerando que pudessem ajudar o público mais amplo a enfrentar seus medos e a se deparar com as suas mortes.”

Como o agradecimento é da coautora, não havia também motivo para que ele fosse tão próximo do resto da escrita do livro, já que o livro representa a voz de Rinpoche, enquanto o capítulo Agradecimentos representa a voz da coautora.

¹⁴² Conforme Haroldo de Campos (1976)

¹⁴³ O verbo vender nestes casos tem sentido de “buscar apelo”.

5.3.5. Conceitos filosófico-religiosos

A tabela completa do glossário em tradução se encontra disponível no anexo deste trabalho. No entanto, para facilitar a compreensão, optou-se por exemplificar os conceitos filosófico-religiosos que apresentam alguma questão comum de análise. São 12 os exemplos elencados:

Exemplo 1:

EN

“Absolute Reality”

A diferença entre vazio e vacuidade na explicação sobre "Realidade Absoluta" é uma questão que parece simples, mas carrega um conceito-fundamento para o budismo. Percebe-se que a realidade subjacente ao texto é compreendida diferentemente pelas tradutoras - o que quer dizer que as visões contextuais das mesmas são distintas e, portanto, o cotexto escolhido será divergente de algum modo. Enquanto a tradutora brasileira (responsável por TA2) escreve 'vacuidade', a tradutora portuguesa entende como sinônimo de vazio - o que leva a resultados diferentes de fundamento. Afinal, a característica se difere do ente como se o vazio fosse uma coisa, o nada, a vacuidade uma ausência de algo. O vazio pressupõe falta, o "nada em essência", conforme disse a tradutora brasileira, a vacuidade não. E isso é uma diferença profunda para a compreensão do conceito, já que a falta traz com ela, de alguma forma, uma necessidade de preenchimento. Além disso, o sufixo "ness" de *emptiness* precisa ser observado, como se verá na explicação sobre "*awareness*", abaixo.

Exemplo 2:

EN

“Awareness”

A adição do adjetivo permite uma caracterização específica do significado, fundamento da compreensão da noção por trás do significado. *Mindfulness* é geralmente traduzido por “atenção plena”. *Mindful*, “atento” ou “consciente”. “*Awareness*” carrega um sufixo

que geralmente designa "cheio de", ou seja, "pleno". Como existem no livro outros conceitos que acompanham "*Awareness*" ("*pure awareness*", "*meditative awareness*", "*naked awareness*") talvez tenha sido o motivo para a tradutora portuguesa deixar de fora o conceito "cheio de" ou "pleno" na tradução de "*awareness*" traduzindo-o "consciência". Mas não é o que é utilizado com frequência na tradução em publicações relativas à meditação ou ao budismo.

Observa-se que houve alguma incoerência funcional quando a tradutora brasileira optou por não traduzir "*meditative awareness*" por "consciência plena meditativa". Se ela traduziu "*pure awareness*", "*naked awareness*" e "*stady awareness*" como "consciência plena pura", "consciência plena nua" e "consciência plena estável", deveria ter sido traduzido como "consciência plena meditativa", ou "plena consciência meditativa" e "consciência plena normal" ou "plena consciência normal" no termo "*normal awareness*" - o que também não foi feito. Mais do que uma diferenciação lexical ou tradutória, a questão da tradução de conceitos passa pela compreensão filosófica do termo original. Porque conceitos embasam o entendimento, a compreensão, e a reflexão sobre o que é tecido na superfície verbal do texto-alvo.

Exemplo 3:

EN

"Bardo of becoming"

TA1

"Bardo do ressurgimento"

TA2

"Bardo do renascimento"

Há diferença semântica entre as unidades lexicais "ressurgimento" e "renascimento" na explicação do termo "*Bardo*": etimologicamente, o primeiro vem de aparecer novamente ou surgir novamente, enquanto o segundo vem de nascer novamente, ou seja, traz em si a ideia de concepção. No original em inglês, "*becoming*" tem a origem etimológica em vir novamente, o que não especifica se surgiu - como o primeiro - ou

nasceu - como o segundo. Mais coerente com o explicado no significado de *Dharmata*, já que, está "além de crenças e conceitos" - o que pode-se concluir que ultrapassa a crença em reencarnação ou aparecimento espontâneo, já que ultrapassa crenças. Neste ponto, "vir novamente" pode estar mais ligado à tradução do TA1 "ressurgimento", pois não seleciona a noção de nascimento (mesmo que não a exclua) - e portanto independe de geração de uma vida (por exemplo, segundo a concepção católica, Jesus ressurgiu ["ressuscitou", conforme a crença], não renasceu). Assim, pode-se entender como noções distintas, passíveis de discussão para se chegar ao contexto necessário à mensagem.

Exemplo 4:

TA1

"É onde está instalado o mosteiro tibetano da linhagem Kagyu de Mingyur Rinpoche, Tergar."

TA2

"Local onde se situa o Tergar, monastério tibetano Kagyu de Mingyur Rinpoche."

Na explicação do glossário de *Bodhgaya*, a diferença de afinidade entre a tradutora portuguesa e o budismo a tradutora brasileira e o budismo pode ser observada. A adição da explicação feita pela tradutora portuguesa no exemplo 4 é mais apropriada porque explica para o público leigo que *Kagyu* é uma linhagem budista, enquanto a tradutora brasileira, que assumiu na entrevista fazer parte da comunidade budista por muito tempo, se esqueceu dessa importante adição, estratégia de tradução de cariz explicativo, que é fundamental para levar ao público leigo o entendimento do significado.

A afinidade com o budismo que, por um lado, parece favorecer a tradutora brasileira em muitos aspectos relacionados à tradução dos conceitos filosófico-religiosos, no caso da seleção do contexto na escolha mais coerente de alguns significantes de significados mais afins, aqui demonstrou o contrário. Foi o desconhecimento da tradutora portuguesa o responsável pela utilização da estratégia tradutória que iguala a relação

de significado com o público leigo, justamente porque ela faz parte do público leigo - como confirma na entrevista.

Exemplo 5:

Na tradução de “*Buddha*” no glossário, há diferença encontrada na escolha distinta das palavras “acordar” e “despertar”:

EN

“(...) one who wakes up to the true nature of reality.”

TA1

“(...) aquele que acorda para a verdadeira natureza da realidade.”

TA2

“(...) aquele que desperta para a verdadeira natureza da realidade.”

Diz respeito à utilização do termo despertar pela comunidade budista bem como à etimologia. “Desperta” vem de “esperto”, “vigilante”, de “tomada de consciência”. “Acordar” pode ser “sair do estado de dormência”, mas “permanecer sem atenção”. Cabe notar que a tradutora de TA1 usou “despertar” na tradução da explicação de “*MAHABODHI TEMPLE*”, quando traduziu “*the awakening*”. Foi coerente com a tradução literal, mas poderia ser questionada com relação à coerência funcional ao utilizar “acordar” neste caso do exemplo 5.

Exemplo 6:

EN

“Calm abiding”

TA1

“Calma mental”

TA2

“Calmo repousar”

No texto-fonte “*calm abiding*” o verbo “*abiding*” se relaciona mais ao estado de permanência e plenitude do que à mente. A tradução vertical indica que fatores extratextuais devem ser analisados para que o melhor cotexto seja empregado. Assim, “calmo repousar” traduzido por TA2 tem mais proximidade contextual que a tradução do português europeu de TA1 “calma mental”.

Exemplo 7:

EN

“*Clarity*”

TA1

“*Claridade*”

TA2

“*Clareza*”

No exemplo 7, “claridade” se refere ao estado ou qualidade de ser claro, brilhante, enquanto “clareza” se refere à qualidade de ser claro ou à qualidade de ser compreensível. São sinônimos, mas com ligeira diferença semântica que deve ser objeto de escolha intencional baseando-se na realidade subjacente ao texto, conforme Ellingworth. Pende-se novamente para a aceitação da tradução que observa que: quem medita busca clareza de ideias - a analogia da água, comumente utilizada em processos meditativos, explica isso imagetivamente com facilidade: a mente confusa é a água turbulenta, a mente tranquila é a água calma de um lago, onde se reflete a paisagem.

Exemplo 8:

EN

“*EMPTINESS The underlying nature of all phenomena; the recognition that contrary to conventional perception, all appearances are empty of lasting qualities, empty of substance and of independent identity. Despite subtle differences, emptiness is often used interchangeably with absolute reality.*”

TA1

“VAZIO Natureza que subjaz a todos os fenômenos; reconhecimento de que, ao contrário da percepção convencional, todas as aparências são vazias de qualidades duradouras, vazias de substância e de identidade independente. Apesar de haver diferenças subtis, o vazio é muitas vezes designado por realidade absoluta.”

TA2

“VACUIDADE A natureza subjacente a todos os fenômenos; o reconhecimento de que, contrariamente à percepção convencional, todas as aparências são vazias de qualidades duradouras, vazias de substância e de identidade independente. Apesar de diferenças sutis, o termo vacuidade é muitas vezes usado de maneira intercambiável com realidade absoluta.”

A qualidade de ser vazio é diferente do vazio em si. Esta é uma questão que extrapola a tradução lexical e esbarra na filosofia e na cultura oriental para ser sanada. Para Christiane Nord (2016) o “eterno dilema” dos tradutores de se traduzir como tradutor, orador, levando em conta o sentido, levando o texto ao leitor ou o leitor ao texto, estrangeirizar a tradução ou domesticá-la pode ser sanado pela tentativa de se observar o funcionalismo¹⁴⁴. No entanto, o funcionalismo parece não dar conta da sensibilidade textual dos textos sensíveis. São sensíveis, justamente porque a delicada abordagem não é resolvida olhando a necessidade do público-alvo. A noção pragmática do funcionalismo não é resolvida porque não há uma consequência prática na abordagem empírica que leve a resultados concretos no caso de conceitos inefáveis e transcendentais. A sensibilidade textual de um texto religioso é diferente da sensibilidade textual de um texto censurado, por exemplo. No texto religioso budista, os conceitos que mais se aproximam do real (e nesse ponto estamos falando da “realidade absoluta” inserida no conceito de vacuidade, conforme a designação do próprio glossário) são os que deixam o significado em aberto. Porque conforme a experiência budista, a fusão, o fluxo, a impermanência, a intercambialidade são noções presentes importantes para a tentativa de (não) definição do conceito de emptiness. O único ponto que tangencia o pragmatismo, ao meu ver, é que qualquer resultado

¹⁴⁴ Conforme dito no sub-subcapítulo 3.3.14 sobre funcionalismo, “lealdade” e textos sensíveis.

“concreto” de percepção do que significa “*emptiness*” parece ser apenas individual e em processo, nunca estático. Assim, a tentativa de se traduzir vacuidade, casa com o que disse Ellingworth, evocado no subcapítulo 3.2 “O Bardo, o *Gap* e o Vórtice de Significação”: “(...) para representar a realidade por trás de tais testes¹⁴⁵ seria necessário um modelo com um número indefinido de dimensões.” Ellingworth traz a comparação da imagem cosmológica do “Big Bang” para modelar o raciocínio sobre tal impossibilidade tradutiva. Nós sugerimos o “vórtice de significação” (no mesmo subcapítulo mencionado) porque soma a noção da trajetória de Walter Benjamin às noções de Eco (2007), Roch (1973), Lakoff (1987), Putnam (1975), Kußmaul (2010) e da realidade subjacente e número indefinido de dimensões de Ellingworth (1997).

Culturalmente, o exemplo do *Koan* (que não representa especificamente o budismo tibetano, mas o budismo zen) pode ser tomado para a explicação da tentativa de tradução de um conceito como *emptiness*. Para Heine e Wright:

“O termo koan (C. kung-an, literalmente "casos públicos") refere-se a expressões espirituais enigmáticas e muitas vezes chocantes baseadas em encontros dialógicos entre mestres e discípulos que foram usados como ferramentas pedagógicas para a formação religiosa no Zen (C. Ch'an) Tradição budista. (...) O que é único no kōan é a maneira como ele incorpora a experiência de iluminação do Buda e dos mestres Zen através de uma linha ininterrupta de sucessão. O kōan foi concebido tanto como a ferramenta pela qual a iluminação é alcançada quanto como uma expressão da própria mente iluminada. Os kōan são geralmente apreciados hoje como enunciados enérgicos, epigramáticos e evasivos que parecem ter um efeito psicoterapêutico na libertação dos praticantes da escravidão à ignorância, bem como pela forma como estão contidos na forma literária complexa e multinível dos comentários da coleção kōan. Talvez nenhuma dimensão das religiões asiáticas tenha atraído tanto interesse e atenção no Ocidente, desde interpretações psicológicas e teologia mística comparativa até apropriações na poesia

¹⁴⁵ Em referência aos exemplos “O Senhor diz ao seu povo”, “ O Senhor é o meu pastor”, “Sou a luz do mundo”.

*beat e na crítica literária desconstrutiva.*¹⁴⁶ (HEINE, Steven, WRIGHT, Dale S., 2000, p. 3)

Um dos *Koans* mais conhecidos popularmente é “Qual o som da palma com uma mão só?” ou “Qual o rosto do seu pai antes de nascer?”. O caráter epigramático que o *Koan* traz, com o mesmo raciocínio disruptivo, é encontrado na tradição de pequenos poemas japoneses denominados *Haikai* ou *Haiku*. Matsuo Bashô (1644-1694), expoente poeta zen japonês escreveu:

*“Ume ga ka ni
notto hi no deru
yamaji kana”*

*“No perfume das flores de ameixa,
O sol de súbito surge –
Ah, o caminho da montanha”*¹⁴⁷

Bashô. Tradução: Paulo Franchetti / Elza Taeko Doi

A percepção sinestésica é necessária para a compreensão poética de um poema *Haikai*. A fusão ou interconexão de sentidos ultrapassa o pragmatismo de uma análise funcionalista. Assumimos que isso quer dizer que o funcionalismo deixa a desejar em uma análise textual sensível de caráter poético e ou filosófico-religioso. Tentou-se com os exemplos do *Koan* e do *Haikai* aproximar o raciocínio da análise do que aqui está se tentando demonstrar: que a abertura conceitual sinestésica, inefável e transcendente

¹⁴⁶ The term koan (C. kung-an, literally “public cases”) refers to enigmatic and often shocking spiritual expressions based on dialogical encounters between masters and disciples that were used as pedagogical tools for religious training in the Zen (C. Ch’an) Buddhist tradition. (...) What is unique about the kōan is the way in which it is thought to embody the enlightenment experience of the Buddha and Zen masters through an unbroken line of succession. The kōan was conceived as both the tool by which enlightenment is brought about and an expression of the enlightened mind itself. Kōans are generally appreciated today as pithy, epigrammatic, elusive utterances that seem to have a psychotherapeutic effect in liberating practitioners from bondage to ignorance, as well as for the way they are contained in the complex, multileveled literary form of kōan collection commentaries. Perhaps no dimension of Asian religions has attracted so much interest and attention in the West, from psychological interpretations and comparative mystical theology to appropriations in beat poetry and deconstructive literary criticism.” (tradução própria)

¹⁴⁷ Em NAKASATO, Oscar Fussato 2014, Revista de Letras no site:

<https://periodicos.utfpr.edu.br/rl/article/view/2273/2216> acesso em janeiro de 2024.

ligada à significação no processo de tradução de um texto sensível vai além do que pode abarcar o modelo de análise textual funcionalista.

Exemplo 8:

EN

“Luminous Emptiness”

TA1 e TA2

“Vazio Luminoso”

Há alguma inconsistência na escolha tradutória por “Vazio Luminoso” no lugar de “Vacuidade Luminosa”. Se *“Emptiness”* foi traduzido pela tradutora de TA2 por “Vacuidade” e não “Vazio”, *“Luminous Emptiness”* deveria ter sido traduzido por “Vacuidade Luminosa” para a “coerência funcional”. Note-se que, segundo Christiane Nord, identificada a função textual, o texto deve ser traduzido conforme os parâmetros estipulados. Quando não há coerência na tradução de termos iguais, um mesmo texto denota-se alguma fragilidade na compreensão das estratégias de tradução. A probabilidade maior é que este tenha sido um problema de revisão, não de tradução¹⁴⁸.

Exemplo 9:

Apesar do glossário não trazer a palavra *“iogue”* ou *“yogi”*, na explicação do glossário sobre “Milarepa” as tradutoras diferenciam a forma de escrita. Enquanto “carma” foi escrito em sua versão portuguesa pela tradutora TA1, a tradutora TA2 optou pela escrita *“karma”*, versão em sânscrito. No entanto, a opção pela versão portuguesa de “iogue” foi feita pela tradutora TA2 em oposição à tradutora TA1. Note-se que as duas optaram por “Buda”, em vez de *“Buddha”*. O que sugere que “iogue” e “carma” seriam as opções tradutórias funcionais mais coerentes.

Exemplo 10:

¹⁴⁸ Esta é uma inferência pessoal feita a partir do que foi verificado holisticamente ao longo de todo o texto.

EN

Monkey Mind

TA1

Mente de macaco

TA2

Mente do macaco

Tanto no português brasileiro quanto no português europeu há preposição para indicar posse ou origem. No caso, a “mente de macaco” ou “mente do macaco” indicam posse. No entanto, no português brasileiro, a tradutora utiliza-se da coloquialidade da fusão da preposição com contração "de" + "o" para designar o gênero singular masculino. A escolha se relaciona à coloquialidade e ao uso oral, portanto, mais do que pela correção gramática, já que as duas procedem.

Exemplo 11:

Na explicação do glossário explicativo sobre o nome de “Tulku Urgyen Rinpoche” houve uma opção tradutiva que se difere da usual: a tradução de um texto pode também ser utilizada para corrigir o texto original. No original e no português brasileiro a informação é que o pai de Rinpoche "veio para o Nepal", quando na verdade, a tradutora portuguesa optou por colocar "foi para o Nepal" para que seja mais coerente com a leitura do livro no país que se destina. Em Portugal e no Brasil, o certo seria ler "foi para o Nepal" e não "veio para o Nepal".

Exemplo 12:

Na tradução explicativa do glossário da palavra “*Vipashyana*” a tradutora portuguesa utilizou “visão interior” para traduzir “*insight*”. A utilização do termo em inglês “*insight*” na tradução da tradutora brasileira mostra claramente a apropriação de um termo estrangeiro pelo público brasileiro. Alguns estrangeirismos vêm sendo utilizados e passam a fazer parte do jargão popular, da utilização no dia a dia da língua falada no Brasil. É o caso da palavra “*insight*”, que já não precisa de explicação ou de tradução. *Air-bag, Bike, Business, Check-in, Coffee break, Download, Design, Drive-thru, Email,*

Fake, Fitness, Funk, Hacker, Haters, Internet, Job, Kit, Light, Login, Marketing, Match, On e Off, Reality show, Relax, Shopping, Smartphone, Spoiler, VIP (very Important Person), Workshop e Zoom são algumas das tantas palavras que foram absorvidas pelo português brasileiro e adotadas no dia a dia dos falantes da língua - o que não acontece com tanta frequência no português europeu: “rato de computador” em vez de “mouse”, “guardar” em vez de “save” ou “salvar”, “apagar” em vez de “deletar” ou “delete” e “correio electrónico” em vez de “email” - são exemplos, somente da área de informática.

O site do Tergar, do grupo mundial de Rinpoche, é um paratexto importante que se soma a este glossário, apresentado aqui em relação direta aos conceitos filosófico-religiosos de apoio não somente aos livros que são lançados, mas a todos os “produtos” que se relacionam ao projeto do monge. Vídeos, palestras, cursos, programas, aulas e livros, inclusive. Em 6 diferentes idiomas, é uma plataforma de apoio a todos os discípulos do monge. Faz o papel de lugar de encontro da *Sangha* - o grupo budista que se apoia mutuamente e têm um líder filosófico-espiritual.

5.3.6. Títulos e Títulos dos Capítulos em Tradução

Conforme o que foi apresentado no sub-subcapítulo 3.3.15, “Tradução de Títulos”, Christiane Nord acredita que o título é um modelo do papel comunicativo textual. Em sua abordagem metodológica afirma que a tradução dos textos e dos títulos depende substancialmente do conceito “funcionalidade mais ‘lealdade’” (Nord 1991a, 28ss). Isso implica, de forma geral, que:

“(a) a tradução de qualquer texto é determinada pela sua finalidade (ou “skopos”, Vermeer 1978, Reiß e Vermeer 1984), sendo a finalidade definida pelas funções comunicativas a que o texto-alvo se destina, e (b) a gama de finalidades ou funções que são “possíveis” ou “legítimas” para uma tradução específica de um texto-fonte específico é limitada pelos conceitos de tradução convencionais, muitas vezes específicos de gênero, prevaletentes na(s) cultura(s) envolvida(s) e determinando as expectativas dos clientes, autores de TS [texto-fonte] e destinatários de

TT [texto-alvo] no que diz respeito ao relacionamento existente entre textos-fonte e textos-alvo.¹⁴⁹”

Nord afirma que a textualidade não é somente uma característica estrutural de um ato comunicativo, mas sobretudo uma característica funcional de uso ao comunicar. Assim, os títulos são percebidos como textos.

Este é um ponto de questionamento: acreditamos que a textualidade é sobretudo uma característica estrutural do ato comunicativo e que sua característica funcional é válida, mas não é seu ponto preponderante na comunicação. Talvez esse questionamento seja de fundo filosófico, mas isso envolve a percepção de Nord de que o texto-alvo deve ser lido por “clientes”, não por pessoas. E o que nos torna humanos é, sobretudo, o que vai além da função (como o que foi observado no sub-subcapítulo anterior, “Conceitos filosóficos-religiosos”, exemplo 7, ao tratarmos dos *kōans* e *Haikais* - e na poesia como um todo isso também é mais evidente). Acredito que para a Inteligência Artificial as concepções de Nord sobre a tradução casam perfeitamente. Mas a superação das máquinas se dá quando a função deixa de alcançar e passa-se ao que não pode ser dito e está subjacente ao texto e, ao mesmo tempo, luminoso (ou transcendente) ao texto.

No entanto, está corretíssima ao observar que as funções textuais são imperativas na construção de textos, e observar que quatro delas são universalmente atribuídas (funções referencial, expressiva, apelativa, e fática), como veremos nos 6 conjuntos de exemplos de títulos de capítulos do livro.

Exemplo 1 - Função Expressiva e Função Apelativa:

EN

“In Love With the World - what a buddhist monk can teach you about living from nearly dying”

¹⁴⁹ (a) the translation of any text is determined by its purpose (or “skopos”, Vermeer 1978, Reiß and Vermeer 1984), the purpose being defined by the communicative functions for which the target text is intended, and (b) the range of purposes or functions which are “possible” or “legitimate” for a particular translation of a particular source text is limited by the conventional, often genre-specific concepts of translation prevailing in the culture(s) involved and determining the expectations of clients, ST authors and TT recipients with regard to the relationship holding between source-texts and target texts. (NORD, 1995, p. 7) (tradução própria)

TA1

"Amar o Mundo - a viagem de um monge pelos bardos da vida e da morte"

TA2

"Apaixonado pelo Mundo - a jornada de um monge pelos bardos do viver e do morrer"

Observe o comentário da tradutora portuguesa do livro sobre a escolha do título:

"[...] em Portugal... devem ter tido algum receio de que parecesse... como é que se diz... em inglês é corny [cafona], não é? Em português [em Portugal] é fuleiro, é assim, achar que as pessoas achassem que é assim uma coisa de fraca qualidade de baixo nível, assim, de ser apaixonado, às vezes evita-se esses títulos, a menos que estejamos a falar de livros românticos. Ou que as pessoas achassem que era uma coisa lamechas [no Português do Brasil "piegas" - quem demonstra demasiada sensibilidade ou as suas emoções - bajoujos, tolos] e não era essa a ideia do livro, se calhar podem ter evitado esse tipo de palavra." (tradutora do livro do português europeu, Ana Pinto Mendes)

A tradutora do português europeu traduziu o título do livro para "Uma Paixão Pelo Mundo", mas a editora escolheu mudá-lo para "Amar o Mundo". Segundo relatou, prefere o título brasileiro ao título escolhido pela editora de Portugal. Esta decisão, segundo ela, foi uma escolha comercial baseada no mercado e no público português. No português brasileiro o movimento é presente na escolha lexical, com o uso do gerundismo. No português europeu, um traço textual que sugere estagnação via infinitivo é constante e presente nas escolhas lexicais e, portanto, tradutórias. Assim, a escolha foi "Uma Paixão Pelo Mundo" em vez de "Apaixonado Pelo Mundo", ou mesmo "Amar o Mundo", em vez de "Amando o Mundo". Este traço pode ser verificado em vários subtítulos do livro, como também no texto traduzido.

A função expressiva da linguagem é centrada no emissor, que expressa seus sentimentos, emoções, opiniões ou estados de espírito. No caso do título do livro, o autor expressa uma atitude positiva e emotiva em relação à temática proposta. A escolha por "Amar o Mundo" ou "Apaixonado pelo mundo" sugere uma conexão emocional e uma abordagem subjetiva da experiência durante a narrativa. Pode-se

argumentar que há também uma dimensão da função apelativa no título, quando chama a atenção do leitor, convidando-o a caminhar com ele na jornada pelos bardos da vida e da morte e suas reflexões amorosas sobre o mundo. Ainda, em uma visão que se aproxima mais de Jakobson, pode-se defender a função poética presente no pacote semântico do título, pelo que evoca. É um ponto de divergência sobre o modelo de análise de Christiane Nord. Por meio das seis funções textuais elencadas pela autora - (1) distintiva; (2) metatextual, (3) fática, (4) referencial, (5) expressiva, e (6) apelativa - Nord concentra-se nos aspectos funcionais da tradução relevantes metodologicamente para o ensino de tradução, observando aspectos práticos da tradução e da comunicação intercultural, mas deixa de fora o importante viés de enfoque na expressividade artística e sinestésica com a superfície verbal, originalmente elencado por Roman Jakobson (1960). Mesmo que Nord considere na função expressiva a forma poética, parece-nos que seu enfoque se relaciona à forma, e o enlevo que se relaciona à poesia se liga profundamente ao que não pode ser expresso: sua relação sinestésica e transcendente. Daí, a nosso ver, a necessidade da distinção entre função expressiva e função poética. Nord diferencia a função “distintiva” e “metatextual”: a distintiva ou metalinguística aborda a definição e explicação de termos linguísticos objetivando clareza na compreensão do texto; a metatextual são recursos explicativos que interpretam ou comentam o próprio texto (daí ela inclui os paratextos), o que contribui para sua compreensão.

Exemplo 2 - Função Referencial e Função Expressiva:

A função referencial e a expressiva da linguagem são as funções que mais podem ser observadas nos títulos dos capítulos do livro. Os títulos dos capítulos que têm esse conjunto de funções são estes 18 títulos (elencamos sempre o título em inglês e em paralelo as traduções de TA1 do português europeu e TA2 do português brasileiro):

1 - (EN) *Part One - Adding Wood to The Fire*

(TA1) *Parte Um - Mais Achas para a Fogueira /*

(TA2) *Parte Um - Jogando Lenha na fogueira*

2 - (EN) *Acknowledge the Wave but Stay with the Ocean*

(TA1) *Perceciona a onda, mas mantém-te no oceano /*

(TA2) *Reconheça a onda, mas fique com o oceano*

3 - (EN) *Born with a Silver Spoon*

(TA1) *Nascido com uma colher de prata na boca /*

(TA2) *Nascido em berço de ouro*

4 - (EN) *Letting Wisdom Arise*

(TA1) *Deixar a sabedoria vir à tona /*

(TA2) *Deixando a sabedoria emergir*

5 - (EN) *A Day at the Ghats*

(TA1) *Um dia nas ghats /*

(TA2) *Um dia nos ghats*

6 - (EN) *Of Sleep and Dreams*

(TA1) *Do sono e dos sonhos /*

(TA2) *Sobre sono e sonhos*

7 - (EN) *Learning to Swim*

(TA1) *Aprender a nadar /*

(TA2) *Aprendendo a nadar*

8 - (EN) *Part Two - Returning Home*

(TA1) *Parte Dois - Regresso a casa /*

(TA2) *Parte Dois - Voltando para casa*

9 - (EN) *Where the Buddha Died*

(TA1) *Onde Buda morreu /*

(TA2) *Onde o Buda morreu*

10 - (EN) *Coming Through Darkness*

(TA1) *Atravessar a escuridão /*

(TA2) *Sobrevivendo à escuridão*

11 - (EN) *A Chance Encounter*

(TA1) *Um encontro do acaso /*

(TA2) *Um encontro casual*

12 - (EN) *Naked and Clothed*

(TA1) *Despido e vestido /*

(TA2) *Nu e vestido*

13 - (EN) *No Picking, No Choosing*

(TA1) *Não selecionar, não escolher /*

(TA2) *Nada de escolhas, nem preferências*

14 - (EN) *Working with Pain*

(TA1) *Trabalhar a dor /*

(TA2) *Trabalhando com a dor*

15 - (EN) *Recalling the Bardos*

(TA1) *Relembrar os bardos /*

(TA2) *Evocando os bardos*

16 - (EN) *Awareness Never Dies*

(TA1) *A consciência nunca morre /*

(TA2) *A consciência plena nunca morre*

17 - (EN) *When the Cup Shatters*

(TA1) *Quando o copo se estilhaça /*

(TA2) *Quando o cálice se quebra*

18 - (EN) *In the Bardo of Becoming*

(TA1) *No bardo do ressurgimento /*

(TA2) *No bardo do renascimento*

Alguns comentários sobre os exemplos acima:

Pode ser observado um traço textual do português europeu que sugere estagnação por meio das escolhas tradutivas que não apresentam o verbo no gerúndio como no português brasileiro. A omissão do verbo ou a escolha pelo infinitivo geram essa diferença característica, conforme a frequência nos exemplos 1, 3, 6, 7, 9, 12, 13, 14.

No exemplo 2 - *"Acknowledge the Wave but Stay with the Ocean"*,

(Perceciona a onda, mas mantém-te no oceano / Reconheça a onda, mas fique com o oceano),

- nota-se a diferença entre a escolha diferente do vocabulário e conjugação verbal, traços distintos de utilização nas duas variantes: uma, a voz reflexiva "mantém-te" em contraposição à voz ativa do presente do conjuntivo "fique". Semanticamente, é possível estabelecer uma diferença entre "perceber" e "reconhecer": enquanto perceber é a capacidade de notar, entender (em Portugal usa-se comumente perceber enquanto no Brasil usa-se comumente entender) ou sentir, reconhecer passa pela identificação que se relaciona a um conhecimento prévio. A questão contextual novamente se impera frente ao valor semântico na escolha do cotexto.

No exemplo 3 - *"Born with a silver spoon"*,

(Nascido com uma colher de prata na boca / Nascido em berço de ouro)

- a diferença tradutória demonstra duas diferentes estratégias de tradução. A TA1, tradutora portuguesa, opta por uma adição explicativa no título para que a mensagem seja compreendida, enquanto a TA2, tradutora brasileira, opta pela domesticação tradutória, reconhecida estratégia já citada que substitui uma expressão da língua de origem, do TF texto-fonte, por uma expressão de valor semelhante na língua de chegada, no TA texto-alvo. Assim substitui-se a "colher de prata" pela expressão utilizada no Brasil, "berço de ouro".

No exemplo 4 – “*Letting Wisdom Arise*”,

(Deixar a sabedoria vir à tona / Deixando a sabedoria emergir),

- a expressão figurativa "vir à tona" foi a escolha da tradutora portuguesa, que, como observado em outros tópicos, parece mais atenta à questão estilística, enquanto a tradutora brasileira faz a escolha mais direta por “emergir”.

No exemplo 9 - “*Where the Buddha Died*”,

(Onde Buda morreu / Onde o Buda morreu),

- retorna a questão importante do artigo para falar do Buda histórico, não do espírito, da filosofia ou da natureza búdica. No original “*the Buddha*” dá pistas da necessidade do artigo. A escolha estilística pela coloquialidade da tradutora portuguesa é identificada como uma ênfase estética, o que deixa o contexto para segundo plano.

No exemplo 10 - “*Coming Through Darkness*”,

(Atravessar a escuridão / Sobrevivendo à escuridão),

- a escolha da tradutora brasileira por "sobreviver" em vez de "atravessar" evoca a característica da dramaticidade presente no “jeito brasileiro”, o que é percebido em outras partes do texto.

O exemplo 13 - “*No Picking, No Choosing*”,

(Não selecionar, não escolher / Nada de escolhas, nem preferências),

- evoca o exemplo que será visto abaixo (“*If You See Something, Say Something*”), pelo paralelismo, relacionado através da vírgula. A tradutora de TA1 teve uma coerência funcional e estabeleceu um paralelo ao traduzir de forma semelhante "Não selecionar, não escolher". A tradutora brasileira também demonstra coerência funcional e vai atrás de uma expressão para traduzir a noção, "nada de escolhas". No entanto, se optasse apenas pela coloquialidade, poderia ter optado por "nada de escolhas ou preferências", ou "nada de escolhas, nem de preferências".

No exemplo 17 “*When the Cup Shatters*”,

(Quando o copo se estilhaça / Quando o cálice se quebra),

- pode se dizer que a referência adquire outro status quando o significante “cálice” é introduzido: o “cálice sagrado” é uma referência imediata ao “Santo Graal”, presente na mítica católica. No entanto, um comentário referente especificamente ao público brasileiro: o significante “cálice” é também consagrado pela música de Chico Buarque e interpretada por Milton Nascimento e Chico Buarque quando substitui oralmente o significante “cálice” pela forma oral presente no canto “cale-se”. Assim, os autores “colaram” o significante do cálice sagrado ao cale-se promovido pelo período de ditadura, marcado na história brasileira. Ou seja, a opção pela palavra cálice para um tradutor que reconhece o contexto-alvo brasileiro deve obrigatoriamente levar isso em conta.

Ao falar de um “copo que estilhaça” (ou que quebra, segundo o original) com este sentido existencial, significa romper a forma física e transcender. Assim, é coerente essa tradução imediata e não leva para a simbologia católica e nem para a consagração histórica da música brasileira deste significante.

Exemplo 3 - Função Distintiva e Função Expressiva:

Para Nord (1995), “para atingir uma função distintiva, um título deve ser um nome único que identifique inequivocamente o contexto.” A especificidade a que ela se pronuncia são contextos onde termos técnicos ou específicos são utilizados. Nos 6 títulos elencados há uma conjunção entre as funções distintiva e expressiva, enfatizando o papel da linguagem e a expressão do sentimento relativo (principalmente no que se refere à expressão pessoal).

1 - *Who Are You?*

Quem és tu? / Quem é você?

2 - *What Will You Do in the Bardo?*

O que farás tu no bardo? / O que você vai fazer no bardo?

3 - *Emptiness, Not Nothingness*

Vazio, não inexistência / Vacuidade, não inexistência

4 - *If You See Something, Say Something*

Se vires alguma coisa, diz alguma coisa / Se vir alguma coisa, avise!

5 - *A Visit from Panic, My Old Friend*

Uma visita do meu velho amigo pânico / Uma visita do pânico, meu velho amigo

6 - *What Is Your Happy Dream?*

Qual é o teu sonho feliz? / Qual é o seu sonho de felicidade?

Alguns comentários sobre os exemplos acima:

Sobre os exemplos 1, 2, 4, 6, é preciso que se observe que no inglês não há a diferença encontrada no português: a necessária utilização do “tu” e do “você” - a segunda pessoa que toma o lugar do “you” na tradução. No trabalho de doutoramento da pesquisadora Valéria Carvalheiro da Universidade do Porto, específico sobre o tema, um excerto que ilumina a diferenciação entre a utilização do “tu” e do “você”:

"No PE, as formas de tratamento pronominais tu e você podem ter usos distintos, a fim de produzir efeitos de maior ou menor distanciamento entre os interactantes, em interações discursivas, ligados a diferentes graus de cortesia e, sobretudo, expressar oposição entre formalidade e informalidade. Entretanto, conforme Duarte (2010), o PE possui preferência pelo uso de sujeito nulo, o que pode conferir maior ou menor ênfase ao dito, por meio do tratamento escolhido pelo locutor, se de forma implícita (mais cortês e mais branda ao interlocutor), ou explícita (mais direta e agressiva ao interlocutor)." (CARVALHEIRO, 2016, p. 38)

Enquanto a utilização do “você” no português brasileiro é mais direta e pressupõe impessoalidade, a utilização no português europeu do “tu” pressupõe intimidade e proximidade, segundo o trabalho da pesquisadora. O que significa dizer que a impressão do leitor sobre a superfície textual é diferente nas duas versões. A coloquialidade presumida pela tradutora de TA1 se inscreve como um estilo diferenciado da tradutora de TA2.

Ainda sobre o exemplo 4 - *"If You See Something, Say Something"*,

(Se vires alguma coisa, diz alguma coisa / Se vir alguma coisa, avise!),

- parece não ter tido a mesma compreensão tradutiva por parte das tradutoras portuguesa e brasileira. Enquanto a tradutora de TA1 parece ter buscado a literalidade da tradução com o paralelismo do “something”/”something” - “alguma coisa”/”alguma coisa”, a tradutora de TA2 decidiu buscar uma expressão que se encaixa no contexto brasileiro. No entanto, cabe comentar que a estratégia estilística que funciona em uma língua, nem sempre funciona em outra. Há uma expressão no português brasileiro: “*qualquer coisa, grite*” que talvez se encaixasse aqui. Há necessidade de se pensar até que ponto uma expressão bem humorada se torna exagerada em outro idioma. A utilização da exclamação foi uma opção tradutiva que não tem par no texto-fonte. A utilização da pontuação foi uma escolha que tenta explicar o sentido contextual percebido pela tradutora brasileira. A ênfase encontrada no termo “*qualquer coisa, grite*” foi colocada pela tradutora com o ponto de exclamação.

No exemplo 5 - “*A Visit from Panic, My Old Friend*”,

(Uma visita do meu velho amigo pânico / Uma visita do pânico, meu velho amigo),

- há uma diferença estilística clara. Mesmo que seja apenas uma diferença na sintaxe invertida pela tradutora do TA1, que faz uma inversão que não existe no original. Muda a retórica desejada pela coautora, atingindo por um lado o estilo e por outro lado, em algum nível, a persuasão. É como “contar o fim da piada” antes da hora. A coautora guarda “*my old friend*” para depois do “*panic*”, a tradutora portuguesa entrega a adjetivação antes da hora desejada, ou seja, neutraliza o feito enfático do original utilizando uma sequência sintática normalizada. Novamente: é uma decisão estilística de quem tem nas mãos a co-criação no momento da tradução.

Exemplo 4 - Função Referencial e Função Conativa:

Enquanto a função referencial traz a informação, a função conativa convida o olhar do leitor, despertando curiosidade ou tentando provocar alguma reação para o que apresenta. São três títulos que trazem estas características:

1 - *Lessons from Milarepa*

As lições de Milarepa / As lições de Milarepa

2 - *When Death is Good News*

Quando a morte é uma boa notícia / Quando a morte é uma boa notícia

3 - *Giving Everything Away*

Entregar tudo / Doando tudo

No exemplo 3 - “*Giving Everything Away*”,

(Entregar tudo / Doando tudo),

- a questão da diferença sutil, mas importante, do verbo no infinitivo versus o verbo no gerúndio. Impera a questão do budismo e do processo do monge. A negação disso significa a não compreensão da mensagem que fundamenta o texto. Assim, em uma análise mais profunda, pode-se dizer que o contexto deixa a desejar porque entrega a informação de modo incompleto. Além disso, o verbo doar é fundamental para toda e qualquer ordem religiosa e toda prática espiritual. “Entregar” tem um significado muito diferente de “doar” para o praticante religioso: a “doação” está relacionada diretamente em muitas tradições religiosas com a caridade, a renúncia, o desprendimento e a solidariedade. A “entrega” não carrega semanticamente as mesmas noções fundamentais carregadas pela palavra doação, e essa é uma questão religiosa que, nesta perspectiva, se torna linguística.

Exemplo 5 - Função Referencial e Função Poética:

Onde se observa com mais força a junção da informação necessária com a poética nos títulos. Nos dois exemplos trazidos pelo livro, a abordagem reflexiva, metafórica ou filosófica sobre o tema.

1 - *Impermanence and Death*

Impermanência e morte / Impermanência e morte

2 - *Memento Mori*

Memento Mori / Memento Mori

Exemplo 6 - Função Distintiva e Referencial:

1 - *Varanasi Rail Station*

No exemplo 6, nota-se um traço cultural-alvo marcante e conhecido: enquanto diz-se "trem" no Brasil, diz-se "comboio" em Portugal. Usa-se no Brasil estação ferroviária, mas o mais coloquial é estação de trem. O que indica, novamente, que a tradutora brasileira está mais preocupada com a condição de simplicidade do monge e seu jeito simples, justo à filosofia que prega. Menos, portanto, à literatura, à questão literária que poderia incitar a escrita do livro. Há portanto que se observar a questão do conteúdo e expressão presente na semiótica de Hjelmslev (1943), que primeiro propôs essa divisão.

5.4. Resumo do Capítulo “Aplicação do Modelo de Análise Textual de Christiane Nord”

Em resumo, neste capítulo apresentou-se o *corpus*, os livros em comparação, que representam um conjunto de dados: são textos em paralelo analisados segundo o modelo de análise textual de Nord. Além disso, buscou-se um olhar analítico sobre o texto original e suas variantes que os enquadre como ‘texto sensível’. Note-se que em vez de uma análise da íntegra do livro, linha a linha, objetivou-se recorrer a exemplos constantes nos textos que identificassem as características necessárias a análise textual de Nord, e não a um volume de linha a linha, palavra por palavra, que ultrapassa as condições necessárias ao trabalho proposto e às regras de apresentação de uma tese. Assim como não se traduz palavra por palavra, mas pacotes semânticos, ideias e contextos, coube a coerência de buscar o que foi necessário para a exposição e discussão de conceitos neste volume. Presume-se que cada um dos subcapítulos explicados ponto a ponto teve, em conjunto, a capacidade de recolher um arcabouço necessário à compreensão das diferenças e ao alcance dos objetivos geral e específicos desta pesquisa. Porque os itens de análise somados cobrem o modelo analítico de Nord e suscitam o questionamento sobre o que falta neste modelo. Focou-se, além disso, na crítica do modelo de análise de Christiane Nord, avaliando a aplicação deste modelo nos Fatores Textuais Internos e Externos. Os paratextos elencados foram

investigados um a um quanto à influência de sua recepção para maior compreensão do modelo de análise.

“Uma longa viagem começa com um único passo.”

Lao-Tsé

6. Critérios holísticos na análise das traduções

Objetiva-se um apanhado das análises em 6.1 “Critérios de análise textual”; 6.2 “Critérios de análise de conteúdo”; 6.3 “Critérios de dados linguísticos”; para se chegar nos padrões e tendências globais de análise que ajudam a responder às questões colocadas inicialmente na pesquisa aqui em desenvolvimento.

6.1. Critérios de Análise Textual

O primeiro ponto a ser abordado com relação a uma análise holística sobre o livro original e as duas traduções para o português europeu e o português brasileiro trata-se da diferença entre uma transmissão oral e uma entrevista. Apesar de compreendermos os argumentos da Chefe de Gabinete de Mingyur Rinpoche, compreendemos também que a transmissão oral da filosofia budista que passa de geração em geração, por mais que tenha também um componente dialógico, tem um formato diferente de uma entrevista. E isso deve ser considerado no resultado final do texto-fonte e, portanto, na contextualização tradutiva por parte das tradutoras. Isso influencia a análise das traduções, por conseguinte.

Nesta perspectiva, seria possível inferir que, pela ótica do Funcionalismo de Nord, ter-nos-íamos mais condições de avaliar o original e as duas traduções. O pragmatismo de uma entrevista se difere da transmissão oral porque pressupõe que o texto deve seguir a orientação do cliente (que deveria ser as editoras que encomendaram o trabalho), em consonância com os conceitos de Nord. Essa ótica é perfeita no caso deste livro, onde o que se pretende é a propaganda da filosofia e religiosidade budista, e não se trata de uma obra literária, mesmo que seja uma narrativa com apelo emocional. Assumo que os clientes do texto (as editoras) são diferentes de monges, discípulos ou pessoas - o que deveria ser o público-alvo final da transmissão oral. No

entanto, a narrativa de cunho filosófico-religioso carrega a “pecha” de “texto sensível”, o que quer dizer que a função poética substanciada em Roman Jakobson (1960) deve ser alvo de consideração por parte da análise textual e da crítica de tradução. Ou seja, precisa ser observada no critério de análise textual. Este olhar é reforçado pela necessidade de observar o texto também de modo plural, não somente pragmático como sugere Nord. Mais holístico, como indica o modelo Hüsgen 2005. Assumo que, assim como “as perspectivas funcionais que se centram no público-alvo e se interrogam sobre o que esse público aceita não são provavelmente as mais adequadas para lidar com textos literários” (Hüsgen, 2005), provavelmente não são as perspectivas funcionais que se centram nos “clientes-editoras” igualmente as mais adequadas para lidar com textos sensíveis, que apresentam características que ultrapassam a linguística e fazem parte da “gramática das atividades simbólicas”¹⁵⁰ (TODOROV, 1968, p. 192). Porque o foco último continua sendo o leitor: o cliente-editora e o tradutor são intermediários no processo tradutivo-comunicativo.

Soma-se a esta perspectiva, que diverge ligeiramente do funcionalismo, o estudo de Yves Gambier sobre os multimeios e a comunicação que envolve o tema:

“Talvez não seja tão surpreendente que as diferentes posições dos tradutores e tradutores na multimídia online (através de meios eletrônicas, websites, redes sociais, trabalho de crowdsourcing, etc.) exijam novos critérios para avaliar a qualidade dos textos traduzidos, muitas vezes baseados em um contexto não específico. Na nossa cultura digital de hoje, a fluência que visa uma legibilidade ideal de acordo com critérios linguísticos, retóricos e estilísticos está sendo substituída pela acessibilidade e usabilidade; o foco está então menos no texto do que nos receptores (leitores, telespectadores e usuários)”¹⁵¹ (GAMBIER: 2021, pág. 14/15)

¹⁵⁰ Tzvetan Todorov discute a existência de uma gramática universal que não se deve limitar exclusivamente às línguas, tendo ela uma realidade psicológica e um dos raros exemplos de exploração dessa noção é de Freud e o seu estudo sobre a linguagem onírica. Acredito que Jung e o simbólico também serve como exemplo, bem como a gramática que envolve a criação e tradução de poemas, haikais e koans.

¹⁵¹ *Perhaps, it is not so surprising that the different positions of translation and translators in online multimedia (via e-tools, websites, social media, crowdsourcing work, etc.) call for new criteria for assessing the quality of translated texts, often based on a non-specific context. In our digital culture today, fluency aiming at optimal readability according to linguistic, rhetoric and stylistic criteria is being replaced by accessibility and usability; the focus is then less on the text than on the receivers (readers, viewers and users)*(GAMBIER: 2021, pág. 14/15) (tradução própria)

Para Gambier, a análise de critérios de avaliação de textos traduzidos passa, em primeiro lugar, pela acessibilidade e usabilidade. Esse é um conceito chave não somente na tradução, mas na comunicação contemporânea que deve ser observado. O advento da Inteligência Artificial, “IA”, têm produzido um salto diferenciado nas traduções de textos, sobretudo se comparado ao que era disponível no mercado desde a ascensão dos dispositivos móveis (quando houve a pulverização individual do computador pessoal). O ponto trazido por Gambier é importante não somente para análise, mas para a projeção do papel e da tarefa do tradutor daqui por diante. Um dos principais pontos a serem observados é a forma como o contexto é trabalhado nas traduções que utilizam a multimídia online. Gambier comenta que a “Acessibilidade é uma palavra-chave, por exemplo, na tradução de mídia e audiovisual”¹⁵² (GAMBIER: 2021, pág. 15), e em seu texto de 2021 ainda não estava presente a facilidade nem a potência da Inteligência Artificial, que ficou disponibilizada pós *Chat GPT*, em novembro de 2022. O “transformador pré-treinado generativo de bate-papo” combina a funcionalidade de uma plataforma simuladora de conversa online, usando a programação de técnicas de aprendizado supervisionado e reforço, para acessar todos os dados disponíveis online que possam ajudar a responder os inputs do usuário. No dia 15 de março¹⁵³ de 2023 foi lançada a versão 4 do programa, e a velocidade de seu aprimoramento é exponencial, tornando qualquer definição escrita sobre o *Chat GPT* desatualizada no momento seguinte em que a definição é registrada, como nesta tese - o que dá a dimensão da ferramenta à disposição de tradutores ao redor do mundo¹⁵⁴.

Conforme análise anterior, tentou-se utilizar os fatores de análise apresentados por Christiane Nord, somados a fatores apresentados por Gambier. Enquanto a teoria da primeira se circunscreve de modo mais evidente na didática metodológica da academia, a teoria do segundo traz o olhar do pesquisador para a realidade dos meios multimidiáticos, o que faz com que suas análises estejam mais atualizadas no que se refere à comunicação como um todo, visto que as interações online são responsáveis

¹⁵² “Acessibility is a key word for instance in media and audio-visual translation” (GAMBIER: 2021, p. 15)

¹⁵³ <https://pt.wikipedia.org/wiki/ChatGPT> acesso em dezembro de 2023.

¹⁵⁴ (e de não tradutores.)

hoje por um volume de comunicação ainda não experimentado pelo ser humano em outra época histórica.

Em um olhar mais amplo e holístico, segundo o modelo Hüsgen (2005), pode-se dizer que os pressupostos do reconhecimento do texto de partida pelas tradutoras das duas variantes do português fizeram com que a “multiplicidade de interpretações possíveis” fosse direcionada à recepção e reprodução pelo “leitor/tradutor”. Somando-se os *gaps* encontrados no percurso da tradução, encontra-se os 5 níveis de distanciamento do texto original da língua materna de Rinpoche: (1) da experiência monástica para compreensão construída na língua materna de Rinpoche; (2) da tradução para o inglês para a transmissão oral para a coautora; (3) da escuta da transmissão oral transformada em linguagem própria pela coautora; (4) da transcrição adaptativa da transmissão oral para o “texto original” em inglês; (5) da tradução para as duas variantes do português brasileiro.

O que quer dizer que quanto mais se caminha no processo, mais se afasta do contexto original, e do texto-teia (onde o contexto e o texto se fundem, conforme Gambier).

6.2. Critérios de Análise de Conteúdo

Para uma análise genérica que se relaciona ao fator de análise de conteúdo, é preciso evocar o sub-subcapítulo 3.3.12, “Abordagem Holística” onde foi dito que a abordagem tradutória para Nord é de caráter holístico. Ao elencar fatores externos e internos de análise textual, Nord promove uma abordagem didática necessária aos estudos da tradução, mas não promove, ao nosso ver, o foco necessário ao movimento da linguagem. A proposição de Gambier de observar o texto colado ao contexto em urdidura e movimento “atômico”, promove um olhar inclusivo para o movimento da linguagem. Destinatário, Tempo, Lugar, Ocasão e Meio na análise dos textos precisam se fundir num movimento de ida e vinda, observando a realidade subjacente, conforme Paul Ellingworth. A experiência do monge - o momento anterior a ele compreender o que se passava colocando em linguagem materna sua experiência - não pode ser deixado de lado na metarrepresentação sensível buscada pelas tradutoras do

português brasileiro e português europeu. Nesse ponto, não acredito que seja leviano se pensar que a tradução de um texto sensível budista exige, sim, a experiencição meditativa relatada pela tradutora brasileira. Ainda que teoricamente não tenha ferramentas didáticas ou acadêmicas para separar em fatores seu fazer tradutório, a metarrepresentação sensível necessária a esta tradução foi feita por ela, e não pela tradutora que tinha mais ferramentas acadêmicas disponíveis, a da tradução para o português europeu. Nas entrevistas feitas com as tradutoras para o português brasileiro e o português europeu, fica claro a diferente relação que as duas têm com o tema. Enquanto a brasileira Paula Rozin exalta a importância de seu domínio do tema, por vivenciar há anos a cultura filosófica zen budista e ser ela mesma praticante habitual do zen budismo, a portuguesa Ana Mendes Pinto é, na mesma medida, clara ao afirmar sua distância pessoal do universo a que se refere o livro. E isso não se mostra com exemplos de palavras ou frases traduzidas por uma e por outra, mas pela percepção da leitura do original e pelo conjunto da leitura de ambas as traduções. A análise fica na ordem do sensível, na “gramática das atividades simbólicas”, assim como fica na ordem do sensível e do simbólico a metarrepresentação do cerne textual incorporado pelo monge.

6.3. Critérios de Dados Linguísticos

Voltando à pesquisa de SILVA (2018) citada no subcapítulo 3.2, “O Bardo, o *Gap* e o Vórtice de Significação”, que estudou as diferenças entre o português brasileiro e o português europeu, observamos estes 5 eixos temáticos de análise como fatores que se somam aos dados linguísticos na compreensão das diferenças tradutórias entre as duas variantes do português.

1. "Estrangeirização"¹⁵⁵ e domesticação;
2. Erro e equívoco;
3. Adição e omissão;
4. Intensificação e atenuação;

¹⁵⁵ Também chamada estratégia “estrangeirante” e “domesticante” conforme dito no subcapítulo 3.4.

5. Contextualização.

O primeiro eixo, a questão da estratégia da "estrangeirização" e domesticação, é sustentado por Venuti (2001), que observa: "O que é nacional ou estrangeiro apenas pode ser definido com referência à mudança na hierarquia de valores na cultura da língua-alvo"¹⁵⁶ (VENUTI 2001, p. 243). Estratégias de "estrangeirização" e domesticação não são consideradas erro, mas estratégia de tradução - conforme foi visto no modelo Hüsken, o que vai ser observado na análise das duas variantes do português. Refere-se ao português brasileiro e europeu serem fundados em torno de uma realidade ocidental, de bases sobretudo católicas, e, no caso brasileiro, com influências sincréticas que partem das religiões afrodescendentes, passam pelas crenças indígenas e terminam por encontrar outras crenças dos que se fizeram presentes ao longo da breve história brasileira. Assim, isso se refletirá em alguma domesticação, como por exemplo a utilização das expressões "Deus te ajude" na variante europeia e "Deus te abençoe" na variante brasileira, as duas com a palavra Deus em maiúscula, traduzindo "bless you".

No segundo eixo, Silva comenta que Frota (2006) utiliza os conceitos de erro binário e erro não binário de Anthony Pym ao tratar de erro e equívoco:

"quando a construção ou os termos escolhidos não estiverem em consonância com o modo mais comumente usado na comunicação ou quando ocorrer algum lapso, podendo provocar um efeito de estranhamento no leitor". (SILVA, 2018, p. 67)

Sobre este estranhamento, pode-se utilizar como exemplo o caso do português europeu chamar Milarepa de "santo", mesmo que no original tenha sido usado "saint" no sentido de sagrado, e no português brasileiro tenha-se traduzido de outra forma (talvez sem perceber a catolicização do termo, ou sua substantivação em lugar de sua

¹⁵⁶ "What is domestic or foreign can be defined only with reference to the changing hierarchy of values in the target language culture" Venuti, L (2001) *Strategies of Translation*. In M. Baker (ed.), *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. London & New York: Routledge, pp. 240-244.

adjetivação). A tradutora brasileira, mais incorporada com o contexto budista e sua realidade, traduziu como “iogue”¹⁵⁷.

O terceiro eixo é outro comumente trabalhado na crítica de tradução, e se refere à adição e omissão. Verifica-se que, mesmo em exemplos que parecem simples, mudam a modalização relativa à força do enunciado, como por exemplo no fragmento *“I had already affirmed that I was not my name (...) I am a monk; a son, a brother, and an uncle; a Buddhist; a meditation teacher; a tulku, an abbot, and an author; a Tibetan Nepali; a human being. Which one describes the essential me?”*, a tradutora portuguesa optou por omissão do pronome da primeira pessoa do singular “eu” na primeira frase, o que tira da frase sua força oral evidente, além de tirar os artigos em sequência e em repetição que dão força a cada uma das definições possíveis do monge Rinpoche: “Havia já afirmado que eu não era o meu nome (...) Sou monge; filho, irmão e tio; budista; professor de meditação; tulku, abade e autor; nepalês do Tibete; ser humano. Qual destas vertentes descreve o meu eu essencial?” - ou seja, dessa forma o discurso de apresentação do monge, de definição própria, perde a força porque, o que ele estaria dizendo no original, é que ele é, que existe uma dimensão dele em cada uma dessas definições ao separá-las e pontuá-las. Da forma como a tradutora portuguesa colocou, ele é todas essas definições, em seu somatório, não cada uma delas em sua força particular. Observando a tradução brasileira, nota-se, na diferença da não omissão, a força pretendida do original:

“Eu já havia concluído que eu não era o meu nome(...) sou um monge; um filho, um irmão e um tio; um budista; um professor de meditação; um tulku, um abade e um escritor; um nepalês tibetano; um ser humano. Qual dessas identidades descreve o meu eu essencial?”

O quarto eixo trata de intensificação e atenuação, conceitos trabalhados por Lefevere (1992b, 2007), Arrojo (1993, 2007), Even-Zohar (2000) e Azenha (2015). A tradutora brasileira, que confessa em entrevista se preocupar menos com a forma e mais com a

¹⁵⁷ (ING) “...I was following in the footsteps of Tibet’s most cherished saint, Milarepa,...”; (PTE) “...eu estava a seguir os passos do **santo** mais estimado do Tibete, Milarepa,...”; (PTB) “eu estava seguindo os passos de Milarepa, o **iogue** mais querido do Tibete,...”

mensagem, não nos parece tão atenta com a possibilidade de inversões frasais poderem ser consideradas atenuantes ou intensificadoras da mensagem. No excerto a seguir, diferentemente da tradutora portuguesa, inverte a ordem da frase, que apresenta sutil diferença entre a original. A diferença entre a brasileira e a portuguesa foi a seguinte: “A melhor prática é se você puder aceitar o que quer que aconteça - seja bom, ruim ou indiferente.” e “Se conseguir aceitar seja o que for que aconteça - bom, mau ou indiferente - é essa a melhor prática.” A segunda frase, a tradução da portuguesa é mais coincidente do que a original. Enquanto a tradutora brasileira conta o objetivo final no início, a tradutora portuguesa, seguindo a original, conta o objetivo da mensagem ao final. Assim, a tradutora brasileira relativiza a intensidade frasal com a inversão do sujeito predicado, tornando-a atenuada.

O quinto eixo escolhido para sustentar esta análise é a questão contextual que se relaciona aos textos sensíveis. O exemplo dado no primeiro eixo que se relaciona à estratégia "domesticante" também pode ser considerado como exemplo no eixo da questão contextual que se relaciona à textos sensíveis. Porque são detalhes demonstrativos de contextos. Neste caso, de contextos-alvo católicos que têm nas expressões extrapolações de seu significado sagrado. A expressão linguística “Deus te abençoe” utilizada nas duas traduções, tanto na variante brasileira quanto na variante portuguesa, tem origem em expressões idiomáticas oriundas da cultura da fé. Ainda um outro exemplo: Simms discorrendo sobre diferenças jurídicas enseja a proposição do eixo que se baseia no contexto. O que quer dizer que é preciso exemplificar com uma diferença contextual a diferenciação das duas variantes, a brasileira e a portuguesa. Pois bem. No mesmo fragmento da página 169 da versão em inglês, 191 da versão brasileira e 223 da versão europeia, encontramos a seguinte diferença, nesta sequência: “*New clothes, no robes, no money, no lodgings.*” / “Roupas novas, sem túnicas, sem dinheiro, sem hospedagem” / “Roupa nova, roupa nenhuma, dinheiro nenhum, alojamento nenhum.” De fato, o contexto conta que o monge tinha nas vestes monásticas, em português brasileiro na maioria das vezes traduzido inclusive por túnicas monásticas, a segurança de toda a relação contextual que o ligava à experiência mística monástica. No fragmento em questão, o monge passa por um

período de adaptação e, neste dia específico, resolve abandonar em definitivo as vestes monásticas para prosseguir seu intento errante. Ele se troca e coloca roupas novas, em lugar da túnica. Conforme o texto em inglês e em português brasileiro, novas roupas, sem túnica, sem dinheiro e sem alojamento. No entanto, há a surpresa da tradução para o português europeu afastada do contexto: “roupa nova, roupa nenhuma” - o que pode ser defendido como uma escolha poética, caso contrário, seria um deslize tradutor. E, mesmo para uma escolha poética, há um erro contextual a ser observado. Porque não é “roupa nenhuma”. Se esta é uma qualificação, uma adjetivação da roupa nova, ela está errada, já que ela representa a importância da roupa que marca a ruptura. E se ela fala da túnica, falta, no mínimo, a explicação “roupa monástica nenhuma” para que se faça correta a informação tradutória em questão. Contextualmente, indica uma distância maior da tradutora portuguesa à realidade budista tratada no livro, conforme declarada na entrevista constante no anexo desta tese.

“Estratégia domesticante” demonstra uma escolha linguística de adequação contextual ao alvo. “Erro e equívoco” demonstram como fatores de análise se ligam ao lapso linguístico, o que demonstra um fator de análise corroborativa. “Adição e omissão” no caso observado no exemplo indicam alteração na modalização, aumento ou perda da força no discurso no texto-alvo, outro fator linguístico observado no exemplo. Levando também em conta a diferença percebida no exemplo com relação à intensificação e à atenuação, ainda serve de fator registrado para falar de diferenças linguísticas. Em último eixo, observa-se “diferenças contextuais” tomadas como exemplos que pontuam a distância entre uma realidade e outra, a realidade fonte e a realidade alvo. Todos os eixos trouxeram exemplos linguísticos que são tomados como dados de fatores para análise da diferença textual.

Além do que foi exposto, um tópico que chama a atenção é a comparação entre os números encontrados nas buscas por termos de ligação correspondentes no original, que vão definir a complexidade linguística do texto. Seguindo os passos de Christiane Nord, podemos aferir o argumento partindo do léxico. O léxico encontrado não é o fim em si, mas o argumento desenvolvido que pontua características, qualidades textuais.

É por meio do campo lexical que se comprova o suporte filosófico dispensado no texto. Seu nível de complexidade é o que acaba por moldar a estruturação semântica. Com o léxico definimos o tom, o estilo do texto. É a qualidade da ponte que nos liga ao autor, suas características e sua cultura, às suas crenças, ideias e ideais. É, de algum modo, a porta da cultura de partida e a janela onde podemos enxergar o autor com a roupa que escolheu.

Em uma análise da oralidade do monge, pode-se dizer que frases diretas, não compostas e curtas são a tônica do discurso de Yongey Mingyur Rinpoche em seus discursos online. Isso mantém o espectador colado cognitivamente na mensagem. Porque não exige elaborações e inferências, porque estrutura a linha de raciocínio em pequenas pílulas, em cadenciamento simples e lógico, diminuindo, justamente, o trabalho de elaboração do interlocutor. É como se o apresentador do pensamento, no caso o monge, desse a mão ao interlocutor e, passo a passo, palavra a palavra, frase a frase, instituísse o caminho e o lento, mas seguro, ritmo da caminhada. O rumo e sua cadência. Frases simples, curtas, com poucas conjunções, que minimizem a composição, tornam a cadência mais lenta. Como se cada passo fosse mais devagar. Filosoficamente, quando caminhamos mais lentamente observamos mais o que está à nossa volta. Isso quer dizer que a apreensão do caminho tende a ser mais integral. E portanto mais segura. Esta é uma estratégia de discurso.

Isso é, de alguma maneira e, por conseguinte, percebido na busca lexical de conjunções nos textos. Conjunções são termos necessários à costura textual. Sem elas, as frases são simples, não compostas, são diretas e básicas, menos explicativas, menos complexas. A elaboração de um texto, pode-se dizer, combina com o uso de conjunções que o explica, o condiciona, o coloca em relação causal, temporal, o compara ou integra. As conjunções servem para estruturar a elaboração lexical do texto. Ao aferir o número de conjunções utilizadas no texto em inglês e nas traduções em português brasileiro ou em português de Portugal, têm-se mais noção do que representa o nível de elaboração textual.

Das 90.916 palavras encontradas na contagem do arquivo em *Word* do livro original em inglês digitalizado, é possível contar pouco mais de 5.000 termos ou palavras utilizadas

como conjunções. A contagem dos termos utilizados como conjunções foi feita por meio da digitalização dos três livros. Assim, pode-se pesquisar nas buscas do programa *Word* os termos ou palavras que interessavam à pesquisa. Elencando-se as conjunções em inglês e fazendo uma contagem, uma a uma, pode-se chegar no número de 5.000 termos ou palavras utilizadas como conjunções. Essa análise permitiu ter mais noção sobre a sintaxe que costura a narrativa. Percentualmente, frente às 90.916 palavras encontradas na contagem total, 5.000 quer dizer cerca de 5,5% de palavras ou termos utilizados para costurar frases e ideias de modo elaborativo. Para Nord, é através do campo lexical que podemos encontrar os indícios do que pode ser considerado o suporte filosófico do texto: para ela, o léxico se refere à afiliação da palavra a níveis e registros estilísticos (formação de palavras, conotações figuras retóricas - metáforas, repetições de elementos lexicais, metonímia) colocações, expressões idiomáticas etc. O que quer dizer que o léxico é a matéria que define o conteúdo filosófico que o texto busca evocar, mas a sintaxe é a forma como o molda. Sobre isso, em um desdobramento que vai além do limite linguístico, enquanto a linguagem simples, filosoficamente, parece ter alicerce no presente, pressupor, elaborar, inferir e elucubrar tendem a ser alicerçados em construções ligadas a experiências passadas ou confabulações futuras, o que de algum modo torna o texto coerente com o zen budismo. Porque ficar no presente é predisposição necessária à filosofia budista. Estruturar uma noção que se baseia no passado ou no futuro é sair do presente. Mesmo que linguístico.

Quando são comparadas da forma como descrita acima a quantidade das mesmas conjunções no português brasileiro e no português de Portugal, encontra-se o seguinte resultado na busca do arquivo digitalizado nas referentes línguas em *Word*: 5.140 contra 5.189, ou seja, praticamente o mesmo, tanto em Inglês, quanto em português brasileiro ou português de Portugal. A pequena diferença se deve, entre outros pormenores, a alguma variação na contagem quando da leitura do arquivo em *Word*. Pode-se aferir uma porcentagem aproximada do número de conjunções em relação ao montante total de palavras no texto.

Se é possível, a partir desse dado, inferir que o texto é simplificado, pode-se igualmente concluir que existe uma tendência a ampliar a abrangência de alcance no que se refere ao público-alvo. Isso encontra respaldo nas concepções de Nord relativas à intenção do autor - e nesse caso do autor e da co-autora - porque, ao definir a forma e a estrutura de um texto (e portanto seu estilo), define-se ao mesmo tempo sua função. Neste caso, maior abrangência significa tentativa de maior alcance. No texto, o emissor é o mesmo do produtor de sentidos. O próprio Mingyur Rinpoche é ator principal do relato e quem mesmo profere a voz analítica sobre os acontecimentos. É ele, portanto, quem fala. A tradutora Paula Rozin, ao contar em entrevista que a intenção da editora era mesmo lançar simultaneamente o livro em diversas línguas ao mesmo tempo, explicita a tendência da estratégia de alcance, o que leva evidentemente à questão da adequação do texto aos contextos culturais e linguísticos a que se destinam as traduções e, portanto, confere à linguagem simplificada, estruturada com frases simples e poucas conjunções que incitem uma elaboração mais complexa, uma opção mais democrática.

Nota-se que a função textual, o motivo da comunicação em si - segundo Nord (2016), é ampliar o alcance dos ensinamentos do monge, que teve na experiência do bardo da vida e da morte - o limite ideativo dessa questão de ordem filosófica e biológica, aprendizados importantes que, segundo a ideologia que prega, deveriam ser comunicados aos demais, “propagados” - segundo a ótica monástica. O tema determinado pelo produtor de sentidos, o mesmo que experienciou esta vivência, estabeleceu em conteúdo prático, por meio de estruturas semânticas e lexicais simplificadas, a costura de sua história e análise contígua da mesma para expressar em sentidos denotativos e conotativos uma lição sobre viver. A partir da sobrevivência.

6.4. Resumo do Capítulo “Critérios Holísticos na Análise das Traduções”

Assume-se, portanto, como pressuposição, que a verdade do monge é lição a ser propagada e estrutura a linha de raciocínio e costura de sentidos com fundo analítico

aquilo que quer contar e dissecar. Ao tradutor, por meio de sua experiência (no caso da tradutora brasileira) ou por meio da técnica (no caso da tradutora portuguesa), cabe estabelecer a tentativa de minimizar o *gap* inexorável de qualquer texto estrangeiro que aporta na produção de sentidos do indivíduo partícipe da cultura de chegada. Nesse ponto, cabe lançar mão de uma estruturação que sirva como a estação que vai receber o trem que veio de longe. Enquanto o tradutor observa macro e micro estruturas, seleciona sinônimos, explicações, exemplos, adequações (no que tange às estrangeirizações de Venuti - 1995:24), translações ou o que quer que seja e se relacione com suas escolhas (aqui evocando o termo de Benjamin), a editora interfere tentando somar (e por vezes subtrair) ao utilizar-se de elementos não verbais, imagens, ilustrações, formatações, notas e todo paratexto dispensado para que o leitor possa embarcar no trem ou comboio que chega.

Na estação há placas indicativas, sinais de tráfego, orientação para os pedestres, ingressos e *tickets* que têm valor de passagem, há marcação de assentos, de vagões, quadro de horários, ou seja, todo um aparato linguístico em suas mais variadas formas, que tentam alçar o indivíduo ao status de passageiro. Para a linguística e a tradução, há todo um aparato que tenta, da mesma forma, levar o indivíduo ao status de leitor. O acordo tácito entre as partes - leitor passageiro, autor experienciador produtor de sentidos, editora engenheira e arquiteta, tradutora maquinista, se dão na Estação de São Bento (em Porto, Portugal) e na Praça da Estação (em Belo Horizonte, no Brasil), por um comboio ou um trem e por indivíduos passageiros que estão em constante movimento, mesmo que haja espaço para o embarque e o desembarque previstos.

É no embarque que o *gap* se mostra e se revela. É no acordo entre as partes que o vão se apresenta mais nítido e real por meio de fatores internos e externos ao texto que o materializam de algum modo, até que o *Mind The Gap* se concretize, e o embarque permita a viagem, finalmente.

De algum modo, as estruturas semânticas são ontológicas. Se referem ao “ser”. O *gap* entre a semântica e o léxico separa o real do significado e estabelece a falta - o que precisa ser trabalhado pelo tradutor, pela editora e até pelo leitor, para que o trem ou o comboio não saia definitivamente dos trilhos. Ou não parta sem o leitor passageiro.

Quando Haroldo de Campos, em seu livro *Metalinguagem* (1976), defende que na linguagem literária não há possibilidade de tradução, a não ser pela via da transcrição, estabelece uma ponte com os conceitos de Saussure, que em seu *Curso de Linguística Geral*, ainda em 1916, nos alertava que o que se traduz é a parole, e não a langue. Ou seja, traduz-se a língua viva, compartilhada cultural e socialmente, não seu sistema abstrato, na teoria que se baseia em regras a respeito do uso. Os tradutores circulam pelos seus contextos de chegada e contextos de partida buscando traduzir enunciados e atos linguísticos por meio de frases e textos, e não o contrário, não palavras apenas, que têm significados muitas vezes diferentes dos que encontramos nos dicionários, não importando que essa diferença às vezes nos pareça sutil ou mesmo clara.

O discurso, unidade de análise linguística, parte do seguinte pressuposto pontuado por John R. Searle (1983) quando discorre sobre o que seria um “ato linguístico”: diz o autor que “quando se fala é característico que se queira dizer algo com o que se diz e daquilo que se diz”. Revendo as noções presentes na elaboração de Paul Grice, oriundas de um artigo intitulado *Meaning*, cita que “A pretendeu que a enunciação de X produzisse um qualquer efeito no(s) seu(s) ouvinte(s) através do reconhecimento dessa intenção”. Há no ato “a noção de querer dizer e a noção de intenção”; e “ao falar uma língua, eu tento comunicar coisas ao meu ouvinte, levando-o a reconhecer minha intenção de comunicar justamente essas coisas.” É nesse sentido que se busca uma tradução que seja ao mesmo tempo coerente com o enunciado da cultura de partida e adequada à compreensão da cultura de chegada. Sem que com isso, seja necessário excluir toda a possibilidade de estranhamento que pode haver no reconhecimento de uma nova cultura por parte de quem a recebe.

Ao longo do capítulo 6, os critérios holísticos “análise textual”, “análise de conteúdo” e “dados linguísticos” foram relacionados para que fosse possível completar a metodologia da tríade proposta, e observar a sua interação sistemática (Semiótica, Linguística e Estudos da Tradução), que revelou a complexidade de influências nas retraduições dos textos sensíveis escolhidos. Passa-se agora às conclusões desta tese.

*“Não compreendemos as curvas do caminho,
mas a beleza da estrada se faz a partir delas.”*

Bernardo Sant’Anna, *Eu Caminho* (2019), edição independente

7. Conclusão: Considerações Finais

Este capítulo pretende apresentar as conclusões do que foi discutido no decorrer do trabalho de análise da retradução de um texto sensível para as duas variantes do português, o português brasileiro e o português europeu, observando (1) os contextos de produção do texto-fonte, (2) os contextos de produção das respectivas traduções, (3) a metarrepresentação necessária à tradução de um texto sensível e (4) a crítica que se relaciona às traduções e à tarefa do tradutor. Especificamente, serão observadas as quatro questões trazidas no subcapítulo 1.2, relacionadas às quatro hipóteses levantadas a partir dessas questões no subcapítulo 1.3. As questões discutidas ao longo da dissertação foram as seguintes:

- Os *gaps* observáveis entre o contexto-fonte e o contexto-alvo são passíveis de serem sanados na tradução de um texto sensível ou os *gaps* representam algo mais no percurso tradutório?
- O modelo de análise textual de Christiane Nord contribui para a identificação dos elementos relevantes para a crítica tradutória ou seria preciso a observação de outras perspectivas para que a tradução de um texto sensível pudesse ser criticado devidamente?
- A diferença está entre as variantes da língua apenas ou também na diferença dos tradutores e dos seus públicos-alvo e das editoras?
- As distâncias entre as variantes do português brasileiro e europeu podem ser mensuradas por meio de uma análise linguística, semântica, tradutória - e qual o impacto dessas distâncias para a tradução e a crítica de tradução?

A partir do levantamento teórico que se refere principalmente aos Estudos da Tradução, à Linguística, e a Semiótica, objetivou-se um esquema de abordagem pautado nesses três pilares. Posteriormente, analisou-se o prólogo, o epílogo, os agradecimentos, o glossário, a capacidade linguística do autor na língua inglesa, os títulos e subtítulos e somou-se a isso um quadro de conjunções que serve como índice de fluidez textual na observância da ocorrência de termos de ligação.

O contexto de criação do livro foi dado pela narrativa do monge e suas reflexões sobre a envolvente narrativa. As informações presentes no capítulo “Agradecimentos” do livro, escritas pela coautora Helen Tworkov, somadas ao email recebido da Chefe de Gabinete do monge-autor Yongey Mingyur Rinpoche, estruturam o argumento relativo à contextualização de produção do texto-fonte.

Além da revisão teórica que se liga à importância do contexto, e seu reflexo no cotexto, fez-se as entrevistas com as tradutoras dos livros para que se pudesse aferir o contexto de produção das duas traduções em questão, além da confirmação ou não da observância do contexto do autor e coautora, por parte das tradutoras.

Durante as análises do texto das traduções nos tópicos já ressaltados acima (prólogo, epílogo, glossário etc.), observou-se o cotexto - as escolhas das palavras e estruturas linguísticas que se ligam ao contexto, de modo a compreender se as escolhas tradutórias baseiam-se:

1. Em referências individuais das tradutoras por meio de sua afinidade;
2. Nas questões puramente linguísticas;
3. Na interpretação e adaptação do sentido para adequação na cultura-alvo; ou
4. Na realidade subjacente, no contexto que envolve a produção do texto.

Identificou-se que as referências individuais das tradutoras têm papel primordial no resultado final da tradução¹⁵⁸ via afinidade. A maior diferença encontrada na

¹⁵⁸ As traduções no caso específico deste trabalho foram “retraduções”, se levarmos em conta que o trabalho da coautora foi uma tradução como defendemos na análise. Assim, na conclusão, utilizamos a “tradução” como termo relativo à tarefa das tradutoras portuguesa e brasileira, mas nos referimos à tradução do que consideramos uma tradução.

compreensão das escolhas tradutórias se dão porque a tradutora brasileira baseia-se sobretudo em 1 e 4¹⁵⁹, ou seja, em referências individuais e na interpretação e adaptação do sentido para adequação na cultura-alvo, enquanto a tradutora portuguesa baseia-se sobretudo em 2 e 3¹⁶⁰, ou seja, em questões puramente linguísticas e na interpretação do sentido para adequação na cultura-alvo.

Com esta análise, foi possível pontuar os *gaps* existentes entre:

1. A experiencição e a confecção do texto-fonte;
2. Entre a análise contextual das tradutoras e a superfície textual das traduções;
3. Entre a tradução de uma variante e outra;
4. Entre o contexto-alvo e o contexto de partida;
5. E entre a experiência do monge e a leitura do livro pelo leitor final (o “texto do receptor”)¹⁶¹.

Capas, prólogo, epílogo, agradecimentos, glossário, títulos dos livros e títulos dos capítulos foram então observados um a um, de modo a compor uma noção paratextual do que foi utilizado para ambientação do leitor com o contexto da narrativa e da filosofia divulgada pelo livro. Aplicou-se o modelo de análise de Nord sem se esquecer dos fatores externos e dos fatores internos do texto, com vistas a exemplos pontuais das diferenças tradutórias e também uma análise mais geral, holística, que identificasse fatores de análise textual, de conteúdo e de dados linguísticos, para que se pudesse aferir as diferenças entre uma análise fatiada, desmembrada e uma análise do todo. Sempre com o olhar destinado à crítica da tradução e da validação ou não da forma de análise. Mais importante do que a identificação dos *gaps* foi a constatação de seu papel importante no ofício de criação que se insere na tradução, que vem a definir a “diferença de grau e categoria” artística entre a tradução e o texto original - na noção de Benjamin¹⁶² (2008), que defende a importância do “essencial”, não do “inessencial”

¹⁵⁹ Em menor escala, seu olhar baseou-se também em 3.

¹⁶⁰ Em menor escala, seu olhar baseou-se também em 4.

¹⁶¹ Conforme o sub-subcapítulo 3.3.14 sobre “Funcionalismo, “Lealdade” e Textos Sensíveis” segundo NORD, 2016.

¹⁶² Conforme explicado no sub-subcapítulo 3.3.2, “Os Diferentes Níveis de Fatores”.

(somente a comunicação). Para a conclusão desta tese, o *gap* passa a ter a mesma importância do “tempo” na música, do ritmo, do silêncio e do espaço entre notas e acordes, ou seja: é o que faz da música, música - é o que leva a tradução ao domínio da arte.

O modelo de análise de Christiane Nord foi aplicado para observação se ele fundamentaria a crítica das traduções também na análise de um texto sensível e percebemos que, para que os fatores intratextuais, extratextuais e intertextuais fossem abordados de modo pleno, seria necessário buscar fora do modelo de análise de Nord o que ele ainda não alcança.

Identificamos que: (1) a noção de texto-teia presente na teoria da relevância trazida por Yves Gambier para compreensão do contexto em urdidura com o texto-fonte; deveria somar-se (2) ao modelo de análise crítica de Thomas Hüsgen, onde a tradução não se separa da interpretação dos sentidos; (3) ao entendimento da pluridimensionalidade da representação, que observa o que subjaz ao texto, conforme as perspectivas de Paul Ellingworth; e (4) à observância da “gramática das atividades simbólicas” sugerida por Tzvetan Todorov, que compreende a importância de se pensar em uma gramática universal que não se deve limitar exclusivamente às línguas.

Somando-se os quatro argumentos teóricos ao modelo analítico de Christiane Nord, compreendemos uma forma de análise que pode ser entendida como um modelo de análise tradutivo holístico e integrativo. O que faz mais sentido em relação a um modo analítico que busca característica holística e integral, e observa e respeita a “força da revelação” presente na poesia, nos *haikais*, nos *kōans*, e no *gap* presente entre as palavras, frases, parágrafos e capítulos dos textos - via metarrepresentação e percepção sinestésica¹⁶³.

Passa-se, então, ao comentário sobre as hipóteses levantadas anteriormente à discussão.

7.1. Verificação de Hipóteses

¹⁶³ Ver Roman Jakobson (1960).

7.1.1. *Gaps* Entre Contexto-Fonte e Contexto-Alvo

É possível pesquisar os gaps existentes entre contexto-fonte e contexto-alvo na tradução de um texto sensível. No entanto, isso não significa que a distância pode ser sanada.

Durante a pesquisa da tese, observou-se que sim, os *gaps* entre o contexto-fonte e o contexto-alvo são passíveis de serem observados e pesquisados, mas não há o que possa eliminá-los. A melhor forma dos tradutores lidarem com a distância entre o contexto-fonte e um contexto-alvo é, em primeiro lugar, o reconhecimento dessa distância, portanto, por meio do reconhecimento do *gap*. No caso dos textos sensíveis, esse é um postulado ainda mais incontestável. A distância do espaço-tempo, a distância cultural, a distância linguística, a distância filosófica, a distância experiencial e espiritual são fatores de uma equação onde o resultado da soma das variáveis nunca vai ser zero. A metarrepresentação sensível e a percepção sinestésica com vistas à busca de um contexto que reflita mais proximamente a realidade subjacente para que as estruturas linguísticas, o léxico, reforcem a semântica e minimizem algum estranhamento do leitor que se relacione às distâncias, são apenas estratégias adaptativas em um processo de criação (ou cocriação) guiado¹⁶⁴.

O que, em um primeiro momento, pareceu um entrave para a análise do trabalho (o texto-fonte ter sido escrito pela coautora em transcrição adaptativa), em um segundo momento demonstrou-se como a melhor escolha para análise: foi por meio da análise do trabalho retraduzido (o trabalho das tradutoras brasileira e portuguesa) que as semelhanças foram reveladas. Assemelhou-se com a primeira tarefa do trabalho, a tarefa da coautora: uma tarefa criativa e de metarrepresentação sensível.

Conclui-se, nesta perspectiva, que o trabalho criativo¹⁶⁵ de tradução se dá nos *gaps*. O *gap* é a indefinição como definição. O *gap* é o espaço da criação. A suspeita de que o

¹⁶⁴ Exalta-se neste ponto, a força do *gap*, que se estabelece na potência criativa. Na aberta possibilidade de significação. Ao instituir que a tradução literal é limitada; que o jogo palavra por palavra não representa o contexto; mas que a construção de um pacote semântico envolvente que promova o jogo de ir-e-vir; na órbita constante que leve o leitor a construir seu texto mergulhado na realidade subjacente metarrepresentada de modo sensível, sinestésico pelo tradutor; estima-se que: no vão do *gap* entre a origem e o destino, está o caminho sógnico em movimento, em constante tradução.

¹⁶⁵ Na noção trazida por Haroldo de Campos (1976).

papel do criador tradutor é respeitar os limites impostos pelo original, mas transcender sua metarrepresentação sensível para o que vai além do texto é confirmada pelos argumentos elencados. Traduzir é compreender a diferença. Assumimos que (1) há impossibilidade tradutória; (2) justamente por isso amplia-se o espectro do que significa tradução para a contemporaneidade multiplural; (3) o modelo de análise tradutivo holístico e integrativo é válido para a tradução e análise crítica de textos sensíveis.

7.1.2. Modelo de Análise, Crítica e Contexto

O modelo de análise textual de Christiane Nord consegue suprir as necessidades de um crítico de tradução. É preciso verificar se ele é completo e efetivo, sobretudo em se tratando de Textos Sensíveis.

O modelo de análise textual de Christiane Nord é efetivo, sobretudo para a didática da tradução: com um apelo acadêmico de análise, onde espera-se que fatores mensuráveis sejam apresentados e possam ser metrificados, da forma escolhida. No entanto, há fatores sutis que envolvem a compreensão global - o espírito do texto, o que está além das palavras e que somente pode ser alcançado por meio delas, mas que está além da superfície textual. Identificam-se os elementos relevantes para a crítica tradutória, como emissor, intenção, receptor, meio, lugar, tempo, propósito (motivo) e “função comunicativa textual”; no entanto, é restrita a visão crítica da tradução se fatores extralinguísticos não forem computados. Conforme foi observado na análise das duas traduções, o que foi levantado no sub-subcapítulo 3.3.14 que se refere ao “Funcionalismo, “Lealdade” e Textos Sensíveis” pôde ser verificado nas traduções: a importância de se estabelecer a função comunicativa textual que baliza a busca pelo cotexto. Sem a metarrepresentação sensível, o olhar que perscruta apenas a superfície verbal fonte não alcança na linguística os resultados mais adequados para a tradução. Assim como a metarrepresentação, sem que haja de antemão o estabelecimento da função comunicativa textual, rompe o enfoque funcionalista que condiciona a melhor atividade tradutiva, via intencionalidade.

A afinidade do tradutor é um fator de suma importância para o resultado final da tradução. Portanto, os termos utilizados de modo diferente nas duas traduções são índices da medida da afinidade das tradutoras com o tema, com a filosofia respectiva, com a compreensão de seus conceitos e com a vivência correspondente de cada uma dentro do universo budista. Um fator mais ligado ao “tom” do texto, ao “espírito” textual, a um *gap* representacional que tem na vacuidade a potência em possibilidade. Em uma representação análoga, esta vacuidade é como uma terra arada, um campo pronto e adubado, ainda sem sementes plantadas. Dependendo de quem olha para esta terra arada, ou vê-se tudo (a própria colheita - em espécie de metarrepresentação), ou vê-se nada (a terra vazia, sem plantação alguma - em espécie de constatação sem elaboração). Em outra representação análoga, é uma página em branco para quem cria textos e tem um lápis na mão. Esta “metarrepresentação elaborativa” e sua percepção sinestésica é o que dá acesso à “gramática das atividades simbólicas”. O que não pode ser computado somente com os fatores elencados por Nord. Ao escolher o fator, elimina-se tudo aquilo que não é o fator. E o texto final compõe-se tanto do fator, quanto daquilo que não é fator. Conforme o subcapítulo 4.1, que trata da questão cultural, Hermans (1999) afirma a importância da normatividade para o olhar do tradutor. Nos casos observados, enquanto a tradutora brasileira inclina sua opção por uma ênfase nas normas culturais, a tradutora portuguesa inclina sua opção por uma ênfase nas normas linguísticas. É onde as traduções se distanciam.

7.1.3. Percurso da Língua

É importante analisar o percurso da língua e de suas variantes para dar luzes à Linguística, aos Estudos da Tradução, à tradução de Textos Sensíveis, à Semiótica. E pesquisar o impacto que o trabalho das tradutoras tem no resultado final das traduções.

No início da tese, perguntou-se se a diferença estaria entre as variantes da língua (o português brasileiro e o português europeu) ou se a diferença também seria a dos tradutores, a dos seus públicos-alvo respectivos e a das editoras. Verificou-se que a

diferença das tradutoras não se dá pelos aspectos linguísticos no que se refere às variantes da língua. A diferença se dá pela questão da afinidade teia-textual, no sentido proposto por Yves Gambier e seu modelo de análise tradutiva. Enquanto a tradutora portuguesa objetivou um modelo de análise mais próximo ao modelo de análise funcionalista, a tradutora brasileira objetivou um modelo de análise mais próximo ao modelo de análise tradutivo holístico e integrativo: porque aproveitou-se de sua afinidade teia-textual para o exercício da metarrepresentação - ainda que sua abordagem tenha sido funcionalista quando segue as diretrizes da Tergar. Deixou a desejar quando houve pressuposição do conhecimento e reconhecimento do público-alvo do universo representado¹⁶⁶. Justamente por isso que o modelo funcionalista deve estar inserido à forma de análise tradutiva holística e integrativa, nunca abandonado.

No caso das editoras, o que foi verificado é que o interesse comercial sobrepujou o rigor de abordagem e cuidados textuais: a editora brasileira não ofereceu nenhuma diretriz à tradutora brasileira, que se reportava diretamente ao grupo de Rinpoche, o Tergar, o que demonstra que seu olhar era mais ligado à difusão da obra do monge do que um olhar estético-literário; a editora portuguesa Temas e Debates - Círculo de Leitores cometeu o erro de imprimir o nome de uma tradutora no livro que não foi quem o traduziu, demonstrando o nível de cuidado que teve com o trabalho; e na entrevista, Ana Pinto Mendes comentou que ela foi solicitada por motivos de falta de agenda de outros tradutores, o que serviu de argumento demonstrativo da relação da editora-cliente para com o livro.

Brasileiros e portugueses, o público-alvo em questão, foram os que menos interferiram no processo de tradução do livro, conforme o que se pôde avaliar nas entrevistas. No caso observado, o envolvimento visceral da tradutora brasileira com o universo contextual representado fez diferença nas escolhas de tradução e no resultado final do trabalho. Desde a escolha pelo léxico que era aprovado pelo universo budista em

¹⁶⁶ Quando, por exemplo, deixa de colocar o adendo explicativo que “kagyu é uma linhagem dentro do budismo” como fez a tradutora portuguesa. A falta de afinidade com o budismo fez com que percebesse que precisava colocar essa informação para que o público entendesse do que se tratava. O que não foi feito pela tradutora brasileira porque seu nível de afinidade é muito grande, o que impediu que ela visse a importância deste adendo tradutivo.

questão, à sutil entrega da tradutora de metarrepresentar sensivelmente a experiência do monge, enquanto discípula, usando a meditação para acessar os aspectos sensíveis textuais. A tradutora portuguesa deixou-se levar pela ênfase que aplicou nos aspectos estilísticos. A abordagem funcionalista das duas teve, portanto, perspectivas diferentes. Uma objetivou o olhar do cliente (Grupo Tergar), outra objetivou o olhar do público-alvo (grande público português).

7.1.4. A Importância do Cotexto

A análise de um texto é capaz de perceber a importância do cotexto como veículo do contexto percebido pelos tradutores?

A análise linguística, semântica e tradutória das duas variantes do português brasileiro e europeu não tem a capacidade de mensurar a distância entre as línguas, apesar de identificar as diferenças entre elas. Possivelmente porque o “gap” não se refere à distância, mas ao espaço. Talvez esteja chegando a hora de compreender o português brasileiro e o português europeu da mesma forma que se compreende o português europeu e o galego. Só que de modo inverso. Assim como o português europeu se originou do galego, o brasileiro se originou do português europeu. Da mesma forma que o mandarim e o cantonês são considerados genericamente “chinês”, o português europeu e o português brasileiro são considerados “português”. Se vai-se chamar de um lado “luso”, “portugálico” ou “galécio” e de outro “brasileiro” não importa tanto, visto que a Academia não demonstra interesse em comprar uma briga política com quem de fato institui as regras (mais uma vez, vale lembrar-se do acordo ortográfico de 1990). Os interesses políticos e econômicos se sobrepõem aos interesses linguísticos. E os falantes, em última instância, se sobrepõem às discussões acadêmicas e aos interesses políticos. No fim, o que rege a verdade e o real é o uso da língua e seus falantes.

Nesse ponto, destaca-se o papel do cotexto como estrutura identificável do público-alvo, que vai espelhar seus hábitos linguísticos na superfície verbal, e reconhecer-se nas palavras escolhidas por tradutores para contar em prosa ou verso

uma narrativa estranha contextualmente. Quanto mais o uso corrente da língua for identificável pelo leitor, mais apelo o texto apresenta para aceitação. Na análise textual das duas variantes, observou-se a coerência das duas tradutoras com as estruturas identificáveis de suas línguas maternas.

Evidencia-se, portanto, o papel de destaque que teve o modelo de análise de Christiane Nord. Por um lado fica claro que ele deixa a desejar no que se refere abarcar conceitualmente o que está subjacente ao texto, que o modelo peca por não conseguir mensurar fatores extralinguísticos, o que, sem dúvida, não vai resolver tudo que os tradutores necessitam. Além disso, parece-nos claro e evidente que a ótica funcionalista que troca “leitor” por “cliente” retira do “leitor” o que não tem função¹⁶⁷, mas representa o diferencial que o faz humano. O Funcionalismo é importantíssimo porque mostra seu importante papel para a crítica de tradução - porque evidencia os caminhos de análise textual, que servem como guia de fatores a serem observados textualmente. Mas este é o ponto de partida que permite ao tradutor-cocriador deslocar o saber metodológico e use finalmente o “gap” como o “espaço” da tradução.

7.2. Sugestões e questionamentos

Questiono aos leitores e pares da Academia, se não se deve promover um movimento de valorização da tarefa dos tradutores iniciada pela resolução individual dos estudiosos e teóricos de um ajuste lexical que denomina “transcrição” o que hoje se chama “tradução”. Se não seria necessário um pleito coletivo frente às editoras para que os nomes dos tradutores-coautores seja encontrado na capa como cocriadores nos textos-alvo de livros que migram de uma língua à outra.

Na introdução deste trabalho de pesquisa, eu comentei explicitamente que havia em mim um incômodo que se relacionava à impressão sobre a Tradução ser uma espécie de apêndice, mesmo que importante, nos Estudos da Comunicação, que poderia ser

¹⁶⁷ A própria capacidade de sonhar - a sensibilidade necessária ao ser humano, a falta do grande Outro da linguagem (no sentido atribuído a Lacan), a poética, o encanto, a transcendência, a fé, a sinestesia do amor.

revisto. É fato que os Estudos da Tradução, conforme já abordado por Anthony Pym (2010)¹⁶⁸ e Theo Hermans (1999)¹⁶⁹, vêm conquistando ao longo do último século o seu lugar como matéria. No entanto, durante a pesquisa do doutoramento, se tornou mais evidente que os Estudos da Comunicação deveriam fazer parte dos Estudos da Tradução, e não o contrário. Este comentário é mais profundo do que cabe em uma tese de doutorado, mas registro aqui em forma de sugestão, ainda que seja alvo do agravo dos pares, com o objetivo de “*pró-vocação*” para estudos subsequentes sobre esta perspectiva disruptiva.

Questiono ainda se não seria útil agregar ao modelo de análise de Christiane Nord, nas seis funções textuais elencadas pela autora - (1) distintiva; (2) metatextual, (3) fática, (4) referencial, (5) expressiva, e (6) apelativa, a sétima função, o desdobramento da função expressiva, a função poética, resgatando a originalidade conceitual de Roman Jakobson (1960) para que não seja deixada de fora o importante viés de enfoque na expressividade artística e na relação sinestésica com a superfície verbal originalmente concebida. Sugiro, a partir disso, que seja utilizada a forma de análise tradutória holística e integrativa e a “força da revelação” alcançada na poesia, na análise tradutiva de textos sensíveis, de poemas, de *haikais*, de *kōans*, e do silêncio a ser traduzido.

¹⁶⁸ PYM, A. *Exploring Translation Studies*, 2010.

¹⁶⁹ HERMANS, T. *Translation in Systems*, 1999.

Referências Bibliográficas

De acordo com a norma APA (6ª edição):

<http://www.apastyle.org/about-apa-style.aspx>

Baker, M. (2019). *Corpus Linguistics and Translation Studies*: Implications and applications*. In *Researching translation in the age of technology and global conflict* (pp. 9-24). Routledge.

Baker, M. (1998). *Norms*. In *Routledge Encyclopedia of Translation Studies* (pp. 189-194). Routledge.

Barthes, R. et al. (1968). *Linguística e Literatura*. Tradução de Isabel Gonçalves e Margarida Barahona. Coleção Signos.

Barthes, R. (2003). *Elementos de Semiologia*. São Paulo: Cultrix.

Benjamin, W. (1969). *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica - primeira versão*. Tradução José Lino Grünnewald. *A ideia do cinema*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Benjamin, W. (2010). *A Tarefa do Tradutor*. In *Antologia Bilíngue - Clássicos da Teoria da Tradução - volume I*. Organizador: Werner Heidermann. Tradução de Suzana Kampff Lages. Florianópolis - SC: UFSC.

Benjamin, W. (2008). *A Tarefa do Tradutor, de Walter Benjamin: quatro traduções para o português*. Organizadora: Lucia Castello Branco. Tradução de Fernando Camacho. Fale/UFMG.

Bizzarri, E. (1980). *João Guimarães Rosa: correspondência com seu tradutor italiano (2ª ed.)*. São Paulo: T. A. Queiroz: Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro.

Bolter, J. D., & Grusin, R. (2000). *Remediation – understanding new media*. Estados Unidos: MIT Press.

Bosi, A. (1982). *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix.

- Campbell, J., & Moyers, B. (2022). O poder do mito. Palas Athena Editora.
- Campos, H. de (1976). Da Tradução como Criação e como Crítica. In *Metalinguagem - Ensaios de Teoria e Crítica Literária*. São Paulo: Cultrix.
- Campos, H. de (1984). Tradução, ideologia e história. *Remate de Males*, 4, 239-247.
- Debord, G. (1992). *La société du spectacle. Commentaires sur la société du spectacle*. Paris, França: Editions Gallimard.
- Deleuze, G. (2015). *Lógica do Sentido*. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva.
- Eco, U. (2007). Quase a Mesma Coisa: experiências de tradução. *Dire Quasi La Stessa Cosa*. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record.
- Eliade, M. (1992). O Sagrado e o Profano. *Le Sacré et le Profane* - tradução Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes.
- Ellingworth, P. (1997). *Text and Translation: Model and Reality*. In *Translating Sensitive Texts: Linguistic Aspects*. Edited by Karl Simms. Amsterdam, Atlanta, GA.
- Herder, J. G. (1987). Ensaio sobre a origem da linguagem. Título original - *Abhandlung über den Ursprung der Sprache*. (Org) E. Heintel. Tradução de José M. Justo. Lisboa: Antígona.
- Lapa, M. Rodrigues (1975). *Estilística da Língua Portuguesa*. Coimbra Editora.
- Meschonnic, H. (2010). Poética do Traduzir. *Poétique du traduire*. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suelly Fenerich. São Paulo: Perspectiva.
- Montgomery, S. L. (2010). *Handbook of Translation Studies*, vol. 1. Edited by Yves Gambier, Luc van Doorslaer. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- Nakasato, O. F. (2014). *Revista de Letras*. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rl/article/view/2273/2216> - acesso em janeiro de 2024.

Nida, E. A., & Taber, C. R. (Eds.). (1974). *The theory and practice of translation* (Vol. 8). Brill Archive.

Nida, E. A. (1997). *Translating a text with a long and sensitive tradition*. In *Translating Sensitive Texts* (pp. 189-196). Brill.

Nord, C. (2016). *Function + Loyalty: Theology Meets Skopos*. *Open Theology*, 2(1). <https://doi.org/10.1515/opth-2016-0045>.

Nord, C. (1995). *Text-functions in translation: Titles and headings as a case in point*. *Target. International Journal of Translation Studies*, 7(2), 261-284.

Nord, C. (1997). *Translating as a Purposeful Activity - Functionalist Approaches Explained*. Manchester: St. Jerome Publishing.

Nord, C. (2016). *Function + Loyalty: Theology Meets Skopos*. *Open Theology*, 2(1). <https://doi.org/10.1515/opth-2016-0045> - acesso em dezembro de 2023.

Galindo, C. W. (2023). Latim em Pó. Companhia das Letras.

Gambier, Y. (2021). *Context, contextualisation and (multimodal) text*. *Studies about Languages / Kalby studijos*, 39, 5–18. <http://doi.org/10.5755/j01.sal.1.39.28965>.

Heine, S., Wright, D. S. (Org). (2000). *The kōan - Texts and Contexts in Zen Buddhism*. New York: Oxford University Press.

Herder, J.G. (1987). Ensaio Sobre a Origem da Linguagem. *Abhandlung über den Ursprung der Sprache*. (Org) E. Heintel. Tradução de José M. Justo. Lisboa: Antígona.

Hermans, T. (1999). *Translation in Systems - Descriptive and System-oriented Approaches Explained*. Manchester: St. Jerome Publishing.

House, J. (2010). *Overt and covert translation*. *Handbook of translation studies*, 1, 245-246.

Jakobson, R. (1960). *Linguistics and poetics*. In *Style in language* (pp. 350-377). MA: MIT Press.

Jung, C. G. (1996). *O Homem e Seus Símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Lacan, J. (2003). Outros escritos (pp. 448-497). Tradução Vera Ribeiro; versão final Angelina Harari e Marcus André Vieira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Lacan, J. (1985). O Seminário Livro II: Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Meschonnic, H. (2010). Poética do Traduzir. *Poétique du traduire*. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Perspectiva.

Nida, E. A., & Taber, C. R. (1969). *The Theory and Practice of Translation*. Leiden: E. J. Brill.

Novo Acordo Ortográfico (1990).

Peirce, C. S. (2005). *The collected papers*. Trad. José Teixeira Coelho Neto. Semiótica. São Paulo: Perspectiva.

Pinto, J. (2002). O Ruído e Outras Inutilidades: ensaios de comunicação e semiótica. Belo Horizonte: Autêntica.

Plaza, J. (2003). Tradução Intersemiótica. São Paulo: Perspectiva.

Pym, A. (2016). *Exploring Translation Theories*. [Traduzido por Bernardo Sant'Anna, Eduardo Godarth e Yéo N'Gana]. In: Cadernos de Tradução, Florianópolis, v. 36, no 3, 2016, p. 214-317.

Reiß, K., Nord, C., & Vermeer, H. J. (2014). *Towards a general theory of translational action: Skopos theory explained*. Routledge.

Sant'Anna, B. (2015). Revista Qorpus Repositório. Florianópolis, UFSC. Disponível em: <http://qorpus.paginas.ufsc.br/como-e/edicao-n-19/traducao-comentada-do-poema-the-road-not-taken-1920-de-robert-frost-be-santanna/>.

Schäffner, C. (1997). *Political Texts as Sensitive Texts. In Translating Sensitive Texts: Linguistic Aspects. Edited by Karl Simms*. Amsterdam, Atlanta, GA.

Silva, M. (1985). Português Língua Viva. Círculo de Leitores, Lisboa.

Simms, K. (1997). *Translating Sensitive Texts: Linguistic Aspects*. Edited by Karl Simms. Amsterdam, Atlanta, GA.

Sodré, M. (2006). *As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política*. Petrópolis: Vozes.

Steiner, G. (2005). *Depois de Babel: questões de linguagem e tradução*. Trad. Carlos Alberto Faraco. Curitiba: Editora da UFPR.

Sutton, P. C. (1997). A Translator Dilema. In *Translating Sensitive Texts: Linguistic Aspects*. Edited by Karl Simms. Amsterdam, Atlanta, GA.

Kristeva, J. et al. (1968). *Linguística e Literatura, Linguistique et Littérature* (Revista Langages, n.º 12) tradução Isabel Gonçalves e Margarida Barahona. *Librairie Marcel Didier e Librairie Larousse*. Presente em *O Texto Fechado* pág. 209 a 249 (Extrato de um trabalho sobre a teoria do romance. Julho de 1967).

Toury, G. (2012). *Descriptive translation studies: And beyond*. *Descriptive Translation Studies*, 1-366.

Vaz, C. (1992). *Linguística Para Todos*. Círculo de Leitores.

Venuti, L. (1995). *The Translator's Invisibility*. London: Routledge.

Weinrich, H. (2017). *Linguística da Mentira, Linguistik der Lüge*. Trad. Maria Aparecida Barbosa, Werner Heidermann. Florianópolis: Editora da UFSC.

Apêndices

Apêndice 1 - Perguntas utilizadas como base para as entrevistas

As perguntas utilizadas como base da entrevista tiveram o objetivo de dar um panorama geral sobre a tarefa do tradutor neste trabalho específico. Avaliar a noção teórica das tradutoras e se elas aplicaram a teoria à prática da tradução. Se a tradução foi empírica e orgânica ou se cumpriu algum modelo de análise contextual para metarrepresentação. Mesmo que as perguntas tenham sido genéricas, todos os assuntos supracitados foram abordados de uma ou outra forma. Na íntegra das entrevistas pode-se ter uma noção mais detalhada do que foram as respostas baseadas nessas perguntas. Foram elas:

- *Você sabia que o livro estava sendo traduzido simultaneamente para o Português brasileiro?*
- *Quando exatamente você começou a traduzir? (o livro foi publicado em maio, sabe quando saiu a edição para Portugal?)*
- *Você é ligada ao grupo Tergar, ao budismo?*
- *Faz meditação constantemente?*
- *Qual seu conhecimento sobre textos de Dharma, textos sagrados, sobretudo da filosofia budista?*
- *Já traduziu algum livro do Rinpoche antes ou livros com temas semelhantes a esse?*
- *Você trabalha mais com as palavras ou foca na intenção, segundo uma experiência sua relativa ao conhecimento do tema, do mestre - no caso do budismo - ou do que está no contexto?*
- *Você conhece o título do livro em Português do Brasil?*
- *O título do livro publicado foi o mesmo traduzido por você?*
- *Como foi o processo de escolha de “termos” complexos e difíceis como “vazio”, vacuidade, nada, por exemplo?*

- *Termos orientais, e o tibetano faz parte, trazem termos ou conceitos abertos que muitas vezes dão margem a interpretações mais expandidas, ou seja, dão margem à abertura do sujeito. Você teve alguma dificuldade específica com relação a isso?*
- *Qual o objetivo do tradutor? Trazer o significado ou apresentar uma possibilidade para que o leitor signifique?*
- *“bless you” - Deus te ajude, Deus te abençoe? Foi levado em conta o fato do país ter matriz Católica?*

Apêndice 2 - Transcrição Entrevista Paula Rozin

Perguntas respondidas por Paula Rozin:

- 1) *Você sabia que o livro estava sendo traduzido simultaneamente para o Português brasileiro?*
- 2) *Quando exatamente você começou a traduzir? (o livro foi publicado em maio, sabe quando saiu a edição para Portugal?)*
- 3) *Você é ligada ao grupo Tergar, ao budismo?*
- 4) *Faz meditação constantemente?*
- 5) *Qual seu conhecimento sobre textos de Dharma, textos sagrados, sobretudo da filosofia budista?*
- 6) *Já traduziu algum livro do Rinpoche antes ou livros com temas semelhantes a esse?*
- 7) *Você trabalha mais com as palavras ou foca na intenção, segundo uma experiência sua relativa ao conhecimento do tema, do mestre - no caso do budismo - ou do que está no contexto?*
- 8) *Você conhece o título do livro em Português do Brasil?*
- 9) *O título do livro publicado foi o mesmo traduzido por você?*
- 10) *Como foi o processo de escolha de “termos” complexos e difíceis como “vazio”, vacuidade, nada, por exemplo?*
- 11) *Termos orientais, e o tibetano faz parte, trazem termos ou conceitos abertos que muitas vezes dão margem a interpretações mais expandidas, ou seja, dão margem à abertura do sujeito. Você teve alguma dificuldade específica com relação a isso?*
- 12) *Qual o objetivo do tradutor? Trazer o significado ou apresentar uma possibilidade para que o leitor signifique?*

13) *“bless you” - Deus te ajude, Deus te abençoe? foi levado em conta o fato do país ter matriz Católica?*

14) *Sobre não modificar conceitos mas modificar a forma de apresentação, segundo um acultramento. Exemplo da Paula Rozin: “making a mountain out of a molehill” (tempestade em copo d’água - usado porque ressoa no português brasileiro)*

Toda forma de expressão e de comunicação é uma tentativa de tradução. Não é a tradução que está dentro do guarda-chuva da comunicação. É exatamente o contrário. Esse foi o pressuposto levantado na hora da entrevista, que acolheu as respostas da Tradutora Paula Rozin, responsável pela tradução do livro *In Love With The World - A Monk's Journey Through the Bardos of Living and Dying* para o Português Brasileiro.

Início da fala da Tradutora Paula Rozin a partir de 5’30” no vídeo da entrevista:

Paula Rozin: “O livro foi escrito e quando ele foi lançado, havia a ideia de que lançasse simultaneamente em várias línguas. Então, ele não estava publicado e eu já estava traduzindo o livro.

Eu sou ligada ao Tergar, que é o grupo do Mingiur Rinpoche aqui em São Paulo, no Brasil, e eu traduzi dois livros anteriores dele, o *Alegre Sabedoria* (2016) e o outro sobre o Nondro, *Transformando Confusão em Clareza* (2018). E aí, quando eu terminei o *Nondro*, eles me disseram: olha, o Rinpoche está preparando um outro livro que a gente vai fazer o lançamento internacional e tal, e a gente quer já lançar o livro em Português também. Então o livro não tinha saído em inglês ainda e eu já tinha recebido os originais para trabalhar. Então, quando ele saiu (eu acho que ele foi publicado em Maio, alguma coisa assim) a nossa edição foi logo a seguir, entendeu? Que a gente trabalhou meio que conjuntamente.

Então foi uma experiência muito linda, porque na verdade eu recebi isso fresquinho, ele tinha acabado de ser produzido, entende? Então isso é tão importante

que você quase que recebe uma transmissão viva, que nem se assentou ainda, é como se tivesse ouvindo o professor e transformando isso na sua língua.

Então foi também uma experiência muito transformadora.

Na verdade eu trabalho já com tradução de textos budistas há muito tempo (...) e eu sou uma praticante. Então, pra mim, é comum o exercício de meditação, a minha tradução: eu não estou fazendo um trabalho técnico, mas eu tô fazendo um trabalho que desperta qualidades internas dentro de mim. Então eu acho que a minha tradução, ela pode não ser perfeita em termos de tradução propriamente dita, mas eu sei que ela tem, que ela traz com ela uma atenção interior muito grande porque faz parte da minha prática pessoal, né!?

Bernardo: eu acho isso importante...

Paula Rozin: Eu acho que isso é que faz uma diferença muito grande. Você não só trabalhar com palavras, mas você realmente trabalhar com a comunicação - com a presença do mestre comunicando aquilo para a plateia, para o público.

Bernardo: que ótimo, você já respondeu várias perguntas que eu já tinha em mente para te fazer, inclusive! Primeiro da sua relação com o budismo, da sua relação com esses textos budistas anteriores, se a questão do contexto era importante para você com relação a tradução, entende? Porque essas coisas fazem muita diferença, pra você ter uma ideia, até o título do livro é diferente em Português de Portugal - na verdade eles não falam Português de Portugal, eles falam Português Europeu, não sei porquê,

Paula Rozin: Aham...

mas (risos) eles falam Português Europeu,

Paula Rozin: Sei.

Bernardo:... e, por exemplo, o título lá é Amar o Mundo. Ele começa com Amar o Mundo.

Paula Rozin: Amar o Mundo?

Bernardo: Pois é. Eu acho...

Paula Rozin: Não, não, não...

Bernardo: Eu acho engraçado... assim... o fato deles terem... (eu também vou procurar entrevistar quem fez a tradução de lá, pra saber a escolha tradutória, alguns motivos específicos, assim)...

(...)

Paula Rozin: Na verdade a tradução literal é In Love. In Love é apaixonado! (risos)

Bernardo: ...e tem a coisa também de você falar para o público brasileiro e para o público português.

Paula Rozin: Sim, sim.

Bernardo: Tem muitas coisas que os unem mas tem muitas coisas que também os separam.

Paula Rozin: Sim, sim.

Bernardo: Naturalmente a gente que é brasileiro sente um pouco mais de “calor” do que...

Paula Rozin: Certo, certo.

Bernardo: ...do que o português. Sabe? Então eu acho que isso já é uma coisa que pode ser identificada no título. Eu não sei se eu vou ter um feedback com relação a isso por parte da tradução portuguesa. Aliás, deixa eu fazer um parênteses aqui:

(comentei o fato do nome da tradutora do livro em Portugal ter vindo errado na edição portuguesa)

Você vai falar com o Vítor Barreto que publicou o livro em português¹⁷⁰, ou não? Você vai ter uma entrevista com ele? (...) o Vítor faz o caminho das pedras [ela fala

¹⁷⁰ Paula, ao se referir à tradução do português brasileiro, não faz a distinção, o que pode mostrar um tipo de reconhecimento da língua mãe diferente da noção da língua portuguesa de Portugal. Não dizer Português Europeu, Português do Brasil ou Português de Portugal é sintoma do reconhecimento da Língua Portuguesa como sendo uma apenas? Ou seria reconhecimento da sua língua como sendo a original, certa ou mais importante?

sobre o contato com editora], ele só me apresenta o texto, e eu entro nessa viagem aí do texto, da tradução do texto, e interação com o grupo [da Tergar], caso, por exemplo, se eu tenho alguma pergunta, ou alguma questão de como traduzir algum termo, eu interajo com o grupo do Tergar que faz a edição técnica final, então a gente discute os termos, eu apresento o que eu acho que deveria ser, a gente discute, e às vezes a gente chega à alguma segunda ou terceira conclusão. O que eu acho que é um trabalho muito lindo, porque nesse trabalho de Dharma, (quer dizer, quando eu comecei a traduzir textos do Dharma, foi lá nos anos... sei lá... 1986, na verdade os primeiros textos budistas dessa nova era dos Lamas tibetanos que vieram para o ocidente, começaram a surgir no Brasil (em) 1984, por aí: 84, 85, 86. Começou uma grande leva, e naquela época eu estudava com grupo Nyingma¹⁷¹ Tharthang Tulku Rinpoche¹⁷² e ele escreveu uma série de livros em inglês para apresentar Dharma tradicional, mas numa linguagem muito acessível para nós ocidentais, né? Não na linguagem clássica budista, mas numa linguagem mais atualizada, “falando na nossa língua” (vamos dizer assim [fazendo aspas com as mãos]), dentro dos nossos critérios, e ao mesmo tempo introduzindo o Dharma. Então esse foi um trabalho muito bonito, eu comecei a traduzir informalmente alguns professores que vinham, eu fazia uma tradução consecutiva, e depois eu comecei a traduzir, escrever mesmo, um amigo Manuel Vidal, não sei se você já ouviu falar dele, ele na verdade era o tradutor do Dalai Lama¹⁷³ aqui, um grande tradutor, já faleceu há uns dois anos, infelizmente, e o Manuel disse pra mim: Paula, você tem um sentido tão importante para a escolha das palavras, eu acho que você devia se esforçar para ir para a escrita, não só ficar no verbal, fazendo uma tradução consecutiva. E aí, por estímulo dele, eu acabei começando a traduzir escrevendo, né? Então, eu fiz um primeiro livro que é O Caminho da Habilidade do Tharthang Rinpoche, que eram publicados pela Pensamentos Cultrix [editora]. Então, foram vários livros que a gente traduzia como Instituto, como Centro e a Pensamento publicava.

¹⁷¹ Centro Nyingma do Brasil - Grupo de estudos e prática do Dharma

¹⁷² Tharthang Tulku, também conhecido como Kunga Gellek Yeshe Dorje (1935) - líder budista e escritor;

¹⁷³ Dalai-lama é o título de uma linhagem de líderes religiosos da escola Gelug do budismo tibetano. Em se tratando de um monge e lama, é reconhecido por todas as escolas do budismo tibetano.[1][2] Os dalai-lamas foram os líderes políticos do Tibete entre os século XVII até 1959, residindo em Lhasa.

Aí eu fui recebendo muito treinamento, muitos inputs do pessoal da Dharma Publishing, que é dos Estados Unidos, lá da Califórnia, com quem eu era ligada na época, e eu fui fazendo... eles faziam comigo um trabalho muito interessante, que era: eu fazia a tradução em português, daí eu ia para lá com meu texto em português, aí eles pediam (o editor principal pedia), eles pediam que eu lesse do meu português em inglês pra eles, ou seja, eu pegava do meu português e eu vertia aquilo em inglês oralmente e era muito interessante, porque ele me corrigia até as preposições (risos), ele corrigia até as preposições! (risos)

[imitando] “Why you said of and not in...” whatever... seja qual for... então assim: eu tinha que ter uma atenção ao texto extraordinária! Tanto do meu português, tanto da versão oral que eu fazia em inglês para ele, para ele checar a acuidade do que eu estava trabalhando. Então tinha algumas palavras, por exemplo, que a gente trabalhava extensivamente, eu traduzi um texto muito difícil deles, que é sobre tempo-espaço-conhecimento, que ele usa uma linguagem muito... vamos dizer, assim, na diagonal, não uma linguagem muito direta, mas você precisa fazer uma escolha de palavras que abre um campo de entendimento maior para o leitor, e ele não fecha logo numa coisa que é conhecida, mas que abre um campo de indagação... então esse trabalho, olha, eu acho que foi o trabalho mais sofrido, mas o mais importante que eu fiz, de aprender a verter as línguas, tanto para o português quanto para o inglês, e eu aprendi muito com eles!

A gente fazia esse trabalho e às vezes o que a gente fazia também era contratar algum tradutor na Universidade de Berkley, qualquer coisa assim, que lia meu texto ou fazia anotações, assim. Então, a gente trabalhava muito nessa coisa de criar uma acuidade, da preocupação de transmitir o Dharma junto com uma “linguagem conhecida” [fazendo aspas com as mãos] para nós.

Bernardo: Perfeito, perfeito.

Paula Rozin: Eu tive a sorte de ter todo esse suporte, né? De ter essa ajuda. E assim eu fui desenvolvendo esse olhar específico para o texto budista, mesmo.

Bernardo: Pois é: a questão de ter feito esse trabalho em cima de um vocabulário específico eu acho que deve ter te ajudado muito, não é? Porque existem termos como o “vazio”, como o “nada”, coisas que parecem que são sinônimos mas não são...

Paula Rozin: Certo, certo!

Bernardo: Daí, você ter essa acuidade na hora de fazer isso é um negócio “tricky” [complicado]

Paula Rozin: É, e essa é uma discussão que... por exemplo, o “emptiness”, quer dizer o vaz... que tem gente que... na verdade a gente optou por traduzir como “vacuidade”, para não dar o sentido de “vazio” como “nada”, ou seja, não “existe nada em essência”, que dizer ele é vazio de uma existência inerente mas é uma composição de fatores, então, portanto é uma “vacuidade”... bom, hoje tem gente traduzindo isso como “vaziês”, esse é um termo estranho, mas tem gente traduzindo como vaziês, tem grupos budistas traduzindo emptiness como “vaziês”...

Bernardo: Quase um neologismo, como Guimarães Rosa fazia né?

Paula Rozin: Então, daí outro dia eu estava participando de um grupo de tradução, aí tem uma moça, uma tradutora brasileira que está lá do lado do Dalai Lama (esqueci o nome dela agora, mas depois posso te passar, se for o caso, se você quiser falar com ela) e ela rejeita “vacuidade”, rejeita “vaziês” e ela acha que tem que ser “*tompanid*” que tem que colocar o termo em tibetano e deixar as pessoas se familiarizarem com o termo em tibetano, porque ela acha que não tem uma tradução adequada na nossa língua.

Então, assim: a discussão desses termos, principais budistas é infinita assim. Endless. Então, você pega livros diferentes, algumas coisas convergem, por exemplo, “*mindfulness*”! *Mindfulness* virou uma coisa em si mesmo, né? Todo mundo trabalha *mindfulness*, a gente traduz como atenção plena, mas *mindfulness* passou a ter mais peso do que a própria prática de meditação, né? *Mindfulness* no mercado.

Bernardo: A marca do Kabatzin¹⁷⁴ ficou mais forte do que o conceito.

Paula Rozin: Não é? Porque as pessoas rejeitam a coisa de você ser budista hoje, ou de você estudar o budismo. [imitando] “não, é porque é religioso!” Então vamos ficar no “*mindfulness*”. E é aquela coisa absurda, porque *mindfulness* é um pequeno aspecto do que você pode obter na prática de meditação.

Bernardo: Exato, exato.

Paula Rozin: Quer dizer, abrange muito mais aspectos de corpo, respiração e mente, enfim. Então essas questões todas, acho que pra nós tradutores, a gente tem... sei lá, uma responsabilidade aí de você tentar, consistentemente apresentar ou trazer... e abrir significados para as pessoas e não fazê-las imediatamente se juntar. “Ah, então isso aqui eu conheço, isso aqui eu conheço”... e parar a investigação, não é? Acho que o texto budista, em essência, ele leva você a manter essa investigação aberta. Então, Buda dizia “não acredite no que eu estou falando, investiga na sua própria experiência”. Então, olha, olha na sua própria experiência, investiga se isso faz sentido para você. Então, a gente como tradutor (eu sempre faço uma prece antes, que é de, sabe, me ajuda ou me auxilia a manter essa chama aberta, essa experiência aberta), porque o que é difícil é alguém formular alguma coisa (isso eu já entendi, então deixa aquele conceito morto lá), e aquilo não cria uma transformação; da sua vida enquanto indagação, enquanto inspiração, de fazer você: [imitando] “ah, não, quero experimentar esse caminho! Quero ter essa vivência dentro de mim, quero, quero descobrir isso dentro de mim.”

Bernardo: Então o que você está me falando é que não só enquanto forma, mas em conteúdo também o processo de tradução tem a ver com o aspecto budista? Porque a questão do budismo de tudo estar sempre em transformação tem que ser observada também no aspecto da tradução. Então no momento que você pega um significante e apresenta um significado, ele não é fixo, você espera que ele esteja se transformando também. É isso?

¹⁷⁴ Jon Kabat-Zinn é professor Emérito de Medicina e director fundador da Clínica de Redução do Stress e do Centro de Atenção Plena em Medicina, na Escola Médica da Universidade de Massachusetts. Kabat-Zinn estudou budismo zen e é membro fundador do Centro Zen de Cambridge, segundo o Google.

Paula Rozin: É. Exato. E aí, dentro da dinâmica do texto aquilo precisa estar vivo, aquilo precisa estar aberto. Sei lá. Então por exemplo, esse “In Love With The World” - quer dizer, na verdade ele tem uma experiência mística, né?, quer dizer, não sei se você leu o livro todo, mas no final ele tem essa experiência da luminosidade que poucas pessoas relatam para você como é viver essa experiência da luminosidade embora, sim, a gente sabe que essa experiência da luminosidade está presente, mas ele traz ela viva! Né? E aquilo dá uma experiência amorosa; quer dizer, ele transborda de amor. Na hora que ele tá lá depois, e que ele vai para o hospital, e que ele olha os caminhões andando pela rua, ...

Bernardo: e as árvores, né?

Paula Rozin: ... e as árvores, e o barulho, e aquelas coisa, né? Então, você tem aquela coisa opressora, o barulho da Índia, aquela barulheira, e de repente, ele tem essa experiência de transbordar de amor. É mais de [do que] amar o mundo, porque parece que é um sujeito fazendo alguma coisa em relação ao objeto e não, é assim um sentimento transbordante. Então o “apaixonar” é isso mesmo não é? Tem essa coisa que transborda, que, vamos dizer... que rompe limites! Que rompe barreiras!

Então é interessante isso, quer dizer, então como a gente usa a palavra, eu sempre penso quando eu tô traduzindo que, às vezes, sei lá, tem uma palavra que seria correto você traduzir de um jeito ou de outro, mas tem um jeito que no contexto ele mantém o significado aberto ou ele faz isso [fecha as mãos, restringindo o foco]. Ou ele leva a mente do leitor a não permanecer aberta. Esse eu acho que é o grande desafio. E eu acho que pra qualquer tradução, viu? E acho que não só no caminho budista. Se você mantém a mente do leitor aberta para absorver aquele significado você está fazendo um bom trabalho. Eu acho que esse é um trabalho... quer dizer, essa é uma atenção muito importante que a gente deve ter. Então, por isso, é uma coisa assim: a gente sempre trabalha com alguém lendo. Eu faço a tradução e alguém lê o texto. E quando alguém marca alguma coisa (não precisa ser uma pessoa especializada em budismo - às vezes eu dou para minha filha que tem um Português excelente, que tem uma interpretação de texto muito boa, ela tem essa leitura); às vezes eu dou para ela ler e se ela marca assim “mãe, essa frase não parece tão fluente, isso aqui.” Eu, em

geral, levo em consideração todos esses feedbacks, porque sei que tem algo na frase, que poderia ser... [melhorado]; ou seja, a escolha de palavras, ou... não que esteja errado, mas ela não soa fluente. Quer dizer, eu aprendi trabalhar assim, em equipe, entendeu?

Bernardo: Ah, mas é muito melhor. Eu acho muito melhor.

Paula Rozin: É mas tem muitos tradutores que ficam feridos com isso: “alguém corrigiu o meu trabalho!”

Bernardo: Nossa, eu acho que você está coberta de razão. Quanto mais se a gente está falando de um texto como esse, que é uma coisa tão coletiva, né? Que é tão humana. Ele vem para isso, não é? O texto tem esse apelo, inclusive.

Tem uma questão ainda que eu queria te perguntar. Eu sei que vou pegar em um ponto específico, mas é só para te dar o exemplo da pergunta: no texto em inglês (eu não estou com os livros aqui que foram todos ser digitalizados para eu trabalhá-los no word), mas no texto específico, tem um fragmento lá que é assim: “Deus te ajude” Uma coisa assim, quando espirra, fala assim “Deus te ajude”. Nas traduções tanto do Português europeu quanto na do Português brasileiro, tanto você quanto o tradutor ou a tradutora que fez lá, colocou “Deus te ajude”. E como foi escrito em inglês é apenas “bless you”. Mas o termo que seria é “seja abençoado”. Teoricamente. O termo que seria “seja abençoado” ele pode ter tido essa colocação do “Deus” porque tanto o Português do Brasil quanto o Português Europeu, os dois são países muito católicos.

Paula Rozin: Sim, sim.

Bernardo: Então eu queria te perguntar se em algum momento... ou se foi exclusivamente pelo termo, porque geralmente a gente fala “Deus te ajude”, que é usado, ou se em algum momento você levou em conta a questão cultural brasileira para receber um texto budista. Entende?

Paula Rozin: É importante. Muitas vezes. Quer dizer, tem uma expressão que eles usam “to make a mountain of a molehill” alguma coisa assim. As pessoas traduzem assim: tornar uma pequena colina uma montanha. Mas na verdade não é. Às

vezes são expressões que são usadas em Tibetano, mas é fazer uma tempestade em copo d'água, levar as coisas à sério demais, então, ou seja, são expressões idiomáticas que acabam adquirindo uma outra leitura dentro da nossa cultura. Então, essas coisas são importantes de serem respeitadas, porque na verdade você não está rompendo com o significado original, mas você está trazendo uma coisa que ressoa para a sua cultura. Isso é uma coisa muito importante na tradição budista, nos vários países, é o acultramento, ou seja, você não modifica os conceitos, mas a forma de apresentar são pertinentes àquela cultura. Então eu acho que essa vai ser uma importante questão a ser considerada no Português Europeu, no Português de Portugal. Porque eles podem ter, usar, sei lá, Deus te crie, Deus te ajude, sei lá. Mas é importante a gente respeitar essas leituras de como a cultura fala. Por exemplo, o Português de Portugal tem expressões que a gente não usa.

Bernardo: Exatamente, exatamente.

Paula Rozin: Não é verdade? Então, às vezes é importante a gente pesquisar essas coisas pra respeitar a nossa cultura e não rejeitar e impor alguma outra coisa. Então eu acho isso um valor importante.

Agradecimentos.

Durante os agradecimentos a tradutora comenta que “falar com o coração faz total diferença.”

Comento que o texto está mexendo comigo profundamente e ela diz:

Paula Rozin: Ele é muito profundo mesmo, acho que é um texto de ler muitas vezes e acho que essa conexão interior assim, para transmitir isso eu acho absolutamente importante. Acho que é um exercício para o tradutor, né, de você entender que está fazendo alguma coisa além das palavras, embora as palavras sejam o nosso meio de comunicação, né? Quer dizer, está transmitindo ali a mensagem desse autor incrível, maravilhoso, com essa luminosidade incrível, trazendo uma experiência viva pra gente. Então isso eu acho importante a gente guardar.

Apêndice 3 - Transcrição Entrevista Ana Pinto Mendes

Bernardo: (Introduz a história de como veio a conhecer o livro e como iniciou o doutoramento na Universidade do Porto, até à procura da tradutora do livro para o Português Europeu.)

Ana Pinto Mendes: Eu traduzi para um intermediário, eu não traduzi diretamente para a editora, daí a editora não sabia. Mas tinha que contactar o intermediário, foi o que acabou [acontecendo]... só que se calhar não tinha o registo de quem é que tinham pedido, não pediram a mim diretamente, eu trabalhava para um intermediário, entende? Aí, se calhar, a dificuldade.

Bernardo: Ah!

Ana Pinto Mendes:... e se tinha lá o nome errado então... pois!

Bernardo: Por isso que deu esse atraso aí, mas, agora graças a Deus está tudo bem. É só para sintonizar e dizer que estamos aqui agora.

Ana Pinto Mendes: Cá estamos.

Bernardo: A primeira coisa que eu queria saber é, assim, se você sabia que o livro estava sendo traduzido simultaneamente para o Português do Brasil.

Ana Pinto Mendes: Não. Nem sequer pensei nisso, mas imagina que sim porque a maior parte da literatura é traduzida para as duas variantes, não é, nós não... não há traduções comuns não é? Digo eu. Quer dizer, a única literatura comum, que se mantém comum, eu penso que em Portugal é a literatura brasileira, normalmente não é adaptada cá. Ao contrário do que acontece no Brasil. Não sabia mas imaginaria que sim, quer dizer, não pensei no assunto.

Bernardo: E você lembra exatamente quando recebeu os exemplares? Se foi depois da... [do lançamento do livro]

Ana Pinto Mendes: Posso ver, já foi há uns dois anos, já foi há algum tempo. Deixe-me ver, posso ver aqui... [começa procurar no computador o envio do arquivo]

Bernardo: Acho que ele foi lançado em maio de 2019, o original. E eles estavam querendo, pelo que a Paula Rozin me falou, eles estavam querendo fazer uma espécie de um lançamento mundial, assim, com...

Ana Pinto Mendes: Talvez.

Bernardo: Então eu não sei se você recebeu os originais ou o livro já editado.

Ana Pinto Mendes: Pois. Eu recebi um PDF, não sei se já estava editado na altura. Já não estou a encontrar aqui... se calhar foi em 2018. Será? Ah, estava vendo no sítio errado....

Bernardo: É, provavelmente você recebeu em 2018 para eles... é... para ser lançado juntamente em maio de 2019.

Ana Pinto Mendes: É. Nem estou a encontrar aqui, mas nem sei porque, mas já agora estou curiosa, vejo todos os registos pra trás e não... não encontro aqui não sei porque. Não pus... deve ter sido pra trás pra 2018. Quer dizer mas eu aqui, nos registos, eu nos registos, eu entreguei o documento em 2019.

Bernardo: Umhum.

Ana Pinto Mendes: Em março de 2019.

Bernardo: Ah, então foi exatamente isso mesmo.

Ana Pinto Mendes: Mas a data, a data da minha... recebi em final de 2018. Tá aqui, porque a data do PDF que recebi e que pus aqui na minha pasta foi em final de 2018.

Bernardo: Perfeito, perfeito.

Ana Pinto Mendes: Depois terminei a tradução em março.

Bernardo: Legal. Você é ligada ao grupo Tergar, que é o grupo do Mingiur Rinpoche?

Ana Pinto Mendes: Não, não, não, não. Não teve... a escolha da tradução não teve nada que ver com qualquer tipo de convicção, acho que foi escolhido só quem é que está disponível. Não houve...

Bernardo: Ah tá, mas então você não tem uma ligação com...

Ana Pinto Mendes: Nenhuma relação nenhuma, não tenho relação nenhuma com o tema do livro, não tenho nada contra, absolutamente, não é, por contrário, dou muitas vezes o exemplo dessa tradução, às vezes as pessoas perguntam-me se há temas que me custam traduzir, coisas em que não acredito... e não é bem o que não acredito. O facto de eu não acreditar ou... desde que eu respeite, desde que esteja para o bem... (risos) não me faz confissão nenhuma. Há outras que me fazem confissão porque acho que já é... na minha opinião porque se faz desonesto. O que não é o caso deste livro, não é? Não achei nada desonesto, muito pelo contrário. E portanto, não tenho nenhuma relação espiritual com o tema, mas... mas respeito muito não é, e eu aprendi muito com a experiência dele, claro que sim. Respeito muito. Mas a minha escolha como tradutora não teve nada que ver com isso. Digo eu, porque recebo um pedido e aceito.

Bernardo: Mas você já tinha chegado a fazer meditação ou alguma coisa assim, ou não?

Ana Pinto Mendes: Não, não, não.

Bernardo: Não?

Ana Pinto Mendes: Não tenho qualquer relação. Quer dizer, o mais próximo, a minha educação, quer dizer nós aqui em Portugal, agora já mudou muito, mas a minha educação é católica...

Bernardo: É, a minha também.

Ana Pinto Mendes: ... tradicional, normal, e pronto, e aí fiquei, não é? Embora hoje em dia se possa combinar muitas vertentes, as coisas não tem que ser fechadas. Mas não. Não tenho nenhuma experiência semelhante àquela ali descrita.

Bernardo: E por acaso você já havia traduzido algum livro com a mesma vertente? Assim... ou do budismo, ou desses textos sagrados do Dharma, essa coisa assim?

Ana Pinto Mendes: Eu acho que desde que... Não sei se foi antes ou foi depois... traduzi depois... mas não sei se foi antes ou foi depois... [olhando no computador] ...deixe-me ver... ah, mas é diferente. Não. O que eu traduzi não tinha nada que ver.

Tinha a ver com astrologia chinesa, quer dizer, era uma coisa muito mais superficial do que este. Não.

Sabe, as traduções caem que assim, no colo, de uma maneira muito diversificada e portanto, lamento, mas não tenho nenhuma abordagem muito profunda para fazer ou não. A única coisa que digo é que é um tema que me interessa como tantos outros, não é? Ou seja, tenho imenso respeito pelo tema, e traduzi com respeito com o tema, ou seja, sem condescendências, [inaudível] nem tudo mais.

Bernardo: Legal. E dentro disso, você teve alguma... ou dificuldade, ou dúvida, na hora de traduzir algum tema, por exemplo... tipo... aqueles... “vazio” “vacuidade”, ou “nada”... esse tipo de coisa... você chegou a...

Ana Pinto Mendes: Tive que pesquisar, tive que ler algumas coisas, fui procurar para perceber todo o sistema, toda a visão dos mundos não é? Toda aquela questão dos bardos... eu agora já não sei muito bem porque já foi há muito tempo, mas lembro que tive que pesquisar para ter a certeza não só de que utilizava os termos certos, mas que estava a perceber a relação entre as coisa, não é?, porque são filosofias muito antigas, portanto eu não ia inventar a roda e não convinha dizer as coisas que não correspondem a intenção dele, não é? Quer dizer, portanto, para poder perceber e entrar um bocadinho nesse mundo, a certa altura, eu... porque quando é um tema que eu não conheço eu começo... entro no texto, vou ver o que... [fazendo sinal de mergulhar no texto] ... depois paro e vou ler umas coisas para perceber o que é que eu preciso. E assim vou pesquisar, para ter a certeza de que estava a perceber... porque às vezes é complexo né? É uma filosofia! E que tem a sua complexidade. Portanto eu tive que pesquisar para ter a certeza que não... de que encaixava e que os termos eram certos, também. Não é, quer dizer, a primeira vez que apareceu bardo, eu disse assim, sei lá, se existe bardo em português.... eu não conhecia (risos)

Bernardo: ... se isso dá pra traduzir, né? (risos)

Ana Pinto Mendes: ...e se tem a certeza de facto se quem vive essa filosofia de vida se fala de facto em bardo ou noutra coisa qualquer. Quem diz, diz imensas outras coisas que foram aparecendo.

Bernardo: O que eu acho mais difícil, e é o que eu tenho pesquisado aqui, é porque existem muitos termos que para a filosofia budista eles abrem significados em vez de fechar significados.

Ana Pinto Mendes: Sim, sim.

Bernardo: E a escolha do tradutor muitas vezes ela é dúbia por conta disso, porque ela pode tanto fechar um significado ou então abrir um significado.

Ana Pinto Mendes: sim, tivemos coincid...

Bernardo: Você chegou a...

Ana Pinto Mendes: Eu sinceramente, já foi há muito tempo... já não sei em termos específicos, mas agora: se calhar não tive essa noção tão clara. É um bocadinho difícil pegar um texto de uma filosofia que não é nossa e tentar abarcá-la e percebê-la e ter a certeza, é como traduzir textos de filosofia... é muito complicado não é? Os conceitos filosóficos encerram muita inform... uma palavra em filosofia, em ciência, encerra muita informação e muitos anos e séculos de pensamento não é? E neste caso ainda mais não são séculos, são milhares de anos. E portanto, pelo menos tive a tentativa de chegar à palavra, eu já não sei, já não me lembro, teria que ler o texto todo agora,... se tive essa sensação de que havia... mas tenho certeza que sim, que cheguei a umas palavras que tive a sensação de que se calhar a tradução em Português fica curta, não é? Ou não abarca o que se pretende dizer. Embora o original também fosse em inglês. Se calhar também não abarcava o original se falar em indi ou... nem sei...

Bernardo: Acho que era tibetano, ou... não sei assim... É engraçado porque o interessante desse livro, inclusive, e eu estou tentando uma entrevista com a coautora, porque ela que escreveu o original em inglês.

Ana Pinto Mendes: Sim, exato.

Bernardo: Então o original foi escrito em inglês.

Ana Pinto Mendes: Já é uma tradução!

Bernardo: Já é uma tradução, porque foi uma tradução da entrevista!

Ana Pinto Mendes: Claro!

Bernardo: então isso torna o livro ainda mais interessante.

Ana Pinto Mendes: Eu não sei... então, ela entrevistou ele em inglês? Agora não me lembro, se ela o entrevistou em inglês. Ou se ela falava... eu não sei que língua ela falava... Não sei. Ele é tibetano mas mora na Índia... não sei como é que ele fala.

Bernardo: Se eu não me engano ela o entrevistou em inglês mesmo.

Ana Pinto Mendes: Então já é uma tradução dele (risos) [se referindo a ele ter que traduzir para a coautora suas próprias respostas].

Bernardo: Então já é uma tradução dele e... assim, é muito interessante porque se você vir os vídeos dele na internet vê que o inglês dele até hoje ainda é um inglês...

Ana Pinto Mendes: ...tibetano, sei lá, não sei qual é a língua dele né?

Bernardo: É, mas assim, a... ele não tem assim um vocabulário tão rico, assim, sabe? Você consegue entender absolutamente tudo mas você vê que o vocabulário dele é...

Ana Pinto Mendes: ... nota-se no livro, nota-se no livro (uma coisa que senti ao traduzir) é que: ele parecia um homem mais “simples e básico” [fazendo sinal entre aspas com as mãos] do que de certeza é. Ou seja, ele é um homem de certeza muito mais profundo do que a linguagem em inglês conseguiu transmitir. Eu senti uma certa simplicidade no livro. Assim, quase uma infantilidade. Senti que ele parecia um bocadinho infantil, o que tenho certeza que não é. (risos)

Bernardo: Pois é.

Ana Pinto Mendes: Que não é nada infantil. E é capaz de ter que ver com isso, com a dificuldade de transmitir em inglês a profundidade da experiência dele, não é? Eu senti que o texto era um bocadinho.... e que as reflexões dele às vezes soavam infantis embora eu percebesse que não eram, eram para chegar a algum lado muito mais fundo do que transpareciam no texto. Eu senti...

Bernardo: Parece um inglês mais simples, não é?

Ana Pinto Mendes: Parece tudo muito simples, o que faz com que pareça que os pensamentos dele e as reflexões dele são muito simples, e é óbvio que não são. Não é? É óbvio que uma experiência como a que ele... bem, desde que nasceu e depois aquela experiência em particular não foram experiências básicas, não é? Nem infantis. Nunca tinha pensado nisso, de facto, como ele teve que falar em inglês, que não é a língua dele...

Bernardo: Ele mesmo traduziu e ela traduziu a compreensão dela né?

Ana Pinto Mendes: Exato.

Bernardo: Por isso que eu estou tentando a entrevista com ela, porque acho que vai enriquecer muito o trabalho. Agora, com relação ao contexto local, assim, na hora de fazer as suas escolhas pensando em Portugal, vou te fazer a mesma pergunta que eu fiz para a Paula, porque tanto Portugal quanto o Brasil, e aí evidentemente porque nós somos “filhos dos portugueses” (risos), a gente é de matriz católica. Então, por exemplo, tem no livro um termo simples que é o “bless you”.

Ana Pinto Mendes: Sim.

Bernardo: E aí tanto no Português do Brasil quanto no daqui você colocaram assim... não sei se foi “Deus te ajude” ou “Deu te abençoe”. Uma colocou Deus te ajude e a outra colocou Deus te abençoe, uma coisa assim...

Ana Pinto Mendes: Pois... Será que Deus aí faz sentido? Agora estou a pensar: deixe ver se eu pus [procura no computador]. Eu tenho aqui o texto aberto, não li, mas...

Bernardo: Eu devia ter anotado a palavra ali... mas...

Ana Pinto Mendes: Eu tenho abençoado sejam... Deve ser este... Não pus Deus, acho eu... deixe eu ver se aparece “Deus” nalgum sítio. “Graças a Deus”, aparece como expressão.

Bernardo: É.

Ana Pinto Mendes: Mas aparece-me aqui “abençoado sejam” e não Deus te abençoe. Não sei, deve ter sido. O que pra mim é católico, o “Deus te abençoe”...

Bernardo: Exato...

Ana Pinto Mendes: ...podia ter me escapado como expressão, não é? Podia ser só uma expressão idiomática. Mas talvez aí eu tenha sentido que o Deus te abençoe era mesmo uma postura católica não é?

Bernardo: Eu vou ter que procurar aqui, eu não anotei a página. Mas eu reparei...

Ana Pinto Mendes: Eu encontrei o abençoado sejam, [procura no computador] mas aqui é mesmo referências a Deus, estás mesmo a falar na possibilidade de Deuses, não é?

Bernardo: Bom, isso é ótimo, é uma boa coisa para a gente ver.

Ana Pinto Mendes: A única coisa que encontro aqui com Deus é a expressão “Graças a Deus”, não é? Mas aí é uma expressão, não é? Mas aí nós não estamos a pensar especificamente como católicos não é?

Bernardo: ...é...

Ana Pinto Mendes: Um não católico também é capaz de dizer “graças a Deus” e não está... pronto, mas se calhar devesse pensar na boca de um budista, e se calhar... (risos)

Bernardo: (risos)

Ana Pinto Mendes: Essa está aqui, essa escapou.

Bernardo: Tem todo o sentido essa escolha aqui porque o contexto pede isso. De certa maneira. Enfim...

Ana Pinto Mendes: Hum hum.

Bernardo: É só para saber se foi levado em conta assim, conscientemente essa coisa dessa matriz católica.

Ana Pinto Mendes: Eu imagino que sim. Eu não me lembro especificamente, mas que se eu escrevesse “Graças a Deus” que me ocorria que naquele contexto não faria sentido, não é? Mesmo já na nossa cultura uma pessoa normal que não seja religiosa já não vai dizer “Deus te abençoe”, se não acreditar em Deus. Não vai dizer. Portanto ali, muito menos, faria sentido. Até acredito que sim, que tivesse momentos que eu teria

tido o cuidado de não usar a linguagem cristã. Pode haver termos comuns, há situações em que há, mas com certeza que se me viesse à mente alguma expressão muito enraizadamente católica, ou mesmo ocidental, às vezes podia não ter que ver com religião. Conceitos culturais nossos que se calhar não encaixam na cultura oriental. Mas claro que sim, claro que sim.

Bernardo: E eu queria te perguntar uma coisa. Porque mesmo sendo muito nova, parece que você tem mais de 20 anos de ...

Ana Pinto Mendes: Eu não sou assim tão nova! (risos)

Bernardo: Pois então aparenta. Parece que tem mais de 20 anos de experiência em tradução.

Ana Pinto Mendes: Tenho, tenho, tenho, tenho.

Bernardo: Pois é.

Ana Pinto Mendes: Embora nessa parte literária só nos últimos anos. Fiz tradução técnica durante muitos anos e nos últimos... 10 anos... é que comecei a fazer mais literária.

Bernardo: Pois é. Eu queria te perguntar uma visão sua, geral. Qual é o papel do tradutor?

Ana Pinto Mendes: Ora... isso é aquela pergunta filosófica não é?

Bernardo: ...é! (risos) mas eu tenho que fazê-la.

Ana Pinto Mendes: Um tradutor é um mediador. É um leitor que é um mediador daquilo que o autor nos pretende dizer. Claro que é sempre um intérprete, não é? Temos que sempre... ninguém é totalmente objetivo. Mas acredito que o tradutor deve ser o mais invisível possível embora um observador experiente nota a presença do tradutor. Mas quando dei-me com a tradução e que noto muito a presença do tradutor faz-me... não gosto de sentir aquela interferência, não é? É um obstáculo. Portanto, é um veículo para o autor, ou seja, com a sua interpretação necessariamente, mas tentando libertar-se ao máximo da sua interpretação puramente pessoal, não é? Ou seja, procurar entrar na cabeça... eu às vezes imagino quando estou a traduzir um

autor, que eu me sinto como se eu tivesse a escrever com a cabeça do autor. Ou seja, é como o ator, não é? Temos que nos pôr dentro da cabeça do autor e sentirmos tanto quanto possível como o autor e entrar na cabeça dele e às vezes quando flui, às vezes sinto isso: parece que eu é que estou a escrever, mas com a cabeça dele. Não sou eu, porque eu não seria capaz de escrever aquilo não é? Portanto é um bocadinho ser as mãos ou os olhos do autor noutra língua e noutra cultura. Sem marcarmos muito a presença pessoal, ou seja tentarmos ser ele, de alguma forma não é?

Bernardo: Hum hum. O professor Thomas tem uma alegoria, não é? Uma espécie de metáfora muito bonita a respeito disso que ele costuma comentar assim: um músico que pega uma partitura - e na música clássica a gente vê isso com muita constância, não é? A gente ouve uma mesma peça (por exemplo, de Chopin), daí um pianista toca aquilo de uma maneira e você ouve um outro, parece ser uma outra coisa, mesmo sendo exatamente as mesmas notas, as mesmas pausas, as mesmas...

Ana Pinto Mendes: Eu não sei é se enquanto um músico, um intérprete, faz essas nuances, faz parte do seu trabalho artístico fazer essa diferença conscientemente, não sei se o tradutor... dependendo. Acho que há obras em que... em poesia há muito mais abertura para isso não é? Ou grandes obras que exigem um tipo de interpretação mais complexa será mais difícil o tradutor estar ausente. Tem de facto que entrar, mergulhar naquilo. Agora há situações em que necessariamente... é óbvio que há traduções que eu leio e noto: olha, isso é aquele tradutor porque há qualquer coisa na linguagem que eu noto que é aquela pessoa. E outro que não é tão bom, ou que há qualquer coisa... ah, estamos sempre presentes, não é? Mas regra geral, na literatura geral, eu sinto que é menos consciente ou deve ser menos consciente essa presença. A menos que tenhamos que fazer escolhas muito radicais não é? Como acontece na poesia ou então na literatura mais complexa não é? Que eu tenho mesmo que optar por um caminho e esses, muito claro, não é?; um outro tipo de linguagem, um outro tipo de registo e a minha marca vai estar lá porque eu fiz uma opção muito clara e quem vai ler e depois ler outro com outra opção vai ver uma diferença muito grande. Isso é legítimo não é? É claro que sim.

Bernardo: É claro.

Ana Pinto Mendes: Nos pedem isso. Mas há textos, a maioria dos textos não nos pede isso. Um texto como esse não pede...

Bernardo: Pede um pouco, não é?

Ana Pinto Mendes: ...essa bagagem... sempre, estamos sempre de alguma forma presentes porque outro tradutor teria traduzido de outra maneira. Claro que sim.

Bernardo: É.

Ana Pinto Mendes: Mas está menos presente a nossa marca pessoal de estilo, não pede tanto isso, não acho tão legítimo darmos uma volta ao texto em que se marque demasiado meu estilo pessoal, acho que não. Não justifica, porque não justifica essas escolhas, é claro. Pois há a bagagem cultural que cada um tem, e vai influir nas escolhas que fazemos.

Bernardo: Se calhar o tradutor sente um pouco essa questão paradoxal de alguma maneira ser um coautor mas não o ser. Não é?

Ana Pinto Mendes: Não o ser, exatamente. Estar visível mas invisível ao mesmo tempo. Porque estamos lá não é? Porque nós é que fazemos certas escolhas e temos que assumir essa responsabilidade. Mas não é suposto dar-se muito... é como um autor em que... não teria a falar sobre uma pessoa que conheço que escreve e (não sei se é porque eu conheço, e escreve) e não gosto nada de sentir o autor dentro do livro que ele escreve. Ou seja, como quiser. Há autores em que isso é normal, ou seja, porque é autobiográfico, ou porque tenha uma marca de estilo muito própria. Mas em livros em que a narrativa não tem teoricamente nada que ver com o autor, senti-lo lá é uma coisa que me faz impressão, tanto o mesmo para o tradutor. Se ele estiver lá ilegitimamente, sem uma razão que eu sinta: é normal, é legítimo, foi preciso marcar essa presença. Na maioria dos livros não é preciso marcar essa presença tão marcada. Claro que quanto mais complexa e profunda a literatura mais essa presença vai estar lá porque as opções são mais complexas também.

Bernardo: Sabe que acaba de me ocorrer uma coisa, inclusive, que é muito interessante e que a gente pode fazer um paralelo (aí só um exercício particular nosso

aqui, que é o seguinte:) quando a gente vê filmes dublados me incomoda muito, particularmente, ... por exemplo: a gente sempre ouve o Leonardo de Caprio sendo dublado por alguém. Quando eles mudam a voz do dublador...

Ana Pinto Mendes: Não é ele, não é?

Bernardo: ...nos causa alguma coisa de estranhamento, não é?

Ana Pinto Mendes: Mas isso em Portugal quase não há, só em desenhos animados é que há. (risos) Dobragem, não é? Mas é assim. Quando estive na Alemanha era isso também. Era sempre o mesmo ator que dobrava... se nos mudassem o ator... parece que é outra pessoa, não é?

Bernardo: É exato. Talvez nos textos o ideal seria que o mesmo ocorresse, por exemplo, ...

Ana Pinto Mendes: Há, mas acontece!

Bernardo: ...você sempre traduzir o Mingyur Rinpoche a partir desse momento e... enfim.

Ana Pinto Mendes: Sim, sim.

Bernardo: Porque aí causa uma identidade ali, não é?

Ana Pinto Mendes: Isso acontece, há autores que são traduzidos sempre por um mesmo tradutor. Precisamente por isso, para a voz ser sempre idêntica, para sentirmos que não é uma coisa completamente diferente, sim. Isso acontece e faz sentido. Se esse tradutor tiver agarrado à voz do autor faz sentido continuar.

Bernardo: Claro, claro.

Ana Pinto Mendes: ...ser essa mesma pessoa a fazer. Sim, sim.

Bernardo: Perfeito. Ana, te agradeço muito, era isso.

Ana Pinto Mendes: Foi indolor! (risos) Qualquer coisa que seja preciso, tudo bem.

Bernardo: Muito provavelmente, quando eu estiver em outra etapa e observar algumas coisas específicas, talvez a gente faça um novo, pode ser?

Ana Pinto Mendes: Pode ser, pode ser.

Bernardo: Para poder tirar alguma dúvida. Ah, uma última coisa que eu esqueci de perguntar: o título do livro permaneceu o mesmo?

Ana Pinto Mendes: Não, mudaram. Concorde com o título, mas...

Bernardo: Posso saber qual era?

Ana Pinto Mendes:... o meu era Uma Paixão Pelo Mundo.

Bernardo: Pois é. Porque o do Português do Brasil é Apaixonado Pelo Mundo.

Ana Pinto Mendes: Sim... até gosto mais do que Uma Paixão Pelo Mundo, porque acho que dá mais intensidade...

Bernardo: "In Love," não é?

Ana Pinto Mendes:... do In Love. Embora em Português, Amar, pelo menos europeu, no Brasil não sei, o Amar já é um verbo que é pouco usado porque soa um bocadinho elevado não é? Portanto também funciona, eu acho. Mas o apaixonado da mais o ar de... da mais uma ideia de... daquela dedicação ao mundo, do que só amar, amar parece mais teórico, não é?

Bernardo: Sim, sim, exato, e o seu subtítulo, como estava, por favor?

Ana Pinto Mendes: Deixe ver...

Bernardo: O original que você escreveu.

Ana Pinto Mendes: "A viagem de um monge pelos bardos da vida e da morte." Isso ficou.

Bernardo: e o título mesmo, pode repetir, por favor?

Ana Pinto Mendes: "Uma Paixão Pelo Mundo".

Bernardo: "Uma Paixão Pelo Mundo". Particularmente eu gosto mais de "Uma Paixão Pelo Mundo"! (risos)

Ana Pinto Mendes: Sim, do que Amar o Mundo, eu acho que o apaixonado pelo mundo ou uma paixão pelo mundo tá mais intenso, acho eu.

Bernardo: É, eu acho também, eu acho.

Ana Pinto Mendes: Sim, mas Em Portugal... devem ter tido algum receio de que parecesse... como é que se diz... em inglês é corny [cafona], não é? Em Português é fuleiro, é assim, achar que as pessoas achassem que é assim uma coisa de fraca qualidade de baixo nível, assim, de ser apaixonado, às vezes evita-se esses títulos, a menos que estejamos a falar de livros românticos.

Bernardo: É, românticos não é? Talvez eles quisessem evitar uma ligação com esse sentido do romantismo, não é?

Ana Pinto Mendes: Ou que as pessoas achassem que era uma coisa lamechas [no Português do Brasil “piegas” - quem demonstra demasiada sensibilidade ou as suas emoções - bajoujos, tolos] e não era essa a ideia do livro, se calhar podem ter evitado esse tipo de palavra.

Bernardo: Perfeito, perfeito. Que bom, você me deu uma luz, um caminho bom para seguir aí em cima disso. Muito obrigado!

Ana Pinto Mendes: Tá bom, que corra tudo bem, bom trabalho, boa sorte!

[Encerramento despedindo.]

Apêndice 4 - Aplicação do Modelo de Análise de Christiane Nord em TA1 e TA2

- Tabela 1 - Paratexto Prólogo
- Tabela 2 - Paratexto Epílogo
- Tabela 3 - Paratexto Agradecimentos
- Tabela 4 - Paratexto Glossário em Tradução
- Tabela 5: Aplicação do Modelo de análise textual de Christiane Nord
Objetivando Fatores Externos e Internos ao Texto
- Tabela 6: Discurso Versus Legenda no Youtube 2018
- Tabela 7: Títulos e Títulos de Capítulos em Tradução
- Tabela 8: Quadro Comparativo de Conjunções

Tabela 1 - Paratexto: Prólogo

TF - Texto fonte	TA1 Texto alvo 1 PE	TA2 Texto alvo 2 PB	Comentários
FINISHED WRITING THE letter.	Terminei a carta.	Terminei de escrever a carta.	Enquanto a tradutora TA1 do português europeu opta por iniciar com uma coloquialidade oral, ocultando a ação que claramente estava escrita no original em inglês TF, a tradutora do português brasileiro optou pela tradução mais fiel e menos oral, mais explicativa.
I placed the letter on a low woodenn table in front of the chair that I often sat on.	Pousei a carta numa mesa baixa de madeira em frente à cadeira em que amiúde me sentava.	Coloquei a carta na mesinha de madeira em frente à cadeira em que costumava me sentar.	Inicia-se com uma diferença estilística clara. Para o português brasileiro, "pousar", quando não se fala de pássaros ou aviões, transmite a noção de cuidado e delicadeza. Assim como "amiúde". A opção por essas palavras para o português brasileiro se referiria a uma tentativa de dar um tom menos coloquial ao livro, o que não necessariamente acontece no português europeu.
Narrow rectángular push-out windows parallel each door, and are almos as long.	Estreitas janelas retangulares posicionam-se paralelas a cada porta e são quase tão altas.	Ao lado delas, há duas janelas retangulares de abrir para fora, quase tão amplas quanto as portas.	A tentativa de contextualização do templo pelo autor foi transformada pelas duas tradutoras, cada uma delas relativizando a importância de alguma informação. A tradutora do português europeu não diz que as janelas abrem para fora, a tradutora do português brasileiro não diz que as janelas são estreitas. A tradutora brasileira diz que as janelas são amplas, quando deveria dizer que são longas, ou altas, além de ocultar a informação de que as janelas são paralelas às portas.
...and quickly moved behind the bushes...	...e encaminhei-me rapidamente para trás dos arbustos...	...rapidamente, me escondi atrás dos arbustos...	As pequenas diferenças aparecem. Mover ou ir para atrás dos arbustos é contextualizado nas duas línguas de maneira diferente: para o português europeu, "encaminhei-me", para o português brasileiro, "escondi". A temperatura da narrativa demonstra-se mais dramática no português brasileiro, assim como a opção na capa por "apaixonado pelo mundo" em vez de "amar o mundo"
...and ran the hundred feet to the main gate.	...e corri os trinta metros que me distanciavam do portão principal.	...e corri uns trinta metros até o portão principal.	Tanto a tradutora portuguesa quanto a brasileira contextualizaram a distância, porque em Portugal e no Brasil não se usa a distância em pés, mas em metros. O que diferenciou a tradução é que a brasileira, por não colocar exatamente os 100 pés de distância afirmou usou a palavra "uns" para flexibilizar a diferença da informação. A tradutora portuguesa, com o cuidado literário, acrescentou "que me distanciavam" para que a leitura fosse mais agradável ao público português. Não muda a informação, mas a contextualiza para torná-la mais natural.
in the dead of night	altas horas da noite	na calada da noite	Ambas as tradutoras utilizaram expressões contextuais para o deslocamento tradutório da expressão utilizada no inglês. "No finzinho da noite", ou "quando a noite morria" virou para TA1 "altas horas da noite" e para TA2 "na calada da noite".
I had to force myself to move	Tive de me obrigar a sair dali	Tive que me forçar a me movimentar	Enquanto a tradutora de TA2 traduziu a frase, a tradutora de TA1 traduziu a ideia. Ele estava fugindo e precisava sair de onde estava, mas o que disse o texto TF foi que ele forçou-se a mover-se.

...if I could see for miles...	...como se conseguisse ver a milhas de distância...	...como se pudesse ver por quilômetros...	Neste excerto, a Tradutora TA1, diferentemente do que fez trocando pés por metros, não trocou milhas por quilômetros, buscando a coerência funcional do que já foi traduzido e que contextualizaria ao público leitor de seu país. É claro que tanto os portugueses quanto os brasileiros compreendem "milhas de distância", mas se houve a opção anterior de trocar pés por metros, seria mais natural ao texto que fosse trocado milhas por quilômetros.
Where is the taxi?	Onde está o taxi?	Cadê o taxi?	Neste fragmento, quem optou pela oralidade e a coloquialidade foi a tradutora TA2: cadê é um advérbio de modo, mas de forma reduzida, quase uma corruptela que vem de "que é de", ou "quedê", mas significa "onde está". Por um lado torna o texto "abrasileirado", por outro, nega que o monge é tibetano e não diria isso. Antes de ser considerado um erro, deve ser considerado uma escolha, que pode ser defendida como estratégica para se aproximar do leitor. Talvez do leitor menos atento - porque não coloca em questão a veracidade da voz.
...the train left from the Gaya station, just eight miles away.	...o comboio partia da estação de Gaya, a apenas doze quilômetros dali.	...o trem saía da estação de Gaya, que ficava a treze quilômetros de distância.	Oito milhas são, aproximadamente, 12,874km, o que quer dizer que a tradutora de TA2 foi mais próxima a dizer 13 quilômetros. Neste caso não é tão importante a exatidão da distância, mas demonstra uma escolha de contextualização na cultura de chegada e por onde passa a escolha do tradutor, em paralelo com as distâncias e escolhas elencadas acima. A questão da denominação do trem e comboio, igualmente não é definitiva. Tanto em uma quanto outra variação linguística se compreenderia a mensagem, mas trazer a informação para o natural da língua quando não compromete o TF e nem a cultura fonte ou o contexto fonte é uma escolha tradutória acertada.
-ritual circumambulation-	-a deambulação ritual-	-circumambulação ritual-	A opção por "deambulação" seria mais própria para a peregrinação errante, motivo pelo qual o monge partira do templo. Porque o termo se refere ao ato de caminhar ou vagar sem um objetivo específico ou direção definida. Associado, portanto, a um movimento errático, como a peregrinação do monge, sem rumo. Mas nesta passagem da página XV do livro original não é este o caso. Já a escolha pela "circumambulação", além de ser mais colada no léxico inglês, se refere ao ato de caminhar em torno de algo de forma deliberada e muitas vezes cerimonial. Assim como conhecidas imagens de marchas em torno de algum monumento religioso.
No one had ever seen me unaccompanied, not at this hour, not at any hour. I had taken the taxi for granted.	Jamais alguém me tinha visto sozinho, não a esta hora, nem a hora nenhuma. Tinha dado o táxi como coisa segura.	Ninguém jamais me viu desacompanhado, não a essa hora, nem a qualquer hora. Pensei que o táxi não falharia.	Interessante notar as pequenas diferenças que se somam. A sintaxe, a ordem na frase de TA1 enfatiza o jamais, o uso corrente do objeto antes do verbo no caso do "me tinha visto" contextualizando o discurso, ou no caso do hora nenhuma, enfatizando a negação. Para citar a pesquisadora Alexandra Guedes Pinto, neste jogo de aparente simplicidade há um "engenho de construção"(PINTO, p.84). Aqui também se vê a utilização do sinônimo sozinho dá coloquialidade e retira um pouco da importância do fato do monge ser sempre acompanhado de alguém que o esteja servindo, protegendo ou ajudando.

Several times each day since I was little, I had recited prayers that included: I take refuge in the Buddha; in the dharma - the Buddha's teachings; and in the sangha - the enlightened assembly.	Várias vezes ao dia, desde a minha infância, eu recitara orações como esta: O meu refúgio é Buda; é o dharma - os ensinamentos de Buda; e a sangha - a comunidade iluminada.	Várias vezes a cada dia, desde criança, repeti preces que diziam: tomo refúgio no Buda; no Dharma - os ensinamentos do Buda; e na Sangha - a assembleia iluminada.	Talvez aqui esteja a principal questão a ser discutida no prólogo, porque se refere à questões filosóficas que se sobrepõe às questões lexicais, sintáticas ou gramaticais. As duas tradutoras optaram pelo sinônimo contextual: uma escrevendo desde a infância, outra escrevendo desde criança. Sinônimos portanto. "Como esta" ou "que diziam" são somente variações contextuais. Mas quando entra na enunciação da prece, da oração, entra a verdadeira questão. O meu refúgio é Buda é diferente do que tomo refúgio no Buda. O artigo definido faz a diferença porque Buda é um estado ao mesmo tempo que é uma entidade. Assim, o artigo definido fala especificamente da entidade. E é usado tanto no original quanto no TA2, na tradução brasileira, de quem tem mais proximidade com a filosofia e prática em questão. Mesmo a diferença entre de Buda e do Buda deve ser observada porque quando se coloca o "o", se refere ao poderoso, ao único, à entidade. Assim também se diferencia "in the Dharma (the Buddha's teachings)" para a escolha por "é o dharma - os ensinamentos de Buda" e "no Dharma - os ensinamentos do Buda". Nota-se, inclusive que a TA2 escolheu colocar Dharma com letra maiúscula, enfatizando o que o texto original não fez - observando a sacralidade dos ensinamentos. Ou seja, a mensagem é outra.
But really, this would allow me to be far away before my absence was discovered.	Contudo, na verdade, isto permitir-me-ia já estar muito longe quando dessem pela minha ausência.	Mas, na verdade, me permitiria estar bem longe antes que minha ausência fosse descoberta.	Aqui é clara a importância do significante "descoberta", que vem do original discovered. Dessem pela ausência é uma revelação. Descobrir tem outro peso segundo a pragmática e análise do discurso. É, sem dúvida, uma questão de retórica que geralmente se coloca se referindo a pesos diferentes para sinônimos por semelhança. Além disso, "Permitir-me-ia" é uma construção verbal que pertence ao modo condicional composto do verbo "permitir", que é afim com a literatura, mas tenho dúvidas se também com a oralidade da reflexão pessoal. Apesar dos portugueses usarem o pronome oblíquo "me" colocado antes do verbo, não sei se a tradução está fiel com a oralidade.
...I already knew something of the need to nourish the steady awareness of buddha-mind.	...eu já sabia algo da necessidade de alimentar o estado permanente de consciência da mente budista.	...eu já tinha conhecimento da necessidade de alimentar a consciência plena estável da mente búdica.	Aqui pode-se reparar outra questão ligada ao conceito. Mente budista e mente búdica, apesar de algumas vezes intercambiáveis, não são exatamente a mesma coisa. Enquanto a mente budista se refere à ênfase na prática, a mente búdica se refere na ênfase da natureza buda interior, o que é diferente. Enquanto a segunda tem um aspecto espiritual e transcendental, porque pode se referir à natureza intrínseca de todos os seres, de acordo com a visão budista, a primeira tem um aspecto prático, como a busca da iluminação, a meditação e a aplicação dos princípios budistas na vida cotidiana. Isso sem falar na tradução e na utilização ou não do termo "consciência plena" discutido no glossário.

My heart was beating fast. Between the speed of the taxi and the darkness, I couldn't see anything out tifo window. Images moved through my mindscape faster than the speed of the taxi.	O meu coração batia acelerado. Entre a velocidade do táxi e a escuridão, nada se descortinava quando olhava pela janela. Imagens moviam-se pela paisagem da minha mente a uma velocidade superior à do táxi.	Meu coração estava acelerado. Entre a velocidade do táxi e a escuridão, não conseguia ver nada pela janela. As imagens passavam pela minha paisagem mental mais rápido do que a velocidade do táxi.	Aqui, apesar de sinônimos, os fragmentos podem ser observados com diferenças estilísticas entre as tradutoras. Sem julgamento de valor, parece que durante o texto, TA1 se preocupa mais com o texto literário enquanto TA2 tende a se preocupar mais com os ensinamentos religiosos.
jaws would drop; faces would fall forward, learning into the news.	maxilares descaídos; caras inclinadas para a frente, sobre as notícias.	ficariam de queixo caído; suas faces se curvavam para a frente em busca de notícias.	Talvez esse tenha sido o fragmento que deixou as escolhas mais imprecisas. TA1 parece não ter entrado no espírito da mensagem e TA2, mesmo usando um jargão adaptado "ficar de queixo caído" não parece ter concluído bem o raciocínio tradutório. Será que o autor/coautora quiseram dizer que as máscaras iriam cair frente às notícias do sumiço do monge? Infelizmente este era um fragmento que poderia ser discutido com a coautora, que não pode dar entrevista. Mas vale ser citado pra que o leitor do trabalho possa refletir sobre essa suspeita.
Listen to me, ami, are you sure? Really sure? I told him, Yes. I am sure. I have wanted to do this since I was a little boy. Then my father said, Wonderful. But if you really want to do this, I have one piece of advice: just go. Don't tell anyone where you're going, including our family members. Just go, and it will be good for you.	Escuta-me, ami, tens a certeza? Mesmo a certeza? Respondi-lhe, Sim. Tenho a certeza. É algo que quero fazer desde pequeno. E depois o meu pai disse, Maravilha. Mas se queres realmente fazer isto, tenho um conselho para ti: Vai, simplesmente. Não digas a ninguém aonde vais, incluindo os teus familiares. Vai, simplesmente, e far-te-á bem.	Ami, escute, ami, tem certeza? Certeza absoluta? Disse a ele: Sim. Tenho certeza. Quero fazer isso desde que eu era um garotinho. Então, o meu pai falou: Maravilha! Mas se você realmente quer fazer isso, lhe dou um conselho: apenas vá. Não conte a ninguém para onde está indo, inclusive às pessoas da nossa família. Simplesmente vá e será bom para você.	Aqui, mais uma vez, a impressão que causa de que, enquanto TA1 está focada na literatura, TA2 está focada no ensinamento religioso. Neste ponto, acredito que a simplicidade do texto original deveria ser mantida para diminuir o distanciamento da mensagem com o leitor comum.

Tabela 2 - Paratexto Epílogo

Comentários sobre TA1 e TA2	TA1	TA2
O epílogo do livro é onde a voz do autor parece mais próxima. Como um comentário à parte, com mais proximidade. A imagem que exemplifica o que aqui está tentando ser explicado é a seguinte: é como se o livro fosse uma palestra do monge que conta suas experiências. Ao final da palestra, ele chama uma pessoa em particular ao lado do palco do antiteatro para fazer um comentário pessoal. Assim têm-se a impressão de maior proximidade, de maior veracidade, de mais comprometimento. Esta é a impressão do epílogo como um todo. Diferentemente de outros tópicos de análise na tabela de Nord, o epílogo pode ser melhor analisado se a análise for holística, global, não pontual, frásica, ou lexical. O todo do texto é que traz a impressão sobre o epílogo. Ainda que fosse analisada a condução da harpa ou a introdução dos violinos ou sua preparação para o tema principal com toda a orquestra na Opus 20, segundo ato, nº 10 do Lago dos Cisnes de Tchaikovsky, seria injusto com o fagote que começa o tema, com todo os outros músicos ou mesmo injusto com o maestro que conduziu a peça. Dessa forma, é preciso ouvir a peça e sentir suas impressões, mais do que observar uma das páginas da partitura escrita no papel. Assim, toma-se aqui a leitura de dois fragmentos um pouco maiores para que o leitor dessa pesquisa tenha ao menos algum tempo de envolvimento com a condução das escolhas tradutórias. O que não quer dizer que refuta-se algum tipo de análise: em TA1 o texto, apesar de agradável ao ritmo, é menos próximo ao leitor, pela utilização da segunda pessoa, hábito português. Há dúvida se mesmo no discurso oral chegaria a tal distância a escolha lexical. Por exemplo: "cuidai deste reconhecimento como faríeis com uma pequena semente" não parece próximo o suficiente para tocar um discípulo. TA2 utiliza de forma mais próxima o discurso e fala mais ao público brasileiro, certamente. Mais simples, mas ao que o léxico indica, mais efetivo em termos de proximidade.	Em jeito de despedida, gostaria de deixar um pequeno conselho para guardar nos vossos corações. É possível que já me tenhais ouvido a dizer isto antes, mas é o aspeto-chave de todo o caminho, por isso vale a pena repetir: tudo o que buscamos na vida - toda a felicidade, satisfação e paz de espírito - está aqui mesmo, no momento presente. A nossa própria consciência é, em si mesma, fundamentalmente pura e boa. O único problema é que ficamos tão enredados nos altos e baixos da vida que não dedicamos tempo a parar e a reparar no que já temos. Não vos esqueçais de abrir espaço nas vossas vidas para reconhecerdes a riqueza da sua natureza de base, para verdes a pureza do seu ser e deixardes que as suas qualidades inatas de amor, compaixão e sabedoria emirjam naturalmente. Cuidai deste reconhecimento, como faríeis com uma pequena semente. Deixai que cresça e floresça. Muitos de vós perguntastes generosamente de que forma podeis apoiar o meu retiro. A minha resposta é simples: guardai estes ensinamentos no coração da vossa prática. Onde quer que estejais e o que quer que estejais a fazer, parai de tempos a tempos e descontrai as vossas mentes. Não tendes de mudar nada nas vossas experiências. Podeis deixar os pensamentos e os ensinamentos ir e vir livremente e manter os sentidos completamente abertos. Solidarizai-vos com as vossas experiências e procurai ver se conseguis reparar na consciência espaçosa que está sempre convosco. Tudo o que alguma vez quis está aqui, neste momento presente de consciência. Eu, por meu lado, guardo-vos no meu coração e nas minhas orações. Vosso no Dharma, Yongey Mingyur Rinpoche	Para me despedir, gostaria de dar um pequeno conselho para ser guardado no coração. É possível que tenham me ouvido dizer isso antes, mas como esse é o ponto-chave de todo o caminho, vale à pena repetir: tudo o que estamos procurando na vida - toda felicidade, contentamento e paz de espírito - está bem aqui no momento presente. A nossa própria consciência plena é fundamentalmente pura e boa. O único problema é que ficamos tão presos aos altos e baixos da vida que não temos tempo para parar e perceber o que já temos. Não se esqueçam de abrir espaço em sua vida para reconhecer a riqueza da sua natureza básica, para ver a pureza do seu ser e deixar que suas qualidades inatas de amor, compaixão e sabedoria surjam naturalmente. Cultive esse reconhecimento como cuidaria de uma mudinha de planta. Permita que ela cresça e floresça. Muitos de vocês generosamente perguntaram como poderiam ajudar a dar suporte ao meu retiro. Minha resposta é simples: guardem este ensinamento no coração da sua prática. Onde quer que estejam e seja o que estiverem fazendo, parem de vez em quando e relaxem a mente. Vocês não precisam mudar nada acerca da sua experiência. Deixem os pensamentos e as emoções entrarem e saírem livremente, e deixem seus sentidos bem abertos. Façam amizade com a sua experiência e vejam se conseguem perceber a consciência plena espaçosa que está com vocês o tempo todo. Tudo o que sempre quiseram está bem aqui neste momento presente de consciência plena. Manterei vocês no meu coração e nas minhas preces. Seu, no Dharma, Yongey Mingyur Rinpoche

Tabela 3 - Paratexto Agradecimentos

Comentários sobre o agradecimento	TA1	TA2
O Agradecimento do livro tem apenas duas páginas, o que possibilita colocá-lo de forma integral e observar as diferenças tradutórias quando necessárias. Primeiramente, é preciso que se diga que o Agradecimento serve de paratexto para apoiar o texto escrito. É por meio do Agradecimento como paratexto que o leitor fica sabendo que o livro na verdade foi escrito por Helen Tworikov, baseando-se nas entrevistas feitas entre 2016 e 2018. O processo de escrita do livro é, portanto, o mesmo processo de um ghost-writer. Com a diferença que é declarado quem é o fantasma. Evidentemente, o processo de escrita do ghost-writer é um processo muito semelhante ao do tradutor, porque é preciso que haja, até certo ponto, um apagamento do self para que quem apareça seja quem está tentando passar a mensagem e não tem meios disponíveis. Neste caso, conforme argumentado na pesquisa, Rinpoche não possuía à esta altura, todas as ferramentas linguísticas em inglês para escrever o livro sozinho. E optou por pedir ajuda à Helen Tworikov, coautora, para traduzir o que queria dizer em inglês. A titulação de coautora de Helen Tworikov na capa do livro traz espaço para o questionamento: não deveriam os tradutores constarem na capa dos livros como coautores, em vez de tradutores, se o processo de tradução é um processo de cocriação? Esta questão será melhor desenvolvida como argumento na conclusão desta tese. No que se refere ao apoio paratextual com relação específica às diferenças lexicais dos dois textos aqui elencados, pode-se notar que ambos continuam a se diferenciar como os demais textos do livro, mas cumprem seu papel de apoio da mesma maneira: enquanto TA1 “vende” o texto por ser mais literário (por exemplo, “levar este livro a bom porto”), TA2 utiliza-se mais da estratégia da dramaticidade para a “venda”(por exemplo, “deixou o monastério” e “se deparar com as suas mortes”). Como o Agradecimento é da coautora, não havia também motivo para que ele fosse tão próximo do resto da escrita do livro, já que o livro representa a voz de Rinpoche, enquanto o Agradecimento representa a voz da coautora.	Em junho de 2011, Mingyur Rinpoche partiu do seu mosteiro na Índia para iniciar um retiro errante. Quando regressou, no outono de 2015, manifestou o seu interesse em partilhar as suas experiências relacionadas com a mudança e a impermanência; e em como poderiam ajudar um público mais geral, a enfrentar os nossos medos e as nossas mortes. Pediu a minha ajuda, e este livro nasceu de entrevistas que realizei com ele intermitentemente, entre 2016 e 2018. Para alargar a minha compreensão dos ensinamentos tradicionais relacionados com o nosso tema, baseei-me em Luminous Emptiness: A Guide to the Tibetan Book of the Dead, de Francesca Fremantle, e Preparing to Die: Practical Advice and Spiritual Wisdom from the Tibetan Buddhist Tradition, de Andrew Holecek. Estou grato à sabedoria acessível que estes livros nos proporcionam e pelo encorajamento que recebi de ambos os autores. Além do mais, gostaria de agradecer a Andrew Holecek pela atenção minuciosa que dedicou a este texto. Pelas suas respostas aos primeiros esboços, agradeço a James Shaheen da Tricycle, Carole Tonkinson da Bluebird Publications e Perna Chödrön, Dominie Cappadonna e Glenna Olmsted. Muitos membros da comunidade de Mingyur Rinpoche, Tergar, ajudaram este projeto de muitas formas. Agradeço a todos e a cada um e, em particular, a Cordand Dahl e a Tim Olmsted pelo apoio inabalável e pela ajuda na clarificação dos ensinamentos de Mingyur Rinpoche. Estou grata a Emma Sweeney, a nossa agente, pelo seu encorajamento inicial e por ter encaminhado este livro para a Spiegel & Grau. Obrigada a Cindy Spiegel e à sua equipa. O respeito de Cindy pela viagem de Mingyur Rinpoche, a sua curiosidade e a sua sensibilidade perante o material fizeram dela uma inspiradora aliada no processo de levar este livro a bom porto. Helen Tworikov Cape Breton, Nova Escócia agosto de 2018	Em junho de 2011, Mingyur Rinpoche deixou seu monastério na Índia para iniciar um retiro itinerante. Quando retornou, no outono de 2015, expressou seu interesse em compartilhar suas experiências relativas à mudança e à impermanência, considerando que pudessem ajudar o público mais amplo a enfrentar seus medos e a se deparar com as suas mortes. Rinpoche solicitou a minha ajuda, e este livro nasceu de entrevistas feitas com ele de forma intermitente entre 2016 e 2018. Para ampliar a minha compreensão dos ensinamentos tradicionais relacionados ao nosso tema, contei com o livro Vazio Luminoso - Para entender o clássico Livro Tibetano dos Mortos, de Francesca Fremantle, e Preparing to Die: Practical Advice and Spiritual Wisdom from the Tibetan Buddhist Tradition³, de Andrew Holecek. Sou grata pela sabedoria acessível disponibilizada por esses livros e pelo encorajamento que recebi de ambos os autores. Além disso, desejo agradecer a Andrew Holecek por sua minuciosa atenção a este manuscrito. Por suas contribuições aos esboços preliminares, agradeço a James Shaheen, da Tricycle, a Carole Tonkinson, da Bluebird Publications, e a Perna Chödrön, Dominie Cappadonna e Glenna Olmsted. Muitos membros do Tergar, a comunidade de Mingyur Rinpoche, deram apoio a este projeto de várias maneiras. Agradeço a cada um deles e, em particular, a Cortland Dahl e Tim Olmsted, pelo constante apoio e ajuda para esclarecer os ensinamentos de Mingyur Rinpoche. Sou grata a Emma Sweeney, nossa agente, por seu incentivo inicial e por encaminhar este livro para a Spiegel & Grau. Agradeço a Cindy Spiegel e sua equipe. O respeito de Cindy pela jornada de Mingyur Rinpoche, sua curiosidade e sensibilidade às ideias aqui apresentadas, a tornaram uma aliada inspiradora para a produção deste livro. Helen Tworikov Cape Breton, Nova Escócia Agosto de 2018

Tabela 4 - Paratexto Glossário em Tradução

Glossary/Glossário	In Love With the World - TF	Amar o Mundo - TA1	Apaixonado pelo Mundo - TA2	Comentários relativos às traduções do Glossário
ABSOLUTE REALITY	ABSOLUTE REALITY Used interchangeably with ultimate reality, this is the true nature of all things and is usually equated with emptiness.	REALIDADE ABSOLUTA Também referida como derradeira realidade, é a verdadeira natureza de todas as coisas, sendo normalmente associada ao vazio .	REALIDADE ABSOLUTA Usada de forma intercambiável com realidade suprema, essa é a verdadeira natureza de todas as coisas e geralmente é o mesmo que vacuidade .	A diferença entre vazio e vacuidade na explicação sobre "Realidade absoluta" é uma questão que parece simples, mas carrega um conceito fundamento para o budismo. Enquanto a tradutora brasileira (responsável por TA2 escreve 'vacuidade', a tradutora portuguesa entende como sinônimo de vazio - o que leva a resultados diferentes de fundamento. Afinal, a característica se difere do ente como se o vazio fosse uma coisa, o nada, a vacuidade uma ausência de algo. O vazio pressupõe falta, o "nada em essência", conforme disse a tradutora brasileira, a vacuidade não. E isso é uma diferença profunda para a compreensão do conceito, já que a falta traz com ela de alguma forma, uma necessidade de preenchimento. Além disso, o sufixo "ness" de emptiness precisa ser observado, como se verá na explicação sobre "awareness", abaixo.
AWARENESS	AWARENESS The innate, ever-present, nonconceptual knowing quality of mind. There is only one awareness, yet we experience awareness in three different ways: See normal awareness; meditative awareness; pure awareness.	CONSCIÊNCIA A qualidade da mente sabedora inata, onnipresente, não conceptual. Existe apenas uma consciência. Contudo, experienciamos a consciência de três formas diferentes. Ver consciência normal; consciência meditativa; consciência pura.	CONSCIÊNCIA PLENA A qualidade da mente inata, sempre presente e não conceitua!. Existe apenas uma consciência plena, contudo, a vivenciamos de três maneiras diferentes: Ver a consciência normal; consciência meditativa; consciência plena pura.	A adição do adjetivo permite uma caracterização específica do significado, fundamento da compreensão da ideia por trás do significado. Mindfullness é geralmente traduzido por Atenção Plena. Mindfull Atento ou consciente. Awareness carrega um sufixo que geralmente designa "cheio de", ou seja, "pleno". Como existem no livro outros conceitos que acompanham Awareness (pure awareness, meditative awareness, naked awareness) talvez tenha sido o motivo para a tradutora portuguesa deixar de fora o conceito "cheio de" ou "pleno" na tradução de awareness. Mas não é o que é utilizado com frequência na tradução em publicações relativas a meditação.

BARDO	BARDO Commonly used to describe an intermediate state between one life. and the next; also understood as stages in one's journey through life and death, which can be interpreted as either physical processes or as states of mind during this lifetime; each bardo state provides heightened opportunities to recognize unconditioned reality. In this book, six bardos are referenced: the bardo of this life; the bardo of meditation; the bardo of sleep and dreams; the bardo of dying; the bardo of dharmata; the bardo of becoming.	BARDO Usado comumente para descrever um estado intermediário entre uma vida e a seguinte; também entendido como as fases da viagem de uma pessoa pela vida e pela morte, que pode ser interpretado como processos físicos ou estados da mente ao longo da vida presente; cada estado do bardo proporciona oportunidades intensificadas de reconhecer a realidade não condicionada. Este livro menciona seis bardos: o bardo da vida presente; o bardo da meditação; o bardo do sono e dos sonhos; o bardo de morrer; o bardo do dharmata; o bardo do ressurgimento.	BARDO Comumente usado para descrever um estado intermediário entre uma vida e outra; também entendido como estágios em sua jornada pela vida e pela morte, que podem ser interpretados como processos físicos ou como estados mentais durante esta vida; cada estado do bardo oferece grandes oportunidades para reconhecermos a realidade não condicionada. Este livro faz referência a seis bardos: o bardo desta vida; o bardo da meditação; o bardo do sono e dos sonhos; o bardo da morte; o bardo de dharmata; o bardo do renascimento.	Ver Bardo of Becoming

THE BARDO OF THIS LIFE	THE BARDO OF THIS LIFE Existence from first breath until the onset of irreversible conditions that lead to death; considered the best opportunity for becoming familiar with our minds, and awakening to our true nature. Meditation is the most effective way to accomplish this, and in some bardo systems, meditation practice as well as the practices of sleep and dreams are included in the bardo of this life. In others, the bardo of meditation, and the bardo of sleep, and dreams are presented as separate categories, but the teachings are similar. With sleep meditation, the practitioner trains to remain aware of the dissolution of the sensory system as the body falls asleep, an activity that parallels the process of physical death. In the bardo of sleep and dreams, one trains to wake up within a dream, which allows for directing one's activities within the dream state; this training emphasizes the impermanent, mutable, insubstantial quality of dream forms, and introduces the essential inseparability between daytime and nighttime reality. Within the bardo of this life, meditations on emptiness, as well as sleep and dream meditations, reflect mind states that arrive unbidden at the time of physical death.	BARDO DA VIDA PRESENTE A existência desde a primeira respiração até ao aparecimento de condições irreversíveis que conduzem à morte; é considerado a melhor oportunidade de nos familiarizarmos com a nossa mente e de despertarmos para a nossa verdadeira natureza. A meditação é a forma mais eficaz de alcançar e, nalguns sistemas de bardo, a prática da meditação, bem como as práticas do sono e dos sonhos, estão incluídas no bardo da vida presente. Noutros sistemas, o bardo da meditação e o bardo do sono e dos sonhos são apresentados como categorias separadas, mas os ensinamentos são semelhantes. Com a meditação do sono, o praticante treina para se manter consciente da dissolução do sistema sensorial quando o corpo está a adormecer, uma atividade que encontra paralelo no processo da morte física. No bardo do sono e dos sonhos, treinamos para despertar dentro de um sonho, o que nos permite direcionar as nossas atividades dentro do estado de sonho; este treino sublinha a qualidade impermanente, mutável e insubstancial das formas oníricas, e introduz a inseparabilidade essencial entre as realidades diurna e noturna. Dentro do bardo da vida presente, as meditações sobre o vazio, bem como as meditações do sono e do sonho, refletem estados da mente que surgem espontaneamente no momento da morte física.	BARDO DESTA VIDA Existência desde a primeira respiração até o início das condições irreversíveis que levam à morte; considerada a melhor oportunidade para nos familiarizarmos com a nossa mente e despertar para a nossa verdadeira natureza. A meditação é a maneira mais eficaz para fazer isso e, em alguns sistemas de bardo, a prática da meditação, bem como as práticas do sono e dos sonhos, estão incluídas no bardo desta vida. Em outros, o bardo da meditação e o bardo do sono e dos sonhos são apresentados como categorias separadas, mas os ensinamentos são semelhantes. Com a meditação do sono, o praticante treina para permanecer consciente da dissolução do sistema sensorial enquanto o corpo adormece, uma atividade que se assemelha ao processo da morte física. No bardo do sono e dos sonhos, a pessoa treina para acordar dentro de um sonho, o que lhe permite direcionar as atividades enquanto está sonhando; esse treinamento enfatiza a qualidade impermanente, mutável e insubstancial das formas oníricas e nos apresenta a inseparabilidade fundamental entre a realidade diurna e a realidade noturna. Dentro do bardo desta vida, as meditações sobre vacuidade, assim como as meditações do sono e dos sonhos, refletem estados mentais que aparecem espontaneamente no momento da morte física.	

BARDO OF DYING	BARDO OF DYING The stage that marks the onset of irreversible physical decline until the liberation of the mind from the body. At the time of physical death, everyone experiences the dissolution of the elements, as well as the luminous emptiness of mind as it approaches its final separation from the body. Liberation within the bardo of dying comes with the recognition of this luminosity. As a mind state, the bardo of dying refers to the continuai endings of all phenomena including breaths, thoughts, forms, situations, and mental states.	BARDO DE MORRER Fase que assinala o início do declínio físico irreversível até que a mente se liberte do corpo. No momento da morte física, toda a gente percebe a dissolução dos elementos, bem como o vazio luminoso da mente à medida que se aproxima da separação final do corpo. A libertação dentro do bardo de morrer vem com o reconhecimento desta luminosidade. Como estado da mente, o bardo de morrer refere-se aos contínuos fins de todos os fenómenos, incluindo respirações, pensamentos, formas, situações e estados mentais.	BARDO DA MORTE O estágio que marca o início do declínio físico irreversível até a mente se libertar do corpo. No momento da morte física, todos vivenciam a dissolução dos elementos, assim como a vacuidade luminosa da mente à medida que ela se aproxima da sua separação final do corpo. A liberação dentro do bardo da morte vem com o reconhecimento dessa luminosidade. Como um estado mental, o bardo da morte refere-se aos constantes términos de todos os fenômenos, incluindo respirações, pensamentos, formas, situações e estados mentais.	
BARDO OF DHARMATA	BARDO OF DHARMATA A dreamlike state that follows physical death. Waking up in our dreams within this life increases our capacity to wake up within the bardo of dharmata..	BARDO DO DHARMATA Traduzido como «talidade» ou «realidade», o bardo do dharmata refere-se a um estado parecido com o do sonho que se segue à morte física. Acordar dentro dos nossos sonhos dentro da vida presente aumenta a nossa capacidade de despertar dentro do bardo do dharmata.	BARDO DE DHARMATA Traduzido como "talidade" ou "realidade", o bardo de dharmata refere-se a um estado onírico que se segue à morte física. Acordar dentro dos nossos sonhos enquanto estamos nesta vida aumenta a nossa capacidade de despertar dentro do bardo de dharmata.	

BARDO OF BECOMING	BARDO OF BECOMING The mind is released from its familiar physical and/or mental environment and journeys forth in an immaterial form, which is nonetheless influenced by a lifetime of habitual tendencies, as it seeks a new embodiment; a state of mind that, through physical or mental dissolution, loses its familiar moorings, and seeks to re-identify with form.	BARDO DO RESSURGIMENTO A mente é libertada do ambiente físico e/ou mental que lhe é familiar e continua a sua viagem sob uma forma imaterial que, no entanto, continua a ser influenciada por uma vida de tendências de hábito, já que está à procura de uma nova incorporação; um estado da mente que, através da dissolução física ou mental, perde as suas âncoras familiares e procura reidentificar-se com uma forma.	BARDO DO RENASCIMENTO A mente é liberada de seu ambiente físico e/ou mental familiar e segue sua jornada para uma forma imaterial que é, no entanto, influenciada por uma vida de tendências habituais, enquanto busca uma nova encarnação; um estado mental que, por meio da dissolução física ou mental, perde seus vínculos familiares e procura se reidentificar com a forma.	É cabível discutir a diferença entre [ressurgimento] e [renascimento]: etimologicamente, o primeiro vem de aparecer novamente ou surgir novamente, enquanto o segundo vem de nascer novamente, ou seja, traz em si a ideia de concepção. No original em inglês, [becoming] tem a origem etimológica em vir novamente, o que não especifica se sugiu - como o primeiro - ou nasceu - como o segundo. Mais coerente com o explicado no significado de Dharmata, já que, está "além de crenças e conceitos" - o que pode-se concluir que ultrapassa a crença em reencarnação ou aparecimento espontâneo, já que ultrapassa crenças. Neste ponto, VIR NOVAMENTE pode estar mais ligado à tradução do TA1 [ressurgimento], pois não seleciona a ideia de nascimento (mesmo que não a exclua) - e portanto independe de geração de uma vida (por exemplo, segundo a concepção católica, Jesus ressurgiu, não renasceu). Assim, pode-se entender como ideias distintas passíveis de discussão.
BODH GAYA	BoDH GAYA A town in the north-central Indian state of Bihar; site of the Mahabodhi Temple and identified as the place where the historical Buddha Shakyamuni woke up under a bodhi tree. Home to Mingyur Rinpoche's Kagyu Tibetan monastery, Tergar.	BODH GAYA Pequena cidade no estado de Bihar, no Centro-Norte da Índia; está lá situado o Templo de Mahabodhi, sendo identificado como o lugar onde o Buda Shakyamuni histórico acordou sob uma árvore bodhi. É onde está instalado o mosteiro tibetano da linhagem Kagyu de Mingyur Rinpoche, Tergar.	BODH GAYA Cidade no estado indiano de Bihar, no centro-norte da Índia; onde se situa o Templo Mahabodhi, identificado como o local onde o Buda Shakyamuni (o Buda histórico) se iluminou sob uma árvore Bodhi. Local onde se situa o Tergar, monastério tibetano Kagyu de Mingyur Rinpoche.	Aqui se observa a diferença entre a tradutora portuguesa e brasileira, no que se refere à proximidade com o budismo. A adição da explicação feita pela tradutora portuguesa é mais própria porque explica para o público leigo que Kagyu é uma linhagem budista, enquanto a tradutora brasileira, que assumiu na entrevista fazer parte da comunidade budista por muito tempo se esqueceu dessa importante adição que é fundamental para levar ao público leigo o entendimento do significado. O que parece favorecer no caso de algumas palavras e conceitos, aqui se demonstra o contrário. O desconhecimento da tradutora portuguesa foi responsável por ela igualar a relação de significado com o público leigo, justamente porque ela faz parte do público leigo - como disse na entrevista.

BUDDHA	BUDDI-IA (Skt.) Enlightened being; one who wakes up to the true nature of reality.	BUDA (Sc.) Ser iluminado; aquele que acorda para a verdadeira natureza da realidade.	BUDA (sânc.) Ser iluminado; aquele que desperta para a verdadeira natureza da realidade.	A diferença encontrada na escolha distinta das palavras acordar e despertar diz respeito à utilização pela comunidade budista bem como à etimologia. [desperta] vem de "esperto", "vigilante", de "tomada de consciência". Acordar pode ser "sair do estado de dormência", mas "permanecer sem atenção". Cabe notar que a tradutora de TA1 usou [despertar] na tradução da explicação de MAHABODHI TEMPLE, na linha 31 quando traduziu [the awakening]. Foi coerente com a tradução literal, mas questionável em termos funcionais com a comunidade budista que constantemente usa o [despertar] de Buda.
BUDDHA NATURE	BUDDHA (Skt.) NATURE The fundamental nature of all beings-the empty , luminous, and compassionate essence of mind that is uncovered on the spiritual path.	NATUREZA DE BUDA (Sc.) Natureza fundamental de todos os seres - a essência vazia , luminosa e compassiva da mente que é revelada no caminho espiritual.	NATUREZA BÚDICA (sânc.) A natureza fundamental de todos os seres - a essência vazia , luminosa e compassiva da mente que é desvelada no caminho espiritual.	Aqui se observa a coerência ao se contrapor empty / vazia e emptiness e vacuidade já explicado no conceito quando o sufixo ness acompanha awareness e emptiness
CALM ABIDING	CALM ABIDING (Skt.: shamata) Refers to a mind that abides in its own steadiness, independent of external circumstances; cultivated through meditative awareness.	CALMA MENTAL (Sc.: shamata) Refere-se a uma mente que se submete à sua própria constância, independente de circunstâncias externas; cultivada através da consciência meditativa.	CALMO REPOUSAR (sânc. shamatha) Refere-se à mente que permanece em sua própria estabilidade, independentemente das circunstâncias externas, e que é cultivada por meio da consciência meditativa.	Neste quadro, o verbo “abiding” se relaciona mais ao estado do que à mente.
CLARITY	CLARITY An inherent aspect of awareness; the knowing quality of mind.	CLARIDADE Aspeto inerente da consciência, a qualidade da mente sabedora.	CLAREZA Um aspecto inerente à consciência plena, a qualidade conhecedora da mente.	Neste quadro claridade se refere ao estado ou qualidade de ser claro, brilhante, enquanto clareza se refere a qualidade de ser claro ou à qualidade de ser compreensível. São sinônimos, mas com ligeira diferença semântica.
COMPASSION	COMPASSION An inherent quality of buddha nature or basic goodness that manifests as a wish to alleviate suffering; its ultimate expression is accessed through the wisdom of emptiness.	COMPAIXÃO Qualidade inerente da natureza de buda ou bondade básica que se manifesta como um desejo de aliviar o sofrimento; a sua expressão por excelência acede-se através da sabedoria do vazio.	COMPAIXÃO Uma qualidade inerente da natureza búdica, ou bondade básica, que se manifesta como um desejo de aliviar o sofrimento; sua expressão final é acessada por meio da sabedoria da vacuidade.	No terceiro quadro novamente há a diferença já abordada entre vazio e vacuidade.

CREMATION STUPA	CREMATION STUPA Formally called Ramabhar Stupa; located in Kushinagar, India, it is a memorial mound that covers some of the ashes and relics of the historical Buddha on the site of his cremation (c. 483 BCE).	ESTUPA DA CREMAÇÃO Formalmente designada por Estupa de Ramabhar; situada em Kushinagar, na Índia, é um monumento sob a forma de uma elevação tumular que cobre algumas das cinzas e das relíquias do Buda histórico, no local da sua cremação (aprox. 483 a. C.).	ESTUPA DA CREMAÇÃO Formalmente chamada de Stupa Ramabhar; localizada em Kushinagar, na Índia, é um túmulo memorial que guarda algumas das cinzas e relíquias do Buda histórico no local de sua cremação (cerca de 483 AEC).	Não apresenta necessidade de comentários.
DHARMA	DHARMA (Skt.) This term can refer to the natural law and to phenomena; most commonly, it refers to the Buddhist teachings. It is capitalized when used as one of the three jewels in which a Buddhist takes refuge: Buddha, Dharma, and Sangha.	DHARMA (Sc.) Este termo pode referir-se à lei natural e a fenómenos; mais frequentemente, refere-se aos ensinamentos budistas. É referido com maiúscula quando é usado como uma das três joias em que um budista se refugia: Buda, Dharma e Sangha.	DHARMA (sânc.) Este termo pode se referir à lei natural e aos fenômenos; mais comumente, refere-se aos ensinamentos budistas. É usado em letra maiúscula quando se refere a uma das Três Joias em que um budista se refugia: Buda, Dharma e Sangha.	Não apresenta necessidade de comentários.
DHARMATA	DHARMATA Translated as "suchness" or "reality." The true nature of things that is beyond all beliefs and concepts.	DHARMATA A verdadeira natureza das coisas que ultrapassa todas as crenças e todos os conceitos.	DHARMATA A verdadeira natureza das coisas que está além de todas as crenças e conceitos.	Não apresenta necessidade de comentários.
DILGO KHYENTSE RINPOCHE	DILGO KHYENTSE RINPOCHE (1910-91) Born in Tibet, Dilgo Khyentse Rinpoche is regarded as one of the greatest Tibetan masters; following the Chinese takeover of Tibet, he was instrumental in maintaining the continuity of the teachings for the Tibetan communities of monks and laypeople in exile, as well as in bringing Buddhism to the West.	DILGO KHYENTSE RINPOCHE (1910-1991) Nascido no Tibete, Dilgo Khyentse Rinpoche é considerado um dos maiores mestres tibetanos; depois da anexação do Tibete pela China, foi crucial para manter a continuidade dos ensinamentos às comunidades tibetanas de monges e leigos no exílio, bem como para trazer o budismo para o Ocidente.	DILGO KHYENTSE RINPOCHE (1910-1991) Nascido no Tibete, Dilgo Khyentse Rinpoche é considerado um dos maiores mestres tibetanos; após os chineses tomarem o Tibete, ele foi fundamental para manter a continuidade dos ensinamentos das comunidades tibetanas de monges e leigos no exílio, bem como para levar o Budismo para o Ocidente.	Não apresenta necessidade de comentários.

DUKKHA	DUKKHA (Skt.) Suffering and dissatisfaction; a state of mind that creates and perpetuates mental anguish by misperceiving reality as it-is and identifying with a rigid conception of self. Liberation is made possible by recognizing that suffering is created by mental misperception and is not intrinsic to one's basic nature or external circumstances.	DUKKHA (Se.) Sofrimento e insatisfação; um estado da mente que cria e perpetua a angústia mental, mediante uma falsa percepção da realidade como ela é, e identificando-se com uma concepção rígida do eu. É possibilitada a libertação mediante o reconhecimento de que o sofrimento é criado por falsas percepções mentais e que não é intrínseco à nossa natureza básica nem às circunstâncias externas.	DUKKHA (sânc.) Sofrimento e insatisfação; um estado mental que cria e perpetua a angústia mental por perceber erroneamente a realidade como ela é e se identificar com uma concepção rígida do eu. A libertação é possível pelo reconhecimento de que o sofrimento é criado pela interpretação mental equivocada, e ele não é intrínseco à natureza básica da pessoa ou às circunstâncias externas.	Não apresenta necessidade de comentários.
EMPTINESS	EMPTINESS The underlying nature of all phenomena; the recognition that contrary to conventional perception, all appearances are empty of lasting qualities, empty of substance and of independent identity. Despite subtle differences, emptiness is often used interchangeably with absolute reality.	VAZIO Natureza que subjaz a todos os fenômenos; reconhecimento de que, ao contrário da percepção convencional, todas as aparências são vazias de qualidades duradouras, vazias de substância e de identidade independente. Apesar de haver diferenças sutis, o vazio é muitas vezes designado por realidade absoluta.	VACUIDADE A natureza subjacente a todos os fenômenos; o reconhecimento de que, contrariamente à percepção convencional, todas as aparências são vazias de qualidades duradouras, vazias de substância e de identidade independente. Apesar de diferenças sutis, o termo vacuidade é muitas vezes usado de maneira intercambiável com realidade absoluta.	Como disse a tradutora brasileira em sua entrevista, "[...]na verdade a gente optou por traduzir como “vacuidade”, para não dar o sentido de “vazio” como “nada”, ou seja, não “existe nada em essência[...]"
ENLIGHTENMENT	ENLIGHTENMENT A state of being in which one's buddha nature the union of clarity and emptiness - has been fully realized.	ILUMINAÇÃO Um estado do ser em que a natureza de buda da pessoa - a união entre a claridade e o vazio - foi plenamente realizada.	ILUMINAÇÃO Estado do ser em que a natureza búdica - a união de clareza e vacuidade - foi plenamente realizada.	Não apresenta necessidade de comentários.
THE FIRST NOBLE TRUTH	THE FIRST NOBLE TRUTH The truth that in order to liberate ourselves from suffering, we must first examine its nature and experience its self-created qualities.	PRIMEIRA VERDADE NOBRE A verdade de que, para nos libertarmos do sofrimento, primeiro temos de examinar a sua natureza e vivenciar as suas qualidades autocriadas.	PRIMEIRA NOBRE VERDADE A verdade de que, a fim de nos libertarmos do sofrimento, devemos primeiro examinar a sua natureza e experienciar suas qualidades autocriadas.	Neste quadro, a mudança da ordem muda a ênfase no que se pretende: “primeira verdade nobre” e “primeira nobre verdade”.
GOD REALM	GOD REALM See six realms.	REINO DOS DEUSES Ver Seis reinos.	REINOS DOS DEUSES Ver seis reinos	Não apresenta necessidade de comentários.

GURU	GURU (Skt.) A spiritual teacher or guide.	GURU (Sc.) Professor ou guia espiritual.	GURU (sâncsc.) Um professor ou guia espiritual.	Não apresenta necessidade de comentários.
IMPERMANENCE	IMPERMANENCE The idea that all conditioned phenomena change and that everything that arises with sooner or later dissolve. Our usual attempts to fix in place what inevitably changes denies the truth of impermanence and is one of the main causes of suffering.	IMPERMANÊNCIA Ideia de que todos os fenômenos condicionados mudam e que tudo o que surge irá dissolver-se mais cedo ou mais tarde. As nossas tentativas habituais de imobilizar no mesmo sítio aquilo que inevitavelmente muda negam a verdade da impermanência e são uma das principais causas de sofrimento.	IMPERMANÊNCIA A ideia de que todos os fenômenos condicionados mudam, e que tudo o que surge, mais cedo ou mais tarde, se dissolverá. Nossas tentativas habituais de tentar fixar o que inevitavelmente muda negam a verdade da impermanência, e são uma das principais causas do sofrimento.	Não apresenta necessidade de comentários.
KAGYU	KAGYU One of the four main lineages of Tibetan Buddhism.	KAGYU Uma das quatro principais linhagens do budismo tibetano.	KAGYU Uma das quatro principais linhagens do Budismo Tibetano.	Não apresenta necessidade de comentários.
KARMA	KARMA The principle of cause and effect: Virtuous actions intended to diminish suffering for oneself and others are the cause of future positive experiences; nonvirtuous actions cause negative experiences. Future may be the next moment, year, or lifetime.	KARMA Princípio de causa e efeito: as ações virtuosas com a intenção de reduzir o sofrimento próprio e o dos outros são causa de experiências positivas no futuro; ações não virtuosas causam experiências negativas. O <i>futuro</i> pode ser o momento, o ano ou a vida seguintes.	KARMA O princípio de causa e efeito: ações virtuosas destinadas a diminuir o sofrimento para si e para os outros são a causa das experiências positivas futuras; ações não virtuosas causam experiências negativas. Futuro pode ser o próximo momento, o próximo ano ou a próxima vida.	Não apresenta necessidade de comentários.
KUSHINAGAR	KUSHINAGAR aka Kusinara, Kushinagara. A town in the northwest in Indian state of Uttar Pradesh where the historical Buddha passed away c. 483 BCE.	KUSHINAGAR ou Kusinara, Kushinagara. Pequena cidade de Uttar Pradesh, no Noroeste da Índia, onde o Buda histórico faleceu em aprox. 483 a. C.	KUSHINAGAR, KUSINARA OU KUSHINAGARA. Cidade a noroeste do estado indiano de Uttar Pradesh, onde o Buda histórico morreu por volta de 483 AEC.	Não apresenta necessidade de comentários.
LAMA SOTO	LAMA SOTO (c. 1945-2012) Born in the Kham region of Tibet, he escaped from the Chinese and went to study at Sherab Ling Monastery, where Mingyur Rinpoche was his retreat master (1993 - 96). From 2001 to 2011, he was Mingyur Rinpoche's attendant.	LAMA SOTO (aprox. 1945-2012) Nascido na região de Kham, no Tibete, conseguiu fugir aos Chineses e foi estudar no Mosteiro de Sherab Ling, onde Mingyur Rinpoche era o seu mestre de retiro (1993-1996). Foi ajudante de Mingyur Rinpoche de 2001 a 2010.	LAMA SOTO (1945-2012) Nascido na região de Kham, no Tibete, conseguiu escapar dos chineses e foi estudar no Monastério Sherab Ling, onde Mingyur Rinpoche foi seu mestre de retiro (1993-1996). Foi atendente de Mingyur Rinpoche de 2001 a 2010.	Não apresenta necessidade de comentários.

LUMINOUS EMPTINESS	LUMINOUS EMPTINESS The nature of mind, which is ungraspable and beyond concepts, yet manifests as the capacity to know and experience.	VAZIO LUMINOSO Natureza da mente, que não pode ser agarrada e que está além dos conceitos, mas que se manifesta como a capacidade de saber e experienciar.	VAZIO LUMINOSO A natureza da mente, que é inconcebível e está além de conceitos, e ainda assim se manifesta como a capacidade de conhecer e experienciar.	Aqui observa-se a coincidência tradutória que não houve no fundamento da diferença, quando foi diferenciado o Vazio de Vacuidade. Há alguma inconsistência na escolha tradutória por Vazio Luminoso no lugar de Vacuidade Luminosa. Se Emptiness foi traduzido por Vacuidade e não Vazio, Luminous Emptiness deveria ter sido traduzido por Vacuidade Luminosa para a "coerência funcional".
MAHABODHI TEMPLE	MAHABODHI TEMPLE Temple complex in Bodh Gaya, India, that commemorates the awakening of the historical Buddha, Shakyamuni, in approximately 533 BCE.	TEMPLO DE MAHABODHI Complexo de templos em Bodh Gaya, na Índia, que comemora o despertar do Buda histórico, Shakyamuni, em cerca de 533 a. C.	TEMPLO MAHABODHI Complexo de templos de Bodh Gaya, na Índia, construído para celebrar o despertar do Buda histórico, Shakyamuni, em aproximadamente 533 AEC.	Aqui faltou a coerência funcional na tradução de TA1. Em Buddha o verbo usado foi acordar e não despertar. No entanto, "despertar" é o verbo utilizado para falar do processo de iluminação de Buda. O despertar para o budismo se refere à realização espiritual e à compreensão profunda da realidade.
MANDALA PRACTICE	MANDALA (Skt.) PRACTICE One of the primary practices of Tibetan Buddhism; through a sequence of offerings, the accumulations of merit and wisdom are established. In the bardo of dying, exercises for consciously letting go of our attachments help ease the transition from living to dying.	PRÁTICA DA MANDALA (Sc.) Uma das principais práticas do budismo tibetano; através de uma sequência de oferendas, são estabelecidas as acumulações de mérito e sabedoria. No bardo de morrer, exercícios de libertação consciente dos nossos apegos ajudam a facilitar a transição da vida para a morte.	PRÁTICA DA MANDALA (sâncsc.) Uma das práticas preliminares do Budismo Tibetano; por meio de uma sequência de oferendas, estabelecem-se as acumulações de mérito e sabedoria. No bardo da morte, exercícios para consciente- mente abrir mão dos nossos apegos ajudam a facilitar a transição da vida para a morte.	Não apresenta necessidade de comentários.
MANTRA	MANTRA (Skt.) Man means "mind," and tra means "protection"; a sequence of Sanskrit syllables understood to embody the wisdom of a particular deity; recited in repetitions as prayer, supplication, or invocation.	MANTRA (Se.) Man significa «mente» e tra significa «proteção»; sequência de sílabas em sânscrito que se entende incorporarem a sabedoria de uma determinada divindade; recitado repetidamente como oração, suplicação ou invocação.	MANTRA (sâncsc.) Man significa "mente" e tra significa "proteção"; sequência de sílabas sânscritas que incorporam a sabedoria de uma deidade específica; em geral, é recitado repetidas vezes como prece, súplica ou invocação.	Não apresenta necessidade de comentários.

MARPA	MARPA (1012-97) Born in Tibet. Known as Marpa the Translator, he made several trips to India in order to bring oral transmissions to Tibet and translated many Sanskrit texts into Tibetan; the teacher of Milarepa.	MARPA Nascido no Tibete (1012-1997); conhecido como Marpa, o Tradutor, realizou várias viagens à Índia para levar transmissões orais para o Tibete, e traduziu muitos textos de sânscrito para tibetano; professor de Milarepa.	MARPA Nasceu no Tibete (1012-1097); conhecido como Marpa, o Tradutor, fez várias viagens à Índia para trazer as transmissões orais dos ensinamentos budistas para o Tibete e traduziu muitos textos em sânscrito para o tibetano; foi o professor de Milarepa.	Não apresenta necessidade de comentários.
MEDITATION	MEDITATION Working with the mind in an intentional way in order to recognize its inherently wakeful qualities.	MEDITAÇÃO Trabalhar com a mente de forma intencional para reconhecer as suas qualidades inerentemente despertas.	MEDITAÇÃO Trabalhar com a mente de maneira intencional para reconhecer as suas qualidades inerentemente despertas.	Não apresenta necessidade de comentários.
MEDITATIVE AWARENESS	MEDITATIVE AWARENESS This state of mind occurs when the mind turns inward and begins to recognize that awareness is an inherent characteristic of mind; the beginning of awareness recognizing itself. The emphasis on outside objects shifts to inherent, internal qualities. With meditative awareness, the mind rests comfortably without reaching toward or reacting to objects of sensory perception. Also called steady awareness.	CONSCIÊNCIA MEDITATIVA Este estado da mente ocorre quando a mente se volta para dentro e começa a reconhecer que a consciência é uma característica inerente da mente; quando a mente começa a reconhecer-se a si mesma. A ênfase nos objetos externos traslada-se para as qualidades inerentes e internas. Com a consciência meditativa, a mente repousa confortavelmente sem querer agarrar nem reagir a objetos de percepção sensorial. Também chamada consciência estável.	CONSCIÊNCIA MEDITATIVA Esse estado mental ocorre quando a mente se volta para dentro e começa a reconhecer que a consciência plena é uma característica inerente da mente; é o início da consciência plena reconhecendo a si mesma. A ênfase em objetos externos muda para as qualidades internas inerentes. Com a consciência meditativa, a mente repousa confortavelmente sem ir em direção - ou reagir - aos objetos de percepção sensorial. Também chamada de consciência plena estável.	Aqui um exemplo de uma incoerência funcional, já que a tradutora brasileira optou por não traduzir "meditative awareness" por "consciência plena meditativa". Se ela traduziu "pure awareness", "naked awareness" e "steady awareness" como "consciência plena pura", "consciência plena nua" e "consciência plena estável", deveria ter traduzido como "consciência plena meditativa", ou "plena consciência meditativa" e "consciência plena normal" ou "plena consciência normal" no termo "normal awareness" - o que também não foi feito.

MILAREPA	MILAREPA (1040-1123) Born in Tibet. Tibet's most beloved yogi, renowned for his solitary practice in the inhospitable Himalayan wilderness, for attaining buddhahood in one lifetime, and for transmitting enlightened wisdom through spontaneous songs of realization.	MILAREPA Nascido no Tibete (1040-1123 d. C.). O yogi mais apreciado do Tibete, célebre pela sua prática solitária no inóspito meio natural dos Himalaia, por ter alcançado o estado de buda numa só vida e por transmitir a sabedoria da iluminação através de canções espontâneas de realização.	MILAREPA Nasceu no Tibete (1040-1123). O iogue mais amado do Tibete, renomado por sua prática solitária no inóspito deserto do Himalaia, por alcançar o estado búdico em uma única vida e por transmitir a sabedoria iluminada por meio de canções espontâneas de realização.	Apesar do glossário não trazer a palavra logue ou Yogi, as tradutoras diferenciaram a forma de escrevê-la. Enquanto Carma foi escrito em sua versão portuguesa pela tradutora TA1, a tradutora TA2 optou pela escrita Karma, versão em sânscrito. No entanto, a opção pela versão portuguesa de iogue foi feita pela tradutora TA2 em oposição à tradutora TA1. Nota-se que as duas optaram por Buda, em vez de Buddha. O que sugere que logue e Carma seriam as opções tradutórias funcionais mais coerentes.
MONKEY MIND	MONKEY MIND The mind that chatters to itself uncontrollably, that grasps after the continuous appearance of forms and cannot let go of self-preoccupation.	MENTE DE MACACO Mente que tagarela consigo mesma descontroladamente que se apegue à contínua aparência das formas e que não consegue libertar-se da autopreocupação.	MENTE DO MACACO A mente que tagarela consigo mesma incontrolavelmente, se apegue ao aparecimento contínuo das formas e não consegue deixar de se preocupar consigo mesma.	Tanto no português brasileiro quanto no português europeu, há preposição para indicar posse ou origem. No caso, a mente de macaco ou mente do macaco indicam posse. No entanto, no português brasileiro, a tradutora utiliza-se da coloquialidade da fusão da preposição com contração "de" + "o" para designar o gênero singular masculino. A escolha é mais pela coloquialidade, portanto, do que pela correção gramática, já que as duas procedem.
MOTHER AND CHILD REUNION	MOTHER AND CHILD REUNION The merging of the familiarity of the empty, luminous nature of mind that one experiences in meditation with the experience of the boundless -luminosity that accompanies the moment of physical death.	REUNIÃO DE MÃE E FILHO Fusão da familiaridade da natureza vazia e luminosa da mente que se vivencia na meditação com a experiência da luminosidade infinita que acompanha o momento da morte física.	REENCONTRO DE MÃE E FILHO A fusão da familiaridade da natureza vazia e luminosa da mente que o praticante vivencia na meditação com a experiência da ilimitada luminosidade que acompanha o momento da morte física.	Na etimologia da palavra, a tradução correta seria reunião, conforme o inglês e a tradução TA1 - português europeu. No entanto, no Brasil o coloquial e a oralidade já firmaram o conceito de que a utilização do significante "reunião" se liga ao significado de trabalho, escritório. Apesar de ser um hábito brasileiro a utilização de reunião familiar, soa menos formal, menos trabalho e menos escritório a palavra "reencontro". Assim, a tradutora do português brasileiro utiliza-se de uma adequação cultural para a sua tradução.
NAGI GOMPA	NAGI GOMPA A nunnery in the Kathmandu Valley, and the hermitage of Tulku Urgyen Rinpoche, Mingyur Rinpoche's father.	NAGI GOMPA Convento de monjas no vale de Catmandu e eremitério de Tulku Urgyen Rinpoche, pai de Mingyur Rinpoche.	NAGI GOMPA Convento situado no vale de Katmandu, eremitério de Tulku Urgyen Rinpoche, pai de Mingyur Rinpoche.	Não apresenta necessidade de comentários.

NAKED AWARENESS	NAKED AWARENESS A state of mind in which awareness recognizes itself, liberated from thoughts and concepts.	CONSCIÊNCIA DESPIDA Estado da mente em que a consciência se reconhece a si mesma, liberta de pensamentos e conceitos.	CONSCIÊNCIA PLENA NUA Um estado mental em que a consciência plena se reconhece, liberada de pensamentos e conceitos.	Aqui pode-se notar a coerência funcional da tradutora brasileira que escolheu manter a adjetivação plena ao traduzir naked awareness como consciência plena nua, o que será observado, não foi feito em normal awareness.
NALANDA UNIVERSITY	NALANDA UNIVERSITY A Buddhist training center that thrived from approximately the fourth to the twelfth centuries; located in modern day Bihar, India. Its extensive archaeological remains are now a UNESCO World Heritage Site.	UNIVERSIDADE DE NALANDA Centro de treino budista que conheceu grande atividade entre aproximadamente os séculos IV e XII; situado onde hoje fica Bihar, na Índia. Os seus extensos vestígios arqueológicos são atualmente Património Mundial da UNESCO.	UNIVERSIDADE DE NALANDA Um centro de treinamento budista que prosperou aproximadamente entre os séculos IV e XII; localizado na moderna Bihar, Índia. Suas vastas ruínas arqueológicas são agora Patrimônio Mundial da UNESCO.	Não apresenta necessidade de comentários.
NAROPA	NAROPA (1016-1100) An exceptional scholar, dialectician, and abbot of the legendary Buddhist university Nalanda. Having confronted his imperfect understanding, Naropa abandoned his secure position to study with the eccentric itinerant yogi Tilopa.-He later transmitted these teachings to Marpa, his principal disciple.	NAROPA (1016-1100 d. C.) Erudito, dialético e abade excepcional da lendária universidade budista de Nalanda. Confrontado com a sua compreensão imperfeita, Naropa abandonou a sua posição segura para estudar com o excêntrico yogi itinerante Tilopa. Posteriormente, transmitiu estes ensinamentos a Marpa, o seu principal discípulo.	NAROPA (1016-1100) Um erudito excepcional, praticante da dialética e abade da lendária universidade budista de Nalanda. Frente a frente com sua compreensão imperfeita, Naropa abandonou sua bem estabelecida posição para estudar com o excêntrico iogue itinerante Tilopa. Mais tarde, transmitiu esses ensinamentos a Marpa, seu principal discípulo.	Não apresenta necessidade de comentários.
NORMAL AWARENESS	NORMAL AWARENESS Used for negotiating everyday activities such as texting, driving, cooking, and making plans; the mind faces outward and stays on external phenomena, creating a dualistic relationship between one who perceives and the object of perception.	CONSCIÊNCIA NORMAL Usada para negociar as atividades do dia a dia, como enviar mensagens, conduzir, cozinhar e fazer planos; a mente está virada para fora e mantém-se em fenômenos externos, criando uma relação dualista entre aquele que percebe e o objeto da percepção.	CONSCIÊNCIA NORMAL Usada para mediar as atividades cotidianas, tais como escrever mensagens de texto, dirigir, cozinhar e fazer planos; a mente está voltada para fora e se atém aos fenômenos externos, criando uma relação dualista entre aquele que percebe e o objeto da percepção.	Conforme explicado em Awareness, e em Naked Awareness seria mais coerente funcionalmente manter o adjetivo 'Plena' ao traduzir o termo. Mas há a questão que se impõe: o normal "tira" a plenitude da consciência, pois está tentando caracterizar a consciência do dia a dia, a que não é percebida, quando o foco não está presente. Mais do que uma diferenciação lexical ou tradutória, a questão da tradução passa pela compreensão filosófica do termo original.
NUBRI	NUBRI An ethnically Tibetan district in northern Nepal where Mingyur Rinpoche was born in 1975.	NUBRI Distrito etnicamente tibetano do Norte do Nepal, onde Mingyur Rinpoche nasceu em 1975.	NUBRI Um distrito etnicamente tibetano situado no norte do Nepal, onde Mingyur Rinpoche nasceu em 1975.	Não apresenta necessidade de comentários.

NYOSHUL KHEN RINPOCHE	NYOSHUL KHEN RINPOCHE (1932 - 99) Born in Tibet, he narrowly escaped Tibet after the Chinese invasion and eventually settled in Thimpu, Bhutan. He became an esteemed scholar and widely be loved master and was one of Mingyur Rinpoche's four main teachers.	NYOSHUL KHEN RINPOCHE Nascido no Tibete (1932-1999), conseguiu por pouco fugir do Tibete após a invasão chinesa e acabou por se estabelecer em Timpu, no Butão. Tornou-se um muito apreciado erudito e mestre muito amado e foi um dos quatro principais professores de Mingyur Rinpoche.	NYOSHUL KHEN RINPOCHE Nasceu no Tibete (1932-1999), conseguiu escapar do Tibete após a invasão chinesa e acabou se instalando em Thimpu, no Butão. Tornou-se um estudioso admirado e um mestre amplamente amado; foi um dos quatro principais professores de Mingyur Rinpoche.	Não apresenta necessidade de comentários.
OSEL LING	OSEL LING Mingyur Rinpoche's monastery in Kathmandu; also known as Tergar Osel Ling.	OSEL LING MINGYUR Mosteiro de Mingyur Rinpoche em Catmandu; também conhecido como Tergar Osel Ling.	OSEL LING Monastério de Mingyur Rinpoche em Katmandu; também conhecido como Tergar Osel Ling.	Não apresenta necessidade de comentários.
PARANIRVANA STUPA	PARINIRVANA STUPA Site in Kushinagar, India, that commemorates the passing away of Shakyamuni Buddha.	ESTUPA DE PARINIRVANA Local em Kushinagar, na Índia, que comemora o falecimento <u>de</u> Buda Shakyamuni.	ESTUPA DO PARINIRVANA Situada em Kushinagar, Índia, é um monumento que celebra a morte <u>do</u> Buda Shakyamuni.	Relação com a linha 38 "mente de macaco" ou "mente do macaco"
PURE AWARENESS	PURE AWARENESS Perception liberated from the separation between subject and object; non-dual perception unmediated by concepts, memories, associations, or aversion and attraction. Pure awareness rests with the recognition of emptiness; it is the union of emptiness and clarity, and leads to the path of liberation.	CONSCIÊNCIA PURA Percepção libertada da separação entre sujeito e objeto; percepção não dual sem a mediação de conceitos, memórias, associações ou aversão e atração. A consciência pura assenta no reconhecimento do vazio; é a união do vazio e da claridade, e conduz ao caminho da libertação.	CONSCIÊNCIA PLENA PURA Percepção liberada da separação entre sujeito e objeto; percepção não dual, sem mediação de conceitos, memórias, associações ou aversão e atração. A consciência plena pura repousa no reconhecimento da vacuidade; é a união de vacuidade e clareza e leva ao caminho da libertação.	Em Pure Awareness e Steady Awareness houve coerência funcional, com a manutenção da adjetivação “Plena” da parte da tradutora brasileira. Acredita-se que a não utilização do termo plena em todos os conceitos ligados a awareness por parte da tradutora portuguesa se justifica pelo fato dela não ter absolutamente nenhuma ligação com o universo da meditação ou do budismo, o que faz com que sua tradução seja mais direta ao pé-da-letra, menos contextual, nestes exemplos específicos do livro.
RECOGNITION	RECOGNITION The experiential recognition of a quality that had previously gone unnoticed. In Tibetan Buddhism, this typically refers to recognizing the empty, luminous nature of awareness.	RECONHECIMENTO O reconhecimento experiencial de uma qualidade que passara anteriormente despercebida. No budismo tibetano, refere-se tipicamente ao reconhecimento da natureza vazia e luminosa da consciência.	RECONHECIMENTO Reconhecer na nossa experiência uma qualidade que anteriormente passara despercebida. No Budismo Tibetano, isso em geral se refere ao reconheci mento da natureza vazia e luminosa da consciência plena.	Não apresenta necessidade de comentários.

RELATIVE TRUTH	RELATIVE TRUTH Used interchangeably with conventional truth; one's ordinary experience of reality in which phenomena are experienced as lasting, substantial, and independent; and existing as entities separate from the mind.	VERDADE RELATIVA Também designada por verdade convencional; a nossa experiência da realidade em que os fenômenos são vivenciados como duradouros, substanciais e independentes, e existindo como entidades separadas da mente.	VERDADE RELATIVA Usada de forma intercambiável com verdade convencional; experiência comum da realidade na qual os fenômenos são vividos como duradouros, substanciais e independentes, e existindo como entidades separadas da mente.	Não apresenta necessidade de comentários.
RINPOCHE	RINPOCHE (Tib.) Precious one; a term of respect	RINPOCHE (Tib.) O precioso; expressão de respeito.	RINPOCHE (tib.) significa o precioso; forma respeitosa de se dirigir ao professor.	
SADHU	SADHU A Hindu term for a religious mendicant, or one who has renounced secular life.	SADHU Termo hindu para um mendigo religioso ou para uma pessoa que renunciou à vida secular.	SADHU Termo hindu para um mendicante religioso ou alguém que renunciou à vida secular.	Não apresenta necessidade de comentários.
SALJAY RINPOCHE	SALJAY RINPOCHE (1910-99) The retreat master at Sherab Ling from 1985 to the end of his life. He completed his training at Palpung Monastery in Tibet under the guidance of the Eleventh Tai Situ Rinpoche. Following the Chinese invasion, he fled to Sikkim, where he remained until the Sixteenth Karmapa passed away; he then went to Sherab Ling to be with the Twelfth Tai Situ Rinpoche. Mingyur Rinpoche's retreat master at Sherab Ling and one of his four main teachers.	SALJAY RINPOCHE (1910-1999) Mestre de retiro em Sherab Ling de 1985 até ao final da sua vida. Realizou o seu treino no Mosteiro de Palpung, no Tibete, sob a orientação do Décimo Primeiro Tai Situ Rinpoche. Depois da invasão chinesa, fugiu para Sikkim, onde permaneceu até ao falecimento do Décimo Sexto Karmapa; foi então para Sherab Ling para se tornar o Décimo Segundo Tai Situ Rinpoche. Foi mestre de retiro de Mingyur Rinpoche em Sherab Ling e um dos seus quatro principais professores.	SALJAY RINPOCHE (1910-1999) Mestre de retiros no Sherab Ling, de 1985 até o fim de sua vida. Completou sua formação no Monastério de Palpung, no Tibete, sob a orientação do 11º Tai Situ Rinpoche. Após a invasão chinesa, fugiu para Sikkim, onde permaneceu até o 16º Karmapa falecer; foi então para o Sherab Ling para acompanhar o 12º Tai Situ Rinpoche. Foi mestre de retiro de Mingyur Rinpoche no Sherab Ling e um de seus quatro principais professores.	Não apresenta necessidade de comentários.
SAMSARA	SAMSARA (Skt.) Literally "going in circles," a cycle of suffering and dissatisfaction kept in motion by ignorance and a lack of recognition of one's true nature.	SAMSARA (Sc.) À letra significa «andar em círculos»; ciclo de sofrimento e insatisfação que se mantém em movimento pela ignorância e pela falta de reconhecimento da nossa verdadeira natureza.	SAMSARA (sânsk.) Literalmente "andando em círculos", um ciclo de sofrimento e insatisfação mantido em movimento pela ignorância e pela falta de reconhecimento da verdadeira natureza da pessoa.	Não apresenta necessidade de comentários.

SANGHA	SANGHA (Skt.) The noble sangha refers to the community of enlightened beings; the ordinary sangha refers to friends who share a dharma path. Capitalized when used as one of the three jewels: Buddha, Dharma, and Sangha.	SANGHA (Sc.) A sangha dos nobres refere-se à comunidade de seres iluminados; a sangha comum refere-se aos amigos que partilham um caminho do dharma. É re ferido com maiúscula quando é usado como uma das três joias: Buda, Dharma e Sangha.	SANGHA (sânc.) A nobre Sangha refere-se à comunidade de seres iluminados; a sangha comum refere-se a amigos que compartilham um caminho de Dharma. Em letra maiúscula, significa uma das Três Joias: Buda, Dharma e Sangha.	Não apresenta necessidade de comentários.
SHAKYAMUNI BUDDHA	SHAKYAMUNI BUDDHA The historical Buddha (c. 566-483 BCE). His renunciation of the conventicinal world of confusion and his recognition of the cause and cessation of suffering have inspired and shaped all subsequent traditions of Buddhism to this day.	BUDA SHAKYAMUNI O Buda histórico (aprox. 566-483 a. C.). A sua renúncia ao mundo convencional da confusão e o seu reconhecimento da causa e da cessação do sofrimento inspiraram e moldaram rodas as tradições subsequentes do budismo até aos dias de hoje.	BUDA SHAKYAMUNI O Buda histórico (por volta de 566-483 AEC). Sua renúncia ao mundo da confusão convencional e seu reconhecimento da causa e da cessação do sofrimento inspiraram e formaram todas as tradições subsequentes do Budismo até os dias de hoje.	Não apresenta necessidade de comentários.
SHAMATA	SHAMATA (Skt.) See calm abiding.	SHAMATA (Sc.) Ver calma mental.	SHAMATHA (sânc.) Ver calmo repousar.	
SHANTIDEVA	SHANTIDEVA (685-763) Indian adept whose studies -at Nalanda University were considered mediocre until he gave an address to the assembly; these teachings, now known as the Bodhicharyavatara, or The Way of the Bodhisattva, are celebrated to this day by Buddhists around the world for their brilliance, accessibility, and intimacy.	SHANTIDEVA (685-763 d. C.) Místico indiano cujos estudos na Universidade de Nalanda foram considerados medíocres até que proferiu um discurso perante a assembleia; estes ensinamentos, atualmente conhecidos como os-Bodhicharyavatara, ou O Caminho dos Bodhisattva, são celebrados até hoje por budistas do mundo inteiro pelo seu brilhantismo, acessibilidade e intimidade.	SHANTIDEVA (685-763) Praticante indiano cujos estudos na Universidade de Nalanda foram considerados médio cres, até que fez um discurso para a assembleia de alunos. Esses ensinamentos, conhecidos como Bodhicharyavatara, ou O Caminho do Bodisatva, são celebrados até hoje pelos budistas do mundo todo por seu brilhantismo, acessibilidade e profundidade.	Não apresenta necessidade de comentários.

SIX REALMS	SIX REALMS The realms of samsaric existence that describe mental states and that reflect a particular type of suffering, these states are not experienced in any specific sequence, but the order in which they are presented signifies increased degrees of suffering: the god realm of pride, the demi-god realm of jealousy, the human realm of desire, the animal realm of ignorance, the hungry ghost realm of greed, and the hell realm of anger.	SEIS REINOS Reinos da existência do samsara que descrevem estados mentais e que refletem um tipo específico de sofrimento; estes estados não são vivenciados numa sequência específica, mas a ordem em que são apresentados aponta para graus crescentes de sofrimento: o reino dos deuses (do orgulho), o reino dos semideuses (da inveja), o reino dos humanos (do desejo), o reino dos animais (da ignorância), o reino dos fantasmas famintos (do apego) e o reino dos infernos (da aversão).	SEIS REINOS Os reinos da existência samsárica que descrevem os estados mentais e refletem um determinado tipo de sofrimento. Esses estados não são vivenciados em nenhuma sequência específica, mas a ordem em que são apresentados significa graus crescentes de sofrimento: o reino dos deuses do orgulho, o reino dos semideuses da inveja, o reino humano do desejo, o reino animal da ignorância, o reino dos fantasmas famintos da ganância e o reino dos infernos da raiva.	Não apresenta necessidade de comentários.
THE SIXTEENTH GYALWA KARMAPA	THE SIXTEENTH GYALWA (1924-81) KARMAPA Rangjung Rigpe Dorje. The spiritual leader of the Karma Kagyu tradition of Tibetan Buddhism.	DÉCIMO SEXTO GYALWA KARMAPA Rangjung Rigpe Dorje (1924-1981) Líder, espiritual da tradição Karma Kagyu do budismo tibetano.	16º GYALWA KARMAPA RANGJUNG RIGPE DORJE (1924-1981) Líder espiritual da tradição Karma Kagyu do Budismo Tibetano.	Não apresenta necessidade de comentários.
SLEEP MEDITATION	SLEEP MEDITATION The practice of maintaining awareness while sleeping.	MEDITAÇÃO DO SONO Prática de manter a consciência durante o sono.	MEDITAÇÃO DO SONO A prática de manter a consciência plena durante o sono.	Não apresenta necessidade de comentários.
SONAM CHÖDRÖN	SONAM CHÖDRÖN (1947-) Mingur Rinpoche's mother, who was born in the Nepalese district of Nubri and at present resides at Ter gar Osel Ling in Kathmandu.	SONAM CHÖDRÖN (1947-) Mãe de Mingur Rinpoche, nascida no distrito nepalês de Nubri e que reside atualmente em Tergar Osel Ling, em Catmandu.	SONAM CHÖDRÖN (1947-) Mãe de Mingur Rinpoche, que nasceu no distrito nepalês de Nubri e atualmente mora no monastério Tergar Osel Ling, em Katmandu.	Não apresenta necessidade de comentários.
STEADY AWARENESS	STEADY AWARENESS See meditative awareness;	CONSCIÊNCIA ESTÁVEL Ver consciência meditativa.	CONSCIÊNCIA PLENA ESTÁVEL Ver consciência meditativa.	Em Pure Awareness e Steady Awareness houve coerência funcional, com a manutenção da adjetivação “Plena” da parte da tradutora brasileira. Acredita-se que a não utilização do termo plena em todos os conceitos ligados a awareness por parte da tradutora portuguesa se justifica pelo fato dela não ter absolutamente nenhuma ligação com o universo da meditação ou do budismo, o que faz com que sua tradução seja mais direta ao pé-da-letra, menos contextual, nestes exemplos específicos do livro.

STUPA	STUPA (Skt.) A rounded structure that represents the Buddha; often built to house relics of enlightened beings.	ESTUPA (Sc.) Estrutura arredondada que representa _Buda; frequentemente construída para acolher relíquias de seres iluminados.	ESTUPA (sâns.) Uma estrutura arredondada que representa o Buda; muitas vezes construída para abrigar as relíquias dos seres iluminados.	O artigo definido "o" é usado para se referir a uma entidade única e particular, Siddhartha Gautama, o buda histórico. Buda sem o artigo é o conceito daquele que é iluminado, um conceito geral que define características.
SUFFERING	SUFFERING See dukkha.	SOFRIMENTO Ver Dukkha.	SOFRIMENTO Ver dukkha.	Não apresenta necessidade de comentários.
TAI SITU RINPOCHE	TAI SITU RINPOCHE (1954-) Recognized as the Twelfth Tai Situ by the Sixteenth Karmapa, who oversaw his enthronement at Palpung Monastery in eastern Tibet, and who shepherded him safely to India at age six (alongside the Sixth Mingyur Rinpoche) following the Chinese invasion., Eventually he settled near Bir in northwestern India and developed Sherab Ling Monastery, where Mingyur Rinpoche began studying at age eleven. Today he oversees a vast network of Kagyu monasteries, retreat centers, and dharma centers worldwide, making an enormous contribution to the continued flourishing of Tibetan dharma. He is one of Mingyur Rinpoche's four main teachers.	TAI SITU RINPOCHE (1954-) Reconhecido como o Décimo Segundo Tai Situ pelo Décimo Sexto Karmapa, que supervisionou a sua entronização no Mosteiro de Palpung, no Tibete Oriental, e que o acompanhou em segurança até à Índia quando tinha seis anos (bem como ao Sexto Mingyur Rinpoche), na sequência da invasão chinesa. Estabeleceu-se por fim perto de Bir, no Noroeste da Índia, e desenvolveu o Mosteiro de Sherab Ling, onde Mingyur Rinpoche começou a estudar aos onze anos. Atualmente, supervisiona uma vasta rede de mosteiros kagyu, centros de retiro, e centros de dharma em todo o mundo, dando um contributo enorme para o contínuo florescimento do dharma tibetano. É um dos quatro principais professores de Mingyur Rinpoche.	TAI SITU RINPOCHE (1954-) Reconhecido como o 12º Tai Situ pelo 16º Karmapa, que supervisionou sua entronização no Monastério de Palpung, no leste do Tibete, e o trouxe em segurança para a Índia quando ele tinha seis anos (juntamente com o 6º Mingyur Rinpoche), logo após a invasão chinesa. Por fim, Tai Situ Rinpoche estabeleceu residência em uma região próxima a Bir, no noroeste da Índia, e construiu o Monastério Sherab Ling, onde Mingyur Rinpoche começou a estudar aos 11 anos. Hoje, ele supervisiona uma vasta rede de mosteiros Kagyu, centros de retiro e centros de Dharma no mundo todo, contribuindo enormemente para o florescimento contínuo do Dharma tibetano. É um dos quatro principais professores de Mingyur Rinpoche.	Não apresenta necessidade de comentários.
TASHI DORJE	TASHI DORJE (1920 - 2017) Mingyur Rinpoche's maternal grandfather; born in Nubri, Nepal, he was studying in Tibet when the Chinese invaded. A revered meditation practitioner and direct descendant of King Trisong Detsen, the eighth-century king of Tibet.	TASHI DORJE (1920-2017) Avô materno de Mingyur Rinpoche; nasceu em Nuri, no Nepal, e estava a estudar no Tibete quando os Chineses o invadiram. Venerado praticante de meditação e descendente direto do rei Trisong Detsen, rei do Tibete no século VIII.	TASHI DORJE (1920-2017) avô materno de Mingyur Rinpoche; nasceu em Nubri, no Nepal, estudava no Tibete na ocasião da invasão chinesa. Reverenciado praticante de meditação, era descendente direto do rei Trisong Detsen, rei do Tibete no século VIII.	Não apresenta necessidade de comentários.

TERGAR	TERGAR (Tib.) Ter means "treasure"; gar means "place." The name of Mingyur Rinpoche's monasteries, as well as the name of his international community.	TERGAR (Tib.) Ter significa «tesouro»; gar significa «lugar». Nome dos mosteiros de Mingur Rinpoche, bem como o nome da sua comunidade internacional.	TERGAR (tib.) Ter significa "tesouro"; gar significa "lugar." Esse é o nome dos mostérios de Mingyur Rinpoche, assim como o nome de sua comunidade internacional.	Não apresenta necessidade de comentários.
TILOPA	TILOPA (989-1069) The supreme adept and eccentric Indian yogi whose teachings to Naropa were subsequently transmitted to Marpa, and from Marpa to Milarepa.	TILOPA (989-1069) Místico supremo e excêntrico yogi indiano cujos ensinamentos a Naropa foram subsequentemente transmitidos a Marpa, e, por Marpa, a Milarepa.	TILOPA (989-1069) Supremo praticante e excêntrico iogue indiano, cujos ensinamentos para Naropa foram em segui da transmitidos a Marpa, e de Marpa para Milarepa.	Não apresenta necessidade de comentários.
TSOKNYI RINPOCHE	TSOKNYI RINPOCHE (1966-) Born in Nepal, he is the older brother of Mingyur Rinpoche. His teachings draw on deep meditative experience and sustained engagement with the modern world. The married father of two daughters, he travels extensively while overseeing nunneries in Nepal and Tibet, and more practice centers and hermitages in the eastern region of Tibet.	TSOKNYI RINPOCHE (1966-) Nascido no Nepal, é o irmão mais velho de Mingyur Rinpoche. Os seus ensinamentos baseiam-se numa profunda experiência meditativa e numa constante interação com o mundo moderno. Casado e com duas filhas, viaja extensamente, enquanto supervisiona conventos de monjas no Nepal e no Tibete, e ainda centros de treino e eremitérios na região oriental do Tibete.	TSOKNYI RINPOCHE (1966-) Nascido no Nepal, ele é o irmão mais velho de Mingyur Rinpoche. Seus ensinamentos se baseiam em profunda experiência meditativa e engajamento contínuo com o mundo moderno. É casado e pai de duas filhas, e viaja para vários países, ao mesmo tempo em que supervisiona mostérios de monjas no Nepal e no Tibete, além de outros centros de prática e eremitérios na região leste do Tibete.	Não apresenta necessidade de comentários.
TULKU	TULKU (Tib.) The reincarnation of a spiritual adept; one who is considered endowed with enhanced potential for spiritual development.	TULKU (Tib.) Reencarnação de um místico espiritual; pessoa considerada dotada de um maior potencial de desenvolvimento espiritual.	TULKU (tib.) A reencarnação de um praticante espiritual; aquele que é considerado como sendo dotado de maior potencial para o desenvolvimento espiritual.	Não apresenta necessidade de comentários.

TULKU URGYEN RINPOCHE	TULKU URGYEN RINPOCHE (1920 - 96) Yongey Mingyur Rinpoche's father and one of the most highly regarded meditation masters of the last century. Born in Kham, Tibet, he came to Nepal following the Chinese invasion of Tibet and established two monasteries and many teaching centers, eventually residing at his nunnery, Nagi Gumpa, in the Kathmandu Valley. Today his legacy is carried forth by his sons Chökyi Nyima Rinpoche, Tsikey Chokling Rinpoche, Tsoknyi Rinpoche, and Yongey Mingyur Rinpoche. One of Mingyur Rinpoche's four main teachers.	TULKU URGYEN RINPOCHE (1920-1996) Pai de Yongey Mingyur Rinpoche e um dos mestres de meditação mais considerados do último século. Nasceu em Kham, no Tibete, e foi para o Nepal após a invasão chinesa; estabeleceu dois mosteiros e muitos centros de ensino, acabando por fim a residir no seu convento de monjas, Nagi Gumpa, no vale de Catmandu. Atualmente, o seu legado tem continuidade nas mãos dos seus filhos Chökyi Nyima Rinpoche, Tsikey Chokling Rinpoche, Tsoknyi Rinpoche e Yongey Mingyur Rinpoche; um dos quatro principais professores de Mingyur Rinpoche.	TULKU URGYEN RINPOCHE (1920-1996) O pai de Yongey Mingyur Rinpoche e um dos mestres de meditação mais respeitados do século passado. Nascido em Kham, no Tibete, veio para o Nepal após a invasão chinesa do Tibete e fundou dois mosteiros e muitos centros de transmissão de ensinamentos, até que passou a morar no Nagi Gumpa, seu convento situado no vale de Katmandu. Hoje, seu legado é levado adiante por seus filhos Chokyi Nyima Rinpoche, Tsikey Chokling Rinpoche, Tsoknyi Rinpoche e Yongey Mingyur Rinpoche. Foi um dos quatro professores principais de Mingyur Rinpoche.	Aqui cabe um comentário que se difere do usual: a tradução de um texto pode também ser utilizada para corrigir o texto original. No original e no português brasileiro a informação é que o pai de Rinpoche "veio para o Nepal", quando na verdade, a tradutora portuguesa optou por colocar "foi para o Nepal" para que seja mais coerente com a leitura do livro no país que se destina. Em Portugal e no Brasil, o certo seria ler "foi para o Nepal" e não "veio para o Nepal".
UNBORN	UNBORN Refers to the ultimate emptiness of all things, which is beyond birth and death, and beyond arising and ceasing.	SEM NASCIMENTO Refere-se ao derradeiro vazio de todas as coisas, além do nascimento e da morte, além do surgimento e da cessação.	NÃO NASCIDA Refere-se à suprema vacuidade de todas as coisas, que está além do nascimento e da morte, e além de aparecimentos e cessação.	Talvez fosse necessária a criação do neologismo desnacido/desnascida. Porque o significante “não” traz consigo significados alheios ao conceito que se deseja. Sem nascimento se aproxima mais do conceito em inglês.
VARANASI	VARANASI Also known as Benares, a historical city on the banks of the Ganges River, in Uttar Pradesh, in northern India; especially sacred to devout followers of Hinduism.	VARANASI Também conhecida como Benares, uma cidade histórica nas margens do rio Ganges, em Uttar Pradesh, no Norte da Índia; especialmente sagrada para os seguidores devotos do hinduísmo.	VARANASI Também conhecida como Benares, cidade histórica às margens do Rio Ganges, em Uttar Pradesh, no norte da Índia; especialmente sagrada para os devotos seguidores do hinduísmo.	Não apresenta necessidade de comentários.

VINAYA	VINAYA (Skt.) Shakyamuni Buddha's collected teachings on discipline and appropriate behavior for the ordained community; a monastic rule book that, to this day, guides Buddhist monasticism.	VINAYA (Sc.) Recolha dos ensinamentos de Buda Shakyamuni sobre a disciplina e o comportamento adequado da comunidade de monges ordenados; livro de regras monásticas que orienta o monasticismo budista até aos nossos dias.	VINAYA (sâns.) ensinamentos coletados pelo Buda Shakyamuni sobre a disciplina e o comportamento adequado para a comunidade monástica; livro de regras monásticas que, até hoje, orienta o monasticismo budista.	Não apresenta necessidade de comentários.
VIPASHYANA	VIPASHYANA (Skt.) Insight; clear seeing. In the Tibetan system, Theravada vipashyana emphasizes impermanence; Mahayana vipashyana emphasizes emptiness; Tibetan (or vajrayana). vipashyana emphasize the nature of mind. In Tibetan teachings, vipashyana meditation works with the recognition that all that appears arises from emptiness and that all form is inseparable from emptiness and dissolves into emptiness. Vipashyana is the direct, experiential insight that while forms appear, they are essentially as ungraspable and groundless as space, and that this quality mirrors the nature of mind itself.	VIPASHYANA ou vipassana (Sc.) Visão interior; visão clara. No sistema tibetano, o vipashyana theravada coloca a ênfase na impermanência; no vipashyana mahayana, a ênfase é sobre o vazio; o vipashyana (ou vipassana) tibetano destaca a natureza da mente. Nos ensinamento tibetanos, a meditação vipassana funciona com o reconhecimento de que tudo o que surge vem do vazio e de que todas as formas são inseparáveis do vazio e dissolvem-se no vazio. Vipashyana é a visão direta e experiencial de que, embora as formas sejam aparentes, são essencialmente tão impossíveis de agarrar e sem chão como o espaço, e que esta qualidade reflete a natureza da própria mente.	VIPASHYANA (sâns.) Insight; visão clara. No sistema tibetano, a meditação vipashyana Theravada enfatiza a impermanência; a vipashyana Mahayana enfatiza a vacuidade; a vipashyana tibetana (ou vajrayana) enfatiza a natureza da mente. Nos ensinamentos tibetanos, a meditação vipashyana funciona com o reconhecimento de que tudo o que aparece surge da vacuidade, e que toda forma é inseparável da vacuidade e se dissolve em vacuidade. Vipashyana é o insight direto e experiencial de que, embora as formas apareçam, elas são essencialmente tão inalcançáveis e infundadas quanto o espaço, e que essa qualidade espelha a natureza da própria mente.	Cabe um comentário: A utilização do termo em inglês "insight" mostra claramente a apropriação de um termo estrangeiro pelo público brasileiro. Alguns estrangeirismos vem sendo utilizados e passam a fazer parte do jargão popular, da utilização no dia a dia da língua falada no Brasil. É o caso da palavra "insight", que já não precisa de explicação ou de tradução. Air-bag, Bike, Business, Check-in, Coffee break, Download, Design, Drive-thru, E-mail, FAke, Fitness, Funk, Hacker, Haters, Internet, Job, Kit, Light, Login, Marketing, Match, On e Off, Reality show, Relax, Shopping, Smartphone, Spoiler, VIP (very Important Person), Workshop e Zoom são algumas das tantas que foram absorvidas pelo português brasileiro e adotadas no dia a dia dos falantes da língua.

WHEEL OF LIFE	WHEEL OF LIFE A representation of the world. of confusion. A complex round image, held in the mouth of Yama, the Lord of Death, it depicts the root causes of suffering-ignorance, aversion, and aggression which are shown at the center, surrounded by concentric bands that display the perpetuation of cyclical habitual behavior, including the six realms of existence.	RODA DA VIDA Representação do mundo da confusão. Imagem redonda complexa, presa pela boca de Yama, o Senhor da Morte. Representa as causas da origem do sofrimento - ignorância, aversão e agressão-, as quais são representadas no centro, rodeadas de faixas concêntricas que apresentam a perpetuação do comportamento de hábito, incluindo os seis reinos da existência.	RODA DA VIDA Uma representação do mundo da confusão. Uma imagem redonda complexa, sustentada pela boca de Yama, o Senhor da Morte, e que retrata no centro as causas fundamentais do sofrimento - ignorância, aversão e agressão. Esse centro é cercado por anéis concêntricos que mostram a perpetuação do comportamento habitual cíclico, incluindo os seis reinos da existência.	Não apresenta necessidade de comentários.
WISDOM	WISDOM That aspect of mind that perceives reality as-it-is; that clarity of mind that recognizes emptiness.	SABEDORIA O aspeto da mente que percebe a realidade tal como é; a claridade da mente que reconhece o vazio .	SABEDORIA Aspecto da mente que percebe a realidade como ela é; a clareza da mente que reconhece a vacuidade .	Explicado na primeira palavra do Glossário: ver ABSOLUTE REALITY.

Tabela 5: Aplicação do Modelo de análise textual de Christiane Nord objetivando Fatores Externos e Internos ao texto				
Texto Fonte - (TF) In Love with the World: A Monk's Journey Through the Bardos of Living and Dying, de Yongey Mingyur Rinpoche e Helen Tworikov (2019)				
Texto Alvo 1 - (TA1) Amar o Mundo: A viagem de um monge pelos bardos da vida e da morte (2019)				
Texto Alvo 2 - (TA2) Apaixonado Pelo Mundo: A viagem de um monge pelos bardos do viver e do morrer (2019)				
	(TF)Texto Fonte	Questões de Tradução	(TA1)Texto Alvo 1 em Português Europeu	(TA2)Texto Alvo 2 em Português Brasileiro
Fatores Externos ao Texto				
Emissor	O emissor é Yongey Mingyur Rinpoche pela tradução direta de sua oralidade via texto produzido pela coautora Helen Tworikov, conforme explicado nos agradecimentos do livro.	Os tradutores precisam se atentar para a personalidade do discurso. Reparar que o emissor é um líder espiritual e, por conseguinte, devem ser coerentes com o texto e a representatividade desse líder, o que quer dizer observar a oralidade presente e a forma da oralidade presente.	"Deities could reside here."(pg230): a voz do emissor foi traduzida como "Poderiam residir aqui divindades."(303). No entanto, divindades são deuses, deidades são as características divinas. A tradução do inglês deities pode ser tanto divindades quanto deidades, mas na oralidade do monge, é preciso distinguir o que realmente ele quis dizer, o que ele disse.	A tradutora do português brasileiro, reconhece a diferença entre deidade e divindade pela prática e supõe que a voz do monge diria "As deidades poderiam residir neste lugar."(256), ou seja, apesar do quarto ser sujo, as características divinas aqui poderiam viver. Este é um exemplo de que o emissor deve ser observado e sua voz perseguida. Porque pode mudar o sentido do voto, da pregação, do ensinamento filosófico.
Intenção	A intenção do livro é contar a peregrinação errante que teve duração de 4 anos feita por Rinpoche, quando este teve uma experiência de iluminação.	As traduções precisam ficar atentas a vocabulários específicos utilizados pelo budismo, budismo tibetano, e religiosos. Há determinados jargões e formas de linguagem que acompanham cada tradição e um livro budista faz parte de uma segmentação específica. No entanto, devem se lembrar que o autor tem no livro a oportunidade de propagação de suas ideias e de sua religião: ao mesmo tempo que a linguagem não pode ferir os praticantes do budismo, precisa ser ampla o bastante para alcançar quem pouco domina o tema.	"My first night. I am learning that I cannot inhabit the wandering yogi-mind overnight." (pg56): o vocabulário específico traduzido pela tradutora portuguesa foi: "A minha primeira noite. Estou a aprender que não consigo habitar o yogi errante da noite para o dia."(pg83) "A mente do logue errante" foi traduzida como "o yogi errante". E isso muda o sentido do texto e, mais ainda, do ensinamento. Porque o monge diz respeito à força de resiliência mental conquistada pelo iogue que peregrina. Assim, fere-se a intenção original do monge.	"Minha primeira noite. Estou aprendendo que não posso me apoderar da mente de um iogue andarrilho da noite para o dia." (pg73) A tradutora brasileira, acostumada à prática budista, pode perceber a importância da mente no termo "yogi-mind", assim, demonstra neste excerto mais afinidade com a intenção original do monge Mingyur Rinpoche.
Receptor	Os receptores do livro serão leitores interessados pelo budismo, peregrinações, religião, viagem de aventura.	Como dito anteriormente, os leitores específicos que dominam o ambiente budista devem sentir as palavras do mestre, ao mesmo tempo que os leigos devem compreender os ensinamentos que estão sendo passados de modo acessível ao público comum. Assim, o tradutor deve ficar atento à forma como o livro foi escrito e ao mesmo tempo compreender as especificidades destes dois nichos alvo.	Em um dos ensinamentos do monge, o texto original diz: "In Luminous emptiness - the deathless realm - recognition and acceptance are one. We cannot attain unborn deathless reality until we accept death." (pg206) O texto traduzido pela tradutora de TA1 foi "No vazio luminoso - o reino imortal - o reconhecimento e a aceitação formam um só. Não podemos atingir a realidade imortal e sem nascimento sem antes aceitarmos a morte." Ser um é diferente de formar um. Um pai e uma mãe formam uma criança. Mas não necessariamente eles são um. Eis uma das diferenças que deveriam ser observadas quando o receptor pode ser budista ou não. Nem sempre o receptor tem o conhecimento da filosofia e da prática. Assim, o ensinamento seria passado de forma diferente do exposto.	Em TA2 a tradução já começa diferente pela diferenciação entre vazio e vacuidade, abordada em Títulos e Capítulos em Tradução. E segue observando o que foi pontuado no texto traduzido para o português europeu: "Na vacuidade luminosa - o reino imortal - , o reconhecimento e a aceitação são um só. Até aceitarmos a morte, não poderemos alcançar a realidade imortal, que nunca nasceu." Da mesma forma, "a realidade imortal e sem nascimento" parece pouco esclarecedor didaticamente. A forma de TA2 - "a realidade imortal, que nunca nasceu" parece mais didático ao receptor.

Meio	O meio original da mensagem é o livro.	Tanto no texto alvo número 1 quanto no 2 o meio será um livro.	A fidelidade ao meio original torna menos arriscada a transmissão do que se pretende, quando isso não causa estranheza à cultura de chegada. Por exemplo, há textos de outras línguas escritos da esquerda para a direita. Evidentemente não é o caso se o hábito de leitura na cultura de chegada é da direita para a esquerda.	O conteúdo é mais importante neste caso, já que a forma é a mesma e a cultura de partida do livro original (ocidental inglesa) tem a matriz semelhante à cultura de chegada (em qualquer variação do português)
Lugar	O lugar, o ambiente retratado no livro é a Índia e Nepal, seus templos, seus lugares sagrados, os mosteiros, os ghats, as montanhas, os monumentos. Tudo com suas características orientais distintas, geográficas, arquitetônicas, diferenciadas do universo da cultural ocidental, para onde o livro está sendo traduzido.	Os tradutores precisam ser fiéis às ambientações para que os públicos de dois países distintos possam perceber o que o autor vivenciou (por exemplo, a caracterização do templo onde ele vivia, os templos onde passou, as características dos meios de transporte diferentes de Portugal ou do Brasil que são comentadas no livro ou a natureza e clima encontrada nos dois países, também distintas da realidade portuguesa e brasileira.	"Each ghat is a set of high cut-stone steps that descends toward the Ganges, and in Varanasi the stretch of more than eighty in a row makes up the sacred heart of Hinduism."(pg97), o que foi traduzido para o TA1 da seguinte forma: "Cada ghat é uma escadaria de degraus altos de pedra que desce até ao Ganges e, em Varanasi, a sequência de mais de oitenta ghats constitui o coração sagrado do hinduísmo." Este é um exemplo de lugar retratado no livro. Aqui, em vez de traduzir sequência de degraus, foi traduzido uma escadaria, diferentemente do original.	Assim foi traduzido para TA2: "Cada ghat é um conjunto de altos degraus de pedra que descem em direção ao Ganges. Em Varanasi, uma extensão com mais de oitenta ghats consecutivos constitui o sagrado coração do Hinduísmo." Há outras retratações de ambientes que poderiam ser mais fiéis. Por exemplo, a tradutora de TA2 diz que as janelas do templo são amplas, na página 7, quando deveria dizer que são estreitas. São detalhes desse tipo que trarão ao leitor final a melhor caracterização do lugar. Quando a cena é descrita, não é descrita aleatoriamente, ou seja, há necessidade de um rigor maior tanto no caso de TA1 quanto de TA2.
Tempo	Primavera (junho) de 2011 ao outono de 2015 - este foi o período da peregrinação errante do monge autor do livro.	As entrevistas com o autor foram feitas pela co-autora entre 2016 e 2018 e as traduções foram encomendadas ao mesmo tempo e previam que o livro seria lançado simultaneamente em todas as línguas traduzidas em 7 de maio de 2019. Assim, os tradutores não tiveram muito tempo disponível para possível pesquisa anterior, mais aprofundada, o que pressupunha algum conhecimento do contexto a ser traduzido por eles anteriormente. Como ficará claro pelo depoimento de uma das tradutoras, isso somente aconteceu em uma das traduções.	Tempo como fator externo ao texto não precisa necessariamente representar apenas o período de escrita. Há um detalhe curioso que se relaciona ao tempo e a tradução de TA1 - de língua portuguesa europeia, é que o nome da tradutora constante no exemplar do livro traduzido não é, efetivamente, quem traduziu o livro. Foi preciso uma pesquisa junto à editora e à tradutora que constava no livro para que pudessem indicar quem foi verdadeiramente a tradutora do livro. O que quer dizer que esse serviço, que foi terceirizado, teve ainda menos tempo disponível para a tradução.	Sobre a tradutora brasileira e o tempo, não há comentários significantes para avaliação do trabalho. Segundo ela, cumpriu os prazos com o Tergar, o grupo responsável pelos ensinamentos do monge, que contavam com a sua tradução.
Propósito (motivo)	O motivo principal do autor foi experienciar a tradição de peregrinações errantes dos antigos mestres do budismo tibetano	Divulgar a história e apresentar ao mesmo tempo conceitos fundamentais ao budismo, ao bardo e à passagem de uma vida para outra, e à peregrinação feita pelo autor. Neste livro não só a iluminação é tema central, mas a relação com a passagem de uma vida a outra, ao bardo existencial - que seria identificado como esse espaço de transição, essa espécie de gap entre estados: vida/pós-morte.	Tanto a tradutora de TA1 quanto a tradutora de TA2 se mostraram atentas à importância do propósito (motivo) do livro.	A maior diferença é que a tradutora de TA2 é mais comprometida com o propósito (motivo) por óbvias razões: como praticante do budismo tibetano, participante do Tergar, está na posição de discípula do mestre, o monge Rinpoche autor do livro, o que, por si só é argumento válido que confirme sua ligação mais próxima ao propósito do livro.

Função Textual	No livro fonte encontra-se sobretudo função estética e poética por se tratar de uma literatura, no entanto verifica-se a presença de elementos das funções expressiva ou emotiva, informativa ou referencial, apelativa ou conativa em fragmentos específicos do texto conforme explicação subsequente	Na função estética e poética os tradutores devem observar estilo e temperatura do texto, a forma de colocação e a possível oralidade, em se tratando de um depoimento pessoal, da contação de uma história vivida pelo autor. O texto original tem impressões pessoais e fala de sentimentos, o que leva em alguns momentos o autor a utilizar-se de função expressiva ou emotiva. Como se trata também de uma espécie de diário de bordo, onde elementos datados e acontecimentos são descritos, assim como algumas técnicas relativas ao ato budista de meditação e de percepção do mundo, há alguns elementos da função informativa ou referencial que também devem ser observados pelo tradutor. Ainda que em bem menor escala, poder-se-á perceber algum detalhe relativo à utilização da função apelativa ou conativa, por ter o autor que defender seu ponto de vista e, em alguma medida, propagar seus ensinamentos budistas.	Segundo a nossa avaliação, o que pode ser sentida de modo geral e holístico, menos com exemplos simples facilmente identificáveis, é que a tradutora do português europeu objetiva mais o olhar sobre a função estética e poética, o que se traduz em uma escrita mais literária e menos expressiva ou emotiva, informativa ou referencial, apelativa ou conativa. A impressão que dá é que a tradutora do português europeu se ligou mais a funções que se relacionam à forma e menos ao conteúdo.	Segundo a mesma avaliação, o olhar da tradutora do português brasileiro se ligou mais à função expressiva ou emotiva, informativa ou referencial, apelativa ou conativa, já que havia um comprometimento filosófico da mesma com os ensinamentos budistas trazidos pelo monge, pelo livro. Assim, em vez de se ater na função estética e poética, o rigor aos ensinamentos faz do livro mais informativo por um lado e emotivo por outro, mas menos fluido na leitura no que diz respeito à literatura. Ressalta-se que é uma impressão da obra como um todo, conforme foi dito sobre TA1, impressão menos pontual e mais global.

Fatores Internos ao Texto			
Tema	Segundo a classificação da Amazon (acesso em julho de 2023), religião e espiritualidade, new age e espiritualidade. Pode-se incluir como temas específicos peregrinação e Budismo.	Assume-se que o texto fonte está na língua inglesa, porque a co-autora fez uma série de entrevistas com o autor para escrever o livro. Assim, o pressuposto é que a própria escrita do livro seria uma forma de tradução. Outra característica interna do texto que deve ser observada pelos tradutores é a especificidade do tema. Nos comentários da co-autora ela explica que se valeu de estudo e ajuda para que o tema do Bardo fosse tratado por ela - por meio de sua tradução da oralidade para a forma escrita - com o devido rigor. Sendo um tema caro para a particularidade espiritual e religiosa do conteúdo, não poderia ser traduzido sem a devida substância.	Vários teóricos já se debruçaram sobre essa questão, e com Christiane Nord não foi diferente. Ela se expressou claramente (1991) ao dizer que tradução não é uma questão de palavras, é uma questão de tornar inteligível toda a cultura. O que quer dizer a compreensão da bagagem quando falamos do tema e dos fatores internos ao livro. Volta-se à fala da tradutora portuguesa de TA1, que assume a importância da bagagem pessoal para a tradução de um texto: <i>"[...] essa bagagem... sempre, estamos sempre de alguma forma presentes porque outro tradutor teria traduzido de outra maneira. Claro que sim. [...] Mas está menos presente a nossa marca pessoal de estilo, não pede tanto isso, não acho tão legítimo darmos uma volta ao texto em que se marque demasiado meu estilo pessoal, acho que não. Não justifica, porque não justifica essas escolhas, é claro. Pois há a bagagem cultural que cada um tem, e vai influir nas escolhas que fazemos."</i> Dizer que as escolhas tradutórias dependem da bagagem pessoal é assumir a necessidade de ligação com o tema quando este for de conteúdo específico. Neste caso, a autora não é ligada à espiritualidade ou religiosidade oriental. Assim, em outra parte da entrevista assume sua dificuldade com o tema, devido ao seu afastamento deste universo: <i>"[...]para poder perceber e entrar um bocadinho nesse mundo, a certa altura, eu... porque quando é um tema que eu não conheço eu começo... entro no texto, vou ver o que... [fazendo sinal de mergulhar no texto] ... depois paro e vou ler umas coisas para perceber o que é que eu preciso. E assim vou pesquisar, para ter a certeza de que estava a perceber... porque às vezes é complexo né? É uma filosofia! E que tem a sua complexidade. Portanto eu tive que pesquisar para ter a certeza que não... de que encaixava e que os termos eram certos, também. Não é, quer dizer, a primeira vez que apareceu bardo, eu disse assim, sei lá, se existe bardo em português.... eu não conhecia (risos)"</i> Em seu trabalho de 1997, "Translating as a Purposeful Activity: Functionalist Approaches Explained," Christiane Nord comenta que para traduzir é necessário agarrar, compreender a mensagem do texto fonte. E ela usa a palavra "grasp", que tem um sentido ainda maior do que entendimento, por isso traduzimos como "agarrar, compreender". Segundo ela somente depois disso se torna possível reformular a mensagem na cultura alvo. Isso é o mergulho no tema e isso é o que demonstra ter a tradutora de TA2 por ser discípula do monge errante, Mingyur Rinpoche: <i>"[...] Eu sou ligada ao Tergar, que é o grupo do Mingiur Rinpoche aqui em São Paulo, no Brasil, e eu traduzi dois livros anteriores dele, o Alegre Sabedoria e o outro sobre o Nondro, Transformando Confusão em Clareza . E aí, quando eu terminei o Nondro, eles me disseram: olha, o Rinpoche está preparando um outro livro que a gente vai fazer o lançamento internacional [...]</i> a gente trabalhou meio que conjuntamente. Então foi uma experiência muito linda, porque na verdade eu recebi isso fresquinho, ele tinha acabado de ser produzido, entende? Então isso é tão importante que você quase que recebe uma transmissão viva, que nem se assentou ainda, é como se tivesse ouvindo o professor e transformando isso na sua língua. Então foi também uma experiência muito transformadora. Na verdade eu trabalho já com tradução de textos budistas há muito tempo (...) e eu sou uma praticante. Então, pra mim, é comum o exercício de meditação, a minha tradução: eu não estou fazendo um trabalho técnico, mas eu tô fazendo um trabalho que desperta qualidades internas dentro de mim. Então eu acho que a minha tradução, ela pode não ser perfeita em termos de tradução propriamente dita, mas eu sei que ela tem, que ela traz com ela uma atenção interior muito grande porque faz parte da minha prática pessoal, né!?"

Conteúdo	O conteúdo do texto fonte é a peregrinação errante com a duração de 4 anos feita por Rinpoche e sua experiência de iluminação quando vivenciou a experiência dos bardos - a passagem entre a vida e a não-vida, ou entre a vida e a pós-morte.	Para falar sobre os bardos, seu conceito, e o processo de iluminação, a autora deixa claro nos agradecimentos do livro que teve a ajuda da pesquisa de campo, além da ajuda de discípulos de Rinpoche que se dispuseram a dirimir suas dúvidas relacionadas à compreensão de seus ensinamentos. O que mostra algum gap entre a compreensão de linguagem entre a autora e Rinpoche, além de um gap que se relaciona a conceitos, ideias e a forma explicativa dessas ideias advindas do monge. No que tange à forma, fica claro que a escrita do livro foi uma tradução da oralidade para a literatura, portanto. "Em junho de 2011, Mingyur Rinpoche deixou seu monastério na Índia para iniciar um retiro itinerante. Quando retornou, no outono de 2015, expressou seu interesse em compartilhar suas experiências relativas à mudança e à impermanência, considerando que pudessem ajudar o público mais amplo a enfrentar seus medos e a se deparar com as suas mortes. Rinpoche solicitou a minha ajuda, e este livro nasceu de entrevistas feitas com ele de forma intermitente entre 2016 e 2018. Para ampliar a minha compreensão dos ensinamentos tradicionais relacionados ao nosso tema, contei com o livro Vazio Luminoso - Para entender o clássico Livro Tibetano dos Mortos, de Francesca Fremantle, e pPreparing to Die: Practical Advice and Spiritual Wisdom from the Tibetan Buddhist Tradition, de Andrew Holecek. [...] em particular, a Cortland Dahl e Tim Olmsted, pelo constante apoio e ajuda para esclarecer os ensinamentos de Mingyur Rinpoche." (pg281 da edição brasileira)	A tradutora portuguesa demonstra alguma dúvida ou admiração com relação à dinâmica forma x conteúdo presente no livro e comenta: "[...] <i>nota-se no livro (uma coisa que senti ao traduzir) é que: ele parecia um homem mais “simples e básico” [fazendo sinal entre aspas com as mãos] do que de certeza é. Ou seja, ele é um homem de certeza muito mais profundo do que a linguagem em inglês conseguiu transmitir. Eu senti uma certa simplicidade no livro. Assim, quase uma infantilidade. Senti que ele parecia um bocadinho infantil, o que tenho certeza que não é. (risos)[...]Que não é nada infantil. E é capaz de ter que ver com isso, com a dificuldade de transmitir em inglês a profundidade da experiência dele, não é? Eu senti que o texto era um bocadinho.... e que as reflexões dele às vezes soavam infantis embora eu percebesse que não eram, eram para chegar a algum lado muito mais fundo do que transpareciam no texto.</i>" O que deixa transparecer que nem todas as pistas com relação à realidade do monge, à mensagem que quer transmitir, à cultura de partida conseguem ser extraídas das estruturas linguísticas adotadas no texto. Não somente o léxico, a sintaxe, a semântica, a oralidade presentes e os efeitos textuais conseguem abarcar as necessidades fundamentais do tradutor para seu processo criativo e de algum modo, metonímico.	No comentário da tradutora de TA2 percebe-se a diferença da compreensão da matéria, do conteúdo prestes a ser traduzido: "[...]Eu acho que isso é que faz uma diferença muito grande. Você não só trabalhar com palavras, mas você realmente trabalhar com a comunicação - com a presença do mestre comunicando aquilo para a plateia, para o público." Segundo a teoria funcionalista explicada por Christiane Nord em seu livro "Translating as a Purposeful Activity: Functionalist Approaches Explained" (1997) um resumo sobre a tradução especifica as condições particulares necessárias a respeito do que deve ser produzido. A tradutora de TA2 teve mais do que isso, ela teve treinamento específico de quem produz conteúdo para o público budista, segundo comenta em sua entrevista: "[...]Aí eu fui recebendo muito treinamento, muitos inputs do pessoal da Dharma Publishing, que é dos Estados Unidos, lá da Califórnia, com quem eu era ligada na época, e eu fui fazendo... eles faziam comigo um trabalho muito interessante, que era: eu fazia a tradução em português, daí eu ia para lá com meu texto em português, aí eles pediam (o editor principal pedia), eles pediam que eu lesse do meu português em inglês pra eles, ou seja, eu pegava do meu português e eu vertia aquilo em inglês oralmente e era muito interessante, porque ele me corrigia até as preposições (risos), ele corrigia até as preposições! (risos) [imitando] “Why you said of and not in...” whatever... seja qual for... então assim: eu tinha que ter uma atenção ao texto extraordinária! Tanto do meu português, tanto da versão oral que eu fazia em inglês para ele, para ele checar a acuidade do que eu estava trabalhando. Então tinha algumas palavras, por exemplo, que a gente trabalhava extensivamente, eu traduzi um texto muito difícil deles, que é sobre tempo-espaco-conhecimento, que ele usa uma linguagem muito... vamos dizer, assim, na diagonal, não uma linguagem muito direta, mas você precisa fazer uma escolha de palavras que abre um campo de entendimento maior para o leitor, e ele não fecha logo numa coisa que é conhecida, mas que abre um campo de indagação... então esse trabalho, olha, eu acho que foi o trabalho mais sofrido, mas o mais importante que eu fiz, de aprender a verter as línguas, tanto para o português quanto para o inglês, e eu aprendi muito com eles!" Isso ultrapassa os resumos necessários às compreensão do conteúdo. Isso, na verdade é a própria vivência do conteúdo.

Pressuposições	Pressupõe-se que a experiência de iluminação vivida por Rinpoche quando fez seu retiro errante de 4 anos seja gatilho para a curiosidade perceptiva do público que não tem contato com o Budismo. Daí, incitar a curiosidade e interesse pela religiosidade, meditação, autodesenvolvimento, por temas como o bardo ou mesmo o próprio Budismo.	A presença de um glossário específico atesta que há palavras relativas ao tema que precisa de conhecimento pressuposto, ou de explicação relativa. Assim como no catolicismo - religião da maioria em Portugal e Brasil existem conceitos, termos, fundamentos que são compartilhados e reconhecidos pelos pares praticantes, no budismo existe também esse pressuposto. Daí a opção por um glossário explicativo, que aborda conceitos e fundamentos indispensáveis. Óstia, ressurreição, céu, inferno, mistério, fé, páscoa, missão, missionário, padre, bispo, papa, santo(a), santidade, por exemplo, são termos que servem como exemplos da especificidade do glossário da religião católica. Assim também no budismo e no livro e nos conceitos apresentados por Rinpoche.	No mesmo trabalho(1997) Christiane Nord comenta que as decisões tradutórias se limitam à situação comunicativa, ao texto fonte e a cultura de chegada. É essa a baliza que circunscreve o trabalho de tradução. Falar de situação comunicativa é pressupor algum interesse por parte do leitor que busca o tema de espiritualidade, religiosidade, peregrinação, meditação, budismo, autodesenvolvimento. Quando o tradutor toma como base os pressupostos culturais do leitor, opta por alguma estratégia de condução de sua tradução. Por exemplo: "É onde está instalado o mosteiro tibetano da linhagem Kagyu de Mingyur Rinpoche, Tergar." este é um fragmento da definição traduzida de Bodh Gaya presente no Glossário, feito pela tradutora do português europeu. Ela sentiu a necessidade de um adendo explicativo: "da linhagem".O original está : "Home to Mingyur Rinpoche's Kagyu Tibetan monastery, Tergar.", não há "lineage" ou algum significante no original. No entanto, a tradutora portuguesa toma como pressuposto que o livro deve ser compreendido até por quem não sabe que Kagyu é uma linhagem. Daí, opta pela estratégia explicativa, colocando um adendo que não muda o sentido, mas explica para quem não compartilha da mesma bagagem cultural, para que compreendam a íntegra da mensagem.	A situação comunicativa da tradutora brasileira, conforme foi demonstrado anteriormente e dito na entrevista é diferente da tradutora portuguesa. O que pode ser uma vantagem, mas no caso citado no quadro ao lado fez com que a tradutora brasileira não visse a necessidade de dizer que Kagyu é uma linhagem dentro do budismo. Certamente é uma informação que já tem e já pressupõe como natural. O que não pressupõe a tradutora portuguesa, que afirmou nada conhecer sobre o universo budista.
Estruturação	Estruturou-se o livro por meio de uma série de entrevistas da co-autora com o autor. Escrito em capítulos que evocam os acontecimentos cronológicos vividos pelo autor nos quatro anos de peregrinação, o livro traz impressões pessoais e ensinamentos para os discípulos de Rinpoche e o público em geral. Sobre a estrutura interna no que se refere à forma, há apenas a diferença do prefácio que não existe nas traduções, escrita por um professor convidado. O funcionalismo considera a escolha das palavras, as frases de transição, as repetições e a coerência, as referências, tudo aquilo que mantém o texto coeso e coerente. São elementos que ajudam os leitores a participarem do fluxo textual, entender cada parte e compreender a essência da mensagem como um todo.	Oralidade, no caso da tradução, se liga diretamente a questões linguísticas, mas não a questões relacionadas à fonética ou à fonologia. A construção de um discurso oral se relaciona com a linguística através da sintaxe, das construções frásicas, da forma utilizada para a construção do gênero textual, da pragmática, de como é construída a oralização nesse ato comunicativo em questão, da semântica, do significado do que quer ser dito e do léxico utilizado, a escolha das palavras. O que quer dizer que isso se relaciona com a literatura diretamente, já que o produto final das entrevistas (orais) é um livro, em formato literário. Assim, a tradução deve ter isso, se não em foco, subjacente à compreensão do texto que se deve traduzir. A autora assume que o livro foi escrito como resultado das entrevistas: o que quer dizer que ela traduziu da oralidade para o texto literário. Isso indica mudanças lexicais, sintáticas e, talvez até semânticas, em casos específicos. A compreensão desse detalhe é importante para a tradução do livro em questão.	Existe uma diferença entre os dois volumes traduzidos nas variantes do português e o volume original: há um prefácio escrito pelo professor Mark Williams que não consta nas traduções. No que diz respeito à estrutura física, interna dos exemplares, essa é a maior diferença. No que se refere à estruturação interna ligada ao funcionalismo de Nord, pode-se dizer que a tradutora de TA1 se ateu aos elementos textuais que constroem o discurso e estabelecem o entendimento de cada parte e a compreensão do todo. Seu foco foi literário em função de sua bagagem, o que fez com que sua estrutura fosse coerente com suas escolhas.	A bagagem budista da tradutora de TA2 fez com que as escolhas tradutórias estruturassem o livro de modo coerente com a transmissão do mestre, conforme cita em entrevista. A oralidade é mais perceptível estruturalmente porque a escolha de palavras, frases, referências, a simplicidade que toma como pressuposto, tudo, indica o tipo de estruturação fluida e mais focada na mensagem budista.

Elementos não-verbais	A imagem constante no livro é apenas a da capa e se difere nas traduções portuguesa e brasileira. No original em inglês, observamos as costas de um monge que caminha. Enquanto caminha, atrás dele vai se formando o caminho, como se o caminho aparecesse a partir de sua caminhada. Faz analogia direta com a fala reconhecida como sendo do monge chinês Lao Tsu - "Caminhe e o Caminho se abrirá". Nuvens douradas, grafismo também reconhecido de templos budistas, onde o monge caminha, se abrem quando passa. Seu manto vermelho, tradicional do budismo tibetano, os pés descalços, que podem representar a entrega completa, sem armas ou preconceitos, a cabeça raspada tradicional budista, que traduz doação, entrega. O título tem a cor vermelha sangue do manto budista, em ligação direta "In Love With The World" ('o amor pelo mundo' igual 'manto que cobre o monge'). O monge que aparece de costas para o leitor indica que ele continua, que seu caminho não termina. Estamos (leitores) atrás dele, no caminho que ele está abrindo. Esta é uma possível (e mais direta) interpretação para a mensagem imagética da capa, que se apresenta em 3 cores: vinho (manto, título principal e splash contendo fragmento de uma crítica positiva de pessoa famosa), preto (subtítulo e demais escritos) e dourado (nuvens).	O elemento paratradutório não verbal que merece maior atenção é a capa do livro, em suas 3 edições: na edição inglesa, na edição portuguesa e na edição brasileira.	A imagem da capa portuguesa evoca a imagem e o grafismo presentes na capa original: vê-se as costas do monge que caminha, em uma estrada sinuosa do lado direito da estrada rumo às nuvens, a um horizonte indecifrável visualmente. A impressão que remete é um horizonte com fog, com nuvens, um horizonte onde não podemos ver o que está lá. A relva ao lado da estrada, e mesmo no meio do caminho, onde as rodas dos veículos não passa é verde, o que traz a sensação de natureza, campo. O que quer dizer, uma rota onde poucos passaram, evocando o poema The Road Not Taken (1915), de Robert Frost (1874-1963) . Diferentemente da capa original, o monde está de sandálias, o que não nos fala sobre entrega total, como na capa original. Está igualmente com o manto cor de sangue tradicional, e a cor da tipologia do autor principal é também vermelho, mas por ser um vermelho diferente, não há imediata conexão significante. O resto do título está na cor preta. Assim como no livro em Inglês, o título tem tipologia maior que a tipologia do nome dos autores, o que coloca o título em importância maior do que quem escreveu. No entanto, diferentemente do original em inglês, onde o nome da coautora é metade do tamanho do nome do autor, na tradução portuguesa o nome da coautora é apenas um ponto menor do que a tipologia do nome do autor, o que indica uma gradação diferente de importância entre coautor e autor. Mesmo que isso tenha passado despercebido pelo planejamento editorial, é o que fica perceptível, nem que subliminarmente, pelo público português. Coincidentemente ao público inglês, o público português está às costas do monge, indicando que é o público a seguir o monge e não o contrário. Cabe o relato de que a sombra atrás do monge indica que a luz está à frente, o que acrescenta um importante significante na mensagem desse elemento não-verbal na tradução portuguesa. Tanto a relva, a estrada quanto o monge, não parecem um desenho, mas uma fotografia, que bem poderia ter sido a do verdadeiro autor. O que mistura um pouco a fantasia com a realidade na capa. Diferente da capa original que é toda ilustrada. A capa portuguesa aparenta é um híbrido - entre um grafismo e uma foto (parece ser uma foto montagem, na verdade com o grafismo das nuvens à frente).	A capa da edição brasileira não faz referência direta à capa da edição original, como a edição portuguesa. Não há o monge caminhando por uma estrada, mas sim, o próprio monge Rinpoche em superclose, imagem datada do momento exato quando chegou da peregrinação e se encontrava cabeludo e barbado. Na foto, ele olha para um horizonte, ou para alguma coisa que o leitor do livro não vê, não tem acesso. No entanto, olha para a luz. Somente ele está em superclose e em foco, e todo o resto da cena é desfocada. O que indica que o seu olhar para a luz é o mais importante. A referência da luz, assim como na capa portuguesa deve ser observada. Até um reflexo forte em seu rosto é facilmente identificado, como se ele estivesse no momento exato quando se iluminou, ou quando estivesse vendo a luz. Eis o significante mais forte presente na capa em questão. A barba por fazer, seu cabelo grande quase não visto mas percebido na foto indica - ele teve que passar por muito para chegar até a luz e/ou demorou muito tempo para chegar até a iluminação. É uma alusão específica e clara, mesmo que subliminar, mas facilmente identificada na capa. O resto está em blur, o que tende a significar: o importante é ele, o que tem a dizer, não o que está vendo. A capa é preta e branca, diferentemente da capa original e da tradução portuguesa. Ainda que seja uma escolha editorial para baratear custos, há mensagens relativas às cores também na capa brasileira: o título é branco, o subtítulo também, coincidente portanto com a luz. A tipologia do título é maior que a do nome do autor. No entanto, o nome da coautora é do mesmo tamanho da do autor. O que difere os dois é que o principal está em tipologia bold e a secundária está em tipologia light.

Léxico	A escolha das palavras do texto fonte faz parte do Léxico e influencia diretamente o significado da mensagem que se quer transmitir. Isso certamente foi observado pela coautora, que colocou nos agradecimentos detalhes dos estudos que fez relacionados ao léxico e ao sentido das palavras para que não soasse diferente da mensagem que quis transmitir o autor, Rinpoche. Mesmo sinônimos podem transmitir nuances diferenciadas, conotações ou emoções distintas. O livro fala sobre experiências sensoriais e transmite a filosofia budista. No texto fonte há estratégias estilísticas e retóricas para tentar emular a persona do monge, já que a literatura foi concebida por meio de entrevistas e traduzida a posteriori. Neste texto não foi observado neologismos ou mudanças de léxico que indicassem uma característica específica. Algumas expressões foram utilizadas, mas se referem mais à escrita em inglês do que exatamente à cultura tibetana.	O Léxico das traduções precisa ser coerente, desde o texto fonte aos textos alvos, na variante portuguesa e na variante brasileira. Uma das maiores dificuldades desse texto pode ser a polissemia - a possibilidade que algumas palavras têm de transmitirem múltiplos significados. É o que diz a tradutora brasileira, à respeito do "significado aberto" e é também uma preocupação da tradutora portuguesa, quando fala sobre palavras que "não alcançam" o significado proposto. É preciso observar o campo semântico trabalhado no budismo e buscado pela coautora para que as traduções sejam mais aproximadas da cultura de partida. Efeitos estilísticos e retóricos estão a todo momento sendo observados nas traduções, que tendem a emular alguma característica julgada essencial para o texto. Enquanto a tradutora de TA1 indica a preocupação literária, a tradutora TA2 indica a preocupação com a simplicidade monástica na forma de expressão, isso parece claro. Com relação às expressões utilizadas, pode-se dizer que foram domesticadas em alguns casos, sobretudo pela tradutora do português brasileiro.	A tradutora de TA1 comenta: "<i>Parece tudo muito simples, o que faz com que pareça que os pensamentos dele e as reflexões dele são muito simples, e é óbvio que não são. Não é? É óbvio que uma experiência como a que ele... bem, desde que nasceu e depois aquela experiência em particular não foram experiências básicas, não é? Nem infantis. Nunca tinha pensado nisso, de facto, como ele teve que falar em inglês, que não é a língua dele...</i>" Elencamos algumas palavras ou formas de utilização lexical que demonstram a diferença que é percebida ao longo do livro, o que resulta em um tom diferente nos dois textos: - mesa baixa - comecei a andar de um lado para o outro às escuras e a olhar constantemente para o relógio - desci as escadas pé ante pé - alpendre marmóreo - estrada secundária - passou um jipe - desde a minha infância - dava agora conta de que - dei por mim a pensar em Naropa -Um enorme Buda dourado ergue-se do santuário, olhando diretamente o portão principal e, para lá deste, o Templo de Mahabodhi.	O diminutivo de mesa, a utilização da expressão contar os minutos, a expressão ponta dos pés em paralelo ao pé ante pé, o léxico diferente, não somente relativo à utilização portuguesa e brasileira, a voz passiva em vez da voz ativa, enfim, uma série de exemplos que podem ser tirados a cada página do livro que nos falam da questão interna lexical e o que isso produz em termos de diferenças de percepção na leitura do livro. - mesinha - comecei a contar os minutos no escuro e verificar meu relógio - desci no escuro, nas pontas dos pés - terraço de mármore - viela - um jipe passou - desde criança - agora, notei que - eu me vi pensando em Naropa - Há um enorme Buda dourado no altar, de frente para o portão principal e também para o Templo Mahabodhi.
Sintaxe	Para falar da sintaxe no texto fonte, é importante lembrar das ideias de Chomsky (1965), para quem a sintaxe desempenha um papel na tradução da mensagem de uma forma interna para uma forma externa e visível. Segundo ele, existe uma gramática universal que é fundamento para qualquer língua falada. A sintaxe vai observar as estruturas gramaticais básicas que governam como as sentenças são formadas e no caso da coautora ela se colocou no lugar de Rinpoche para que as estruturas fossem emuladas de modo a espelhar seu discurso. Portanto, a sintaxe neste caso desempenha um papel fundamental na comunicação do monge, garantindo que as sentenças sejam bem formadas e compreensíveis, soando naturais.	Um cuidado que se tem que ter nas traduções e que foi observado aqui, mesmo nos títulos e capítulos em tradução, no prólogo ou no epílogo se relaciona às transformações sintáticas. Termo introduzido ainda em 1965 por Chomsky, que nos fala da possibilidade de transformação da sentença em uma forma distinta, o que afeta a ênfase, a voz e a estrutura sentencial. Segundo ele, e isso também pode ser atestado pela retórica, existe nessas transformações influências diretas na mensagem comunicada, alterada em sua estrutura de ordem frasal. As tradutoras do português europeu e brasileiro precisam, portanto, estar atentas à isso.	Na sintaxe também é percebida a diferenciação de escolhas tradutórias que evidenciam escolhas tradutórias diferentes, o que resulta em outra experiência de leitura. É como o simples exemplo colocado acima: o léxico é o mesmo, mas a diferença da voz soa diferente ao texto: a tradutora de TA1 opta por colocar a voz passiva: "passou um jipe". A tradutora de TA2 opta exatamente pelo mesmo léxico mas coloca na voz ativa: "um jipe passou". E isso por mais simples que possa parecer, ao longo de cerca de 300 páginas acaba por trazer, conforme as ideias de Chomsky, uma transformação na ênfase, na voz, na estrutura sentencial. Por exemplo: a tradução de TA1 desde fragmento é: - Lama Soto viera aos meus aposentos cerca das nove horas da noite para verificar se eu precisava de alguma coisa antes de se retirar. A voz direta dá mais ênfase ao sujeito da ação.	A tradução de TA2 do mesmo fragmento é: - Antes de se recolher, Lama Soto veio ao meu quarto, por volta das nove horas, para verificar se eu precisava de alguma coisa. A voz indireta dá mais ênfase à gentileza e à prestação de serviço do assistente Lama Soto, ou seja, mais ênfase à ação e o modo que foi feita, do que ao sujeito. E isso muda a percepção o olhar do leitor sobre o ocorrido. No original não existe a inversão, no original, portanto, a ênfase desta frase específica é no sujeito. "Lama Soto had come to my room at about nine o'clock to check if I needed anything before he retired."

Elementos supra-segmentais	Mesmo que os elementos supra-segmentais se relacionem a aspectos prosódicos, ou seja relacionados à fala, é possível estabelecer essa busca no texto literário porque mesmo o texto escrito traz a voz de quem fala. Elementos como entonação, ritmo, pausa, ênfase, por exemplo, são encontrados no texto até mesmo no ritmo de leitura. Na poesia isso é mais evidente, mas em um texto literário também sente-se as características de quem fala: a cadência subjacente à ordem das palavras, à ordem das sentenças, à forma do discurso. Parece ter sido a preocupação da coautora por ter feito o papel de emular a voz do monge. As entrevistas que fez somado às conversas com os discípulos e apresentação do texto para que fosse percebido se ele "soasse" corretamente, é indício da preocupação com os elementos supra-segmentais presentes no discurso.	Os cuidados que os tradutores terão se relacionam a isso: à expressão emocional e organização estrutural coerentes com a compreensão do significado e a entonação da intenção da mensagem. Na entrevista com a tradutora brasileira isso foi levantado por ela, mostrando a preocupação da mesma de que o texto soasse budista. É uma questão de interpretação, mais do que de léxico. Graças aos elementos supra-segmentais percebidos no texto a função textual pode ser alcançada, bem como os efeitos do texto.	Alguns exemplos que demonstram a importância dos elementos supra-seguimentais que podem ser sentidos no texto, mesmo que estes se relacionem à fala. Sobre tudo quando o texto é uma primeira pessoa falando e se expressando. Busquemos os exemplos no epílogo: "Quando saí do hospital, senti-me tentado a regressar a Kushinagar." - "quando saí do hospital" demonstra coloquialidade, a oralidade do monge em contraposição a "ao sair do hospital" optado pela tradutora brasileira. "Agora eu trazia roupas de cor de açafraão" - trazer não significa necessariamente usar. É um recurso estilístico que busca uma ênfase mais requintada ao discurso, em contraposição a "agora eu usava túnicas cor de açafraão" optado pela tradutora brasileira. A opção pela não utilização do artigo, além de não dar a ênfase ao personagem histórico, a unicidade necessária a Buda, muda o sentido sacralizado do texto: "Buda não estava morto e eu não estava vivo" em contraposição a "O Buda não estava morto e eu não estava vivo" optado pela tradutora brasileira.	"Ao sair do hospital, senti um chamado para voltar a Kushinagar." - "senti um chamado para voltar" demonstra pessoalidade oral diferente de "senti-me tentado a regressar" optado pela tradutora portuguesa. "agora eu usava túnicas cor de açafraão" coloca no texto a oralidade do discurso, em contraposição a "agora eu trazia roupas de cor de açafraão". "O Buda não estava morto e eu não estava vivo" em contraposição a "Buda não estava morto e eu não estava vivo" traz o mesmo léxico, mas a utilização do artigo muda a forma do discurso, e sobretudo a percepção sobre ele. No entanto essa foi uma opção de discurso da tradutora brasileira, já que o artigo nesta frase não foi colocado originalmente pela coautora nas palavras de Rinpoche. O que demonstra que ela optou por privilegiar o sentido do que têm como correto segundo a filosofia, não como a tradução simplesmente. É difícil explicar com uma frase ou outra a busca literária pela voz presente no texto. Quem optar por ler todo o epílogo, que parece ser o comentário mais pessoal de todo o discurso do livro pode se surpreender por ser tomado pela emoção ao final do texto do epílogo, o que demonstra de modo sutil mas evidente, a importância do que está por trás das frases. Como as pausas em uma obra musical. É onde não há notas que reside o espaço a ser preenchido pelo sentimento. Com o texto oral, a mesma coisa. O epílogo se mostra como um clímax em uma peça musical. É quando se aguarda determinado acorde, no gap deixado pelas palavras que o leitor pode reconhecer como colo e deixar ser levado.

Efeito do Texto	No texto fonte os efeitos buscados se relacionam com a Skopos Theory e se ligam diretamente à tradução, pois observam um propósito específico. No caso, à transmissão dos conceitos filosóficos e das experiências vividas pelo monge Mingyur Rinpoche. O efeito da mensagem se liga à mensagem em si: ponto central na tradução intercultural, já que o que se observa é uma tradição oriental sendo passada para uma realidade ocidental, de tradição diferente. O texto fonte vai observar o público alvo e a adequação de linguagem contextual necessária à seu efeito.	Foi observado ao longo das traduções dos textos de TA1 e TA2 que TA1 fez a opção por maior rigor literário enquanto TA2 fez a opção por tentar emular a voz do autor no que se refere à simplicidade de seu caráter - um monge peregrino errante, mas responsável pelo Tergar, uma centena de grupos ao redor do mundo dedicados ao aprendizado do budismo tibetano e seus ensinamentos. Tanto na entrevista com a tradutora portuguesa quanto na entrevista com a tradutora brasileira não foi relatado nenhuma negociação entre tradutor e cliente, entre editora e tradutor - como pressupõe a teoria do escopo, ou as diretrizes de efeito textuais que o texto exige. No entanto, a tradutora brasileira diz que o grupo do Tergar foi quem pediu a tradução, baseada nas traduções anteriores que enfatizavam os ensinamentos budistas e seu escopo filosófico, o que faz crer que um acordo tácito houve, de algum modo, pois se esperava da tradução o que foi esperado dos outros livros do mesmo autor.	Tanto a tradutora de TA1 quanto a tradutora de TA2 fizeram um trabalho que atinge o público alvo das editoras. É um engano pensar que somente é válido a coerência funcional absoluta, afinada com os desejos de propagação da filosofia e ensinamentos do monge. Existe a questão comercial que precisa e deve ser observada, caso contrário nem o monge conseguiria publicação. É preciso lembrar que há um mercado, um público comprador, um segmento responsável por uma significativa fatia de mercado que é atingida pelas traduções das duas variantes da língua. Em Portugal, o mercado conta com uma população de pouco mais de dez milhões de habitantes, o que quer dizer a grosso modo, 5% do número de habitantes brasileiros. Segundo a pesquisa do Retratos da Leitura no Brasil realizada pelo Instituto Pró-Livro, Itaú Cultural e Ibope Inteligência (pesquisa de 2019 divulgada em 14 de setembro de 2020), o Brasil tinha 52% de leitores, cerca de 100 milhões de leitores em 2019. O propósito do livro é atingir todos aqueles que se interessam pelo tema, independentemente de serem praticantes do budismo ou de meditação.	A tradutora de TA2 teve um envolvimento diferenciado com o texto porque sua demanda veio diretamente do grupo Tergar, de Rinpoche. Isso faz com que o escopo dela seja um pouco diferente do escopo da tradutora de TA1, encontrada para substituir de modo freelance uma outra tradutora de uma editora que não poderia fazer o trabalho. As condições de chegada de cada uma das duas na condição de tradutoras do texto original são completamente distintas e isso interfere no escopo de ambas. Enquanto a portuguesa tinha obrigação de fazer um bom trabalho de tradução, a brasileira tinha a obrigação de fazer um bom trabalho para o grupo discípulo de Youngey Mingyur Rinpoche. Assim, o olhar das duas para o texto, para sua função, para o seu escopo e para o seu público são distintos e cada uma cumpriu sua função baseada nesses dois olhares distintos, conforme as avaliações dentro da perspectiva de Nord na tabela e na extensão que propusemos a partir da tabela (avaliando glossário, títulos e subtítulos, prólogo e epílogo).

Tabela 6: Discurso versus Legenda no Youtube 2018

Quadro comparativo entre o que efetivamente é dito pelo monge e o que é escrito por quem legendou o conteúdo, tentando exprimir de maneira mais clara e gramaticalmente mais correta o que foi dito oralmente.	1 - Cópia da oralidade de Yongey Mingyur Rinpoche em um de seus vídeo de 2018 do Youtube intitulado "Yongey Mingyur Rinpoche's New Year Greeting 2018"	2 - Legenda: texto traduzido do pronunciamento de Yongey Mingyur Rinpoche, segundo adequação gramatical, sintática e lexical tendendo à norma, que foi colocado como legenda para dirimir desentendimentos
Informação idêntica, tanto no que é dito pelo monge, quanto no que é escrito por quem legendou o conteúdo, tentando exprimir de maneira mais clara e gramaticalmente mais correta o que foi dito oralmente.	Happy New Year, two thousand eighteen! Tashi Delek (- saudação tibetana)	Happy New Year, 2018! Tashi Delek! (- saudação tibetana)
"That": O uso do "that" corretamente introduz a oração subordinada na frase; "and": A falta do "and" na primeira frase torna a frase oral sem conexão com os outros elementos frasais. O "and" atua como conjunção; "to the": O erro gramatical do uso do "the" na sequência de "to" marca um pequeno problema de oralidade, já que apenas o "to" deveria ser usado como preposição; "with": A regência verbal indica que o "with" deve ser usado no lugar do "to", oralmente utilizado, mas gramaticalmente incorreto. O "with" indica na frase "a quem" ou "com quem";	I wish (a) this new year brings you happiness, wisdom, compassion, develop your inner peace. And at the same time, you may contribute to the others , influence your friends, family and share your peace to them, to the society, to the world.	I wish that this new year will bring you happiness, wisdom, compassion, and develop your inner peace, and at the same time, you may contribute and influence your friends and family and sharing your peace with them, with society, and with the world.
Discrepância no tempo verbal, estrutura da frase e tempo verbal de ocorrência	So now we are in the twenty first century and the material development was very good.	We are now in the 21st century, and the material development is very good.
"So recently": Erro de estilo - redundância: O uso da conjunção "so" aqui é desnecessário e torna o início da frase redundante (marca de oralidade). "I heard of that": Erro gramatical - preposição "of" combinada com o pronome "that": A expressão correta seria "I heard from". "by Scientific research": Erro gramatical - quantificação (uso indevido do artigo "a" com o substantivo incontável "research") e um erro de capitalização (capitalização desnecessária de "Scientific"). A frase seria mais clara se fosse "from scientific research". Além disso, "scientific" não precisa ser capitalizado. "that at this point, now": Erro de estilo - redundância: O uso de "that at this point" e "now" juntos é redundante. A frase ficaria melhor com apenas um desses termos. "we are the lowest rate": Erro gramatical - concordância nominal: Deve-se dizer "we have the lowest rate" ou "the rate is the lowest in human history": Erro gramatical - uso do artigo definido: O correto é "in human history", sem o artigo "the". Uma versão corrigida da frase poderia ser: "Recently, I heard from scientific research that, at this point, we have the lowest rate of violence in human history."	So recently I heard of that by Scientific research that at this point, now we are the lowest rate in violence in the human history.	Recently, I heard from a scientific research, that at this point, we are at the lowest rate of violence in human history.

"Which": A palavra não está corretamente utilizada, transição entre afirmação e posição contrária sem marcação frásica, e diferença de clareza e coesão entre ideias está mais clara na segunda opção, a legenda; "So": Novamente o uso do "so" redundante marcando o estilo verbal;	So wich is wonderful! Congratulation. So at the same time, our mental [aponta a cabeça] unbalanced.	This is wonderful! Congratulations! But at the same time, our mental (health) is unbalanced.
"The": A repetição do artigo definido há marcação oral da especificidade dos substantivos, o paralelismo na lista de fatores está mais adequado se utilizado em uma construção fluida, com uso correto de conjunções. "also": O uso do advérbio na segunda opção resolve uma deficiência de estilo de construção da primeira opção; "All this become much more stronger": A opção mais correta gramaticalmente seria: "All this becomes much stronger". A tentativa da legenda foi de adequação de verbos e de uso correto de tempo verbal;	The stress, the emotions are unbalanced, the stress, panic, depression. All this become much more stronger.	Our emotions are unbalanced, also stress, panic, and depression, all these are increasing and grow stronger.
"Thing": O termo "thing" funciona como um substantivo que representa o conceito ou a ideia a que se refere o adjetivo "important", tornando a frase mais fácil de compreender.	So right now the most important for this twenty first century is to develop inner peace.	Right now, the most important thing for the 21st century is to develop inner peace.
"That": A conjunção "that" contribui para a clareza da frase na segunda opção, o que inexistia na primeira frase; "beginning" e "will try": O uso de infinitivo e gerúndio indica a ação em movimento e a escolha correta de tempos verbais facilita a compreensão da comunicação do tempo futuro pretendido;	So I hope all of you to beggin for this new year: try to develop inner peace.	I hope that all of you, beginning this new year, will try to develop inner peace.
"To develop": O uso do gerúndio "developing" mantém consistência na estrutura gramatical, já que o objetivo é a listagem de ações; "and share": A utilização de "and that you will share" consegue introduzir a oração subordinada substantiva que atua como objeto direto do verbo "developing"; "to": O uso de "to" não é indicado, já que o correto é o uso da preposição "with" na opção da legenda;	To develop inner peace through awareness, through love and compassion, through wisdom, and share this peace to your friends, family.	Developing inner peace through awareness, through love and compassion, through wisdom, and that you will share this peace with your friends and family.
"It will benefit for": Está gramaticalmente errada a construção verbal; "for": o uso de "for" no lugar de "to" é considerado um erro gramatical; Além disso, "this inner peace" no final da frase confunde o ouvinte. A ordem sintática é mais clara na segunda opção;	Share, help, influence. I think it will benefit for the world, and we really need it for this century right now, this inner peace.	Share, help, influence! I think it will be of benefit to the world. We really need inner peace for this century.

“so” e “In your mind”: Novamente o “so” que é marca da oralidade em redundância. A construção “in your mind” prejudica a clareza do discurso, corrigida pelo acréscimo na construção “into your own mind”; “can”: A utilização do verbo “can” está incorreta. Poderia ser utilizado “will be able”, como alternativa mas a mudança na construção na segunda opção corrigiu o texto mantendo o sentido pretendido. A opção da legenda utiliza preposições “that” e “and” que clarificam o que está sendo dito, assim como a conjunção “with”.	So I will pray all of you, that first bring this peace in your mind, through awareness, through love and compassion, and through wisdom and you can able to share this peace to your family, friends, even your puppies.	I will pray for all of you that you may first bring this peace into your own mind. Through awareness, through love and compassion, and through wisdom. And that you may share this peace with your friends, family, and even with your pets.
“Person”: A utilização correta neste caso é “people”, da segunda opção; “it”: O pronome “it” é necessário; A construção está confusa, a marca do estilo oral está prejudicando o entendimento frasal.	If you can share this peace with one person, two person, and they can share another one, two person, so, eventually, can affect the whole society.	If you can share this peace with one or two people, and they can share it with one or two people, and eventually it will affect the whole society.
Há neste exemplo diferença de estilo e ênfase, devido à utilização da vírgula evidenciada no texto escrito. Novamente o “so” em repetição fragiliza a força da oralidade, já que se repete muito em pouco texto; Também podem ser considerados na análise gramatical, apesar dos dois fragmentos estarem corretos.	So in the end we all can get world peace. Ok? Thank you! Tashi Delek! (- saudação tibetana)	In the end, we can all get world peace. Thank you! Tashi Delek! (- saudação tibetana)

Tabela 7: Títulos e capítulos em Tradução

In Love With the World - TF	Amar o Mundo - TA1 (texto alvo1)	Apaixonado pelo Mundo - TA2 (texto alvo2)	Comentários relativos às traduções dos títulos
In Love With the World What a Buddhist Monk Can Teach You About Living From Nearly Dying	Amar o Mundo A viagem de um monge pelos bardos da vida e da morte	Apaixonado pelo Mundo a jornada de um monge pelos bardos do viver e do morrer	[...] em Portugal... devem ter tido algum receio de que parecesse... como é que se diz... em inglês é corny [cafona], não é? Em Português é fuleiro, é assim, achar que as pessoas achassem que é assim uma coisa de fraca qualidade de baixo nível, assim, de ser apaixonado, às vezes evita-se esses títulos, a menos que estejamos a falar de livros românticos. Ou que as pessoas achassem que era uma coisa lamechas [no Português do Brasil “piegas” - quem demonstra demasiada sensibilidade ou as suas emoções - bajoujos, tolos] e não era essa a ideia do livro, se calhar podem ter evitado esse tipo de palavra." Assim disse a tradutora do livro em PE, Ana Pinto Mendes. Ela traduziu o título do livro como sendo "Uma Paixão Pelo Mundo", conforma nos disse em entrevista, mas a editora escolheu mudar para "Amar o Mundo". Segundo ela, prefere "Apaixonado pelo Mundo", a tradução do PB. Conforme explicou em sua fala, acredita que foi uma escolha comercial baseada no mercado e no público português. Interessante notar no português brasileiro o movimento é presente na escolha lexical, com o uso do gerundismo. Já no português europeu a estagnação via infinitivo é constante e presente nas escolhas lexicais e, portanto, tradutórias. Assim, a escolha foi por "Uma Paixão Pelo Mundo" em vez de "Apaixonado Pelo Mundo", ou mesmo "Amar o Mundo", em vez de "Amando o Mundo". Este traço pode ser verificado em vários subtítulos do livro, como também no texto traduzido.
Part One - Adding Wood to The Fire	Parte Um - Mais Achas para a Fogueira	Parte Um - Jogando Lenha na fogueira	No título do capítulo Parte Um, o traço da estagnação também é observado: enquanto no português brasileiro a ação de jogar a lenha é utilizado (“Jogando Lenha na Fogueira), no português europeu ela é ignorada, ou mais especificamente subentendida devido à palavra “Mais” (Mais Achas para a Fogueira). No original em inglês, a ação faz parte do título (“Adding”).
Who Are You?	Quem és tu?	Quem é você?	No trabalho de doutoramento da pesquisadora Valéria Carvalheiro da Universidade do Porto, um excerto que ilumina a diferenciação entre a utilização do Tu e do Você, já que o trabalho da pesquisadora é exatamente sobre isso: "No PE, as formas de tratamento pronominais tu e você podem ter usos distintos, a fim de produzir efeitos de maior ou menor distanciamento entre os interactantes, em interações discursivas, ligados a diferentes graus de cortesia e, sobretudo, expressar oposição entre formalidade e informalidade. Entretanto, conforme Duarte (2010), o PE possui preferência pelo uso de sujeito nulo, o que pode conferir maior ou menor ênfase ao dito, por meio do tratamento escolhido pelo locutor, se de forma implícita (mais cortês e mais branda ao interlocutor), ou explícita (mais direta e agressiva ao interlocutor)." (2016:CARVALHEIRO, Valéria mourales As Diferentes Regras de uso das formas tu e você e suas influências na compreensão de narrativas literárias: PB e PE. pg38) Tese realizada no âmbito do doutoramento em ciências da linguagem; Valéria Carvalheiro citar . Isso quer dizer que há uma escolha natural pelo afastamento, pela distância de tratamento colocada entre o leitor do livro em português europeu e o autor. No entanto, há possibilidade de questionar se essa seria mesmo a melhor opção, dada a realidade, as características específicas deste projeto. Um líder espiritual trata seus discípulos com proximidade. Será que isso foi observado, ou levado em conta conscientemente, ou essa forma de tratamento usual foi colocada, porque toda tradução de "who are you" em português europeu é "quem és tu"? A tradução natural para o português brasileiro é, sem dúvida quem é você. E, nesse caso, condiz com as características relativas ao trabalho.
Acknowledge the Wave but Stay with the Ocean	Perceciona a onda, mas mantém-te no oceano	Reconheça a onda, mas fique com o oceano	Neste subtítulo nota-se a diferença entre a escolha diferente do vocabulário e conjugação verbal, traços distintos de utilização nos dois países: uma, a voz reflexiva "mantém-te" em contraposição à voz ativa do presente do conjuntivo "fique". Semanticamente, é possível estabelecer uma diferença entre "perceber" e "reconhecer": enquanto perceber é a capacidade de notar, entender (em Portugal usa-se comumente perceber enquanto no Brasil usa-se comumente entender) ou sentir, reconhecer passa pela identificação que se relaciona a um conhecimento prévio. A questão contextual novamente se impera frente ao valor semântico.
Born with a Silver Spoon	Nascido com uma colher de prata na boca	Nascido em berço de ouro	A diferença tradutória neste caso demonstra duas diferentes estratégias de tradução. A TA1, tradutora portuguesa, opta por uma adição explicativa no título para que a mensagem seja compreendida, enquanto a TA2, tradutora brasileira opta pela domesticação tradutória, reconhecida estratégia que substitui uma expressão da língua de origem, do TF texto fonte, por uma expressão de valor semelhante na língua de chegada, no TA texto alvo. Assim substitui-se a "colher de prata" pela expressão utilizada no Brasil, "berço de ouro".
Impermanence and Death	Impermanência e morte	Impermanência e morte	
Letting Wisdom Arise	Deixar a sabedoria vir à tona	Deixando a sabedoria emergir	Neste caso a expressão figurativa "vir à tona" foi a escolha da tradutora portuguesa, que, como observado em outros tópicos parece mais atenta à linguagem literária, enquanto a tradutora brasileira faz a escolha mais direta. Novamente nota-se a escolha pelo traço da estagnação em "deixar a sabedoria vir à tona", mesmo que a ação esteja presente no título em inglês: "letting..."

What Will You Do in the Bardo?	Que farás tu no bardo?	O que você vai fazer no bardo?	A presentificação do futuro é um traço brasileiro que muitas vezes se apresenta como um recurso retórico. A tradutora brasileira poderia ter optado por "O que você fará no bardo?", mas além de ser mais coerente com a forma utilizada no inglês "What will you do in the bardo?", sutilmente existe uma presentificação do futuro que dá força à ação. Quando o verbo é um verbo simples no futuro, "fará" você distancia o sujeito. Quando o verbo é composto e o outro verbo principal se coloca no infinitivo, você aproxima o sujeito da ação: "vai fazer". A diferença entre o tu e o você fica pela diferença cultural de utilização, mas as duas são percebidas (em português europeu) e entendidas (em português brasileiro) por ambas nacionalidades. A primeira compreende o você como mais íntimo, a segunda compreende o tu como mais distante e erudito. Reflexo, inclusive das tantas diferenças sociais existentes no Brasil - o que se espelha na linguagem.
Lessons from Milarepa	As lições de Milarepa	As lições de Milarepa	
Varanasi Rail Station	Estação ferroviária de Varanasi	Estação de trem de Varanasi	Aqui um traço cultural marcante: enquanto diz-se "trem" no Brasil, diz-se "comboio" em Portugal. Usa-se no Brasil estação ferroviária, mas o mais coloquial é estação de trem. O que indica, novamente, que a tradutora brasileira está mais preocupada com a condição de simplicidade do monge e seu jeito simples, justo à filosofia que prega. Menos, portanto, à literatura, à questão literária que poderia incitar a escrita do livro. Há portanto que se observar a questão da forma e conteúdo presente na semiótica do dinamarquês Louis Hjelmslev (1899-1965), fundador do Círculo de Copenhague que propôs que as coisas do mundo se dividem em forma e conteúdo.
Emptiness, Not Nothingness	Vazio, não existência	Vacuidade, não existência	Ponto nevrálgico da análise das diferenças tradutórias, Vazio e Vacuidade representam um nó conceitual da diferença linguística e tradutória. neste caso de um livro budista tibetano. O Vazio é refutado pela tradutora brasileira para não ser confundido com o Nada. Pelo que que foi defendido pela tradutora brasileira, o termo "vazio" não deve ser utilizado porque ele seria justamente a "inexistência" (o nada). Compreendo a vacuidade nessa perspectiva como um estado.
If You See Something, Say Something	Se vires alguma coisa, diz alguma coisa	Se vir alguma coisa, avise!	As traduções deste subtítulo parecem não ter tido a mesma compreensão por parte das tradutoras. Enquanto TA2 decidiu buscar uma expressão que se encaixa no contexto brasileiro, a TA1 parece ter buscado a literalidade da tradução com o paralelismo do something/something - alguma coisa/alguma coisa. No entanto, cabe comentar que a estratégia estilística que funciona em uma língua, nem sempre funciona em outra. Há uma expressão no português brasileiro: "qualquer coisa, grite" que talvez também se encaixe. Há necessidade de se pensar até que ponto uma expressão bem humorada se torna exagerada em outro idioma. Por exemplo: "leveza" é diferente de "graça". A domesticação na tradução pode e deve ser feita quando há espaço para isso e não vai ferir o que se pretendia na LF língua fonte.
A Visit from Panic, My Old Friend	Uma visita do meu velho amigo pânico	Uma visita do pânico, meu velho amigo	Neste subtítulo há uma diferença estilística clara. Mesmo que seja apenas uma diferença na sintaxe invertida pela tradutora do TA1, que faz uma inversão que não existe no original. Muda a retórica desejada pela coautora, atingindo por um lado o estilo e por outro lado, em algum nível, a persuasão. É como contar o fim da piada antes da hora. A coautora guarda "my old friend" para depois do "pânico", a tradutora portuguesa entrega a adjetivação antes da hora desejada. Novamente: é uma decisão estilística de quem tem nas mãos a co-criação no momento da tradução.
A Day at the Ghats	Um dia nas ghats	Um dia nos ghats	Para a tradução portuguesa, ghats fica no feminino talvez por ter sido interpretada como uma espécie de "lavandaria pública", ou as escadarias, mas pode ser referida como o local, portanto para a tradução brasileira, fica no masculino. Também pode se dizer que são os degraus, ou o local sagrado, o que seria no masculino. Existem as cadeias de montanhas da Índia, aí sim, no feminino, mas não é o caso do texto. Não houve referência direta dos ghats no glossário, o que faz com que não tenha sido alvo de uma maior definição por parte do texto original. Como no inglês não há como saber o gênero no subtítulo A Day at the Ghats, fica a pesquisa das tradutoras e seu conhecimento responsável pela escolha que julga mais correta.
Of Sleep and Dreams	Do sono e dos sonhos	Sobre sono e sonhos	As duas traduções estão corretas, segundo o que querem dizer as palavras. Seria mais própria a escolha por "sobre" se no original estivesse "about sleep and dreams"? "Acerca de" também seria uma sugestão, mas a contextualização com o público de chegada vai ser o fiel da balança na questão da escolha.
Learning to Swim	Aprender a nadar	Aprendendo a nadar	Novamente o traço da estagnação presente na escolha tradutória do português europeu, coerentemente com o uso do tempo infinitivo no dia a dia. Não é o que diz o original: de certo modo é uma domesticação tradutória fundada na utilização portuguesa.
Memento Mori	Memento mori	Memento mori	
Part Two - Returning Home	Parte Dois - Regresso a casa	Parte Dois - Voltando para casa	Novamente a questão da literatura versus coloquialidade. A impressão que fica é que a tradutora TA2 é mais atenta com a simplicidade oral do monge e tenta ser coerente com isso.
Where the Buddha Died	Onde Buda morreu	Onde o Buda morreu	Aqui retorna a questão importante do artigo para falar do Buda histórico, não do espírito, da filosofia ou da natureza búdica.
What Is Your Happy Dream?	Qual é o teu sonho feliz?	Qual é o seu sonho de felicidade?	Nas duas formas é possível perceber ou entender a tradução na variante da língua. Cada uma mais contextualizada ao seu público.

Coming Through Darkness	Atravessar a escuridão	Sobrevivendo à escuridão	Neste subtítulo nota-se novamente o traço cultural da estagnação do tempo verbal. Atravessar no infinitivo versus sobrevivendo, no gerúndio. Assim como no título a dramaticidade brasileira se faz presente, quando opta-se por "sobreviver" em vez de "atravessar". Se por um lado o português tem o traço da estagnação, o brasileiro tem o traço da dramaticidade.
A Chance Encounter	Um encontro do acaso	Um encontro casual	Novamente uma questão de contextualização ao público de chegada.
Naked and Clothed	Despido e vestido	Nu e vestido	Despido e vestido é bem coerente com o inglês original, nu e vestido também, mas os significantes despido e nu tem cada um uma força diferente para dizer a mesma coisa. Os dois são reconhecidos nas duas línguas. Enquanto para o português europeu é mais natural dizer despido, para o português brasileiro é mais natural e coloquial dizer nu. Se fosse pelado e vestido, passaria do coloquial para o simplório, o que não foi a escolha da tradutora.
No Picking, No Choosing	Não selecionar, não escolher	Nada de escolhas, nem preferências	Este subtítulo evoca o "If You See Something, Say Something", pelo paralelismo, relacionado através da vírgula. A tradutora de TA1 teve uma coerência funcional e estabeleceu um paralelo com "não selecionar, não escolher". A tradutora brasileira também demonstra coerência funcional e vai atrás de uma expressão para traduzir a ideia, "nada de escolhas". No entanto, se optasse apenas pela coloquialidade, poderia ter optado por "nada de escolhas ou preferências", ou "nada de escolhas, nem de preferências".
Working with Pain	Trabalhar a dor	Trabalhando com a dor	O traço da estagnação em coerência com a opção tradutória no português europeu neste caso omite uma importante característica da filosofia budista, de estar em processo, de não estar terminado. E isso poderia ter sido levado em conta, pois parece mais importante do que a contextualização cultural portuguesa.
The Four Rivers of Natural Suffering	Os quatro rios do sofrimento natural	Os quatro rios do sofrimento inerente	
Recalling the Bardos	Relembrar os bardos	Evocando os bardos	Relembrar é diferente de evocar. Até na etimologia das palavras. A vocação pressupõe o chamado, "recalling", chamar novamente. E desconsiderar novamente a ação em movimento, descaracteriza o processo, vivido intensamente pelo praticante do budismo. "Relembrar" é diferente de "relembrando". Assim como seria diferente se a opção tivesse sido por "evocar". Mas a ação que está em movimento é importante e mais uma vez foi a opção do texto fonte.
Giving Everything Away	Entregar tudo	Doando tudo	Verbo no infinitivo versus verbo no gerúndio. Impera a questão do budismo e do processo do monge. A negação disso significa a não compreensão da mensagem que fundamenta o texto. Assim, em uma análise mais profunda, pode-se dizer que a tradução com o verbo no infinitivo deixa a desejar porque entrega a informação de modo incompleto. Além disso o verbo doar é fundamental para toda e qualquer ordem religiosa e toda prática espiritual. Entregar tem um significante muito diferente de doar para o praticante religioso.
When Death Is Good News	Quando a morte é uma boa notícia	Quando a morte é uma boa notícia	
Awareness Never Dies	A consciência nunca morre	A consciência plena nunca morre	Novamente, assim como mostrado no glossário a necessidade do adjetivo plena junto à consciência, pela utilização já consagrada do termo consciência plena a todo praticante budista ou de mindfulness.
When the Cup Shatters	Quando o copo se estilhaça	Quando o cálice se quebra	Neste subtítulo, um comentário referente ao público brasileiro: o significante cálice é consagrado pela música de Chico Buarque e interpretada por Milton Nascimento e Chico Buarque e se refere a um período de ditadura marcado na história brasileira. Assim, ao falar de um copo que se quebra com este sentido existencial, a referência ao significante consagrado é imediata, e mesmo que inconscientemente, é muito difícil não ter havido qualquer relação dessa escolha da tradutora brasileira sem passar por essa consagração histórica, inserida na cultura.
In the Bardo of Becoming	No bardo do ressurgimento	No bardo do renascimento	A análise das diferenças entre "ressurgir" e "renascer" tem a mesma lógica das diferenças de "atravessar" e "sobreviver"; e "relembrar" e "evocar". O traço de dramaticidade do brasileiro fala mais forte novamente, mesmo que os significantes tenham um significado próximo instituído. Assim, para dar mais proximidade ao brasileiro, opta-se pelo drama em detrimento apenas da informação.

Tabela 8: Quadro comparativo de conjunções

Conjunções subordinativas				
	BR	PT	Traduções relativas	EN
CAUSAIS				
Porque	28	36	because	33
Pois	46	6	because of	8
Por isso que	11	7	just because	0
Uma vez que	11	8	for	608
Já que	1	33	so that	10
Visto que	2	0	inasmuch as	0
Que	2204	2404	since	22
Porquanto	0	0		
CONDICIONAIS				
Se	777	594	as long as	4
Caso	9	5	even if	7
Salvo se	0	0	if	176
Desde que	6	5	in case	1
Contanto que	1	0	only if	0
Dado que	0	7	provided that	0
A menos que	2	2	providing that	0
A não ser que	0	0	unless	1
	BR	PT	Traduções relativas	EN
CONFORMATIVAS				
Conforme	2	0	as	485
Segundo	14	18	like	212
Como	557	615	whereby	0
Consoante	0	1	as much as	3
			for	608
	BR	PT	Traduções relativas	EN
CONCESSIVAS				
Por mais que	2	4	than	163
Por menos que	0	0	whatever	43
Apesar de	8	32	whatsoever	0
Apesar da	7	2	while	39
Apesar do	4	4	although	26
Apesar de que	0	0	whether	22
Embora	56	50	Rather than	7
Conquanto	0	0	even though	32
Mesmo que	22	15		

Ainda que	0	1		
Se bem que	0	0		
	BR	PT	Traduções relativas	EN
COMPARATIVAS				
Mais	539	552	as if	41
Menos	36	42	as though	1
Menor	5	3	as well as	13
Maior	41	37	even as	5
Pior	3	3	as	485
Melhor	43	44		
Seguidas de que ou do que	0	0		
Qual depois de tal	0	0		
Quanto depois de tanto	0	0		
Como	557	615		
Assim como	18	0		
Como se	53	44		
Bem como	4	16		
Que nem	5	4		
	BR	PT	Traduções relativas	EN
CONSECUTIVAS				
Tal	23	46	so	146
Tão	112	117	so that	10
Tamanho	9	7	such as	18
Tanto	29	28	that	1396
De maneira que	0	0		
De forma que	0	0		
De sorte que	0	0		
De modo que	3	1		
	BR	PT	Traduções relativas	EN
PROPORCIONAIS				
À proporção que	0	0	while	40
Ao passo que	1	3	whereas	1
À medida que	10	22	whilst	0
À proporção que	0	0		
	BR	PT	Traduções relativas	EN
TEMPORAIS				
Depois que	13	0	after	124
Até que	29	19	(for) as long as	4
Desde que	6	5	as soon as	0
Cada vez que	3	0	before	78

Todas as vezes que	1	0	once	72
Antes que	3	0	since	28
Sempre que	1	13	when	299
Logo que	0	13	whenever	1
Mal	16	16	while	39
Quando	342	292	Until	56
	BR	PT	Traduções relativas	EN
FINAIS				
A fim de que	0	0	so that	10
Para que	22	19	in order that	0
			that	1418
	BR	PT	Traduções relativas	EN
INTEGRANTES				
Que	2204	2404	what	269
Se	777	594	than	163
			lest	0
			if	176
			whether	26
			so	146
			supposing	0
			in case that	0
Total				